

Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – SP

Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

CAROLINA MAZZARON DE CASTRO



**A NOÇÃO DE PLANOS DA LINGUAGEM NA
SEMIÓTICA DISCURSIVA**

ARARAQUARA-SP
2022

CAROLINA MAZZARON DE CASTRO

A NOÇÃO DE PLANOS DA LINGUAGEM NA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CNPq (número do processo 141778/2017-2).

ARARAQUARA-SP
2022

C355n Castro, Carolina Mazzaron de
A noção de planos da linguagem na semiótica discursiva / Carolina
Mazzaron de Castro. -- Araraquara, 2022 196 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Jean Cristtus Portela

1. Linguística. 2. Semiótica Discursiva. 3. Historiografia
Linguística. 4. Signo. 5. Planos da linguagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CAROLINA MAZZARON DE CASTRO

A NOÇÃO DE PLANOS DA LINGUAGEM NA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CNPq (número do processo 141778/2017-2).

Data da defesa: 24/03/2022.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela
Faculdade de Ciências e Letras/Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes

Membro Titular: Profa. Dra. Naiá Sadi Câmara

Membro Titular: Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann

Membro Titular: Profa. Dra. Patricia Veronica Moreira

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

DEDICO este trabalho ao meu filho, que me fez novamente sentir o querer, o agir e o saber no mundo. A você, Theo, minhas melhores e maiores inspirações. Deixo a ti a única herança valiosa do mundo, o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Sabendo que irão me faltar palavras para agradecer a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a trilhar esse caminho, esboço algumas linhas para compartilhar de minha gratidão.

Ao meu esposo e companheiro de jornada, Michel, que esteve comigo em todos os passos dessa caminhada. É indescritível a gratidão que tenho por ter me apoiado, sonhado e lutado comigo. Você é a peça essencial de tudo que eu conquistei até aqui. Sem você, eu jamais conseguiria. Gratidão.

Aos meus pais, Zilda e Adalberto, por serem meu porto seguro, meu aconchego e o lugar onde sempre encontro a paz. Só consegui pela base e estrutura que me deram ao longo da vida.

À minha irmã Michele e meus afilhados Davi e Daniel, inspirações para os meus dias e parte dos meus momentos mais felizes.

Aos meus enteados, Pedro Henrique e João Paulo, pela paciência, pela ajuda e pelo amor dedicado a mim nos momentos mais difíceis.

Aos meus atuais filhos de pelo e aos que já partiram, pelo tempo roubado de nós e por serem sempre a melhor parte do meu dia.

Ao meu orientador e professor, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, não só por acreditar em mim, mas por ser minha fonte de inspiração e o meu Norte nos momentos mais complicados. Minha gratidão não caberia em palavras ou espaços. A você, professor, eu dedicaria uma seção inteira do meu trabalho. Você, sem dúvidas, é a luz da ciência, é a fagulha que acende nossos corações e nos faz trabalhar para um mundo melhor e mais justo. Jamais vou me esquecer de todos os seus ensinamentos, as suas aulas, inspirações, contestações e, principalmente, a sua paixão por ensinar. Que mais *Jeans* possam surgir, claro, motivados pela sua luz. Gratidão.

À minha ex-orientadora e amiga Naiá, por me mostrar o sentido da vida por meio da semiótica.

Às minhas companheiras acadêmicas, Flávias, por tornarem este trabalho menos árduo, mais leve e dividirem comigo esse sonho.

À banca de qualificação, Profas. Dras. Flavia Karla Ribeiro Santos e Patricia Moreira Veronica, por todo direcionamento, pela leitura e pelas orientações dispensadas ao meu trabalho.

À banca de defesa, Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes, Profa. Dra. Naiá Sadi Câmara, Prof. Dr. Matheus Schwartzmann e Profa. Dra. Patricia Veronica Moreira, por contribuírem tão grandemente para a finalização desta pesquisa.

À equipe da Seção Técnica de Pós-Graduação, pela presteza impecável.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento recebido para a realização desta pesquisa.

Ao meu filho Theo, por me ensinar tanto.

Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser- a possibilidade-é, vivível.

Dito isso, o parecer constitui, apesar de tudo, nossa condição humana. É ele então manejável, perfectível? E, no final das contas, esta veladura de fumaça pode dissipar-se um pouco e entreabrir-se sobre a vida ou a morte - que importa?

(GREIMAS, 1987, p. 19)

RESUMO

DE CASTRO, Carolina Mazzaron. *A noção de planos da linguagem na semiótica discursiva*. 2022. 196f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara - SP, 2020.

Pretendemos, neste estudo, realizar uma investigação sobre a noção de planos da linguagem, que compreende a correlação do plano do conteúdo e do plano da expressão, na semiótica discursiva, visto ser considerado elemento indispensável às análises pretendidas por essa disciplina. A metodologia de análise da Historiografia Linguística, empreendida por pesquisadores como E. F. K. Koerner e P. Swiggers, será utilizada como alicerce para a construção desta pesquisa. Nosso corpus será composto de obras que contenham concepções teórico-metodológicas que envolvam os planos da linguagem, presentes desde as definições iniciais de signo (Saussure) e de função semiótica (Hjelmslev) até os trabalhos mais recentes da semiótica discursiva (Fontanille e Dondero). Dessa forma, além de identificar, definir, descrever e analisar como os planos da linguagem são caracterizados metodologicamente no decorrer do tempo, acreditamos que, por meio de uma pesquisa historiográfica, novas concepções sobre esse conceito podem ser desveladas, contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento da semiótica, ao mesmo tempo que nos permitirá enriquecer os debates sobre a análise do plano da expressão, tema central da disciplina na contemporaneidade. Desde Greimas, ainda na década de 1960, é sabido que a semiótica busca métodos gerais “compatíveis com qualquer outra pesquisa sobre significação” e, assim, a metodologia da disciplina vem se construindo com o objetivo de analisar o texto levando em conta a articulação entre um plano do conteúdo (nesse caso, o discurso) e um plano da expressão (o texto, verbal e/ou não verbal) que o manifesta. No entanto, nessa busca por elementos teóricos que dessem conta de observar qualquer tipo de texto, muitas definições e descrições foram feitas ao longo dos anos, principalmente sobre a noção de planos da linguagem. Assim, além de definirmos a noção do conceito para a teoria, periodizamos as mudanças de perspectiva desse conceito à medida que descrevemos sua evolução, continuidade, ruptura e interpretamos os dados coletados, tendo em vista o seu surgimento, a sua fundamentação e o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Conteúdo; Expressão; Historiografia Linguística; Linguagem; Semiótica do Discurso; Signo.

ABSTRACT

DE CASTRO, Carolina Mazzaron. *The notion of planes of language in discursive semiotics*. 2022. 196f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara - SP, 2020.

We intend, in this study, to investigate the notion of planes of language in discursive semiotics, which comprises the correlation between the content plane and the expression plane, a key element in the analyses intended by this discipline. The Linguistics Historiography methodology, employed by researchers like E. F. K. Koerner and P. Swiggers, will be used as the foundation to construct this research. Our corpus will be composed of works that have theoretical-methodological conceptions that involve the planes of language, notions that are present since the initial definitions of sign (Saussure) and semiotic function (Hjelmslev); until the most recent works of discursive semiotics (Fontanille; Dondero). Therefore, besides identifying, defining, describing, and analyzing how the planes of language are methodologically characterized over time, we believe that, through historiographic research, new conceptions concerning this subject may emerge to contribute to the development of semiotic theory and, at the same time, it will allow us to enrich the debates about the analysis of the expression plane, the main theme of modern semiotics. Since Greimas, with the beginning of semiotic discipline in the 1960s, it is known that semiotic theory seeks general methods “compatible with any other research on meaning” and thus the methodology of semiotic discipline has been built to analyze the text through the articulation between a content plane (referring to the speech) and a plane of expression (referring to the text, verbal and/or nonverbal) that manifests the content. Nevertheless, in this search motivated by terminological definitions that could observe any type of text, many definitions and descriptions have been made over the years, mainly about the notion of language planes. Therefore, besides defining the notion of the concept to the theory, we periodize the perspective changes of this concept as we describe its evolution, continuity, rupture, and interpret collected data, having in mind its emergence, grounds, and development.

Keywords: Content; Expression; Linguistic Historiography; Language; Discursive Semiotics; Sign.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da constituição de signo.	42
Figura 2 - Relação instâncias da expressão.	45
Figura 3 - Imagens representativas da substância da expressão.	71
Figura 4 - Formato de cada imagem representada no artigo de Lindekens.	72
Figura 5 - Pintura <i>Blumen-Mythos (Flower myth)</i> de Paul Klee.	74
Figura 6 - Diagrama das estruturas semionarrativas e discursivas.	76
Figura 7 - Triângulo de Ogden-Richards, uma representação gráfica das relações entre linguagem, pensamento e realidade.	83
Figura 8 - Jardim de Stonypath do artista Ian Hamilton Finlay.	84
Figura 9 – Sistematização de autores e conceitos referente aos planos da linguagem. .	90
Figura 10 - Fluxograma das fontes primárias e secundárias.	104
Figura 11 - Figura representativa dos principais aspectos teórico-metodológicos do pensamento linguístico dos séculos XIX e XX.	141
Figura 12 - Correlação dos planos da linguagem.	142
Figura 13 - Resumo das tendências teóricas na revista <i>Actes Sémiotiques</i>	159
Figura 14 - Resumo das tendências de análises dos planos da linguagem na revista <i>Significação</i>	162
Figura 15 - Quadro comparativo dos textos e conceitos usados em cada década.	173

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Princípios metodológicos da HL utilizados no estudo dos planos da linguagem	30
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Detalhamento dos critérios de análise por camadas do conhecimento linguístico.	34
Quadro 2 - Representação do Percurso gerativo da expressão (instâncias formais).	87
Quadro 3 - Rede de termos intercalados a planos da linguagem.	112
Quadro 4 - Rede de termos interligados a planos da linguagem.	113
Quadro 5 - Rede de termos interligados a planos da linguagem.	115
Quadro 6 - Rede de termos interligados a planos da linguagem.	119
Quadro 7 - Rede de termos interligados ao plano de conteúdo.	122
Quadro 8 - Rede de termos interligados às noções de conteúdo e significado.	123
Quadro 9 - Rede de termos interligados ao plano da expressão.	128
Quadro 10 - Rede de termos interligados às noções de expressão e significante.	129
Quadro 11 - Autores citados nas obras como fontes linguísticas.	133
Quadro 12 - Conteúdo construtivo de signo e conteúdo contrastivo de planos da linguagem.	148
Quadro 13 - Reconstrução teórico-metodológica de planos da linguagem.	150
Quadro 14 - Abordagem feita pela revista Significação nos anos 2000 a 2009.	164
Quadro 15 - Momentos de continuidade, fluidez e descontinuidade da semiótica discursiva.	169

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Abordagem no tratamento dado ao termo planos da linguagem.....	154
Gráfico 2 - Variação dos termos plano do conteúdo e plano da expressão nas revistas <i>Actes Sémiotiques</i> e <i>Significação</i>	167

ANEXOS

Anexo 1 - Relação de artigos publicados na revista <i>Actes Sémiotiques</i> no final da década de 1970 até a metade da década de 1980.....	188
Anexo 2 -Relação de artigos publicados na revista <i>Actes Sémiotiques</i> no final da década de 1980.	189
Anexo 3 - Relação de artigos publicados na revista <i>Actes Sémiotiques</i> no final da década de 1990.	191
Anexo 4 - Relação de artigos publicados na revista <i>Actes Sémiotiques</i> nos anos 2000.	193
Anexo 5 - Relação de artigos publicados na revista <i>Significação</i> das décadas de 70 a 90.	195

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA COMO ELEMENTO DE ANÁLISE: PERCURSO HISTORIOGRÁFICO	25
1.1. O que significa estudar Historiografia Linguística?	25
1.1.1 Subsídios teórico-metodológicos da Historiografia Linguística	25
1.2. Aspectos metodológicos: seleção, organização e interpretação das fontes	31
1.2.1 Cobertura	32
1.2.2 Tema	32
1.2.3 Periodização	33
1.3. Procedimentos e critérios de análise	33
2. PANORAMA TERMINOLÓGICO SOBRE AS NOÇÕES DE SIGNO E PLANOS DA LINGUAGEM.....	37
2.1. Conservação e mudança na semiótica discursiva	38
2.1.1 A metalinguagem entre signo e planos da linguagem	40
2.2 Primeiras definições do termo signo no século XIX	47
2.1.2 A noção de signo no século XX	57
2.1.3 Sobre a noção de signo	62
2.2 A concepção da noção de planos da linguagem na semiótica discursiva	64
2.2.1 Contribuições teóricas: René Lindekens, Felix Thürlemann, Jean-Marie Floch e Groupe μ	70
2.1.4 Noções de planos da linguagem apresentadas no século XXI por Jacques Fontanille, Maria Giulia Dondero e Reyes Garcia	86
3. ANÁLISE: CONTEXTO PARA OS PLANOS DA LINGUAGEM	92
3.1. Camada contextual	92
3.1.1 Transformações políticas e sociais: séculos XIX e XX.....	92
3.1.2 A intervenção de Greimas nos estudos linguísticos	97
3.2 Camada teórica	99
3.2.1 Ferdinand de Saussure	99
3.2.2 Louis Hjelmslev.....	100
3.2.3 Roman Jakobson.....	101
3.2.4 Algirdas Julien Greimas	102

3.2.5 Desdobramentos da semiótica discursiva.....	103
3.3 Camada técnica: descrição de termos.....	105
3.3.1 A definição de “planos da linguagem”.....	105
3.3.2 Hipônimos dos planos da linguagem.....	111
3.3.3 Taxionomia dos planos da linguagem.....	113
3.3.4 Signo.....	113
3.3.5 Conteúdo e significado.....	121
3.3.6 Expressão e significante.....	126
3.4 Camada documental.....	132
4. CONTEÚDO CONTRASTIVO E PERIODIZAÇÃO.....	138
4.1. Emergência do aspecto dual dos planos da linguagem: reinterpretando os dados	138
4.1.1 Conteúdo focal e conteúdo contrastivo.....	141
4.1.2 Conteúdo focal de signo e planos da linguagem:.....	142
4.1.3 Conteúdo contrastivo.....	147
4.2 Permanências e mudanças.....	149
4.3. Semiótica discursiva: tendências e recortes metodológicos.....	155
4.3.1 <i>Actes Sémiotiques</i>	155
4.3.2 Tendência de análises nas décadas de 1970 a 2019.....	156
4.3.3 <i>Significação</i>	160
3.6.4 Arquivos.....	161
4.4. Uma periodização complexa.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	176
ANEXOS.....	187

INTRODUÇÃO

Quando se estuda semiótica discursiva, o primeiro grande passo é a distinção entre plano do conteúdo e plano da expressão. A metodologia da disciplina semiótica, desde o princípio, teve como objetivo explicitar as condições da apreensão e da produção do sentido e a organização dos discursos e dos textos por meio de um conjunto de regras. Em outros termos, procurou desenvolver uma sintaxe capaz de entender como se constrói o percurso gerativo do sentido nos mais diversos textos. Ao considerar o texto como uma unidade de sentido constituída a partir da articulação entre um plano do conteúdo (o do discurso) e um plano da expressão (o texto, verbal e/ou não verbal, que manifesta o conteúdo), as características teórico-metodológicas da semiótica têm sido marcadas pelo termo planos da linguagem¹.

Dosse (1993, p. 11-12) caracterizou o projeto semiótico como o “continuador do corte saussuriano” e, nessa perspectiva, acreditamos que o termo² “planos da linguagem”, embora embrionário no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]), pode ser o início da estrutura teórico-metodológica na qual a semiótica se debruçaria. A díade proposta por Saussure (2006 [1916]), de significado e significante, é o preâmbulo da primeira noção epistemológica³ em torno dos planos da linguagem, pois possibilita a compreensão do sistema e do uso da linguagem, mesmo que, *a priori*, tenha elaborado sua teoria sobre a estrutura formal da língua. Badir (2000, p. 99) esclarece que a metodologia aplicada por Saussure pode parecer difusa, já que é preciso uma compreensão maior acerca da estruturação do termo, que vá além das manifestações da língua humana como formas de expressão, ou um sistema de signos. Sobre esse aspecto, Badir (2000, p. 35) enfatiza que o linguista Louis Hjelmslev concebeu uma teoria capaz de estruturar, analiticamente, funções próprias ao significado e ao significante, possibilitando unidades de dupla articulação do plano do conteúdo e do plano da expressão.

Observamos que a noção de planos da linguagem, em Hjelmslev (2006 [1943]), é estruturada segundo noções de forma (do conteúdo e da expressão) e substância (do conteúdo

¹ Entendemos, como texto, toda a estrutura sintática e, como discurso, os elementos semânticos do texto.

² Consideramos “termo” segundo a Teoria Geral de Terminologia, em que um termo é uma denominação que se refere, de forma unívoca dentro da área, a um conceito (ZILIO, 2010).

³ De acordo com Hanna e Bastos (2012, p. 9), “ao se efetuar uma reflexão da epistemologia a respeito dos termos utilizados, atinentes aos tempos históricos, note-se que vários autores asseveram que história do presente, história imediata, história próxima, não fazem referência às mesmas cronologias, daí a dificuldade de realizar uma escolha semântica condizente com o trabalho empreendido na busca da verdade histórica. Essa complexidade justifica o empenho em deslindar como se qualifica a história do tempo presente, que não implica apenas o fator cronológico, mas o historiador, o objeto da história”.

e da expressão), e, de acordo com Rey (1976, p. 211), a ênfase recai em cima dos “sistemas semióticos” e não da dicotomia significante e significado, o que possibilitou discussões sobre os sistemas semissimbólicos, que são definidos pela homologação entre categorias da expressão e do conteúdo⁴.

É importante ressaltar que as noções de forma e substância do conteúdo e da expressão foram definidas por Hjelmslev (2006 [1943], p. 53-64) como elementos essenciais à significação dos planos. A forma seria o resultado da combinação semântica das constituintes de um texto, já a substância, a estrutura sintática dessas constituintes; e a combinação de ambas, o resultado do texto. No final dos *Prolegômenos* (2006 [1943], p. 140), temos a seguinte definição: “texto: sintagmática cujas cadeias, se forem ampliadas indefinidamente, são manifestadas por todos os sentidos”. Em outras palavras, como esclarece Badir (2014), o linguista afirmou que os constituintes que fazem parte do texto podem ser manifestados para qualquer propósito, matéria e sentido; portanto, é pela análise – não importa der qual objeto – que a significação do texto dá lugar às suas partes, às suas formas e substâncias. Assim, compreendemos que o texto representa o todo epistemológico e, ao mesmo tempo, as unidades produtoras de sua significação⁵.

Na esteira dos princípios saussuro-hjelmslevianos, a semiótica discursiva, segundo Rey (1976, p. 248), surgiu como “um projeto de uma semântica fundamental”, diferente da semântica da manifestação linguística e, embasado nessa concepção, propõe uma teoria que compreende a linguagem como uma forma⁶ específica obtida mediante duas substâncias diferentes (da expressão e do conteúdo), permitindo ao pesquisador ou analista desenvolver um modelo de análise no qual seja capaz de observar a atividade da construção de sentido do discurso, a partir dos mecanismos teórico- metodológicos do texto. Como se sabe, o importante livro de Greimas (1976 [1966]), *Semântica Estrutural*⁷, é, em geral, considerado com um “divisor de águas” de um novo ponto de vista a respeito da ciência da linguagem. Da perspectiva teórica, Greimas (1976 [1966], p. 14) prenunciava o papel da semântica dentro da linguística na busca por elaborar métodos gerais “compatíveis com qualquer outra pesquisa sobre significação”. Para o autor, já era tempo de enfrentar as dificuldades práticas entre as teorias,

⁴ A distinção de sistemas simbólicos dos sistemas semióticos possibilitou que Floch (1985) definisse os planos da linguagem a partir das ideias sobre semissimbolismo.

⁵ Mais tarde, essas definições são ampliadas por outros semioticistas como Lindekens (1971 [1968]), na década de 1960, e, na contemporaneidade, pelo Groupe μ (1992, 2015), citando apenas alguns. De todo modo, a estrutura analítica voltada às noções de forma e substância trazidas por Hjelmslev (2006 [1943]) nos dão condições de discutir a noção de plano da linguagem na semiótica.

⁶ Forma, aqui, está caracterizada com base nos pressupostos de Hjelmslev (2006 [1943]).

⁷ Obra considerada fundadora da semiótica.

embora percebesse que criar uma metalinguagem precisa, com várias definições, poderia “parecer igualmente pedante e supérflu[a] ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico”, ou “insuficiente e excessivamente ‘qualitativ[a]’ aos lógicos e matemáticos” (GREIMAS, 1976 [1966], p. 14). Na dúvida, ele pareceu optar por projetar uma disciplina que observasse um campo em sua totalidade, esbarrando nas possíveis críticas e propondo um trabalho que pudesse ser utilizado em diversas vertentes, mesmo que corresse o risco de “descontentar a todos”.

Preocupado com questões relativas à significação, a metodologia de Greimas (1976 [1966]), a princípio, teve como objetivo explicitar as condições da apreensão e da produção do parecer do sentido e a organização dos discursos e dos textos dentro de um conjunto de regras. Em outras palavras, procurou desenvolver uma sintaxe capaz de entender como se constrói o percurso gerativo de sentido nos mais diversos textos, levando em consideração a noção de planos da linguagem.

Ainda que Greimas (1976 [1966]) tenha feito aproximações às propostas de Saussure (2006 [1916]), entre elas, a compreensão da estrutura semântica do discurso em categorias sêmicas binárias, Rey (1976, p. 246) esclarece que o autor enriqueceu a metodologia das análises narrativas com “problemas consideráveis”, que desafiam concepções gerais admitidas na linguística. Embora as definições, neste trabalho, retratem apenas uma síntese de *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), as questões relativas à semântica são, para Greimas (1976 [1966], p. 18), “reconhecida[s] assim abertamente como uma tentativa de descrição do mundo das qualidades sensíveis”.

Essa continuidade nos estudos sobre a linguagem identificada em Greimas (1976 [1966]) vai além do sentido, por isso se diferencia de outras disciplinas como a filologia, a filosofia, a antropologia, a sociologia, entre outras, que se ocupam desse mesmo objeto. Esse pesquisador propôs uma disciplina inspirada na fenomenologia, interessada pelo “parecer do sentido”, que, *grosso modo*, é apreendido pelas formas de linguagem e de discursos que o manifestam. Como exemplifica Bertrand (2003, p. 21), trata-se de uma “abordagem relativista de um sentido, se não sempre incompleto, pelo menos sempre pendente nas tramas do discurso”.

Entretanto, mais do que comentar a teoria empregada por Greimas (1976 [1966]) pela perspectiva da noção dos planos da linguagem, ou as possíveis práticas e relações com a teoria linguística, corroboramos com Swiggers (2009, p. 3) que “[...] pode ser mais útil considerar a organização do campo em termos de relações de entrada e de saída”. Portanto, torna-se imprescindível retomar trabalhos de linguistas que antecedem a obra fundadora da semiótica e de semioticistas que a precedem, para elaborarmos um estudo diacrônico que organize todos os

componentes responsáveis pela edificação dessa teoria por meio da noção de planos da linguagem.

Podemos dizer que, metodologicamente, a semiótica passou por fases e, embora a sua *Semântica Estrutural* (1976[1966]) seja considerada uma primeira etapa da elaboração teórica da disciplina, foi em *Sobre o Sentido* que Greimas (1975a [1970]) propôs a definição de “transcodificação de significações” (GREIMAS, 1975a [1970], p. 7-17), em que a função semiótica, constituída pela união dos planos do conteúdo e da expressão, converge na instância conceitual do sentido — tal noção se coaduna com a classificação, proposta por Jakobson (1971 [1952]), do conceito de tradução intersemiótica⁸. Em um segundo momento, em *Ensaio de Semiótica Poética* (1975b [1972]) o pesquisador trouxe ao centro das discussões “O problema do isomorfismo dos dois planos”, problematização que retoma a intuição de Jakobson (1971 [1952]) de que o discurso poético corresponderia à projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático, permitindo, de forma geral, entender o termo “planos da linguagem” como modo de interação e comunicação, motivo pelo qual encontramos, na teoria geral dos signos, instrumentos para apreender as articulações de semiose, expandindo as análises para: literatura, cinema, sons (fonética/fonologia), entre outros. Nessa mesma obra, Greimas (1975b [1972]) ainda trouxe uma segunda noção, voltada às análises poéticas, propondo um estudo dos planos como articulação dupla, definindo, assim, os traços distintos dos dois planos nos semas e femas.

Além das transformações teórico-metodológicas apresentadas acima, a semiótica, no decorrer de sua trajetória, apresentou várias noções e acepções acerca da distinção dos planos pertinentes às questões levantadas neste trabalho. Lindekens (1971 [1968]), por exemplo, foi pioneiro nas problematizações relacionadas aos planos da linguagem ao analisar as semióticas fotográficas. Posteriormente, Thürlemann (1986) acrescentou uma adequação à sistematização que Greimas (2004 [1984]) fez sobre esse conceito a partir das semióticas visuais e da dimensão topológica. A publicação de *Da imperfeição* por Greimas (1987) possibilitou um modelo operatório de análise dos sistemas modais da narrativa que, posteriormente, em *Semiótica das Paixões*, de Greimas e Fontanille (1993 [1991]), seria ainda mais difundido, uma vez que o escopo teórico levou a questionamentos no modelo da narrativa proposto, até então, para uma epistemologia que abarcasse os planos da linguagem na perspectiva de elementos do sensível. Antes disso, Floch (1985), em *Petites mythologies de l’œil et de l’esprit: Pour une sémiotique plastique*, ao analisar semióticas plásticas, articulou uma metodologia que pretendia descrever

⁸ Quando há sistemas semióticos distintos, há a interpretação dos signos verbais através de sistemas de signos não verbais.

e analisar a significação na contraposição de elementos situados na forma e na substância do plano da expressão..

Estudos mais recentes mostram que o modelo teórico-metodológico da semiótica discursiva, por meio dos trabalhos que investigam os planos da linguagem, está em um percurso contínuo de construção: Zilberberg (2006b [1981]) retomou a discussão posta nos anos 1970, dos planos do conteúdo e da expressão na poesia, propondo questões relevantes à análise dos textos poéticos; Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]) propuseram que estudos do sensível e o do inteligível reunissem os dois planos da linguagem e, Fontanille (2008, 2013) problematizou o estudo dos planos da linguagem em uma semiótica das culturas.

Assim, podemos observar que os planos da linguagem estão presentes em todas as estruturas de análise e nos conceitos teórico-metodológicos apresentados por linguistas e semioticistas na contemporaneidade, o que nos leva às seguintes questões:

- a) Por que os planos da linguagem (conteúdo e expressão) são o aparato metodológico sobre o qual a semiótica discursiva se estruturou?
- b) Os planos da linguagem constituem realmente a base metodológica da semiótica, de um ponto de vista operatório, ao pensarmos na sua relação com texto e discurso?
- c) Em que medida as semióticas poética e visual fizeram a semiótica geral avançar na análise dos planos da linguagem?
- d) Que transformações teórico-metodológicas se refletem na abordagem de análise da expressão e do conteúdo ao longo do desenvolvimento da teoria?

Buscando respostas a esses questionamentos, esta pesquisa desenvolve, sob o viés da metodologia de análise da Historiografia Linguística, empreendida por pesquisadores como E. F. K. Koerner (1996) e P. Swiggers (2004, 2012), a construção de uma reflexão dentro do campo disciplinar dos estudos da linguagem para identificar as acepções do termo “planos da linguagem” na relação com a metodologia de análise da semiótica. Têm-se o interesse de identificar e expor como a metodologia da semiótica proposta por Greimas é amparada pela continuidade no nível metalinguístico, tendo em vista que recorrências a “planos da linguagem” perpassam diferentes estudos e autores. Pretende-se, em um primeiro momento, realizar uma abordagem que integre: o clima de opinião da época em que a teoria emerge; as correntes intelectuais e culturais a que ela se vinculou; as reflexões e os processos conceituais que são relevantes ao caráter operatório de análises dos planos da linguagem. Cremos que seja necessário apreender o sentido dado ao termo por diferentes autores para que se possa apresentar uma estrutura analítica metodológica operacional que comprove os debates voltados

à análise do plano da expressão, tema central na semiótica contemporânea e nos estudos da linguagem.

O objetivo principal desta pesquisa é fazer um inventário histórico-conceitual, de caráter crítico, de diferentes definições e usos postulados por linguistas e semioticistas em torno do conceito de planos da linguagem, relacionando-o aos desdobramentos teórico-metodológicos nos quais a semiótica se sustenta. Quanto aos objetivos específicos, destacamos:

- a) Inventariar as ocorrências e a história dos conceitos de planos da linguagem na trajetória da semiótica discursiva;
- b) Analisar a pertinência analítica e operacional da semiótica a partir das sucessivas definições nas pesquisas sobre os planos da linguagem: plano do conteúdo e do plano da expressão;
- c) Circunscrever o avanço semiótico e a necessidade iminente do desdobramento dos estudos acerca do plano da expressão, bem como as necessidades metodológicas que emergem na disciplina no decorrer da sua história.

O que esta tese procura realizar é um “mapeamento” historiográfico da noção de planos da linguagem na semiótica discursiva, observando essa noção como viés fundamental no desenvolvimento dessa disciplina enquanto ciência. Portanto, procuramos rever a descrição e a definição dada às noções de signo e planos na linguagem para delimitar os tipos de análise da semiótica discursiva. Desse modo, propomos realizar uma historiografia da atuação da noção de planos da linguagem na semiótica discursiva, procurando compreender e destacar aspectos como: a constituição dessa noção por linguistas e semioticistas, observando, para isso, obras que marcaram e marcam a produção científica dessa área; quais métodos de análise foram empregados; que tipo de explicações foram aventadas e qual o tipo de argumentação que se imprimiu às formas de descrição e análise das noções e conceitos verificados.

Ressaltamos, ainda, que essa proposta se encaixa na historiografia definida como a produção de uma narrativa que destaque dimensões internas de um programa de investigação (SWIGGERS, 2004); assim, colocando em foco os aspectos teórico-metodológicos dos planos da linguagem, visa a apontar o que determinado programa de investigação estabeleceu como eixos metodológicos, sem se descuidar dos aspectos sociais, temas e princípios explicativos comuns.

Para tanto, esta tese segue a seguinte estrutura:

No Capítulo I, apresentamos as bases teóricas da Historiografia Linguística – os seus subsídios teórico-metodológicos –, procurando demonstrar como a disciplina se fez e se

sustenta como reflexão linguística, além de estabelecermos o panorama metodológico e cronológico do nosso corpus, bem como de que forma serão empreendidas as análises.

No capítulo II, realizamos um inventário terminológico das noções de signo e de planos da linguagem, perpassando por linguistas e semioticistas entre os séculos XIX e XXI, e demonstramos como a **metalinguagem**, nos estudos sobre signo e planos da linguagem, se correlaciona. As considerações feitas nesse panorama são fundamentais à aplicabilidade da teoria, enquanto metodologia de análise, e para o estabelecimento de uma ordem diacrônica, interna e externa, dos principais conceitos e fatos que constituem a semiótica discursiva, além de apontar os parâmetros que possibilitaram a construção de uma narrativa atenta às dimensões internas e externas da noção de planos da linguagem.

No capítulo III, trazemos uma análise detalhada da constituição da noção de planos da linguagem por meio da análise de camadas, proposta por Swiggers (2004). Nessa seção do trabalho, analisamos a formação e o desenvolvimento da semiótica discursiva em torno da noção de planos da linguagem, constituindo-se como um capítulo que enfoca uma dimensão externa e interna de análise.

No capítulo IV, objetivando a escrita de uma historiografia da noção de planos da linguagem, procuramos reconstruir as observações feitas nos capítulos anteriores utilizando os dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986) para descrição dessa noção. Nesse capítulo, também estão presentes as ideias que procuram avaliar e contribuir para a edificação da semiótica discursiva contemporânea. Para tal, fizemos uma análise de duas revistas que consideramos ser fontes de influência na semiótica francesa e brasileira, *Actes Sémiotiques* e *Significação*. Após esse capítulo analítico, o trabalho se encerra com as conclusões de caráter reflexivo.

1. A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA COMO ELEMENTO DE ANÁLISE: PERCURSO HISTORIOGRÁFICO

Nosso objetivo, neste capítulo, parte da teoria da Historiografia Linguística (HL) e das possibilidades que a disciplina nos dá para que possamos (re)construir o percurso historiográfico dos planos da linguagem na semiótica discursiva. Desse modo, abordamos, aqui, a HL enquanto disciplina e suas ferramentas metodológicas que nos auxiliaram no processo de levantamento, inventário, seleção e análise interpretativa do córpis que escolhemos examinar. Também procuramos mostrar o processo de seleção do córpis examinado neste trabalho. Por fim, apresentamos os momentos de conservação e mudança das ideias, na semiótica discursiva, ao longo dos anos, e o processo de construção da metalinguagem sobre signo e planos da linguagem, termos compreendidos como correlatos em toda noção de planos da linguagem na teoria semiótica.

1.1. O que significa estudar Historiografia Linguística?

Estudar Historiografia Linguística significa procurar compreender, fazer um recorte do estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas que são difundidas durante os anos. Os textos que o historiógrafo estuda são reflexos de períodos e desenvolvimentos da própria história da linguagem. Swiggers (2013), embora concorde que a HL ainda não tenha um percurso de análise a ser seguido ou uma estrutura metodológica que possa ser base para as pesquisas historiográficas, cita alguns pontos de partida para ajudar na metodologia de análise: i. objeto (córpis) e objetivos, que corresponde aos textos (publicados ou não publicados) e sua inserção sócio-histórica; ii. organização, definida pela realidade linguística (contexto), e atores da história linguística (autores); iii. Implementação da eleição de (temas dentro de) uma área de investigação, do manuseio de um conjunto de conceitos, e de um plano de estudo (SWIGGERS, 2013).

1.1.1 Subsídios teórico-metodológicos da Historiografia Linguística

A HL remonta ao início dos anos 1970 e é uma disciplina cada vez mais atestada pelo círculo acadêmico, uma vez que estudiosos procuram propor uma conduta metodológica que objetiva identificar diferentes acepções dadas aos estudos da linguagem que abrangem a periodização e a contextualização da prática científica da linguística. Conforme explica

Swiggers (2012, p. 38-39), a HL visa a proporcionar um relato “descritivo e explicativo com base científica” de como o conhecimento linguístico “foi conquistado”, permitindo ao historiógrafo a descrição e a reflexão linguística de maneira coerente, abrangente e precisa, para que, assim, reescreva, por meio de princípios científicos, conceitos teórico-metodológicos de determinado estudo linguístico.

Um dos principais objetivos da HL, como reitera Altman (1998, p. 24), consiste na “seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos que são relevantes para a história”. Koerner (1996, p. 17), por sua vez, explica que “atualmente, a ‘historiografia linguística’ deve ser entendida como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história”. Essa afirmação pressupõe que a HL traz à atualidade fatos históricos e, nesse processo, embasa fundamentos para compreender as mudanças e regularidades da linguagem. Desse modo, o trabalho da HL é observar a história não somente como simples registro ou documento, mas, sobretudo, como uma forma de resgatar a história linguística.

Diante disso, encontramos, nas discussões de De Clercq e Swiggers (1991), procedimentos metodológicos e epistemológicos que viabilizam e possibilitam, por parte do historiógrafo, verificar a linguagem enquanto produto da atividade do homem na história. De sua parte, Koerner (1996, p. 57) afirma que “as teorias linguísticas não se desenvolvem em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica”, ponto de vista que sugere, acordando com Pennycook (1998), a reavaliação de determinado conhecimento em detrimento de outros, o que traz uma necessidade iminente de abordar aspectos da linguagem dentro de concepções analíticas que se transformam e se adequam com a história.

Ademais, uma das funções da HL é realizar uma análise em conformidade com as descrições, afirmações e interpretações do objeto de estudo, para que haja uma reflexão crítica sobre as teorias já existentes. De acordo com Swiggers (1990, p. 21, tradução nossa)⁹:

A historiografia linguística pode ser definida como a disciplina que descreve e explica como o conhecimento linguístico foi adquirido, formulado e comunicado e como se desenvolveu através do tempo. A descrição e a explicação estão intimamente ligadas a esta reconstrução do passado - um segmento ou vários feixes de segmentos que correm para o presente (ou melhor, para a posição de mudança do observador) [...].

⁹ Linguistic historiography can be defined as the discipline which describe and explains how linguistic knowledge was gained, formulated, and communicated, and how it developed through time. Description and explanation are closely linked in this reconstruction of the past - a segment or various bundles of segments that run to the present (or better, to the changing stance of the observer) - [...].

Portanto, os principais objetivos da HL seriam: “descrever e explicar como se desenvolveu e produziu o estudo de determinado conhecimento linguístico”, considerando o contexto social e cultural através do tempo, conforme Altman (1998, p. 25); construir práticas científicas passadas e atuais; e, por fim, analisar seus momentos de continuidade e/ou ruptura. A esse respeito, afirma também Altman (2012, p. 20):

O conhecimento sobre a linguagem, formalizado ou não, institucionalizado ou não, fez parte da vida intelectual de muitos povos antes do século XIX, sob outras formas e sob diferentes designações. Não há razão alguma por que devam ser excluídos das historiografias linguísticas contemporâneas que se propõem abrangentes, ou mesmo daquelas mais especializadas, que se erigem a partir de problemas específicos e das respostas dadas a esses problemas. De uma perspectiva ampla, o termo linguística pode se referir a qualquer estudo sobre a linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que se encontrem dele vestígios de documentação.

Assim, é possível assegurar que a HL se ocupe do desenvolvimento do conhecimento linguístico ao longo da história.

Quanto aos mecanismos necessários à construção metodológica do estudo linguístico, Swiggers (2012) aponta que a dificuldade está na disponibilidade e acessibilidade das fontes, pois, assim como esclarece Altman (1998), a seleção das fontes é o que “erige” a HL. Desse modo, segundo Koerner (1996, 1989), tal estudo se dará pelas escolhas de organização do próprio historiógrafo, por meio de modelos que articulam e observam momentos de ruptura, continuidade, acumulação e descontinuidade que a Linguística atravessou.

Outros aspectos importantes a serem considerados, no que tange ao apontamento das fontes, são o horizonte de retrospecção e o horizonte de prospecção, encontrados na perspectiva teórico-metodológica de Auroux (2008, 2014). De acordo com esse pesquisador, horizonte de retrospecção é um conjunto de conhecimento que possuímos e que são antecedentes a qualquer atividade cognitiva que venhamos a desenvolver, na medida em que “dispõe de competências adquiridas e desenvolvidas durante a [...] formação” do historiógrafo (AUROUX, 2008, p. 141). Ainda, com base no autor, não se pode pensar o passado sem considerar o futuro, pois, há sempre um diálogo entre o passado e o presente. Nesse sentido, uma obra e um autor sempre sofrem a repercussão de outras obras e autores do passado sobre eles. Já o horizonte de prospecção, para Auroux (1992, p. 11-12), faz parte de uma realidade histórica “[...] porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecção, assim como um horizonte de prospecção. [...] Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber”. Nesse sentido, uma obra e um autor irão repercutir nas obras e autores posteriores a eles.

Assim, elegemos, como fontes primárias de nosso estudo, o tratamento dado às questões dos planos da linguagem do final do século XIX ao início do século XXI. Essa escolha se deve, principalmente, ao reconhecimento público e científico desses autores e, também, ao corte saussuriano.

a) Para leituras do século XIX: *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006), considerando que foi publicado em 1916, mas que decorre de preocupações que Saussure explicitou na última década do século XIX, em seus escritos;

b) Para leituras do século XX: *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (HJELMSLEV, 2006 [1943]); *Linguística e comunicação* (JAKOBSON, 1971 [1952]); *Semântica Estrutural* (GREIMAS, 1976 [1966]); *Eléments pour une sémiotique de la photographie* (LINDEKENS, 1971 [1968]); *Sobre o Sentido* (GREIMAS, 1975a [1970]); *Ensaio de semiótica poética* (GREIMAS, 1975b [1972]); *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]); *Razão e poética do sentido* (ZILBERBERG, 2006b [1981]); *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique; Semi-symbolique (system, langage, code)* (FLOCH, 1985); *Traité du signe visuel* (GROUPE μ, 1992); *Tensão e significação* (FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001 [1998]);

c) Para leituras do século XXI: *Pratiques sémiotiques* (FONTANILLE, 2008) e o artigo *Les supports des images: de la photographie à l'image numérique*, de Dondero e Garcia (2016);

d) Para leituras complementares, relacionadas aos desdobramentos teórico-metodológicos dos planos da linguagem: revistas *Actes Sémiotiques* e *Significação*¹⁰.

Cientes de estarmos operando com documentos que revelam posicionamentos linguísticos de seus respectivos autores, adotamos alguns princípios metodológicos capazes de observar os momentos de continuidade, ruptura, retomadas, acumulação e descontinuidades da noção de planos da linguagem, entre eles, os pontuados por Koerner (1996) e Swiggers (2004, 2009, 2012).

Para a interpretação das fontes, Koerner (1996, p. 60-61) disserta sobre o problema da metalinguagem definindo-a como o “vocabulário técnico aplicado à descrição de teorias do passado” e propõe três princípios: o da contextualização, em que o historiógrafo deve estabelecer, entre outros fatores, o clima de opinião intelectual do período da obra em questão; o da imanência, no qual se analisa internamente a metalinguagem caracterizada nos documentos

¹⁰ Principais ferramentas de divulgação científica nas semióticas francesa e brasileira.

estudados; o da adequação, que permite ao historiógrafo, após considerados os outros princípios, aproximar as obras analisadas, assim como as concepções empregadas no período em que foram produzidas, das terminologias atuais, para que se possa compreender e apreender o sentido da obra de forma mais clara. Ressaltamos que tal princípio é também legitimador de nosso trabalho, pois faremos recortes temporais visando a compará-los a partir das ideias linguísticas neles desenvolvidas.

Somando-se à metodologia de Koerner (1996), Swiggers (2009) apresenta parâmetros que contribuem para a investigação do objeto de análise, sendo eles: cobertura, que diz respeito ao período, ao campo geográfico e a temática que constituem o objeto de análise; perspectiva, que pode ser interna, quando se analisa as práticas e ideias linguísticas, e externa, quando se observa o contexto em que as ideias linguísticas foram desenvolvidas; profundidade, que visa a explicar os processos de evolução do objeto de análise na história da linguística. Swiggers (2012) também aponta três problemáticas metodológicas que, segundo ele, são indispensáveis ao trabalho do historiógrafo: a metodologia heurística, que abrange a constituição do *cópus* e a procura de textos críticos sobre o *cópus* escolhido; a metodologia hermenêutica, que compreende a interpretação contextualizada do conteúdo dos textos-fontes e as possíveis relações entre textos (autores, tradições linguísticas, entre outros); a metodologia para escrever a história, que seria a constituição de um “relato histórico”, ou seja, o historiógrafo “reconstrói a história” e apresenta uma constituição sistemática de um fato linguístico. Vale ressaltar que utilizaremos a metodologia heurística e a metodologia hermenêutica nesta pesquisa, a partir do conceito de camadas, elaborado por Swiggers (2004), que propõe que se distingam, nas diferentes manifestações de conhecimento linguístico, as seguintes dimensões ou camadas:

A camada teórica corresponde à visão global da linguagem, a concepção das tarefas e do estatuto dos estudos linguísticos; a camada técnica inclui as técnicas de análises (linguística/gramatical) e os métodos de apresentação dos dados; a camada documental corresponde à documentação linguística e filológica (número de línguas, tipos de fontes e de dados) sobre o qual se baseia o estudo, a camada contextual e institucional corresponde ao contexto cultural e à contextura institucional (essa última torna-se mais importante à medida que se aproxima dos tempos modernos) da reflexão e das práticas linguísticas. (SWIGGERS, 2004, p. 133-134, tradução nossa¹¹).

¹¹ La capa teórica corresponde a la visión global del lenguaje, a la concepción de las tareas y del estatus de la lingüística; la capa técnica incluye las técnicas de análisis (lingüístico/gramatical) y los métodos de presentación de los datos; la capa documental corresponde a la documentación lingüística y filológica (numero de lenguas, tipos de fuentes y de datos) sobre la cual se basa el estudio la capa contextual e institucional corresponde al contexto cultural y a la contextura institucional (esta última se hace mas importante a medida que nos acercamos a la época moderna) de la reflexión y de la practica lingüísticas.

Diante dessa breve exposição teórica dos princípios metodológicos da HL, a abordagem que faremos do nosso objeto se embasa nos princípios propostos por Koerner (1996). Quanto à constituição do *cópus* de pesquisa, nosso respaldo está em Swiggers (2004, 2012), uma vez que selecionamos obras e artigos dentro de uma delimitação histórica e temática.

Apresentamos, a seguir, um esquema dos passos que serão seguidos para delinear nosso objeto de estudo:

Esquema 1 - Princípios metodológicos da HL utilizados no estudo dos planos da linguagem

Contextualização	Imanência	Adequação
<p><i>Delimitação Temática:</i> Pensamento metalinguístico a respeito das terminologias dos planos da linguagem que moldaram o pensamento greimasiano e pós-greimasiano.</p> <p><i>Delimitação Histórica:</i> O tratamento dado às questões dos planos da linguagem no final do século XIX ao início do século XXI.</p> <p><i>Parâmetro de Cobertura:</i> Análise das obras em uma perspectiva externa e de focalização do contexto.</p>	<p><i>Parâmetro de Profundidade:</i> Análise de ideias e práticas linguísticas acerca dos planos da linguagem.</p>	<p><i>Formato da exposição:</i> Centrada na relação entre contexto e conjunto de pontos de vista.</p>

Fonte: Autora.

Conforme apresentado no esquema acima, horizontalmente, temos os princípios metodológicos de Koerner (1996), os quais fundamentam nossas análises e, verticalmente, as propostas metodológicas de Swiggers (2004, 2012), que complementam nossos métodos de análise.

Em síntese, a delimitação temática possibilita que recuperemos, ao longo da história, o pensamento metalinguístico a respeito das concepções terminológicas sobre os planos da linguagem e possibilita o trabalho com textos de linguistas e semioticistas que influenciam na construção metodológica da semiótica discursiva no decorrer da história. Temos, na delimitação histórica, o tratamento dado ao termo planos da linguagem do século XIX ao XXI, constituído de pontos de vista que são passíveis de aproximações semânticas e metodológicas, pensando na representação de cada autor na história linguística. A análise e interpretação do tratamento que os autores selecionados dão ao conceito de planos da linguagem serão prioritariamente feitas por meio do exame de camadas (SWIGGERS, 2004), o que possibilitará uma análise minuciosa da continuidade, da ruptura, da retomada, da acumulação e da descontinuidade da noção teórico-metodológica de planos da linguagem.

O parâmetro de cobertura em que nos apoiamos é aquele que concerne a uma perspectiva externa, pois, se no século XIX e limiar do XX, o que tínhamos era a linguagem sendo tratada como uma estrutura formal da língua aplicada às análises de uma gramática narrativa, com maior relevância às problematizações do plano do conteúdo, o que temos, no final do século XX e início do XXI, é a linguagem vista na perspectiva de textos da contemporaneidade,

análises de textos sincréticos e maior adesão às noções relacionadas ao plano da expressão. O próximo parâmetro por nós adotado é o da profundidade, que propõe um estudo das ideias e práticas linguísticas de cada período histórico, assim, pretendemos analisar textos de linguistas e semióticos com o objetivo de apreender as visões teórico-metodológicas de cada autor. O próximo e último elemento utilizado é o formato de exposição, haja vista que será realizado um inventário dos pontos de vista sobre os conceitos teóricos que nos levam ao cerne da problematização dos planos da linguagem, para que possamos compreender em que ponto se interligam e quais foram as adequações decorrentes da contextualização de cada período histórico.

1.2. Aspectos metodológicos: seleção, organização e interpretação das fontes

Uma vez que a abordagem que faremos do nosso objeto se embasa nos aspectos teórico-metodológicos propostos por Koerner (1996) e Swiggers (2004, 2012), procuramos, nesta seção, expor mais detalhadamente e justificar nossas opções em relação à condução desta pesquisa. O objetivo é apresentar como os aspectos teóricos sobre planos da linguagem, instaurados nos séculos XIX, XX e XXI, apresentam momentos de continuidades e descontinuidades e, a partir das escolhas teóricas relacionadas à delimitação do tema, estabelecer uma periodização inicial. Para observarmos possíveis relações entre os termos signo e planos da linguagem, e a concepção de seus hipônimos na delimitação temática e na delimitação histórica, utilizamos a proposta de Swiggers (2010) de distinguir um conteúdo focal de um termo (a relação bilateral entre um termo e o que ele significa) de seu conteúdo contrastivo (a rede, implícita ou explícita, de conteúdos no interior da qual um termo assume seu conteúdo dinâmico). Assim, primeiro observamos o conteúdo focal do termo signo e, posteriormente, o conteúdo focal do termo planos da linguagem, para, em seguida, contrastar esses termos com seus significados e hipônimos a partir da noção de conteúdo contrastivo.

Essa observação será feita de acordo com as dimensões terminológicas encontradas no artigo *Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminographie linguistiques*, de Swiggers (2010), que podem assumir três características: sintática – que requer regras de operação (sintaxe categorial e combinatória) sob um escopo modal (modalidades epistêmica, deôntica etc.); semântica – que leva em conta o problema fundamental da relação semântica entre termos técnicos e termos não técnicos; e pragmática – que afeta a forma e o conteúdo dos termos.

1.2.1 Cobertura

Como formula Swiggers (2012, p. 70), a *cobertura* de um trabalho historiográfico consiste na reunião de um conjunto de recortes referentes à periodização, à delimitação de um espaço (geográfico e também social) e à temática. Desse modo, selecionamos como fonte primária, pela perspectiva de *horizonte de retrospectão* (AUROUX, 2008), o pensamento de linguistas do século XIX pertencentes ao movimento que sucede às ideias dos neogramáticos e comparatistas, que postulam que a língua é como um sistema de signos independentes, nos quais os elementos que compõem a língua (os signos) se relacionam entre si. A noção de signo que aparece no século XIX, antes do estruturalismo, com a linguística histórico-comparativa, norteia nossa busca por novos termos, e suas noções, que surgem no século XX, embasado o projeto semiótico, e serve de parâmetro para estruturarmos os momentos de continuidade e descontinuidade dos estudos no século XXI, pela perspectiva de *horizonte de prospecção* (AUROUX, 2014). Embora essa *cobertura* seja de um período considerado amplo, já que abarca três séculos, alguns recortes foram feitos, procurando elencar as principais ideias e motivações teóricas que emergem em cada período.

1.2.2 Tema

A seleção do tema, o tratamento do termo planos da linguagem na semiótica discursiva, ocorreu levando em conta o importante debate sobre a noção de signo nos séculos XIX e XX, bem como o questionamento sobre como a linguística e as possíveis vertentes metodológicas foram percebidas e tratadas por alguns linguistas que antecedem o projeto semiótico de Greimas (1976 [1966]). Embora haja um número relevante de textos que discutem as principais características da metodologia da semiótica discursiva, procuramos investigar o tratamento dado aos planos da linguagem por intermédio da seleção de subtemas de interesse para esta pesquisa, como descrevemos abaixo:

1) Das concepções que surgem no século XIX:

- a) O valor linguístico dos termos signo, significado e significante;
- b) O recorte histórico e contextual das principais análises ou metodologias desse período;
- c) As noções teóricas e metodológicas de signo.

2) Das concepções linguísticas nos séculos XX e XXI:

- a) O pensamento estruturalista de linguistas que influenciaram a semiótica discursiva;
- b) As concepções dos termos, de caráter *dual*, (plano do conteúdo e plano da expressão) do signo linguístico;
- c) Os hipônimos que agregam valor à noção de planos da linguagem;
- d) A epistemologia teórico-metodológica concernente aos termos plano do conteúdo e plano da expressão.

3) Termos analisados:

- a) Signo, significado e significante como correlatos às acepções de pensamentos de linguistas do século XIX;
- b) Planos da linguagem, conteúdo e expressão como correlatos às acepções de pensamentos de linguistas e semioticistas dos séculos XX e XXI.

1.2.3 Periodização

A seleção temporal, bem como a periodização inicial deste estudo, está vinculada tanto a parâmetros externos, quanto internos (SWIGGERS, 2004). Entendemos como parâmetros internos aqueles que se referem diretamente a aspectos epistemológicos das obras selecionadas, já os parâmetros externos são aqueles que nos ajudam a construir um relato sobre os aspectos sociais mais gerais de cada período. Em relação aos aspectos externos, ressaltamos que o século XIX foi um período de diversas transições no estudo de caráter linguístico e que, de certo modo, conduziu as principais vertentes teóricas que consideraram a linguística uma ciência no século XX. A periodização baseia-se, também, em critérios internos, na medida em que pressupomos haver diferenças epistemológicas no que tange à noção de planos da linguagem e que direcionam os estudos para vertentes metodológicas distintas em cada período.

1.3. Procedimentos e critérios de análise

A análise e a interpretação do tratamento que os autores selecionados dão aos termos plano do conteúdo e plano da expressão são feitas de acordo com a noção de *camadas*, desenvolvida por Swiggers (2004), para que possamos observar e comparar a constituição dos termos entre os séculos XIX e XXI. Para tanto, destacamos os procedimentos analíticos que consideramos:

Camada contextual: análise do contexto de produção e dos aspectos teórico-metodológicos mais gerais da linguística nos séculos XIX e XX, o que nos permitirá observar como se dá a correlação conceitual entre os aspectos teóricos apresentados por Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (2006 [1943]) e Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]) voltados ao caráter *dual* do signo;

Camada teórica: análise da escolha metodológica feita por cada autor, bem como as principais acepções em torno da noção de planos da linguagem. A análise dos textos-fontes por meio da camada teórica possibilita-nos observar as noções e as correlações entre signo e planos da linguagem no decorrer da história linguística, e, também, como os autores inferem significado a elas em seus postulados metodológicos;

Camada técnica: abordagem da metalinguagem no tratamento dos termos signo, planos da linguagem, planos do conteúdo e da expressão, significado e significante, e, ainda, análise das técnicas metodológicas nos textos-fontes. A camada técnica permite que observemos cada obra em uma conjuntura de dados e de acepções epistemológicas sobre os termos citados, facilitando a compreensão de continuidades e descontinuidades na noção de planos da linguagem;

Camada documental: na camada documental é possível constatar a ampla gama de autores utilizados nas fontes para conferir autoridade aos conceitos e aos exemplos vinculados à noção de planos da linguagem na semiótica discursiva. Aqui, verificamos, por exemplo, se havia espaço para a reflexão sobre os constituintes do signo, sobretudo no que diz respeito às dicotomias, às variações de análises e à manifestação conceitual/terminológico entre os autores no final do século XIX, durante a ascensão de Saussure (2006 [1916]), e século XX, bem como a potencial influência de Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]) no modelo teórico sobre planos da linguagem proposto por Greimas (1976 [1966]).

Abaixo, apresentamos um resumo dos critérios considerados na análise de cada camada:

Quadro 1 - Detalhamento dos critérios de análise por camadas do conhecimento linguístico.

Camada contextual	Panorama sociocultural dos séculos XIX, XX e XXI, destacando os principais acontecimentos pertinentes a cada autor.
Camada teórica	Concepções de signo e planos da linguagem.
Camada técnica	Divisão terminológica das interdefinições de planos da linguagem.
Camada documental	Dados utilizados como exemplos para descrição da noção de planos da linguagem.

Fonte: Autora.

As camadas apresentadas, constitutivas das diferentes manifestações de conhecimentos

linguísticos, podem se deslocar de diferentes modos. Quando há o aparecimento de novos conceitos, novos estudos linguísticos que estabelecem, na ciência da linguagem, novos paradigmas, pode haver profunda distinção em uma ou algumas das camadas enquanto outras se manteriam estáveis; apenas no caso de ocorrer mudanças significativas em todas as camadas ao mesmo tempo é que temos a chamada “mudança transversal”.

Para fundamentarmos nossa problematização, junto às camadas trabalharemos com o conceito de *programa de investigação*, que, de acordo com Swiggers (2004), são como um sistema conceitual que aproxima abordagens da linguagem e das línguas que compartilham certa visão, focalização ou/e técnica (SWIGGERS, 2004). Como sistema conceitual, cada programa de investigação pode agrupar várias e diferentes aproximações do objeto de estudo desenvolvidas ao longo da história, desde que compartilhem aqueles três pilares. Assim, Swiggers (2004) propõe quatro programas principais para se descrever a história do conhecimento sobre as línguas e a linguagem. São eles: *programa de correspondência*, *programa descritivista*, *programa sociocultural* e *programa de projeção*. Abaixo, uma síntese das características de cada programa:

Programa de Correspondência: nesse programa, a abordagem é feita pelos autores e pelos grupos aos quais suas propostas se vincularam como, por exemplo, Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (2006 [1943]) e Greimas (1976 [1966]) ou o grupo formado por Lindekens (1971 [1968]), Thürlemann (1982), Groupe μ (1992), Fontanille (2008) e Dondero e Garcia (2016). Os dois grupos aqui exemplificados aparecem em decorrência da divisão que podemos fazer entre análises voltadas ao conteúdo, com o primeiro grupo, e análises voltadas à expressão, com o segundo grupo;

Programa Descritivista: a abordagem, nesse programa, ocorre pela técnica empregada pelos autores para análise de determinado fenômeno linguístico. Assim como no programa de correspondência, o grupo que conta com a participação de Lindekens (1971 [1968]) e Thürlemann (1982) e o Groupe μ (1992) também aparecem nesse programa em razão da divisão entre análises voltadas ao conteúdo, que engloba o primeiro, e análises voltadas à expressão, relacionada ao segundo;

Programa Sociocultural: a abordagem, nesse programa, se dá pela relação entre contexto sociocultural e contexto teórico. A abordagem do plano do conteúdo, nas décadas de 1960 e 1970, ocorre, principalmente, por meio das análises de textos etnoliterários. Já as análises que focalizam o plano da expressão, nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, acontecem, em grande medida, em vista da grande demanda de textos sincréticos;

Programa de Projeção: esse programa é uma síntese dos demais, dando-nos condições

de observar a noção de planos da linguagem.

Os programas de investigação correspondem, assim, a uma maneira de organizar as abordagens sobre determinado estudo da língua ou da linguagem, podendo possibilitar a observação de diferenças mais sutis (dentro de um mesmo programa de investigação) e mais visíveis (que extrapolam os domínios de um programa) na exploração de controvérsias.

2. PANORAMA TERMINOLÓGICO SOBRE AS NOÇÕES DE SIGNO E PLANOS DA LINGUAGEM

Neste capítulo, apresentamos um panorama terminológico do signo, enquanto termo correlato de planos da linguagem, primeiramente e, posteriormente, um panorama terminológico sobre planos da linguagem, definindo e descrevendo esses termos com base na proposta metodológica apresentada por Swiggers (2010) de conteúdo focal.

É necessário ressaltar que todas as obras definidas como *cópus* para esta pesquisa partem da definição empregada por Auroux (2014) de horizonte de retrospectiva que, *grosso modo*, é um cotejo de uma perspectiva histórica e conceitual de determinado estudo. Nesse viés, a questão que procuramos responder, neste capítulo do trabalho, é: Como e quais saberes da ciência linguística funcionam e operam, no escopo teórico-metodológico da semiótica discursiva, na constituição do modelo operatório de análises por meio dos planos da linguagem?

Destacamos que, quando nos propomos a estudar as (re)construções do termo signo no termo planos da linguagem, não tomamos Saussure (2016 [1916]) como o único autor que problematizou questões em torno do signo e (res)significou os estudos da gramática comparada no século XIX, da mesma maneira que, também, não tomamos Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]) como o único autor que problematizou questões relacionadas aos planos da linguagem e ao modelo operatório de análises da semiótica discursiva com base na distinção entre plano do conteúdo e plano da expressão.

Entendemos que tanto Saussure (2006 [1916]) quanto Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]), ao definirem e descreverem signo e planos da linguagem, fizeram isso a partir de inúmeras (res)significações de estudos pré-saussurianos e estudos que compõem o corpo da linguística como ciência no século XX. Nesse sentido, concordamos com Auroux (2014) quando afirma que

[...] o ato de saber, possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectiva, [...] assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência: ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 2014, p. 11)

É certo que, no final do século XIX, com o corte epistemológico instaurado por Ferdinand de Saussure (2006 [1916]), as principais pressuposições sobre signo se tornaram um “divisor de águas” na ciência da linguagem. Essa mudança de paradigma a respeito do signo na língua e na linguagem influenciou a ciência no século XX e deu condições para que Greimas

(1976 [1966]) construiu uma disciplina que reunisse as problematizações sobre planos da linguagem colocadas por linguistas como Saussure (2006 [1916]) e Hjelmslev (2006 [1943]) em uma metodologia que os analisasse conforme a sua divisão em plano do conteúdo e plano da expressão.

2.1. Conservação e mudança na semiótica discursiva

Entendendo que hoje a semiótica segue “procurando por si mesma”, se assim podemos dizer, apesar da maturidade que a disciplina conseguiu ao longo dos anos, a pluralidade de conceitos e análises que abarca é confrontada com um estado de “indeterminação” epistemológica. Isso decorre, em nossa hipótese, com base nos ensinamentos de Aurox (2014[1992]) e de Swiggers (2009), da ausência ou fraqueza, em determinada tradição, de descrição linguística dos fundamentos da ciência dos signos. Por essa razão, acreditamos que todo o embasamento teórico-metodológico a respeito da noção de signo precisa dialogar com o modo como os semioticistas lidam com essa questão e, até mesmo, com a forma como os termos signo e planos da linguagem se relacionam na semiótica.

A maneira como os discursos são colocados nas novas formas textuais que surgem na contemporaneidade interferem no sentido e na percepção dos semioticistas que, agora, olham para além do percurso gerativo do sentido, tentam resgatar a correlação entre o signo e os planos da linguagem e “ramificam” as análises do plano do conteúdo e do plano da expressão. Assim, a expressão ganha “forma” e se torna elemento crucial para definir os discursos e as novas práticas sociais que surgem. Se, antes, um *cópus* era analisado quase que exclusivamente por meio do plano do conteúdo, hoje não se pode deixar de olhar o discurso sem pensar em sua manifestação textual, ou seja, o plano da expressão.

Por que as análises “transitam” entre o conteúdo e a expressão? Como em toda ciência que trata da linguagem, a resposta não é exata e cabe abertura para outras afirmações e problematizações. No entanto, os dados analisados neste trabalho procuram fazer um elo das principais mudanças que ocorrem e ocorreram na semiótica discursiva durante seu percurso. Uma ponte de ideias entre o que era “dito” na semiótica *standard* e o que é “dito” na semiótica contemporânea pode ocorrer, em nossa hipótese, principalmente, pelas leituras transversais dos textos. Para chegarmos a uma análise mais completa, fizemos uma abordagem diacrônica dos principais conceitos trabalhados por linguistas e semioticistas e como esses conceitos são (re)formulados e (re)adaptados ao longo dos anos. Vejamos:

Rey (1976), no livro *Teoria do signo e significado*, afirma que o “signo” seria “apenas” um segundo elemento representado pelo significante e pelo significado, sendo este, de acordo com o autor, secundário em relação àquele, um representante imperfeito da realidade psicossistemática. No livro *Sobre a História da Semiótica*, Rey (1984) também enfatizou a dinamicidade – até a hiper variedade da semióse – destacando as dimensões sócio-históricas dos componentes do signo na semiótica.

Praticamente, o objeto da semiótica é formado principalmente pelos produtos de atividade humana valorizada culturalmente, de acordo com um sistema de valores ideológicos. Qualquer que seja o tipo de interpretação, as construções epistemológicas, sujeitas à investigação da história semiótica, nunca são neutras [...] (REY, 1984, p. 325).

De todo modo, a transição dos estudos entre os séculos XIX e XX passou a perceber o signo em uma relação solidária na constituição da linguagem, representado por significado e significante, que, juntos, operariam em conjunção na produção do sentido¹². Para Greimas (1976 [1966]), especificamente, os signos (significante e significado) não pertenceriam a uma dada realidade, pronta ou acabada, mas, sim, a um “conjunto de sistemas semióticos” que se fariam presentes entre os “conflitos” do mundo “verbal” e do mundo “natural”, em um ciclo constante das relações e experiências humanas no ato da linguagem.

Em vista disso, a semiótica buscou e ainda busca examinar as estruturas subjacentes à materialidade significante (seja em um texto verbal ou não verbal) “na e pela” relação entre os elementos constituintes do plano do conteúdo e do plano da expressão, projetando, desse modo, uma unidade textual e uma unidade discursiva capazes de serem analisadas e organizadas pela análise (FONTANILLE, 2007, p. 31-32). Assim, o signo, na perspectiva semiótica, é tido como elemento secundário aos seus significantes e significados, que se alteram mediante interferências socioculturais, semelhante ao que ocorre com o discurso, o que quer dizer que o signo está em relação com seus constituintes, ora se relacionando com as interferências socioculturais, ora se relacionando e determinando a noção de discurso por meio do plano da expressão, ou melhor, dos textos.

Diante dessa busca constante, parece-nos que a semiótica contemporânea tenta resgatar conceitos já (pré)definidos por linguistas e semioticistas da época *standard* para dar seguimento às análises que envolvem textos mais complexos, manifestações textuais que trabalham com

¹² Compreendemos como “sentido”, o que Fontanille (2007), em *Semiótica do Discurso*, assinala: o sentido é uma direção, e é, ao mesmo tempo, uma “tendência a algo”, que comumente se revela por meio de um objeto, uma prática ou uma situação de interação semiótica.

práticas sociais, ideologia e discursos “institucionalizados”. Há um diálogo entre o que já foi feito na era greimasiana e na pós-greimasiana, e que faz parte do próprio processo evolutivo da teoria semiótica, como um resgate do que já está consolidado, em vista de dar continuidade ao projeto greimasiano, que está em constante mudança, assim como qualquer teoria de caráter transversal.

Os avanços teórico-metodológicos acerca da semiótica discursiva, em especial o modelo operatório e conceitual dos planos da linguagem, nos direcionam a uma teoria transversal, se assim podemos dizer, com pressuposições que nos levam a novos horizontes de aplicações e questionamentos que instigam o pensamento semiótico contemporâneo.

2.1.1 A metalinguagem entre signo e planos da linguagem

A metalinguagem é a linguagem que fala da linguagem. (FIORIN, 2003, p. 45).

Quando se diz que o signo é o portador de uma significação (HJELMSLEV, 2006 [1943]) e, por isso, se diferencia dos não-signos (que servem para formar signos e são denominados figuras), supõe-se que um sistema de signos constitua a linguagem. Essa constituição teórica, proposta por Saussure (2006 [1916]) e delimitada por Hjelmslev (2006[1943]), sobre o sistema de signos institui os elementos do conteúdo e da expressão, formando os planos da linguagem. Assim, a linguagem, como um sistema de signos que tem como finalidade formar novos signos, só se realiza quando os signos são formados por não-signos, e o traço essencial dessa constituição do sistema de signos é o fato de, a partir de um número limitado de figuras da expressão e do conteúdo (não-signos), arranjadas de maneiras diversas, ser possível construir um número ilimitado de signos (HJELMSLEV, 2006, [1943]).

Ao escrever sobre os “não-signos”, podendo ser um não-signo da expressão e/ou um não-signo do conteúdo, entendemos que o autor se referia apenas aos elementos da expressão, como, por exemplo, os fonemas. Nas teorias linguísticas tradicionais, do século XIX e início do XX, o signo era compreendido como a expressão de um conteúdo exterior ao próprio signo, *grosso modo*, como se fosse *aliquid pro aliquo* (FIORIN, 2003). Na verdade, o que Hjelmslev (2006 [1943]) observou é que as figuras da expressão já tinham sido amplamente estudadas, desde a invenção da escrita, mas a análise das figuras do conteúdo ainda não tinha sido empreendida.

Foi Hjelmslev (2006 [1943]) quem propalou que as teorias relacionadas ao signo não descreviam exatamente o que ele seria e, por isso, era preciso partir da função semiótica situada

entre o conteúdo e a expressão. Essa proposição do linguista relativiza as estruturas elementares já destacadas sobre a noção de signo e seus constituintes, como o significado e o significante, e (re)formula, no viés saussuriano, a sobreposição de outros elementos que também compõem o signo para descrever ele mesmo. Melhor dizendo, Hjelmslev (2006 [1943]) pressupõe que houvesse uma solidariedade entre a função (semiótica) e os fúntivos (conteúdo e expressão), pois não poderia haver função semiótica sem a presença necessária e simultânea dos dois fúntivos. Por outro lado, tanto o conteúdo quanto a expressão não poderiam existir sem que uma função semiótica que os unisse, o que significa que há uma relação mútua entre dois fúntivos que se sobrepõem. Como disse Hjelmslev (2006 [1943], p. 53-54), “a expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo e o conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão”.

Hjelmslev (2006 [1943]) é o precursor da metalinguagem a respeito de signo, justamente quando repensa a definição dada ao termo. O autor faz uma mudança nas noções propostas anteriormente e, ao contrário de Saussure (2006 [1916]), que acreditava que a substância precederia a forma, Hjelmslev (2006 [1943]) pressupõe que tanto a forma como a substância são elementos constitutivos do signo, formado por dois planos da linguagem: conteúdo e expressão. Lembrando que plano do conteúdo e plano da expressão:

[...] não são sinônimos perfeitos dos vocábulos “significado” e “significante”, pois contêm uma dimensão formal, que não estava presente nos termos saussurianos, já que, na obra do lingüista de Genebra, o significado e o significante eram definidos substancialmente, e ao mesmo tempo elas comportam uma dimensão sintagmática e uma paradigmática, que também estavam ausentes da concepção de Saussure. Hjelmslev formula o princípio da isomorfia dos dois planos: eles podem ser descritos de modo inteiramente análogo, de modo a prever, nos dois planos, categorias definidas de modo idêntico (FIORIN, 2003, p. 37).

Assim como demonstrado na Figura 1, cada função semiótica é construída por seus fúntivos, expressão e conteúdo, e ambos possuem uma substância e uma forma. A forma do conteúdo e a forma da expressão, assim como a substância do conteúdo e a substância da expressão, dependem, de todo modo, do contexto sócio-histórico a que o indivíduo pertence. Mesmo que a semiótica discursiva não traga elementos externos ao texto, a formação de signos e figuras, constituídas pelas formas e substâncias dos planos da linguagem, é dependente do momento, da cultura, da convivência. Na década de 1980, Greimas afirmou à Jacques Fontanille, em entrevista, que “a cultura é sociedade erigida em significado, ou seja, seria composta de todas as práticas sociais significantes” (FONTANILLE, 1984, p. 121).

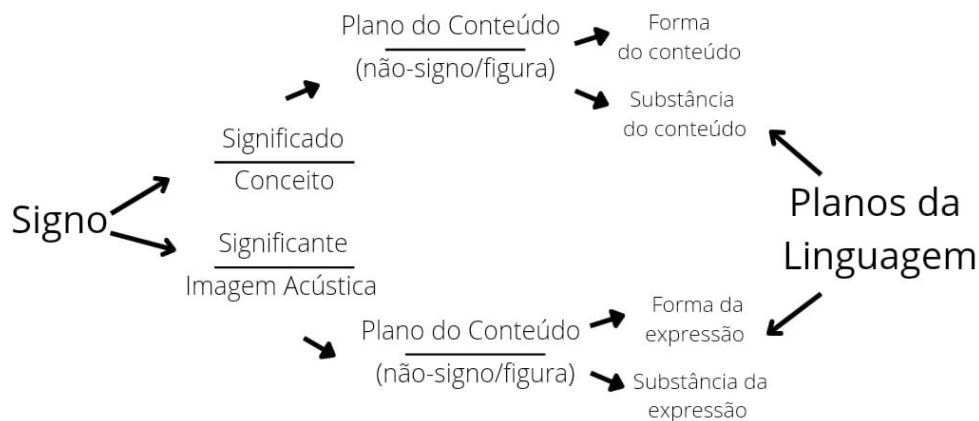
Fontanille (1984) questionava Greimas sobre como a semiótica lidaria com a cultura, se essa afirmação não seria muito ousada e abrangente, já que a mesma, de acordo com o entrevistador, desempenhava o papel de uma ciência humana arquetípica. O entrevistado

prosseguiu em sua resposta e afirmou que a “cultura é a totalidade dos discursos que a sociedade mantém sobre si mesma”, ou seja,

A cultura como uma totalidade torna-se, portanto, objeto da semiótica. Não é uma questão de ambição, como você diz, mas de fato. Mesmo assim, essa perspectiva "abrangente" teve alguns resultados interessantes. Desde os anos 70, o trabalho de semiologia e semiótica tem permitido outra abordagem aos fatos culturais, por exemplo, uma revalorização de quadrinhos, fotografia e, mais geralmente, do campo visual. A semiótica tem uma vocação para cuidar da cultura. (FONTANILLE, 1984, p. 121, tradução nossa¹³)

É nesse aspecto que há uma diferença entre conteúdo e expressão e significado e significante. Vejamos:

Figura 1 - Esquema da constituição de signo.



Fonte: Autora.

Observamos na Figura 1, a representação de signo, de acordo com os postulados de Saussure (2006 [1916]), e como o conceito seria compreendido. O que destacamos, no entanto, é que, na concepção de linguistas do final do século XIX, a noção de signo representava a união de um conceito a uma imagem acústica que, resumidamente, projetaria uma figura. A projeção

¹³ No original: La culture comme totalité devient donc objet de la sémiotique. Ce n'est pas une question d'ambition, comme vous dites, mais de fait. Tout de même, cette perspective « englobante » a eu quelques résultats intéressants. Depuis les années 70, les travaux de la sémiologie et de la sémiotique ont permis une autre approche des faits culturels, par exemple, une revalorisation de la bande dessinée, de la photographie, et plus généralement du domaine visuel. La sémiotique a vocation pour s'occuper de la culture.

de determinada figura seria, portanto, a relação entre significado e significante, e o que se altera, todavia, com as novas definições sobre a noção de signo, é a percepção em relação a essa figura.

Essa percepção seria correspondente a dado contexto sócio-histórico, como já mencionamos, e, de qualquer modo mutável, já que os signos ganhariam mais de uma forma e mais de uma substância, o que dependeria, como nos ensinou Saussure (2006 [1916]), do valor linguístico. Mas, com a mudança terminológica de significante e significado para plano do conteúdo e plano da expressão, há uma mudança gradual, já que, ao trabalhar com um dos planos da linguagem, é preciso compreender, pelo menos, como os elementos desses planos se constituem. Greimas, em entrevista a Amado Durán (1980), afirmou que a existência dos planos da linguagem só foi possível pela perspectiva herdada de Ferdinand de Saussure, porém, Hjelmslev foi mais categórico e mais geral ao contextualizar os planos da linguagem, dando sentido a eles como “um modo de ser objetos no mundo”.

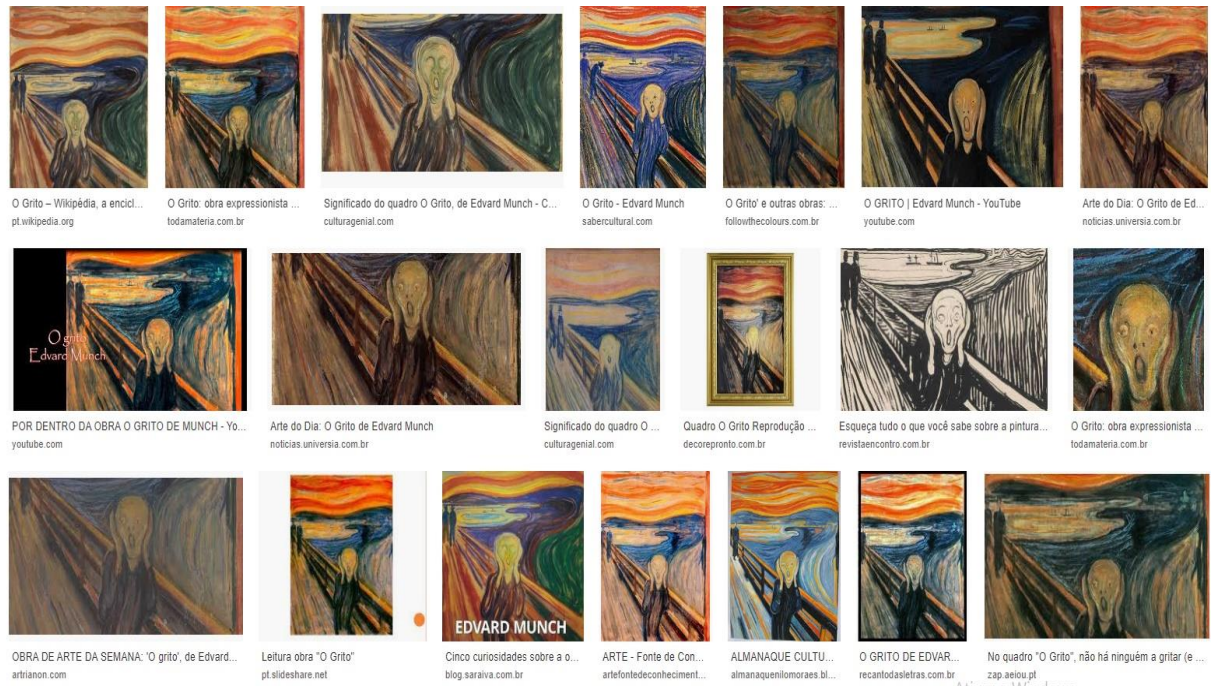
A respeito do conteúdo, este pode ser compreendido como a parte interna da língua. A forma do conteúdo seria uma forma específica do conteúdo linguístico e, por mais que esse conteúdo não dependa de sentido, com o que representa, mantém uma relação arbitrária. Essa arbitrariedade de sentido da forma é que irá formar a substância do conteúdo: “E esse sentido se torna, a cada vez, substância de uma nova forma e não tem outra existência possível além da de ser substância de uma forma qualquer” (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 57). O sentido, como nos direciona Greimas em entrevista a Duran (1980, p. 316, tradução nossa¹⁴), não é tangível, “não é algo que pode ser cortado em pedaços”, por isso que, em *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), trabalha com a problemática da descrição do significado independente do significante.

A expressão, por sua vez, é a parte externa do conteúdo, a percepção – que mais tarde é trabalhada como prática –, assim, a forma da expressão seria a parte externa do texto, por exemplo, em um texto escrito, as letras que fazem parte do que Saussure (2006 [1916]) chamou de “massa amorfa”. A partir do momento em que estas letras “se organizam” no texto e são projetadas frases, que carregam um conteúdo, ele torna-se a substância da expressão. Outro fator, um pouco mais complicado, que ocorre com a expressão, está ligado a quando lidamos com textos sincréticos. Identificar a forma, assim como a substância da expressão, nesses textos, requer maior atenção e entendimento, principalmente da percepção e da prática semiótica. Antes de dar sequência aos exemplos de forma e substância da expressão, iremos retomar, de maneira sucinta, esses dois elementos que constituem um dos planos da linguagem.

¹⁴ No original: El problema es que el sentido no es una cosa tangible, no es algo que se pueda cortar em pedazos.

Para compreender como a expressão se estrutura por meio das instâncias e dos apontamentos mencionados, selecionamos a reprodução do quadro *O grito*, de Edvard Munch, para exemplificarmos o debate proposto. Vejamos:

Figura 2 - Relação instâncias da expressão.



Fonte- *Print Screen* do resultado de busca no Google do quadro *O grito*, de Edvard Munch.

O resultado do *print screen* de busca do *Google* mostra diversas imagens que representam o quadro *O grito*, de Edvard Munch. Ao observamos como a substância e a forma da expressão constituem a imagem, há dois pontos que iremos destacar. A forma da expressão, nessas imagens, é constituída de cores, traços, tamanhos, simetria, formato e disposição da imagem. A substância da expressão, por outro lado, é uma apreensão dos traços constitutivos do que se vê, a soma de todos os traços suscetíveis e integrados, por exemplo.

Courtés (1995) definiu o plano da expressão (o significante) como o que os olhos veem; o plano do conteúdo (o significado), o que nosso espírito compreende. Assim, poderíamos dizer, então, que os planos da linguagem estão ligados à sensação e à percepção, como nos orienta Moreira (2019, p. 94):

O lexema sensação, *sensatio* em baixo-latim, significa “compreensão” (compreensão), mostrando historicamente um sentido oposto ao que normalmente se atribui ao termo, isto é, sensação se opondo à intelecção. Mas no baixo-latim, a sensação engloba em seu sentido uma atividade intelectual, visto que esse lexema pertence à família etimológica de sentir e que significa tanto a percepção pelos sentidos quanto pela intelecção.

A semiótica discursiva projeta que há percepção na intervenção do sujeito na construção do sentido. Pressupomos, desse modo, que os planos da linguagem são constituídos¹⁵ de três

¹⁵ Relembrando os ensinamentos de Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]) em *Tensão e Significação*.

instâncias no plano da expressão e uma no plano do conteúdo:

Plano da expressão:

- Instância significante: texto;
- Instância cultural: sensação (para com o texto);
- Instância representativa: sentido.

Plano do conteúdo:

- Síntese da percepção (no plano da expressão).

A primeira instância do plano da expressão (significante) seria o primeiro contato de toda atividade cognitiva. Lembrando que, para a semiótica, o texto, resultado da união entre plano do conteúdo e plano da expressão, “[...] não se refere apenas a textos linguísticos, como se costuma pensar, mas a tudo que for *tecido* por um conjunto de leis (a explicitar em cada caso) e materializado numa ordem sensitiva qualquer (visual, auditiva, tátil...)” (TATIT, 2011, p. 132, grifo do autor).

A segunda instância (sensação) seria a responsável por fazer a “ponte” entre o texto e o sentido dado a ele. De acordo com Klinkenberg (2010), sentido e cognição estão estreitamente ligados. Por isso, pressupomos que a substância da expressão em textos sincréticos, por exemplo, é ligada às questões da instância cultural, sensação para com o texto, o que remete à experiência do sujeito, situação em que a percepção se internaliza. Assim, o plano da expressão é constituído da percepção na construção do sentido, o que torna a experiência a base para o processo semiótico “[...] e esse aspecto da corporeidade do signo só poderia ser abordado pelas interações que ele trava com seu contexto (na acepção ampla do termo, incluindo a experiência do mundo e de outrem)”. (GROUPEμ, 2015, p. 10, tradução nossa¹⁶).

Os pesquisadores do Groupe μ (2015), de Liège, acreditam que o sentido vem dos sentidos e “assim, a perspectiva semiótica impõe a opção pelo modelo enciclopédico: tentar ver o que há em comum entre a maneira pela qual o sentido acontece por meio de todas as semióticas é fazer intervir todos os fenômenos de conhecimento” (KLINKENBERG, 1996, p. 111, tradução nossa¹⁷). De todo modo, ao descrevermos o sentido como elemento do tratamento que damos à estrutura dos planos

¹⁶ No original: Et cet aspect de la corporeité du sens ne saurait être abordé qu’à travers les interactions qu’il entretient avec son contexte (dans l’acception large du terme, incluant l’expérience du monde et d’autrui) (GROUPE μ, 2015, p. 10).

¹⁷ No original: Ainsi, la perspective sémiotique impose d’opter pour le modèle encyclopédique: tenter de voir ce qu’il y a de commun entre la manière dont le sens advient à travers toutes les sémiotiques, c’est faire intervenir tous les phénomènes de connaissance.

da linguagem, conteúdo e expressão, possibilitamos mobilizar vários conceitos dos quais o texto se constrói. Na próxima seção, descreveremos todo o conjunto epistemológico envolto do signo e dos planos da linguagem, procurando demonstrar como a carga semântica, nesses dois termos, é correlata e contínua, além de analisar como esses termos vão agregando outros conceitos e ampliando o leque de análises no decorrer do tempo.

2.2 Primeiras definições do termo signo no século XIX

A primeira noção de planos da linguagem surgiu no final do século XIX e limiar do século XX, com o corte epistemológico instaurado por Ferdinand de Saussure (2006 [1916]), que instituiu a Linguística como ciência e definiu o signo linguístico. De acordo com Bevidas (2006, p. 10), “a atitude epistêmica de Saussure de que a linguagem (referindo-se às línguas naturais) é um sistema de signos, cujo arranjo e dependências internas se dão de modo arbitrário e autônomo por relação às coisas” permitiu que outros linguistas, como Louis Hjelmslev (2006 [1943]) e Roman Jakobson (1971[1952]), nas décadas de 1940 e 1950, transpusessem o didatismo do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]), propondo novas acepções a respeito de signo que, mais tarde, deram condições para que Algirdas Julien Greimas (1976 [1966]) criasse a disciplina semiótica a partir da distinção metodológica de planos da linguagem. Nesse percurso, o processo de formação teórico-metodológica da noção de planos da linguagem é caracterizado pelo caráter *dual* dos signos, constituído pela relação de pressuposição recíproca que se estabelece entre dois planos: do conteúdo e da expressão “no momento do ato da linguagem” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 422).

No final do século XIX, Saussure (2006 [1916]) propôs o estudo dos signos por meio da semiologia e compreende o signo como a relação arbitrária que se dá entre significado e significante, como uma unidade de representação. Embora Saussure (2006 [1916]), com sua obra póstuma, tenha marcado o que podemos chamar de “corte epistemológico”, outros autores foram fundamentais no processo da criação da linguística como ciência e da noção de signo instaurada pelo autor.

No fim dos anos 1860, quando linguistas passam a discutir a natureza da linguagem, autores como Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]) começam a pensar além do

paradigma naturalista¹⁸ em linguística¹⁹, propondo reflexões que observassem a linguagem dentro de um sistema e de um processo. Na medida em que trazem motivações práticas, as discussões de caráter epistemológico, relativas à natureza da linguagem, iniciadas por esses autores, diferem das discussões dos comparatistas e neogramáticos²⁰, pois, quando se olha para os estudos sobre a linguagem realizados por estes na Europa, nota-se que os temas considerados relevantes no final do século XIX ainda eram as origens da linguagem e o indo-europeu.

Para Koerner (1972), Whitney trouxe a problematização da questão da arbitrariedade e do valor do signo linguístico quarenta anos antes do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]). Ele afirmava que toda língua é uma unificação de signos que são empregados a partir de um signo existente e destacava, ainda, “que nenhuma linguagem permanece, ou pode permanecer a mesma durante um longo período” (WHITNEY, 1870 [1867], p. 32). Nesse processo de construção do entendimento das linguagens, o autor conceituou a língua como “instituição concreta” e acrescentou “que toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional: arbitrário porque qualquer outra palavra poderia ter sido aplicada à ideia; convencional, porque a razão de empregar esta no lugar daquela é que a sociedade à qual [...] pertence a emprega já”. (WHITNEY, 1870 [1867], p. 15-16). Na concepção do autor, esse é o processo das línguas, o meio pelo qual sobrevivem e, se o processo de transmissão for interrompido, “a língua morre”.

Considerado como um neogramático, por causa do movimento linguístico que emergia na segunda metade do século XIX, Whitney (1870 [1967], 1892) propôs pesquisas relacionadas à necessidade de compreender o processo de aprendizagem e os mecanismos que podem ser usados para compreender e até controlar a aprendizagem das línguas, em especial, por parte das crianças, já que o autor atuava como professor para nativos de língua inglesa. A proposta de Whitney (1870[1967]) que nos interessa é a compreensão que o autor deu aos fatos de linguagem e língua, que denominou como uma “instituição concreta”. As definições dadas por esse linguista tracejam considerações importantes sobre o conceito de signo e a relação com as formas que o signo pode tomar, dependendo do contexto em que está inserido. Assim, pressupomos que, quando Whitney (1892) intitulou seu livro de *The Life and Growth of Language* (A vida e o desenvolvimento da linguagem, tradução nossa) ou *La vie du langage* (A

¹⁸ O paradigma naturalista será discutido em outros trabalhos. Aqui consideramos apenas alguns autores que animam o debate sobre signo postulado por Saussure (2006 [1916]).

¹⁹ Em função de nossos limites, nesta pesquisa, deixaremos de lado os trabalhos de Meillet, Gaston Paris e Paul Meyer, autores que tiveram um valor representativo nesse período.

²⁰ O núcleo da escola neogramática é formado por Karl Brugmann (1849-1919), Hermann Osthoff (1847-1909), Berthold Delbrück (1842-1922), Hermann Paul (1846-1921), Wilhelm Braune (1850-1926), Eduard Sievers (1850-1932) e o mestre August Leskien (1840-1916).

vida da linguagem) (WHITNEY, 1988 [1975]), enfatizava, principalmente, os estudos voltados ao movimento da linguagem ou à linguagem como signo.

Esse linguista trouxe uma questão importante sobre a língua, enquanto linguagem, ao tratar das frequentes inovações culturais que levam palavras estrangeiras a serem importadas²¹; situações em que uma ação qualquer resulta na criação de uma nova forma para uma mesma ideia. A ideia, como ele define, apareceu como termo correlato às definições de signo, desse modo, palavras (que remeteriam a uma ideia) pertencentes à tradição linguística local podem dar lugar a formas que sejam novas nesse contexto. A maneira como a língua muda, em sua concepção, ocorre pela importação e pela transposição de ideias, assim, um termo (ou palavra) pode não mais ser exato para o novo objeto e uma nova forma pode ser necessária para o que está sendo descrito no contexto da língua (WHITNEY, 1870 [1967], 1892). Evidentemente, se consideramos todo o processo de gramatização (AUROUX, 2014), todas as línguas modernas da Europa, por exemplo, apresentam inúmeros exemplos de palavras importadas. Isso ocorre, de acordo com Auroux (2014, p. 65), por razões de “transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas, transferência essa que não é totalmente independente de uma transferência cultural mais ampla”.

A explicação de Whitney (1870 [1967], 1892) para as causas e os motivos da importação de termos ou, como propõe Auroux (2014, p. 65), transferência tecnológica, nos leva a uma contextualização teórico-metodológica a respeito do signo, cujo conceito, nas obras de Whitney (1870 [1967], 1892), aparece como uma explicação semântica (SWIGGERS, 2009) para as transformações sociais que ocorrem no decorrer do tempo e que dependem de transformações no comportamento linguístico. Como propôs Whitney (1870 [1967], 1892), na falta de adaptação de determinado termo de uma língua para outra, o recurso é a importação de termos apropriados de línguas que os possuam. Assim, segundo esse pesquisador, são muito comuns os empréstimos de termos técnicos, salvo as exceções pontuadas por ele pontuadas como os verbos e os prefixos e sufixos, porque são formas relacionadas à organização gramatical da língua.

Whitney (1988 [1875]) propôs, então, pesquisas que observem as modificações que ocorrem nas formas e nas palavras das línguas, como:

1º Alteração dos velhos elementos da linguagem; mudança nas palavras, que se conservaram como substância da expressão, e mudança de duas maneiras: primeiro, mudança do som articulado; em seguida, mudança de significação: as duas, como

²¹ O que nos remete às noções que aparecem no século XX com a noção de sincretismo de Hjelmslev (2006 [1943]).

veremos, podem se produzir juntas ou separadamente.

2° Destruição dos velhos elementos da linguagem; desaparecimento do que estava em uso e isso de duas maneiras também: então, perda de palavras inteiras; em seguida, perda das formas gramaticais e das distinções.

3° Produção de elementos novos; adição aos velhos elementos de uma língua ao lado de nomes novos ou novas formas; expansão externa de recursos da expressão. Esta classificação é evidentemente completa. Não há mudança possível que não se inclua sob uma destas três denominações e que não pertença a uma destas três classes (WHITNEY, 1988 [1975], p. 44).

As considerações propostas por Whitney (1988) levam-nos à conceituação de que a língua, como instituição concreta, assim como qualquer outra existente na sociedade, deve e pode ser aprendida do mesmo modo que qualquer uma dessas instituições e, por isso, por ser igual, é transmitida de uma geração a outra. Em sua perspectiva, o signo é um elemento articulado ao aprendizado de determinada língua e é a partir do aprendizado da língua que o indivíduo formula suas próprias concepções, de maneira concordante com esses signos. Compreendemos, desse modo, que o signo é conceituado por Whitney (1870 [1967], 1892, 1893) como elemento fundamental no processo de transmissão da língua entre os sujeitos, estando, esta, diretamente relacionada ao movimento da linguagem, pois

[...] toda língua viva está em via de formação e de mudanças continuadas. Em qualquer lugar do mundo, se encontramos ao lado da língua em uso monumentos da mesma língua que remontam a uma época anterior, as diferenças entre o idioma atual e o idioma passado serão sempre maiores se esses monumentos forem mais antigos. (WHITNEY, 1988, p. 27)

Levando em conta essas observações socioculturais, o autor também enfatizou que o signo é a forma que prevalece nos processos de mudança e, por decorrência, é o elemento que diferencia a língua da linguagem pelo processo de experimentação que pode ser realizado de diversos modos: “A linguagem é, em suma, a manifestação mais evidente das altas faculdades do homem, aquela que mais influi sobre as outras, e é este conjunto de altas faculdades que se chama vagamente de razão” (WHITNEY, 1988, p. 250). Porém, “toda a linguagem” significa não só a expressão do pensamento, mas, também os elementos constituintes e a organização sintática, isto é, as formas e os conceitos que são resultantes de determinado signo.

A linguagem em cada um de seus elementos e em seu todo é antes de tudo o signo da ideia, o signo que acompanha a ideia; fazer de um outro ponto de vista do assunto o ponto de vista central é introduzir aí a confusão, é inverter as posições naturais de cada parte. E, como a ciência da linguística se prende à pesquisa de causas e se esforça por explicar os fatos de linguagem, a primeira questão que se apresenta é a seguinte: como foi que este signo foi colocado em uso? Qual é a história de sua produção e de sua aplicação? Qual é sua origem primeira e a razão desta origem, se é que podemos descobri-la? (WHITNEY, 1988, p. 13)

Como descrito acima, Whitney (1988) se ateve ao contexto da língua materializada, da língua em movimento, como linguagem, e como uma ideia resultante do próprio signo. É dessa forma, de acordo com o autor, que as ideias desenvolvidas por meio da língua precisam dos signos, para que alcancem o sentido exato de que necessitam.

Bréal (1992 [1904]), por outro lado, sustentou o ponto de vista segundo o qual o signo carrega apenas uma das noções associadas ao referente segmentado por um conceito ou uma expressão, ou seja, o signo só possui valor no contexto em que é empregado que, para ele, seria uma grandeza complexa e externa à linguagem. O autor compreendeu a formação do signo como o princípio, no regulamento e no efeito de sentido da linguagem, em seu exemplo, porque “as leis fonéticas não reinam sem controle; elas não podem mais destruir uma palavra indispensável, ou simplesmente útil, assim como não podem fazer durar uma forma supérflua” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 72).

Como enfatiza Eduardo Guimarães (1992), no prefácio ao *Ensaio de Semântica*, Bréal (1992[1904]) destaca a ênfase dada pela história da linguística ao corte, considerado por muitos como categórico, proporcionado pelo *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006[1916]). Para Guimarães (1992), a obra de Bréal é importante, pois auxilia uma reflexão sobre as ideias saussurianas principalmente por dar uma mesma dimensão terminológica a respeito de língua, fala, valor e dimensões terminológicas semelhantes às definições de sincronia, diacronia, sintagma, estrutura, arbitrariedade do signo, dentre outras que aparecem mais tarde nos postulados de Saussure (2006 [1916]).

A fundação da disciplina semântica, no século XIX, além das mudanças consideráveis nas transformações da ciência linguística no mesmo século, impulsionaram Bréal (1992 [1904]), de acordo com Aarsleff (1981), a desenvolver, tanto no *Ensaio de Semântica* quanto em trabalhos anteriores a ele, problematizações gerais acerca da linguagem que ultrapassaram uma ciência do significado, possibilitando estabelecer uma teoria que explicasse o funcionamento da linguagem, uma vez que “tudo, na linguagem, vem do homem e se endereça ao homem” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 195).

Para Bréal (1992 [1904], p. 17), a linguística deveria tomar a linguagem como o lugar onde “a humanidade deposita as aquisições de sua vida material e moral”, o que significaria defini-la como algo construído de maneira social, fruto de caracterizações determinadas pela coletividade. Além disso, apresentou argumentos contrários à perspectiva vigente, dos neogramáticos da época, ao afirmar que “a linguagem, que é obra do homem, não poderá ficar do outro lado [do lado das ciências naturais], e a linguística, como consequência necessária, fará parte das ciências históricas” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 168). Além de questionar o “lugar”

da linguística no terreno da ciência, o pesquisador também colocou em questão o estudo do significado já que, para ele, as mudanças que ocorrem nas línguas, além de serem de natureza gramatical ou sintática, são também de natureza semântica e, por consequência, de implicações conceituais do signo.

De acordo com o autor, o fundamento dessas afirmações ocorre pelo fato de as línguas existirem para além da vida humana – os homens morrem e as línguas permanecem – e da duração da língua ser medida pelo “tempo”. Além disso, segundo Bréal (1992 [1904]), considerando a língua como um produto do tempo, a língua herdada pelos indivíduos é resultante do passado, o que impossibilita qualquer falante, de modo individual e não coletivo, atuar sobre o sistema dos signos. Por outro lado, avaliando as problematizações de Bréal (1992 [1904]) e Saussure (2006 [1916]) de que as línguas mudam e não morrem, é admitida a mutabilidade do signo linguístico, pois é a continuidade do signo que possibilita a mudança. Para Saussure (2006 [1916]), por exemplo, a mudança que ocorre com as línguas não se caracteriza apenas como alterações no significante ou no significado de modo isolado, mas sim de um “deslocamento da relação entre o significante e o significado” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89), justificado e produzido pela arbitrariedade do signo.

Assim como Saussure (2006 [1916]), que via o tempo como o fator principal no processo de mudança e permanência das línguas operado pelo conjunto de falantes, Bréal (1992 [1904]) também teorizou que a mudança das línguas “é feita pelo consentimento de muitas inteligências, do acordo de muitas vontades, umas presentes e atuantes, outras depois de muito tempo desfeitas e desaparecidas” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 197). No entanto, Bréal (1992 [1904]), por tratar especialmente do aspecto semântico da língua, compreendeu a mutabilidade do signo linguístico pelo aspecto semântico da palavra, assim, mesmo que não houvesse mudança fonética, o valor da palavra poderia ser alterado ou distanciado do seu valor etimológico. Chegou a citar, inclusive, diversos exemplos que corroboram com sua perspectiva, ou seja, para demonstrar como o uso da língua, feito pelos falantes, alteraria o aspecto fonético ou semântico, o signo e, principalmente, a relação entre significado e significante, como entende Saussure (2006 [1916]).

Entretanto, a ênfase dada ao signo, na obra de Bréal (1992 [1904]), está no fato das línguas serem uma construção coletiva e, portanto, serem passíveis de novas formas da linguagem: “Quanto mais a palavra se distancia de suas origens, mais está a serviço do pensamento: segundo as experiências que fazemos, ela se restringe ou se estende, se especifica ou se generaliza” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 125). Além disso, da mesma forma que Saussure (2006 [1916]), Bréal (1992 [1904], p. 165) considerou que “a inteligência humana tira da

linguagem [...] os mesmos serviços que ela obtém dos algarismos para o cálculo”, pois é muito mais fácil operar o pensamento por meio dos signos do que puramente através das ideias que eles representam. Definição que se distingue, entretanto, da apresentada por Whitney (1870 [1967], 1892, 1893), que coloca os termos signo e ideia como correlatos e, por vezes, como sinônimos. Bréal (1992 [1904], p. 165) pontua que a ideia surge antes do signo, mesmo que essa ideia seja “[...] vacilante, fugidia, difícil de transmitir; uma vez incorporada ao signo, nós ficamos mais certos de possuí-la, de manejá-la à vontade e de comunicá-la aos outros. Tal é o serviço prestado pela linguagem: ela objetiva o pensamento”. Na perspectiva de Aarsleff (1981), no entanto, não há dúvidas de que, para Bréal (1992 [1904]), o signo é arbitrário.

Esse pesquisador ainda trouxe outra problematização importante a respeito de forma e substância, trabalhada posteriormente por Saussure (2006 [1916]) e Hjelmslev (2006 [1943]), considerando que o signo, sendo arbitrário, não apresenta relação entre sua forma (semântica) e sua substância (material). Para o autor, as palavras da língua, em seus aspectos material e semântico, não representam a realidade e sim “[...] uma transposição da realidade através de signos particulares dos quais a maior parte não corresponde a nada de real” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 204). No *Ensaio de Semântica*, Bréal (1992 [1904]), assim como Saussure (2006 [1916]), conceituou signo pela relação arbitrária, mas associada à noção de valor, principalmente ao considerar a transformação dos signos a partir das relações de natureza linguística.

Para nós, as ideias empregadas por Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]) compõem um ponto fundamental no entendimento do valor do signo linguístico e da significação propostos por Saussure (2006 [1916]), que pode ser sintetizada da seguinte maneira, por Fiorin (2002b, p. 58):

[...] O valor provém da situação recíproca das peças da língua [...] A significação, é, então uma diferença entre um signo e outro signo [...] No interior de uma língua, as palavras que exprimem idéias próximas delimitam-se umas às outras. Por exemplo, os sinônimos como *receio*, *medo*, *pavor*, só têm valor próprio pela oposição. Eles recobrem-se parcialmente, mas também se opõem uns aos outros. Se um deles não existisse, seu conteúdo iria para os outros.

Apesar de nesse estudo fazermos apenas menção às ideias de Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]), não podemos deixar de ressaltar que os pressupostos apresentados por Whitney (1988 [1875]), sobre a importação do signo, e a semântica geral de Bréal (1992 [1904]) fizeram menção a ideias que seriam desenvolvidas anos depois por Saussure (2006 [1916]). A pressuposição de que há forma e sentidos numa palavra, por exemplo, remete à noção saussuriana de signo que considera a relação entre significado e significante. Além disso, a

proposta de que, em uma série lexical, o desaparecimento de um termo irá afetar os demais, remete à noção saussuriana de significação, determinada pelo valor dos signos e pelas relações paradigmáticas, e, posteriormente, às ideias de Hjelmslev (2006 [1940]) concernentes à noção de funtivos e de função semiótica.

Estamos de acordo com Koerner (1972), entretanto, no entendimento de que é impossível tratar, em termos de páginas, todas as preocupações que podem ter influenciado Saussure no desenvolvimento de sua teoria do signo, particularmente no que se refere ao signo arbitrário e seu caráter bilateral.

No texto que abre o *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2006 [1916]) reconheceu os esforços de seus antecessores, por terem dado abertura às discussões amplas sobre o signo e, de certa forma, por “despolarizarem” o estudo dos signos, permitindo à linguística se ocupar também desse debate.

Graças a eles não vemos mais na língua um organismo que se desenvolve por si mesmo, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo em que compreendemos o quanto eram errôneas as idéias da filologia e da gramática comparada. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 19).

Em Saussure (2006 [1916]), o valor de um signo foi descrito em três aspectos: o conceitual, o material e o da totalidade do signo. Assim, para ele, “[...] o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 135). O autor ainda discutiu sobre o impasse relativo à mudança da língua e propôs duas ordens de estudos, sendo elas: a ordem sincrônica, que corresponde a “tudo isso que se relaciona ao aspecto estático de nossa ciência”; e a ordem diacrônica, concernente a “tudo isso que diz respeito às evoluções” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 117).

No texto intitulado “De l’essence double du langage”, Saussure (2002 [1916], p. 45-46), postulou que cada fato da linguagem existe ao mesmo tempo “na esfera do presente e do passado”, porém com duas existências distintas, que comportam duas “expressões racionais”, e ainda expressou o ponto de vista da linguística sincrônica, cujo objeto é um estado da língua. Assim, segundo o pai da linguística moderna, e diferentemente de Whitney (1988 [1875]), a língua, embora faça parte de uma “instituição concreta”, é constitutiva do sujeito, outro ponto importante que leva a outra dicotomia por ele empregada: língua e fala. Ademais, o autor integrou a noção de ideia ao significante, postulando que este pode representar a ideia, mas o mesmo é imposto à coletividade: “Será esse signo e não outro” (SAUSSURE, 2002 [1916], p.

104).

Milner (1987) destaca, como pontos fundamentais da teoria desenvolvida por Saussure (2006 [1916]), duas noções importantes: de signo, como conceito primitivo no *Curso de Linguística Geral* e de relação, como a ideia de valor que permite a existência do signo. É justamente sobre esses dois pontos que pretendemos discorrer brevemente para (re)lembrarmos alguns aspectos importantes na construção da noção de planos da linguagem na semiótica discursiva, considerando-os como dimensões da unidade de representação.

Pelo princípio da semiologia apresentada por Saussure (2006[1916]), nota-se alguns hipônimos, ou conteúdos contrastivos (SWIGGERS, 2009), utilizados pelo autor – como símbolo, signo, sema, vocábulo, entre outros –, para as definições de significado/conceito e significante/imagem acústica, que são definidos para explicar as unidades da língua por meio dos termos de valor. Em outras palavras, compreende-se que o termo “valor linguístico”, apresentado pelo autor, não diz respeito ao conceito propriamente dito, mas à significação em sua totalidade no sistema. Assim, a dimensão de significado é expressa no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) a partir da noção de signo linguístico – composta pelo significado, pelo significante e pelo conceito de valor, que possui uma dimensão semântica.

O signo, em Saussure (2006 [1916]), embora pareça abstrato, haja vista a relação psíquica entre significado e significante, pode ser considerado tangível, e isso, justamente por conta da relação entre significado e significante. Tal ponto de vista encontra eco em Benveniste (1988), que enfatiza ser arbitrária a relação entre o signo e a realidade, mas necessária a relação existente entre o significado e significante. Para esse pesquisador, “o arbitrário é que um signo, e não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não outro” (BENVENISTE, 1988, p. 56). Além disso, “o arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo” (BENVENISTE, 1988, p. 57).

Nessa perspectiva, a questão da imutabilidade e mutabilidade do signo proposta no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) agregou definições até então “desprezadas” por outros autores no século XIX e pela filologia em geral. A solidariedade na relação entre significado e significante, por exemplo, constitui o valor do signo linguístico numa composição sintagmática e essa mesma relação é “ligada à alteração no tempo” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 91). O autor do *Curso* dissertou sobre as mudanças relativas ao contexto social e observou o signo como “fator mutável”, se pensarmos nas suas alterações ao longo do tempo, em que significante e significado podem produzir outro tipo de significação: “O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa.

Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89). Essa questão é de relevância para os planos da linguagem na semiótica discursiva, pois não há como desprezar os fatores históricos e sociais que ocorrem na linguagem no decorrer dos tempos, bem como as alterações de século em século; desse modo, considerar que o signo e a relação entre o significado e significante são mutáveis é observar a linguagem em movimento. As significações, por outro lado, podem ser vistas na totalidade da representação de um signo.

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinados com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de um certo número de signos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139-140).

Se a linguística se desloca de um paradigma naturalista, como vimos em Whitney (1870 [1867]), em relação a um paradigma da história, o caráter histórico da linguagem não é, em Saussure (2006 [1916]), homogêneo, justamente devido à relação solidária entre as duas faces do signo. Por outro lado, o autor do *Curso*, mesmo que de forma indireta, reestabeleceu alguns pontos apresentados por Bréal (1992 [1904]) em *O Ensaio de Semântica*, considerando a vontade humana que preside às mudanças da linguagem. Nessa discussão o emprego do “jogo binário” estabelecido por Saussure (2006 [1916]), que é o fundamento do estruturalismo na compreensão do caráter *dual* da linguagem, por meio do significado e do significante, projetou a noção de sistema da língua, que seria formado por um conjunto de signos que se relacionam e se coordenam para formar um todo. Assim, os signos incorporam valores semânticos mediante relações entre significado e significante, que são definidas pelas diferenças, bem como pelo caráter antinômico, que projetam justamente a singularidade do signo linguístico. Essas ideias do valor diferencial e oposicional do signo chegaram a ser centrais para o estruturalismo no século XX. Explicamos.

A corrente metodológica saussuriana no final do século XIX, voltada ao signo, pressupôs um sistema no qual os elementos se formam e se definem pelas suas particularidades, mas também é oposicional aos demais, devido às relações mútuas entre significado e significante, que se sobrepõem na totalidade, fazendo com que a significação só exista nessa relação entre um elemento e outro. A perspectiva de observar a língua de forma sincrônica auxilia os linguistas pós-saussurianos a analisarem as mudanças linguísticas dentro de um

sistema, na relação entre os próprios elementos da língua, como uma linguagem em movimento. Esse corte epistemológico instaurado por Saussure (2006 [1916]) trouxe aos estudos linguísticos a questão da imanência e o ponto de vista de que a linguística pode ser uma ciência autônoma da linguagem²².

2.1.2 A noção de signo no século XX

É sob essa ótica que os estudos avançam no século XX, como um movimento científico “gestado sistematicamente na linguística, o estruturalismo se tornou o sistema metodológico mais influente do século XX” (LIMA, 2010, p. 36) e as ciências que se ocuparam da linguagem nesse século tiveram suas bases influenciadas pelo pensamento estruturalista. Entretanto, o estruturalismo europeu foi segmentado em várias correntes, como: Escola de Praga, representada, por exemplo, pelo pensamento de Trubetzkoy (1890-1938) e Jakobson (1896-1982); Escola de Londres, representada por Firth (1890-1960); e Escola de Copenhague, representada por Hjelmslev (1899 - 1965).

É importante destacar que o estruturalismo europeu, em convergência com o método dedutivo e os estudos americanos, que se dedicaram à questão da substância postulada por Saussure (2006 [1916]), teve como ponto de partida a noção de “forma”, ou seja, pensava na linguagem como um sistema anterior a qualquer enunciado (*a priori*). Embora não desprezemos o pensamento das correntes linguísticas que emergem no século XX, consideramos, para este estudo, os trabalhos de Louis Hjelmslev (2006 [1943]) e de Roman Jakobson (1971 [1952]), para compreendermos a construção do projeto semiótico por meio dos planos da linguagem, seja de forma direta ou indireta.

Se Saussure, como argumenta Badir (2001), propôs que o signo seja uma representação da combinação que se dá entre significado e significante, há uma prevalência do sistema sobre os elementos que o compõem. Nesse sentido, determina que a análise deve partir do todo – sistema/língua – e das relações entre os seus componentes, para que, por fim, se possa definir cada unidade que faz parte do sistema, o signo.

Sobre esse aspecto, Badir (2000, p. 59, tradução nossa²³) esclarece que, para Hjelmslev, “uma análise linguística é hierárquica, no sentido de que é orientada por critérios que vão do geral ao específico”. O que é apontado por Hjelmslev (2006 [1943]) é a análise de elementos

²² Graças à perspectiva real sincrônica que se deu aos estudos pré-saussurianos.

²³ No original: Selon Hjelmslev, une analyse linguistique est hiérarchisée, en ce sens qu'elle est conduit par des critères qui vont du général au particulier.

formais menores, ou seja, o autor compreende que o signo seja entendido como uma unidade de representação, mas, propõe também que seja composto de planos, conteúdo e expressão, como dimensões da unidade de representação. Não há, portanto, na perspectiva hjelmsleviana, função semiótica²⁴ sem a presença do conteúdo e da expressão, sem contar que, na década de 1940, acrescentou, à proposta de Saussure (2006 [1916]), os signos não linguísticos, devido ao entendimento de que os signos são dotados de subsistemas (figuras), desse modo corresponderiam à relação entre a forma do conteúdo e a forma da expressão, em que ambos projetariam suas respectivas substâncias: do conteúdo e da expressão.

Para Hjelmslev (2006 [1943], p. 49), o signo, em suas duas dimensões, representa algo tradicionalmente considerado, e “é de definição realista e imprecisa”, já que a natureza das significações é definida pela oposição de uma função, um signo que se opõe a um não-signo, ou seja, “um signo portador de uma significação” (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 49). O signo, para esse linguista, não pode ser considerado um elemento de “natureza vazia”, sem significação e, por isso, não deve ser analisado fora de um contexto, tendo em vista que sua significação ocorre pela relação de um signo com outros signos.

As palavras não são os signos últimos, irredutíveis, da linguagem, tal como podia deixá-lo supor o imenso interesse que a linguística tradicional dedica à palavra. As palavras deixam-se analisar em partes que são igualmente portadoras de significações: radicais sufixos de derivação e desinências flexionais. (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 49).

De todo modo, Hjelmslev (2006 [1943]) conservou duas afirmações centrais de Saussure (2006 [1916]): a língua não é substância, mas forma; e toda língua é ao mesmo tempo conteúdo e expressão. Para o linguista, “considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou contexto explícito” (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 50).

Tendo como base os postulados de Saussure (2006 [1916]) de que as línguas se constituem como sistemas de oposições, a preocupação hjelmsleviana, com a *Glossemática*, foi no sentido de caracterizar as relações por meio das quais as línguas se estruturavam, resultando em uma descrição que mostra as relações entre as unidades em vários níveis de análises. As noções, em Hjelmslev (2006[1943]), relacionadas aos planos da linguagem são muito importantes, pois muito do que sabemos na semiótica discursiva sobre o plano do conteúdo e o

²⁴ O autor utilizou o termo “função semiótica” para designar a constituição de um signo, que é composto pela união dos planos de linguagem, denominados de expressão e conteúdo. Segundo o linguista, necessariamente, uma função é a relação que se estabelece entre dois elementos que se denominam funitivos e, a partir dessa função, cada elemento (conteúdo ou expressão) adquire o seu valor.

plano da expressão aparecem em seus postulados. Ele acreditava que o sentido seria dado em cada um dos planos, assim, *grosso modo*, o sentido do conteúdo corresponderia ao que Saussure (2006 [1916], p. 130) concebeu como uma “nebulosa sêmica” (conjunto de semas conceituais) e o sentido da expressão corresponderia ao que Saussure (2006 [1916], p. 130) concebeu uma “nebulosa sonora” (conjunto de sons que irão expressar uma forma conceitual). Em outros termos, compreendemos que Hjelmslev (2006 [1943]) caracteriza o sentido com base nas diversas formas que ele pode apresentar e, conseqüentemente, conteúdos diferentes; a substância, para o autor, seria de “ordem final” na análise de um texto, já que poderia se manter igual em determinadas circunstâncias, enquanto a forma se alteraria.

Hjelmslev (2006 [1943]) criou, com a *Glossemática*, um construto teórico-metodológico que possibilita descrever as possíveis relações entre os signos e/ou entre os elementos dos signos, o que lhe possibilitou tomar como objeto de sua teoria a língua como sistema e o texto como processo de análise da forma linguística. Essas relações são o que Hjelmslev (2006 [1943]) denominou funções, que podem ser divididas em três tipos: interdependência, determinação e constelação. Em síntese, a interdependência seria uma função entre duas constantes, em que os termos se pressupõem mutuamente; a determinação seria uma função entre uma constante e uma variável, em que um termo pressupõe o outro e; a constelação corresponderia a quando temos uma função entre duas variáveis e os termos não se pressupõem mutuamente.

Assim, o signo, como grandeza portadora da significação, é composto por duas unidades: o plerema e o morfema, e a unidade maior é o texto. Para estabelecer um modelo sincrônico das funções semióticas, Hjelmslev (2006 [1943]) introduziu as expressões: plano do conteúdo, que é constituído de forma e substância, e o plano da expressão, que também é constituído de forma e substância, para chegar à invariante da língua. O autor acreditava que cabe à linguística o estudo da forma, o que o levou a propor um modelo de análise tanto do conteúdo quanto da expressão e lhe permitiu estabelecer e identificar relações entre invariantes e variantes do sistema no plano do conteúdo e no plano da expressão do signo²⁵. O plano do conteúdo, para Hjelmslev (2006 [1943], p. 56-62), é o campo dos “pleremas”, que significaria “unidade plena”, ou seja, o conteúdo. Em oposição, o plano da expressão foi chamado por ele de “cenemática”, que corresponderia a uma unidade vazia de significado, que só possui som. O autor também elaborou os conceitos de expoente e constituinte (que estão presentes nos dois planos da linguagem). Expoente seria o que pode ser generalizado na totalidade analisada e

²⁵ Por meio dos processos de comutação (no paradigma) e permutação (no sintagma).

constituente é o que chamamos de unidade de um determinado plano.

Ainda como análise sígnica, através da *Glossemática* desenvolveu os conceitos sincretismo e a catálise. Em síntese, o sincretismo seria a identidade entre duas formas do mesmo lexema e a catálise a troca de uma grandeza por outra com a qual contrai substituição; nas palavras do autor “[...] a categoria estabelecida por uma superposição será (nos dois planos da língua) um sincretismo” (HJELMSLEV, 2006[1943], p. 93). A reformulação da teoria sígnica, proposta por Hjelmslev (2006 [1943]), incorporou a noção de valor que Saussure (2006 [1916]) trabalhou em sua conceituação de signo, ou seja, um conjunto de diferenças de ordem fonológica ou semântica, levando à afirmação de que o signo é a união do plano da expressão a um plano do conteúdo e, cada plano, corresponderia a dois níveis que seriam a forma e a substância. Em outras palavras, há uma forma do conteúdo e uma substância do conteúdo; uma forma da expressão e uma substância da expressão²⁶.

Além da noção de forma e substância, Hjelmslev (2006 [1943]) introduziu os conceitos matéria do conteúdo e matéria da expressão, sendo aquela o que não tem forma determinada, não analisável, e esta as condições da própria capacidade humana de articular sons, formando os diversos sistemas fonológicos. O linguista citou, como exemplo, as seguintes sequências que, em português, podem ser traduzidas como “Eu não sei”: Jeg véd det ikke (dinamarquês), I do not know (inglês), Je ne sais pas (francês), Em tiedä (filândês), Naluvara (esquimó) (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 56). O exemplo dado pelo linguista demonstra que um mesmo fato enunciado, ainda que apresente aspectos diferentes em razão da distinção de cada língua, representa um conteúdo específico, que seria a forma do conteúdo e independe da substância.

Em outra perspectiva, Jakobson (1971 [1952], p. 34), na década de 1950, afirmou que o interesse da Linguística deve se pautar na “linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução” e empreende uma atualização dos eixos saussurianos²⁷. O autor passou a depurar, do significante, “vestígios” da significação, analisando o signo como um sistema relacional da comunicação intersubjetiva, proveniente da interação. Dosse (1993, p. 77) caracterizou Roman Jakobson como o “homem-orquestra”, pois, “defende a ideia da imanência do estudo do texto literário [...] quer conseguir a junção entre a criação e a ciência, graças à

²⁶ Forma, para Barthes (1971), é o que pode ser descrito de exaustiva e coerentemente na Linguística, sem a necessidade de buscar elementos extralinguísticos para análise; já a substância seria o contrário, um conjunto de aspectos de fenômenos linguísticos que seriam impossíveis serem descritos sem a ajuda de premissas extralinguísticas. Assim, o signo seria composto, segundo esse pesquisador, pela constituição da forma do conteúdo e da forma da expressão.

²⁷ Postulando que toda a organização discursiva dos signos da linguagem é estruturada por meio de dois polos: o metafórico (da ordem do eixo paradigmático) e o metonímico (da ordem do eixo sintagmático).

linguística [...]”.

Jakobson (1971 [1952]) tomou a linguística como objeto de estudo a partir da poética, caracterizando o modo como teorizaria a língua. Ele, compreendeu a poesia como uma linguagem em sua função estética, postulando que “o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literaridade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária” (JAKOBSON apud SCHNAIDERMAN, 1971, p. 9-10)

Ampliando seus trabalhos sobre o significante, ainda entre 1928 e 1929, Jakobson (2006 [1930]) contribuiu à história da fonologia russa, “provando que as leis estruturais e funcionais constitutivas do sistema sincrônico são igualmente válidas para o desenvolvimento diacrônico e que a sincronia e a diacronia constituem uma unidade dinâmica indivisível” (HOLENSTEIN, 1978, p. 17). O formalismo russo, círculo de estudo do qual fizera parte, *a priori*, voltou sua atenção à substancialidade da escrita, tendo como principal premissa a análise das obras literárias a partir do “palpável”. De acordo com Teixeira (1998), nessa época do formalismo russo, Victor Chklovski fora o primeiro a sistematizar a ideia de que a linguagem poética corresponderia a uma “fuga” da língua cotidiana, privilegiando, assim, a sua forma. Foi com base nessas concepções que surgiu uma nova abordagem, dada por Jakobson (2006 [1930]), levando em consideração a estrutura verbal do texto, na medida em que visava à observação do ritmo, da métrica, do estilo e da composição textual. Teixeira (1998, p. 38) ressalta que, “até então, jamais se chegara a um conceito tão relativo do valor da obra de arte, que passou a ser definida como uma estrutura signica contrária ou divergente do padrão dominante”.

Para falar sobre signo, Jakobson (1970 [1968]) retomou e ampliou o modelo *tripartido* de Lévi-Strauss, buscando destacar a especificidade da linguagem cotidiana voltada ao significado. Em suas palavras:

A linguagem é um dos sistemas de signos, e a lingüística, enquanto ciência dos signos verbais é apenas parte da semiótica, a ciência geral dos signos, prevista, denominada e delineada no Essay de John Locke: ‘Σημειωτική’ ou “A doutrina dos signos”, dos quais os mais comuns são as palavras. (JAKOBSON, 1970 [1968], p. 14).

O autor é importante, desse modo, para o estudo dos planos da linguagem na semiótica discursiva, pois contribuiu para o que mais tarde Greimas [1975a [1970]] fez ao analisar a estrutura elementar do significado. A ideia de Jakobson (1972 [1967]) acerca das oposições qualitativas e privativas trouxe, à lógica, os elementos contrários (qualquer elemento que tenha o sentido de polarização), no caso da oposição qualitativa, e a superposição de um elemento ao outro (como no uso dos fonemas), no caso da oposição privativa. Zilberberg (2006b [1981], p.

44), a esse respeito, sugere que “o autor exige das relações, ora que assegurem os elos de interdependência ou de pressuposição, o que concebe como ‘leis de implicações’, ora que acusem uma simples discriminação”. Dessa forma, as estruturas elementares, postuladas por Jakobson (1972 [1967]), contribuíram para que Greimas, de acordo com a perspectiva zilberberguiana, colocasse, no mesmo plano, o sentido de um elemento por oposição ao outro²⁸.

2.1.3 Sobre a noção de signo

Embora as etapas apresentadas acima pareçam correlatas, procuramos demonstrar como cada uma se organiza dentro de uma estrutura analítica, conceitual e histórica, que compreende o estudo da apreensão do discurso por intermédio dos textos, compondo, assim, a problemática metodológica que deu origem à semiótica discursiva mediante distinção do plano do conteúdo e do plano da expressão. De todo modo, é importante destacarmos que a concepção de signo foi criada dentro das bases do estruturalismo, por isso, a correlação entre os pensamentos linguísticos que originaram a ciência linguística interfere diretamente no que temos hoje sobre essa noção.

Desse modo, encontramos, na teoria linguística geral, a noção de planos da linguagem como um modelo “biplanar” de signo, que pode ser definida por, pelo menos, quatro abordagens:

- de Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]), que, no final do século XIX, começaram a responder questões sobre as línguas por meio de uma análise diacrônica da estrutura do signo;
- da metodologia empregada por Saussure (2006 [1916]), que utilizou uma abordagem descritiva e sincrônica que levou à separação dos dois planos e à definição da arbitrariedade do signo;
- da metodologia descritiva da língua natural empregada por Hjelmslev (2006 [1943]), que, a partir dos pressupostos saussurianos, da proposição da concepção do arbitrário do signo, instaurou o princípio da semiologia, que deriva do modo de presença e vida dos signos na vida social, posteriormente definindo signo tendo em vista a função semiótica;

²⁸ Na semiótica, a estrutura elementar da significação é descrita por meio do quadrado semiótico, que articula as relações entre os termos de categorias semânticas, e o modelo actancial a partir das relações básicas gramaticais pelas quais as unidades sintáticas de um texto participam na construção da narratividade (elementos analisáveis no plano do conteúdo).

- da metodologia empregada por Jakobson (1971 [1952]; 1972 [1967]), que partiu da classificação das ciências destinadas a tratar da linguagem de forma geral e, da literatura, mais especificamente. Esse autor propiciou a análise do poema do ponto de vista de sua expressão.

Sobre o desenvolvimento da linguística na França, na primeira metade do século XX, Dosse (1993, p. 83) relata:

Na França, a efervescência lingüística tal como se manifesta na Europa nos anos 30 não tardou em conhecer prolongamentos, mas uma distorção vai causar problemas. A lentidão institucional vai frear a implantação universitária da linguística moderna: esta vai sitiar a fortaleza da Sorbonne mas sem êxito. Será necessária uma verdadeira estratégia de assédio para lograr uma vitória difícil diante das posições bem estabelecidas do mandarinato acadêmico.

O pesquisador retrata o campo lingüístico nos anos 1950 como uma área de desinteresse por formar centros de pesquisa, no que tange à Sorbonne²⁹, enquanto havia uma contrapartida nos centros de Estrasburgo (filologia neolatina) e Besançon (lexicologia), que produziam encontros acadêmicos, mesas-redondas, colóquios, atas, revistas. Em suas palavras, “essa atividade intensa é ignorada, evidentemente, pela Sorbonne, mas começa a fazer-se conhecer mediante suas publicações” (DOSSE, 1993, p. 85).

É neste cenário que Greimas retornou à França, em 1945, para fazer seu doutorado na Sorbonne. A elaboração de sua tese, *La Mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d'après les journaux de mode de l'époque*, demonstrou como a Sorbonne destinava pequeno apreço pela linguística. Entretanto, de acordo com Cortina (2017, p. 38), o estudo sobre moda realizado por Greimas “é o princípio de que existe um sistema determinante do sentido do discurso que veicula os ditames da moda no final do século XIX, embora isso não esteja ainda muito claramente apontado em seu texto”. Evidentemente, os postulados que encontramos no projeto semiótico só tiveram início anos mais tarde, quando Greimas se mudou para o Egito e deu atenção aos estudos saussuro-hjelmslevianos. Em 1965, na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, o lituano deu início aos estudos semióticos, a fim de conceber uma teoria da significação, compreendendo a semiótica como uma construção contínua e coletiva. Desde a década de 1960, desse modo, como coloca Rey (1976), Greimas dedicou sua atenção aos dois modos de existência de uma linguagem e à noção de signo por meio da união de dois elementos: o plano do conteúdo e o plano da expressão.

²⁹ O nome Sorbonne designa, em linguagem corrente, a antiga Universidade de Paris (antes de 1793), bem como as faculdades que ali se estabeleceram no século XIX e a nova Universidade de Paris, correspondente ao período de 1896 a 1971.

2.2 A concepção da noção de planos da linguagem na semiótica discursiva

Com a obra fundadora da semiótica discursiva, *Semântica Estrutural*, Greimas (1976 [1966]) propôs, para as ciências humanas, um denominador comum às pesquisas que investigam a significação, já que, nesse período, havia uma “polarização” entre as ciências – as ciências da natureza investigavam o homem e o mundo; e as ciências humanas, os significados decorrentes do homem e do mundo. A semântica foi apresentada por Greimas (1976 [1966], p. 12) como “a parente pobre da linguística”, já que, por muitas vezes, fora deixada de lado enquanto a “onda” formalista dominava. Segundo Jean-Claude Coquet (apud DOSSE, 1993, p. 245), “a *Sémantique structurale* foi um livro verdadeiramente genial, pletórico de ideias, um livro mestre desse período”.

Da perspectiva teórica, Greimas (1976 [1966], p.14) afirmava o papel da semântica dentro da linguística na busca por elaborar métodos gerais “compatíveis com qualquer outra pesquisa sobre significação”. Para o autor, já era tempo de enfrentar as dificuldades práticas entre as teorias, embora percebesse que criar uma metalinguagem precisa, com várias definições, poderia “parecer igualmente pedante e supérflu[a] ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico”, ou “insuficiente e excessivamente ‘qualitativ[a]’ aos lógicos e matemáticos” (GREIMAS, 1976 [1966], p. 14). Na dúvida, Greimas (1976 [1966]) pareceu optar por projetar uma disciplina que observasse um campo em sua totalidade, esbarrando nas possíveis críticas e propondo um trabalho que pudesse ser utilizado em diversas vertentes, mesmo que corresse o risco de “descontentar a todos”.

Preocupado com questões relativas à significação, o pesquisador pressupôs que o discurso (plano do conteúdo) comportava níveis de invariância, propondo análises além da concatenação de frases coordenadas ou subordinadas (GREIMAS, 1976 [1966]). Ainda que fizesse aproximações às propostas de Saussure (2006 [1916]), entre elas, a compreensão da estrutura semântica do discurso em categorias sêmicas binárias, para Rey (1976), o autor enriqueceu a metodologia das análises narrativas com “problemas consideráveis”, que desafiam concepções gerais admitidas na linguística. Embora as definições, neste trabalho, retratem apenas uma síntese deste livro importante na história da semiótica, as questões relativas à semântica são, para Greimas (1976 [1966], p. 18), “reconhecida(s) assim abertamente como uma tentativa de descrição do mundo das qualidades sensíveis”. Nesse primeiro momento, o objeto da língua natural seria formado por um conjunto de significantes atinentes ao plano da expressão, sendo compostos por qualidades-significantes que remetem ao mundo natural por

meio dos cinco sentidos (visão, paladar, olfato, tato, audição), e um conjunto de qualidades-significados que instituem o mundo sensível enquanto significação, na medida em que seus elementos constitutivos “de diferentes ordens sensoriais” são “captados como significados” (GREIMAS, 1976 [1966] p. 18).

Nessa época, Greimas (1976 [1966]), concernente aos postulados de Lévi-Strauss, afirmava que o problema da significação poderia ser observado na existência de descontinuidades, no plano da percepção, e dos espaços diferenciais, criadores de significação, sem se preocupar com a natureza das diferenças percebidas.

Consequentemente a isso, o autor contextualizou as articulações sêmicas da língua, que seriam constituídas pela forma, ao passo que o conjunto de eixos semânticos “traduziria a substância”. Assim, a descrição de qualquer conjunto significante, dentro de uma análise, poderia ser realizada considerando dois planos diferentes — o plano sêmico ou formal e o plano semântico ou substancial – e chegar a resultados diferentes (GREIMAS, 1976 [1966], p. 37). Por outro lado, a junção ou relação entre significante e significado – plano da expressão e plano do conteúdo – “[...] faz aparecer as unidades mínimas do discurso: o fonema e o lexema” (GREIMAS, 1976 [1966], p. 42), combinação que é constituída por uma pressuposição recíproca,

[...] é preciso também que as combinações de conteúdo assim obtidas se encontrem com o plano da expressão, para achar aí combinações paralelas e não isomorfas da expressão, constituindo, assim, [...] a manifestação linguística propriamente dita. (GREIMAS, 1976 [1966], p. 141).

No início da década de 1970, Greimas (1975a [1970]) prosseguiu com seus estudos ainda na tentativa de criar um denominador comum para as pesquisas que investigassem a significação e começou a descrever uma “semiótica do mundo natural”. Nesse período, o autor propôs trazer uma solução para o problema do referente ao pensar em não:

[...] considerar o mundo extralinguístico [...] como um referente absoluto, mas como o lugar de manifestação do sensível, capaz de se tornar a manifestação do sentido humano [...] de tratar este referente como um conjunto de sistemas semióticos mais ou menos implícitos. (GREIMAS, 1975a [1970], p. 49).

Assim, a semiótica se enveredou no campo da relação entre as línguas e esses “sistemas de significação do mundo natural [...] não como uma referência do simbólico ao natural, da variável ao invariante, mas como uma rede de correlação entre dois níveis de realidade significante” (GREIMAS, 1975a [1970], p. 49). Com a publicação de *Sobre o Sentido*, Greimas (1975a [1970]) retomou o conceito de signo propondo que o objeto semiótico está para além

das dimensões frasais e postulou, na esteira de Hjelmslev (2006 [1943]), que um texto é um signo formado que se projeta sobre duas substâncias que se contraem por meio de uma relação de significação, que são os sistemas de figuras (do conteúdo e da expressão).

Tais constatações trouxeram a noção de “transcodificação de significações” (GREIMAS, 1975a [1970]) que serviu como “linha de chegada” das línguas naturais para a “transposição” de outros sistemas semióticos. Em outros termos, a essência do sentido, que se daria pela função semiótica, seria preservada pela possibilidade da tradução de uma totalidade significativa em um sistema semiótico, observação que integra o conceito de tradução intersemiótica, um processo de “atualização” do conteúdo significativo para análises de sistemas semióticos distintos, desenvolvido por Jakobson (1971[1952]). De acordo com Beividas (1983, p. 17),

Vemos assim o problema do sentido reduzido às suas dimensões menos comprometedoras [...], já que “[...] não pode haver tradução de uma função semiótica em uma língua natural ou uma semiótica por outra função semiótica em outra língua natural ou outra semiótica.

Desse modo, se podemos considerar a semiótica como uma transcodificação, podemos considerar o sentido em um processo (e um sistema) em movimento. Remetendo aos postulados de Hjelmslev (2006 [1943]), Greimas (1975a [1970]) afirmou que a forma do próprio sentido é constituída por meio do sistema e do processo, o que, na verdade, seria apenas uma forma, tendo em vista a pressuposição entre esses dois elementos. A epistemologia apresentada por esse pesquisador trouxe a linguagem como suscetível a uma nova descrição: “Isso porque também essa linguagem exhibe uma semiótica organizativa implícita que caberia explicitar, a não ser que se queira incorrer na improdutividade e considerar os ‘termos-objeto’ como simples denominações” (SOBRAL, 2009, p. 70).

A discussão apresentada pelo autor, sobre a homogeneidade dos termos-objetos, propõe que os planos da linguagem fazem parte de uma “rede de relações” (GREIMAS, 1975a [1970], p. 22) e disso decorrem duas observações: (1) um único termo-objeto não comporta a totalidade da significação, (2) a significação se dá pela relação entre seus termos-objetos. Foi a partir dessas pressuposições que Greimas (1975a [1970]) caracterizou as taxionomias³⁰ do plano de conteúdo e do plano de expressão, possibilitando que a teoria propusesse um modelo metodológico, nos campos sintático e semântico, por intermédio do percurso gerativo de

³⁰ “Concebida tradicionalmente como “teoria das classificações”, a taxionomia se aplica atualmente à própria classificação, vale dizer, aos procedimentos de organização sistemática dos dados observados e descritos” (GREIMAS, COURTÉS, 2012 [1979], p. 450).

sentido³¹, bem como que o isomorfismo entre os planos (conteúdo e expressão) concebesse a estrutura semântica como uma articulação do universo semântico em unidades mínimas de significação (semas), correspondendo aos traços distintivos do plano da expressão (ou femas).

Beividas (2006) sugere que as articulações homólogas dos dois planos da linguagem distribuem tarefas descritivas a cada um dos planos, o que permite estabelecer três níveis de pertinência – a forma científica, a forma semiótica e a forma códica – e essas três formas são aplicadas tanto ao plano da expressão quanto ao do conteúdo. No plano da expressão linguística, por exemplo, a descrição femêmica (conjunto de femas) possibilita a compreensão dos elementos mínimos que vão articular em significação o plano da expressão, “se nos atemos a uma descrição fêmica, fonética, grafêmica ou físico-acústica, nada tendo a ver com o sentido, estamos estabelecendo a forma científica dessa substância da expressão linguística” (BEIVIDAS, 2006, p. 66). O mesmo ocorre se nos atemos à organização e descrição no plano do conteúdo pela descrição das categorias sêmicas: “estariamos estabelecendo a forma científica da substância semântica” (BEIVIDAS, 2006, p. 67).

Embora, nas décadas de 1960 e 1970, Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]) percebesse que um sistema semiótico se dá pela relação entre um plano do conteúdo e um plano da expressão, em um primeiro momento, segundo Tatit (2002, p. 206), “[...] a semiótica dissocia o plano do conteúdo do plano da expressão e estuda-os separadamente”, e constrói um modelo teórico para dar conta apenas do plano do conteúdo, sob a forma de um percurso gerativo, deixando as possíveis articulações do conteúdo e da expressão para o que ele mais tarde chamou de “semiótica do futuro”.

O nível fundamental, por exemplo, abriga, na concepção de Fiorin (2002a), as categorias que constroem a base de um texto e são fundamentadas na utilização de termos opostos. Simultaneamente a essa “oposição de base”, o nível fundamental é composto por operações de negação e asserção de “premissas”. Ainda de acordo com Fiorin (2002a, p. 24) “a semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção do funcionamento e da interpretação do discurso”. Pode-se dizer, desse modo, que esse nível seria um “prenúncio” às mudanças efetivas no nível narrativo, sendo “responsável” pela formação do conteúdo e os valores gerados no próximo

³¹ O percurso gerativo de sentido apresenta três níveis de leitura: fundamental, narrativo e discursivo. Cada um dos níveis de leitura é composto de seus respectivos elementos: a) no fundamental, há termos-objetos, formando uma estrutura elementar; b) no narrativo, actantes (destinador-manipulador, sujeito, destinador-julgador, oponente, adjuvante e objeto); c) no discursivo: enunciador/enunciatório, pertencentes à enunciação pressuposta, e narrador/narratório, pertencentes à enunciação enunciada ou ao enunciado propriamente dito.

nível.

No nível narrativo, os valores abstratos e virtuais do nível anterior (o fundamental) transformam-se em valores inscritos em objetos – o que faz esses objetos se tornarem objetos de valor (Ovs) – com os quais os sujeitos podem se relacionar, seja por conjunção ou por disjunção. Essa relação entre sujeito/objeto, que confere a “existência semiótica³²”, somam-se às outras relações que se instauram entre os sujeitos (que manipulam ou são manipulados, que julgam ou são julgados, que disputam Ovs etc.), simulando, dessa forma, a ação do homem no mundo. Para Fiorin (2002a), os textos, nesse nível, são estruturados por uma sequência canônica, que compreende as fases de manipulação, competência, performance e sanção.

No nível discursivo, analisam-se as categorias de pessoa, tempo e espaço que projetam o texto numa situação comunicativa, os temas – ou elementos abstratos que explicam e “instauram” uma realidade – e as figuras – ou elementos concretos que constroem simulacros do mundo e recobrem os temas que lhes são subjacentes. Nesse nível, “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude” (FIORIN, 2002a, p. 41). Barros (1986, p. 68) pontua que “os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos” e a semântica discursiva ocupa-se justamente de investigar como ocorre o processo de tematização e figurativização. Fiorin (2002a, p. 64) esclarece que “podem-se revestir os esquemas narrativos abstratos com temas e produzir um discurso não-figurativo”, no entanto, Cortina e Marchezan (2003) sugerem que há diferentes modos de figurativização nos textos – que podem ser esporádicos ou mais intensos –, mas os textos, em algum momento, são revestidos por figuras e, por esse motivo, é no nível discursivo que se encontra a concretude textual.

Consideramos, com base nesse breve recorte histórico e conceitual dos planos da linguagem, que Greimas, até a década de 1970, priorizava uma semiótica dedicada à ação e, nessa perspectiva, ao percurso gerativo de sentido e aos três níveis que o compõem (fundamental, narrativo e discursivo). De todo modo, o percurso gerativo de sentido, em um primeiro momento, deu ênfase aos desdobramentos analíticos do plano do conteúdo, já que foi pressuposto que, nesse plano, se encontram os sentidos construídos no texto. Porém, se, nesse primeiro momento, a teoria semiótica analisa o plano do conteúdo, num segundo momento, levando em conta que o texto só se constitui plenamente quando o conteúdo se junta à expressão, a disciplina buscou examinar também o plano da expressão daqueles textos em que

³² De acordo com Mendes (2017, p. 36), “a existência semiótica diz respeito à relação biunívoca estabelecida entre sujeito e objeto: o sujeito só existe em relação ao objeto e vice-versa”.

esse plano faz mais do que expressar o conteúdo, por exemplo, os textos com função estética (poema, pintura, cinema, quadrinhos etc.). Neles, como ressalta Lara (2011, p. 3), “o plano da expressão pode não se limitar a expressar o conteúdo (como nos textos com função utilitária); nesse caso, ele cria novas relações com o conteúdo, contribuindo para a significação global do texto”.

O trabalho do mestre lituano realizado, nesse período, sobre o plano da expressão, deu-se, apenas, como um complemento a análise do conteúdo e tem seu marco com a publicação, por Greimas (1975b [1972]), de *Ensaaios de Semiótica Poética*, que reuniu análises importantes para os estudos de textos literários, especialmente no que diz respeito à poesia³³, na medida em que foi pressuposto que o discurso (da poesia) presentificado no texto articula, simultaneamente, os dois planos: conteúdo e expressão³⁴. Nessa obra, muitos são os caminhos oferecidos ao conceito já formulado por Greimas (1975a [1970]) no que concerne à homologação dos planos da linguagem, principalmente, o conceito de articulação dupla dos planos da linguagem, que ganha destaque com a sugestão de que o texto com função poética se diferencia dos demais:

Nesse sentido, a linguagem poética se constituiria como o interpretante (portanto, um outro sistema de significação) elementar. Ela tenta representar (seria iconizar, para Peirce), por meio de novas categorias lógicas disjuntivas, um sistema de significação básico. (GREIMAS, 1975b [1972], p. 3).

Entendemos que as análises apresentadas por Greimas (1975b [1972]) em *Ensaaios da Semiótica Poética* tracejam as principais concepções metodológicas do plano de expressão, pois, naquele momento, passou-se a reconhecer as articulações simultâneas dos planos:

[...] desenrolando-se sobre o plano da expressão, o discurso poético poderia assim ser concebido sob forma de uma projeção de feixes fêmicos isotópicos, onde seriam reconhecidas as simetrias e as alternâncias, as consonâncias e as dissonâncias e, finalmente as transformações significativas dos conjuntos sonoros”. (GREIMAS, 1975b [1972], p. 23).

Em vista disso, ressaltamos, sobretudo, que a estrutura teórico-metodológica criada por Greimas (1975a [1970], 1975b [1972]) na década de 1970 consolidou o modelo de trabalho coletivo pelo qual a semiótica se organizou até os dias atuais, pelo que veio a ser conhecido

³³ Somente nos anos 1980, Claude Zilberberg (2006a [1981]) retoma as discussões apresentadas na semiótica poética e faz um apelo à necessidade de análises que observem as articulações paralelas e correlativas que envolvem os dois planos (expressão e o conteúdo).

³⁴ Nessa perspectiva, os estudos de Roman Jakobson (2007[1960]) sobre poesia foram fundamentais para as projeções das análises poéticas na semiótica, já que propõem uma descrição detalhada de diversos níveis linguísticos e suas relações com a noção de planos da linguagem.

como “círculo semiótico greimasiano”. De acordo com Santos (2020, p. 114),

Entre 1970 e 1971, as seções semanais do Seminário de Semântica Geral acontecem em Paris, em uma pequena sala do Centro Experimental de Vincennes, pertencente à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Participam do evento pesquisadores mais e menos conhecedores dos estudos semióticos, sendo os alunos mais experientes responsáveis pela apresentação dos trabalhos que são imediatamente discutidos por Greimas.

Nesse período, o periódico *Actes Sémiotiques*³⁵ passou a ser publicado e várias análises semióticas começaram a ser produzidas, o que acabou ampliando o escopo de pesquisa da semiótica, que foi além do texto literário, e se ocupou do âmbito visual, da sociedade, das práticas etc. (PORTELA, 2008). Vale ressaltar ainda que o periódico *Actes Sémiotiques* foi fundado em 1978, por A. J. Greimas, com o principal propósito de apresentar análises e divulgações na área da semiótica que contribuíssem para a evolução das pesquisas nessa disciplina³⁶.

Contudo, o trabalho de análise do plano da expressão despontara no final da década de 1960, com as primeiras pesquisas sobre o discurso visual, realizadas por René Lindekens (1971a [1968]), que tomaram como objeto a semiótica da imagem fotográfica.

2.2.1 Contribuições teóricas: René Lindekens, Felix Thürlemann, Jean-Marie Floch e Groupe μ ³⁷

René Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), nas décadas de 1960 e 1970, tomou como objeto de análise a imagem fotográfica, pressupondo ser a fotografia uma imagem multicodificada. Na esteira dos pressupostos hjelmslevianos sobre substâncias e formas do conteúdo e da expressão, propôs uma “autonomia semiótica” do código icônico-fotográfico.

A foto, para Lindekens (2005 [1975]), transmitia outras mensagens que já apresentavam suas próprias codificações “bissociais”, “psicossociais”, simbólicas, retóricas ou linguísticas no nível da realidade representada (da analogia referencial), assim como da verbalização da imagem independentemente da fotografia. A hipótese do autor era de que a substância da

³⁵ O periódico pode ser acessado pelo link: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/>. Acesso em 25. mai. 2018.

³⁶ A publicação *online* da revista possibilitou maior acessibilidade, além de praticamente triplicar a participação de semioticistas-colaboradores em diferentes línguas.

³⁷ Parte das nossas análises sobre os trabalhos de Lindekens, Thürlemann, Floch, Fontanille e Dondero foi publicada em dois artigos: “Debate sobre a noção de planos da linguagem na semiótica discursiva contemporânea”. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2190/1482>. Acesso: 14.jan.2020 e “A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido”. Revista Estudos Semióticos. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso: 14.jan.2020.

expressão inferia na significação de um texto, sendo a responsável por modificar ou traduzir as figuras que iriam remeter a um tema sociocultural.

Para discorrer sobre a proposta de Lindekens (2005 [1975]), utilizaremos, como exemplo, as imagens abaixo:

Figura 3 - Imagens representativas da substância da expressão.



Fonte: Lindekens (2005, n.p.) Recorte de imagens do artigo de René Imagens pornográficas e imagens artísticas: abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem.

Figura 4 - Formato de cada imagem representada no artigo de Lindekens

IMAGENS FOTOGRÁFICAS (MECÂNICA)	Vs.	IMAGENS DESENHADAS (NÃO MECÂNICA)
IMAGENS REFERENCIAIS DE UM HIC ET NUC SEXUAL ASSIMILÁVEL AO EROTISMO E REPRESENTAÇÃO DE UM GÊNERO PICTORAL	Vs.	IMAGENS REFERENCIAIS DE UM HIC E NUC ASSIMILÁVEIS AO PORNOGRÁFICO E NÃO REFERENCIAIS DE UMA REPRESENTAÇÃO NÃO PICTORAL
IMAGEM DESENHADA CONFORME A IMAGEM FOTOGRÁFICA	Vs.	IMAGEM DESENHADA CONFORME A IMAGEM FOTOGRÁFICA

Fonte: Lindekens (2005, n.p.) - Reprodução do quadro do artigo – Imagens pornográficas e imagens artísticas: abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem.

Lindekens (2005 [1975]) propôs, no artigo “Imagens pornográficas e imagens artísticas: abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem”, uma entrevista com um grupo de estudantes sobre cada uma das imagens apresentadas acima. Para cada aluno, foi apresentado um conjunto de léxico relacionado àquilo que a imagem poderia *querer* dizer. As principais isotopias³⁸ disponibilizadas para o grupo foram: ordem, desordem, cumplicidade, recuperação e sublimação. O autor também elencou um conjunto de léxico dito pelos membros do grupo que não articulava essas categorias, sendo:

S1 (ordem estabelecida): castidade, costume, esposa, fidelidade, casamento, mãe, procriação, virgem. S1 (cumplicidade): criança, inveja, picante, obsessão, passatempo, prazer, provocação. S2 (desordem): agressividade, degradação, asco, exibição, grosseria, mal, obscenidade, orgia, pecado, prostituição, vício, violência. S2⁻ (recuperação-sublimação): amor, arte, beleza, doçura, harmonia, herói, performance, ternura, veludo. (LINDEKENS, 2005, n.p.)

Segundo Lindekens (2005 [1975]), a representação de cada imagem³⁹ podia recuperar o “interdito” para legitimar sua representação. Em outros termos, o autor sugeriu que a forma como cada imagem é feita, se é original, reproduzida, desenhada etc., poderia inferir em um conjunto de figuras que, em uma primeira esfera (visual), poderia criar diferentes isotopias.

Desse modo, como nos direciona o autor, a substância da expressão estaria correlacionada às estruturas de oposição no nível fundamental (do percurso gerativo de sentido), em que a primeira forma da expressão da foto consiste nos traços relevantes

³⁸De acordo com Greimas e Courtés (2012, p. 245-246), esse conceito se situa no componente semântico do nível discursivo do percurso gerativo de sentido, tornando o discurso uniforme e garantindo ao discurso-enunciado sua homogeneidade. Bertrand (2003, p. 153) parte da definição de que a isotopia seja “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”.

³⁹ Imagem fotográfica (mecânica), imagens referenciais, imagens desenhadas conforme imagem fotográfica.

(distintivos) para o reconhecimento da imagem que são selecionados de acordo com a esfera “visível” da substância da expressão durante o processo de percepção e são reconhecidos como relevantes formas de uma mensagem fotográfica. Exemplos de estruturas da forma da expressão, na concepção de Lindekens (1971a [1968], p. 97), são oposições como “nuançado vs contrastado”, “imagem real e imagem iconizada” e são essas oposições que “conduzem” os elementos estruturais do texto em “detalhes e contornos” a uma variação de sentido.

Portanto, para o autor, os significados “visíveis” do plano da expressão do signo fotográfico constituem seu plano do conteúdo, dessa maneira, a substância do conteúdo é a “conceituação informativa”, nesse caso, ainda não verbalizada e não estruturada por esquemas de oposições culturais. Assim que essa substância, organizada em oposições e estruturas, se coordena em esquemas conceituais, o nível da forma do conteúdo é alcançado.

Lindekens (1971a [1968], p. 218) ainda examinou a forma do conteúdo de uma fotografia por meio de um método do diferencial semântico, no qual ele perguntou a um grupo como classificaria uma dada foto em escalas semânticas como “ativo-passivo”, “puro-impuro”, “certo-incerto”. considerou, no entanto, as estruturas dessas escalas semânticas somente como “indícios secundários” ou como “transcodificações” de um conteúdo “puro” e “pré-verbal” (LINDEKENS, 1971a [1968], p. 250). Em suas palavras, “essa significação intrínseca (em relação com o sentido) é imediatamente percebida pelo leitor, mesmo se esse último não tem consciência disso, e se, através da conseqüência, o expressa na sua verbalização, pelo menos em parte” (LINDEKENS, 2005 [1975], n.p.).

O pesquisador partiu do pressuposto de que a substância semiótica pertenceria a uma tipologia de representações⁴⁰, o que poderia significar que nenhuma combinação de características icônicas e relevantes é concebível fora das determinações, *a priori*, de uma forma intrínseca, determinável como membro de uma classe de oposições como: “imagem de pintura vs imagem mecânica; e mais precisamente ainda: imagem arte pintada contra imagem de arte gravada; e mesmo; imagem gravada no ponto seco vs imagem de madeira vs. litografia, etc.” (LINDEKENS, 2005 [1975], n.p.).

Em outra perspectiva, mas também com ênfase nos possíveis desdobramentos teórico-metodológicos do plano da expressão, na década de 1980, autores como Felix Thürlemann (1982, 1986) e Jean Marie Floch (1985, 2014 [1987]) propuseram análises que dessem conta de uma semiótica visual e exploraram as possíveis semelhanças entre as formas da expressão em diferentes tipos de imagens (pictóricas, escultóricas, arquitetônicas etc.). Os autores mostraram

⁴⁰ Lindekens (1971b) discorre sobre esse assunto de forma exaustiva em *Sémiotique de l'image: analyse des caracteres typographiques*.

que as produções visuais de grande alcance no espaço e no tempo poderiam compartilhar a mesma organização subjacente (uma forma invariante).

Thürlemann (1982,1986) e Floch (1985, 2014 [1987]) não descartaram a importância da “materialidade” da substância da expressão nas imagens, mas pressupuseram que a mesma substância que as compõem está imersa entre as oposições e as diferenciações das formas (do conteúdo e da expressão), o que torna as análises centradas no plano da expressão complexas. Na análise de *Blumen-Mythos (Flower myth)*⁴¹, de Paul Klee, Felix Thürlemann (1982) explorou a relação entre as formas da expressão e as formas do conteúdo de maneira sistemática e, de acordo com Dondero e Garcia (2016), não levou em consideração se a tela de Klee estava coberta com uma gaze ou qual o lugar da substância nessa pintura e os tipos de movimentos de inscrição que este meio proíbe e possibilita.

Figura 5 - Pintura *Blumen-Mythos (Flower myth)* de Paul Klee



Fonte: Akg-Images (2020)

A sugestão de Thürlemann (1982) foi o reconhecimento de organizações da expressão e as relações entre expressão e conteúdo. Na análise de *Blumen-Mythos*, por exemplo, o autor compreendeu que, para identificar as figuras flor ou o torso de mulher, era preciso também

⁴¹ Pintura feita em aquarela com primer, plano de giz sobre gaze em papel de jornal e papel de prata em bronze e papelão.

caracterizar distinções de cor, de forma e de localização no espaço. Cabe, como propôs Thürlemann (1982), observar as manifestações topológicas, cromáticas e eidéticas, ou mesmo a organização da forma da expressão. Essas três categorias plásticas (topológicas, cromáticas e eidéticas) são, para o autor, um meio de oposição entre zonas e subzonas da imagem. Trata-se de um complexo de variáveis visuais compostas por fatores perceptíveis como cor, textura, tamanho, orientação ou contorno.

Thürlemann (1982,1986) desenvolveu também um modelo diferenciado das unidades mínimas distintivas de percepção da imagem no contexto da semiótica de Greimas (1976 [1966], 1975 [1970]). O autor passou a distinguir duas formas de unidades da expressão mínimas: categorias eidéticas (como: contornos, cantos, côncavo/convexo, simetria, compacticidade, direção e dimensão) e categorias cromáticas (como: tonalidade e saturação).

Nesse sentido, argumentou:

O fato de que um texto imagético individual é precedido com frequência, por um texto linguístico de conteúdo, não é um argumento contrário à autonomia discursiva de um texto imagético. Isto porque, mesmo quando o conhecimento do texto linguístico deva ser precisado ou corrigido por comentários do texto imagético 'ilustrador'. (THÜRLEMANN apud SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 43).

O autor se debruçou sobre o papel da figuratividade⁴² no interior do discurso pictural e denominou suas unidades como um plano de articulação de elementos, de acordo com princípios de oposição entre os contrastes da expressão elementares pertencentes ao campo da cor e da forma. Além disso, Thürlemann (apud GREIMAS; COURTÉS, 1989) afirmou que o estudo da semiótica da cor constrói figuras da expressão constituídas por traços diferenciais (puro/mesclado, brilhante/opaco, saturado/não saturado) que auxiliam na construção do sentido.

Essa nova perspectiva, que observa a relação entre a forma da expressão e a forma do conteúdo, ofereceu um novo modelo de análise, que associa diretamente as relações de cor, de forma (plano da expressão) com as relações de sentido (plano do conteúdo). Como explicado por Thürlemann (apud GREIMAS; COURTÉS, 1989), é nessa relação que os sistemas semissimbólicos são compreendidos, como sistemas significantes caracterizados não pela conformidade entre as unidades do plano do conteúdo e do plano da expressão, mas pela correlação entre determinadas categorias dos dois planos.

⁴² Bertrand (2003, p. 154) explica que a figuratividade pode ser estendida a todo tipo de linguagem (verbal ou não verbal) "para designar esta propriedade que elas têm em comum de produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas".

Sobre esse aspecto, Floch (1985) defendeu que não há expressão a não ser em relação a um conteúdo e, conseqüentemente, todo conteúdo é “expresso” por uma “representação” da expressão. Nessa perspectiva, Floch (1985) esclareceu que a semiótica semissimbólica nasce da concepção de função poética, criada por Roman Jakobson (1971 [1952]), que seria responsável por projetar o eixo paradigmático no eixo sintagmático⁴³. Conjecturamos, dessa forma, que somente haverá relação do plano do conteúdo e do plano da expressão quando os eixos paradigmáticos e sintagmáticos também estiverem relacionados.

Partindo dessas bases, a semiótica visual ou plástica elabora, assim como a semiótica clássica, um modelo teórico-metodológico para analisar textos de diferentes linguagens: plásticas, pictóricas, entre outras. Para tanto, “duas etapas distintas foram abordadas no caminho para o percurso gerativo: uma estruturação semionarrativa e uma discursiva” (FLOCH, 2014 [1987], p. 25).

Como esclarece Floch (2014 [1987], p. 25), as estruturas semionarrativas precedem as estruturas discursivas no percurso gerativo de sentido e “diferentes ‘diferenças’ são estabelecidas no nível fundamental e essas são as raízes do sentido. Elas também determinam as regras que permitem transformações ou passagens entre posições estabelecidas”. Em outros termos, a estruturação semionarrativa seria a junção dos níveis fundamental e narrativo do modelo clássico e o quadrado semiótico, de acordo com o autor, poderia ser a representação desse nível. Nas estruturas discursivas as categorias de análise do primeiro esquema do percurso gerativo de sentido foram mantidas, mas três novas categorias foram adicionadas: a eidética, a cromática e a topológica.

Elas são os pontos em que ele escolhe ter um ou mais actantes para preencher uma função narrativa específica; é também a fase em que ele decide se sua expressão permanecerá abstrata ou **tomará uma forma figurativa** (FLOCH, 2014, p. 25, grifo nosso).

Na figura abaixo, demonstramos como esse pesquisador propôs um diagrama na forma de “esboço do percurso gerativo”, com as estruturas semionarrativas e discursivas:

Figura 6 - Diagrama das estruturas semionarrativas e discursivas

⁴³ Segundo Jakobson (1971 [1952]), a projeção da similitude própria do eixo de seleção (paradigmático) sobre o eixo de combinação (sintagmático) mostra-se um princípio comum entre a rima, a métrica, o ritmo e o paralelismo na poesia.



Fig. 1. O percurso gerativo de sentido.

Fonte: Floch (2014 [1987], p. 25).

A constituição do percurso gerativo apresentada por Floch (2014 [1987]) foi feita com base em seu estudo sobre um hipermercado da cadeia *Mammouth*, aberto pela Cofradel⁴⁴ de Lyon, no qual forneceu um modelo interpretativo para as representações dos consumidores e suas expectativas quanto ao hipermercado. De acordo com o autor “[...] a abordagem semiótica estruturalista, com seu foco na expressão da lógica do discurso, sempre teve um interesse particular nas formas das narrativas que a regem, indo muito além da segmentação textual em parágrafos ou frases” (FLOCH, 2014 [1987], p. 26).

Ele propôs, nesse estudo⁴⁵, um esquema que fosse capaz de lidar com as diferentes formas de uma narrativa, sejam elas “conto folclórico, parábola ou, no nosso caso, uma ida ao hipermercado” (FLOCH, 2014 [1987], p. 26). Nesse último caso, diferenciou o que relacionou à “forma de expressão” da “forma do conteúdo” do hipermercado “[...] (as invariantes do projeto, que determinaram a base de sua planta e a parte essencial de seu apelo) e que relacionaram à ‘substância’ de cada plano (o que constituiu as variáveis de expressão e conteúdo do projeto)” (FLOCH, 2014 [1987], p. 44).

O pesquisador propôs que os elementos do plano da expressão, constituídos em certos tipos de substância, como a substância visível, criam conteúdos que vão além da representação figurativa. Assim, o texto poderia ser analisado pelo arranjo de formas, cores e materialidades que “constroem uma plástica da expressão investida de conteúdos que se põem a circular na imbricada articulação de relações significantes” (FLOCH, 2014 [1987], p. 22).

Dessa maneira, as linguagens constituídas entre uma categoria da expressão e uma categoria do conteúdo e denominadas semissimbólicas atuam, como explicita Floch (2014 [1987], p. 45), de modo a reorganizar a dimensão figurativa “de pinturas, pôsteres e filmes, ‘corrompendo-a’ para produzir um discurso diferente, tanto de maneira mais abstrata, como, mais frequentemente, de natureza ideológica”.

As vantagens desses procedimentos revelados por Lindekens (1971a [1968], 2005[1975]), Thürlemann (1982,1986) e Floch (1985, 2014[1987]) estão na ênfase dada nas categorias formais do plano da expressão, que, além de apontar diferenças entre sistemas significantes, manifestam a figuratividade resultante da produção do sentido descrita no percurso gerativo e investida de valores articulados desde o nível fundamental. Santos (2020, p. 17), dentre outras discussões apresentadas em sua tese, resgata uma definição do próprio Greimas e afirma que a “[...] figuratividade deve ser compreendida, primeiramente, como léxico

⁴⁴ Cofradel (Companhia Francesa do Grande Delta) é um grupo de distribuição de varejo, baseado no sudeste da França. Opera em 1000 mercados locais, 35 supermercados e seis hipermercados Mammouth. (FLOCH, 2014 [1987], p. 23).

⁴⁵ Desenvolvido com base no modelo de semiótica narrativa criado a partir do trabalho de Propp (1958 [1928]) em *Morfologia do conto maravilhoso*.

constitutivo de uma linguagem construída dentro de uma cultura científica”. Além disso, os debates apresentados por esses autores nas décadas de 1960, 1970 e 1980 mostram diferenças entre os sistemas significantes descritos no percurso gerativo de sentido, modelo de análise consagrado pela teoria semiótica, além de retomarem conceitos relacionados ao signo, com base nas preocupações que Saussure (2006 [1916]) explicitou na última década do século XIX, em seus escritos, e às formas e substâncias do conteúdo e da expressão, acepções que marcam o legado de Hjelmslev (2006 [1943]) ainda na década de 1940.

No mesmo período, Greimas (2004 [1984]) reunia as principais colaborações da semiótica visual no artigo “Semiótica figurativa e semiótica plástica” e afirmava a existência de “semióticas semissimbólicas” caracterizadas por uma organização “monoplana”, que seria concebida sem a distinção entre os planos da expressão e do conteúdo (GREIMAS, 2004 [1984]). Neste trabalho, o pesquisador formulou um procedimento de análise para as semióticas visuais que se estendeu à semiótica pictórica, acrescentou às análises do plano da expressão a dimensão topológica, que seria mais profunda em relação às demais (a luz, o cromatismo e a categoria eidética), discutindo sobre as unidades significantes que, segundo ele, poderiam ser reconhecidas por meio dos formantes topológicos, postulando a linearidade de leitura. Assim, o significante plástico é constituído no campo da topologia e capaz de criar um “todo de significação”.

De acordo com Teixeira (2002, p. 260):

A partir da semiótica plástica, que Greimas mobiliza, ao trazer à cena a luz que aparentemente tudo revela, mas também a obscuridade que contém em si a possibilidade das cores, novos campos de teorização se abrem, apontando para a concretude do mundo e as articulações do sensível e do inteligível. Pode-se então pensar na materialidade da linguagem, no plano da expressão integrando-se ao plano do conteúdo, em busca da ultrapassagem de um modelo binário.

Já no final da década de 1980, Greimas colocou em questão todo o conjunto teórico-metodológico proposto até então que, a seu ver, “apresentava a grande falha de não apreender o verdadeiro devir” (HÉNAULT, 1997, p. 146). Os trabalhos elaborados pelo mestre lituano, nessa época, ganharam novos contornos diante da possibilidade de ultrapassagem do modelo de binaridade⁴⁶ proposto até então e encontram-se reunidos em *Da Imperfeição* (GREIMAS, 1987) e *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991]). Esses últimos trabalhos estavam focados na estruturação do texto na esfera do sentido e da experiência

⁴⁶ “A binaridade caracteriza um único tipo de estrutura: só podem ser consideradas como categorias binárias aquelas cuja relação constitutiva é a contradição (por exemplo: asserção/negação; conjunção/disjunção)” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 39-40).

estética, e os planos da linguagem, de acordo com Greimas e Fontanille (1993 [1991], p. 14-15), substituiriam “as duas faces do signo”, sendo “separados por um corpo perceptivo”, assim a expressão seria da ordem do mundo exterior, enquanto o conteúdo, da ordem do mundo interior.

Com *De l'imperfection*, Greimas (1987) marcou o que podemos entender como níveis da expressão, relacionados a uma semiótica do visível, que incluiu objetos como a pintura, na qual se estabelece “o patamar eidético sendo considerado o mais superficial, seguido pelo cromático, e situando-se a luz no nível mais profundo desse gênero de percepção estética” (GREIMAS apud LOPES, 2003, p. 69). De acordo com Greimas (1987), as formas (dimensão eidética) seriam compostas por massas de cores resultantes da aplicação de cromatismos. Assim, a cor (dimensão cromática) seria dependente da luz, a qual estabeleceria também as tonalidades diferenciais entre tons claros e escuros.

Interessa-nos salientar que Greimas (1987), em *Da Imperfeição*, colocou os planos da linguagem em relação com o inteligível e o sensível, instaurando o hipônimo *corpo* como a junção entre os dois planos ou as duas grandezas (inteligível e sensível), que seriam organizados interna e externamente em formas semióticas. Assim, o *corpo* se constitui como o elemento articulador do conteúdo e da expressão, elemento estabilizador da função sígnica, e, a partir dessa noção, começaram as análises, a fim de examinar a articulação entre esses dois planos (agora constituídos por meio do inteligível e do sensível) simulados no discurso, via função semiótica.

Mais tarde, os postulados de Greimas (1987), Greimas e Fontanille (1993 [1991]) revelaram que há uma etapa anterior ao nível fundamental no percurso gerativo: a percepção (etapa das pré-condições do sentido) e nessa perspectiva que os estudos semióticos avançaram na década de 1990⁴⁷. Além disso, Bevidas (2011, p. 31) acredita que a percepção faça parte da estrutura em que “a língua, via semiose, guia a percepção, via sentidos” e ainda diz que “de maneira sucinta, a primeira sistematização do sensível se dá por intermédio do princípio de que a percepção é o lugar não-linguístico da significação e do trio que a circunscreve: interocepção, exterocepção e propriocepção”.

O livro *Semiótica das Paixões*, de Greimas e Fontanille (1993 [1991]), foi desenvolvido com o objetivo de especificar, com maior precisão, a significação nos estudos dos textos com a preocupação em envolver o processo enunciativo na produção de significação, levando em conta o sujeito, tempo e espaço.

⁴⁷ Com a irrupção do universo sensível, promovido pelos estudos tensivos, a década de 1990 é marcada pelos princípios fenomenológicos, especialmente de Merleau-Ponty.

A epistemologia das paixões de Greimas e Fontanille (1993 [1991]) aprofundou o conceito de *corpo* até então esboçado em *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), *Sobre o Sentido* (1975a [1970]), *Da Imperfeição* (GREIMAS, 1987) e prefigurou a resolução da “dicotomia entre *mundo* (estados de coisas com seus semas exteroceptivos) e *sujeito* (estados de alma com seus semas interoceptivos) por obra de um *corpo* que *percebe*, sente e introduz assim os semas proprioceptivos (responsáveis pelos sentidos de atração e repulsa)” (TATIT, 2011, p. 31). Os planos da linguagem, nessa obra, aparecem como correlatos à noção de semas exteroceptivos e semas interoceptivos, melhor dizendo, o plano da expressão estaria relacionado à percepção do mundo exterior, no modo como o *corpo* percebe o mundo natural (exteroceptividade), e o plano do conteúdo estaria relacionado ao momento em que o *corpo* percebe o mundo interior, os conceitos e afetos (interoceptividade). *Corpo*, desse modo, seria o momento da “semiose”, a relação que se dá desde o princípio entre plano do conteúdo e plano da expressão.

O corpo próprio é mais que um mediador entre a exteroceptividade e a interoceptividade, e sua atividade sensório-motora interfere na significação. O corpo percebe o ambiente que o interpela e converte as figuras do mundo (exteroceptivas) em figuras interiores (interoceptivas), que são equivalentes às figuras exteriores, mas que estão contaminadas pela dimensão patêmica (proprioceptiva) do corpo sensível. Além do corpo exterior (exteroceptivo) e do corpo interior (interoceptivo) o conceito de corpo próprio (proprioceptivo) define o momento em que o sujeito experimenta a significação em uma instância de legítima individualidade. (BAQUIÃO, 2011, p. 57).

Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]), no desenvolvimento da semiótica tensiva, deram continuidade às discussões levantadas pelo estudo das paixões propondo a incorporação de gradações de elementos contínuos na construção do sentido (do quadrado semiótico concebido nas primeiras fases da disciplina), em que o plano do conteúdo (de origem interoceptiva) é posto em relação com o plano da expressão (de origem exteroceptiva) na operação da semiose. O trabalho desenvolvido pelos autores possibilitou analisar a interação enunciativa entre os elementos do sensível e do inteligível por meio de quatro esquemas tensivos que representam as variações de equilíbrio entre os dois elementos⁴⁸, sendo eles: esquema da decadência, que parte da intensidade do sensível para a extensão do inteligível; esquema da ascendência, que parte da extensão do inteligível para a intensidade do sensível; esquema da amplificação, no qual sensível e inteligível “crescem” em conjunto a partir de uma intensidade e extensão baixas; e esquema da atenuação, em que há declínio geral da intensidade sensível e da extensão inteligível.

⁴⁸ Entretanto, cabe ressaltar e destacar que, desde os anos 1970, Zilberberg (2006a) já propunha uma sintaxe e uma semântica tensivas.

Assim, os planos da linguagem estariam envoltos nesses esquemas elementares nas variações tensivas que, mais tarde, formam o esquema da práxis enunciativa – conceito que já aparece na obra de Greimas (1987) no final da década de 1980⁴⁹.

Além desses pesquisadores, atuantes na França, sobretudo Paris, à época, o Groupe μ (1992 [1967]), de Liège, Bélgica, propôs que as análises semióticas podem ser elaboradas por meio das manifestações visuais encontradas no termo plano da expressão, na sua dimensão significante e, assim, foram exploradas as estruturas da lógica do sensível para que fosse possível descrever a articulação desse plano nos textos. A semiótica abordada pelo Groupe μ (1992 [1967]) propôs uma semiótica visual como parte de um projeto maior, visando à elaboração de conceitos analíticos que fossem operacionais para análise de qualquer tipo de expressão e “independentes do domínio particular em que se manifestam” (Grupo μ , 1992 [1967], p. 9).

De acordo com Klinkenberg (BIGLARI, 2015), o Groupe μ , inicialmente composto por Jacques Dubois, Philippe Minguet, Francis Édeline e Hadelin Trinon, aos quais se juntaram logo depois Francis Pire e o próprio Jean-Marie Klinkenberg, nasceu de uma insatisfação com as estruturas das universidades. As discussões desse grupo, desde o início, voltaram-se para três questões: artes (plásticas, literatura, cinema), linguística e retórica. Desse modo, os temas a que o Groupe μ se dedicou mostram, por si só, uma diferença de abordagem em relação à semiótica “tradicional”.

Aos olhos do Groupe, ela explicava também o caráter dinâmico e produtivo de nossas linguagens. Isto – e, uma vez mais, a característica interdisciplinar do coletivo – explica claramente a originalidade da voz que o Groupe μ viria manter no concerto semiótico. Longe de optar por certo imanentismo, de que guardou o rigor descritivo (a Semântica estrutural de Greimas foi uma de nossas bíblias...), ele sempre se empenhou em nunca rechaçar a questão da relação do sujeito com o meio, e principalmente com o meio natural. (BIGLARI, 2015, p. 2-3).

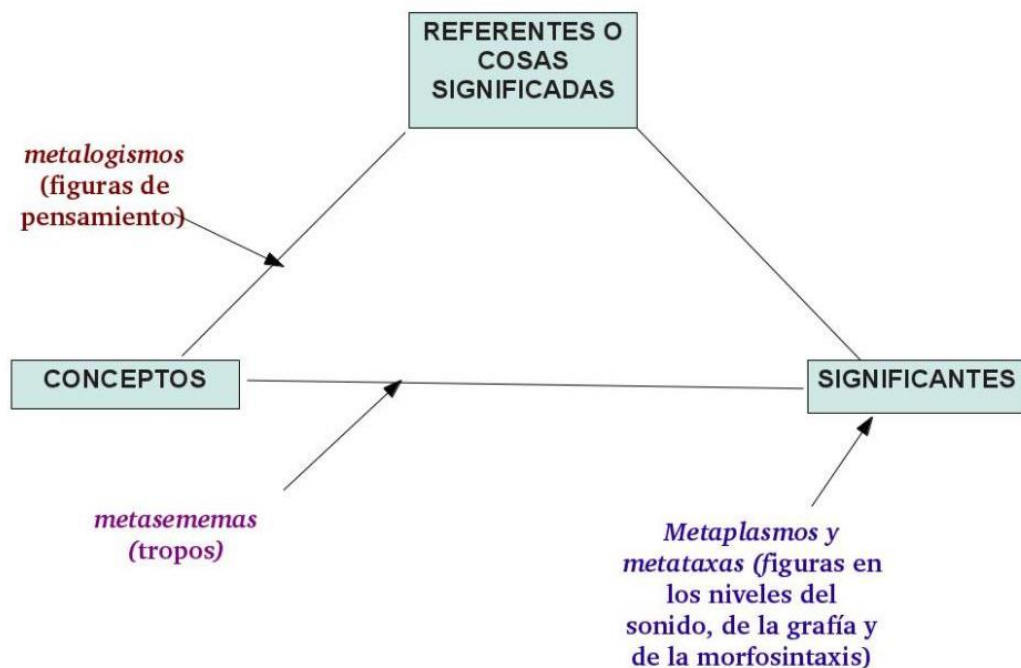
Nos anos 1960, havia um conjunto de conceitos linguísticos que eram utilizados e o Groupe μ buscou explorá-los para elaborar uma retórica linguística contemporânea, o que foi, então, dado como semiótica visual. Antes de iniciar uma retórica da imagem, o Groupe μ , com o *Traité du signe visuel* (1992 [1967]), elaborou uma gramática geral da imagem, independentemente do tipo de córpus considerado. O trabalho proposto nessa obra forneceu um modelo explicativo sobre as figuras, no qual compreenderam, através de uma tabela ordenada, operações lógicas que transformam as figuras no que são. Klinkenberg, em entrevista a Biglari

⁴⁹ Fontanille (2007, p. 109) definiu a práxis enunciativa como um “conjunto aberto de enunciações encadeadas e sobrepostas no interior do qual se introduz cada enunciação singular”. Assim, a enunciação integraria elementos de outras enunciações e a práxis se estabeleceria em duas dimensões essenciais: a intensidade de um lado e a extensão de outro.

(2015), afirma que “[...] o *Groupe* pensava a figura apenas em termos de unidades atômicas (como fez Paul Ricœur em *La Métaphore Vive – A Metáfora Viva*)”, conforme Biglari (2015, p. 12, grifos do autor).

O *Groupe μ* também usou o triângulo de Ogden-Richards, conhecido por ser uma representação gráfica das relações entre linguagem, pensamento e realidade, para expor a localização das figuras retóricas nos diferentes planos da linguagem.

Figura 7- Triângulo de Ogden-Richards, uma representação gráfica das relações entre linguagem, pensamento e realidade



Fonte: Dubois *et al.* (1987, p. 77).

A imagem, que representa os estudos do Grupo μ beneficia-se de contribuições da linguística moderna, da semiótica e das teorias da comunicação sobre “um efeito estético específico [...] que é o verdadeiro objeto da comunicação artística” (DUBOIS *et al.*, 1987, p. 66). O projeto desse grupo procurava encontrar regras que orientassem as organizações das imagens e, diferentemente do que a semiótica realizada em Paris propunha, partia de pressuposições diferentes, devido à formação institucional do grupo, que acreditava que era possível observar as especificidades da imagem, determinando os mundos socioculturais onde essas imagens foram experimentadas ou criadas.

Trabalhando na renovação contemporânea da figura retórica, o *Groupe μ* mostrou que, se a presença de certas estruturas linguísticas fosse uma condição necessária à produção de

efeito, os trabalhos para a renovação da retórica, que forneciam um modelo explicativo de figuras retóricas, seriam interdisciplinares, estendendo a noção de figura às imagens estáticas ou de cinema, por exemplo. Por isso, os seus trabalhos são importantes na contemporaneidade, pois deram e dão (já que se mantém ativo, até hoje) condições para trabalhar com a semiótica em textos sincréticos.

A distinção fundamental levantada pelo Groupe μ entre signo icônico e signo plástico permitiu destacar a autonomia deste último em relação ao significante. Além disso, o trabalho desses pesquisadores também revisou a questão da arbitrariedade e a motivação do signo icônico, o que contribuiu, por sua vez, para a semiótica geral, bem como trouxe discussões sobre a relação entre experiência (sensorial) e significado, mostrando, de fato, que o significado é elaborado a partir de percepções elementares, de modo que leva a “categorizar” a experiência. De acordo com Klinkenberg, os trabalhos do Groupe μ com os enunciados visuais “nos fizeram encontrar o fenômeno da visão e, a partir daí, a questão das relações entre a experiência sensorial e a significação” (BIGLARI, 2015, p. 12).

Assim, o Groupe μ compreendeu a significação por meio da experiência que pode ser observada em cada um dos três sistemas plásticos por eles definidos – o sistema de textura, o sistema de cor e o sistema da forma plástica – e seriam determinados por seu próprio conjunto de fatores básicos. Esses fatores foram chamados, respectivamente, de texturemas (“texturèmes”), cromemas (“chromèmes”) e formemas (“formèmes”).

Como exemplo das problematizações ora propostas, consideremos a análise feita, pelo Groupe μ (1992 [1967]), de *Jardim de Stonypath*, do artista Ian Hamilton Finlay, conforme Figura 9, onde pode-se notar uma pedra gravada com o monograma de Albrecht Dürer em meio à natureza.

Figura 8 - Jardim de Stonypath do artista Ian Hamilton Finlay



Fonte: Artgallery (2020).

De acordo com o Groupe μ (1992 [1967]) duas análises seriam possíveis. Uma delas seria considerar o enunciado como constituído somente pela pedra, separada da natureza que a cerca, e a outra leitura incluiria ambos os elementos, pedra gravada e natureza, no mesmo enunciado. A pergunta feita pelo grupo foi: "existiria uma demarcação que isolaria do mundo circundante o enunciado pedra + erva?" (GROUPE μ , 1992 [1967], p. 385). Ao que eles responderam:

A única demarcação é fornecida pelo enunciado de Dürer, que nós sobrepomos ao de Finlay. Mas ela não é revezada por nada. A redundância falta e o conjunto delimitado está fora de foco (frou): não há nenhuma razão imperiosa de reter a produção com contornos totalizantes. É, então, todo o ambiente que é contaminado pelo enunciado de Finlay. (GROUPE μ , 1992 [1967], p. 385).

Esse exemplo de análise tenta sistematizar os sinais visuais (plástico-iconoplásticos), os quais são, precisamente, aqueles elementos visuais, como ponto, linha, plano de fundo, forma, textura, cor, contorno, direção, matiz, brilho, saturação, brilho, contraste, tom, dimensão, movimento e todos os sinais visuais; bem como técnicas de composição, como equilíbrio, harmonia, enquadramento, plano, ângulo, ponto de vista, simetria etc., que são algumas figuras por si só e retóricas e, de cuja articulação e desvio, o resultado da imagem dependerá mais do dominante do discurso estético que é acrescentado na elaboração final (GROUPE μ , 1992 [1967]).

Para o Grupo μ , as operações retóricas são apenas aquelas que buscam efeitos poéticos

e tendem a confundir poética com retórica:

[...] as leis da poesia não podem ser reduzidas às leis da retórica. O que caracteriza a poesia é assumir fenômenos retóricos como expressão e composição conforme organizada e prescrita por um sistema de regras particulares. Assim, a modalidade poética não se caracteriza por esses fenômenos retóricos, mas pela decisão de usar esses dispositivos de um determinado modo (...) para caracterizar o poético em sentido estrito ... as categorias retóricas não valem. (GRUPO μ , 1987, p. 87).

Com essa síntese dos trabalhos realizados por esses pesquisadores desde os anos 1960, somados às abordagens teóricas de semioticistas como Fontanille (2005, 2008), Dondero e Garcia (2016), sobre os quais discorreremos em seguida, podemos compreender que o Groupe μ inovou quando discutiu sobre a questão do signo plástico, que seria correspondente ao plano da expressão na semiótica greimasiana. O exemplo dado pelo Groupe μ (1992 [1967]) acerca dos possíveis enunciados visuais da foto *Jardim de Stonypath*, leva-nos a refletir que, além da própria projeção do enunciado na imagem, há uma experiência do próprio enunciador e do enunciatário, o que alteraria, de todo modo, uma possível análise ou significação. Ao pensarmos, então, na questão da enunciação visual trabalhada pelo Grupo μ , podemos observar que a enunciação é composta pelos dois planos da linguagem que, juntos, compõem uma cena “simbólica” ou uma “prática semiótica”, se assim podemos dizer. De forma geral, o Groupe μ agregou à semiótica uma correlação e um entendimento maior entre o signo e os planos da linguagem, pensando no signo como um denominador comum dos planos da linguagem.

2.1.4 Noções de planos da linguagem apresentadas no século XXI por Jacques Fontanille, Maria Giulia Dondero e Reyes Garcia

Tais imbricamentos apontam para novas questões relacionadas ao estudo dos planos da linguagem do século XXI, que decorrem, segundo Fontanille (2008, 2013), do fato de que cada instância dos planos deveria ser suscetível de ser analisada em sua própria autossuficiência por meio da identificação de seis níveis de pertinência de análise semiótica do percurso gerativo da expressão⁵⁰⁵¹. Como explica Portela (2008, p. 99), a nova problemática apresentada por Fontanille descreve a construção do sentido na integração da situação semiótica do percurso

⁵⁰ São eles: signo, textos, objetos, práticas, estratégias e formas de vida que, posteriormente, são reintegrados como níveis de análise da cultura das mídias e contemplam o modo como os fenômenos culturais se apresentam no campo de presença dos sujeitos (FONTANILLE, 2013).

⁵¹ Sobre essa análise em níveis de pertinência, Fiorin (2002a, p. 17) assevera que “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido”.

gerativo de sentido e “apresenta algumas características que marcaram a reflexão greimasiana: a passagem do simples ao complexo, do profundo ao superficial, das instâncias virtualizadas às instâncias realizadas”. A relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, em Fontanille (2008), é o que estabelece a prática discursiva com a situação enunciativa e com os sujeitos envolvidos no processo de interação. Assim, com base na proposta do autor, compreendemos que as noções de forma e substância do conteúdo e forma e substância da expressão compõem as instâncias formais (forma) e materiais (substância) dos níveis de pertinência de análise semiótica (FONTANILLE, 2008, p. 34).

Sobre esse aspecto, destacamos que as instâncias formais e materiais se relacionam da seguinte maneira:

Quadro 2 - Representação do Percurso gerativo da expressão (instâncias formais).

TIPO DE EXPERIÊNCIA	INSTÂNCIAS FORMAIS	INTERFACE	
<i>Figuratividade</i>	Signos	<i>Formantes recorrentes</i>	
<i>Coerência e coesão interpretativas</i>	Textos-enunciados	<i>Isotopias figurativas da expressão</i>	Forma
		<i>Dispositivo de enunciação/inscrição</i>	Substância
<i>Corporeidade</i>	Objetos	<i>Suporte formal de inscrição</i>	Forma
		<i>Morfologia práxica</i>	Substância
<i>Prática</i>	Cenas práticas	<i>Cena predicativa</i>	Forma
		<i>Processos de acomodação</i>	Substância
<i>Conjuntura</i>	Estratégias	<i>Gestão estratégica das práticas</i>	Forma
		<i>Iconização dos comportamentos estratégicos</i>	Substância
<i>Éthos e comportamento</i>	Formas de vida	<i>Estilos estratégicos</i>	

Fonte: Fontanille (2008, p. 34).

A relação entre as instâncias permite que cada nível seja entremeado um ao outro “obedecendo a um princípio constante: a esquematização, em um nível dado, das propriedades materiais e sensíveis que estavam associadas às semióticas-objeto dos níveis precedentes” (FONTANILLE, 2008, p. 35). Assim, temos os planos da linguagem na conversão de uma experiência semiótica, em que forma e substância do plano do conteúdo “operam” em relação e encaixe com forma e substância da expressão no processo de significação. De acordo com Schwartzmann (2013, p. 1442), “as práticas semióticas, dessa maneira, apresentam-se como o núcleo desse constructo, pois ocupam justamente uma posição intermediária na hierarquia do percurso [...]” e, desse modo, podem ser compreendidas nas situações de interação entre um nível e outro, melhor dizendo, entre um plano e outro. Os planos da linguagem, desse modo, embora isomorfos, começam a ser analisados no século XXI como “heterogêneos”, devido à natureza diferente de seus conteúdos. Longe de ser um percurso definitivo, “o devir do percurso

gerativo da expressão seguirá de perto o devir da própria semiótica e dependerá, entre outros fatores, do lugar que a semiótica ocupará em um futuro próximo nas ciências humanas e sociais [...]” (PORTELA, 2008, p. 109).

Percebe-se que, nesse intervalo de tempo que compreende desde a semiótica considerada *standard* até a semiótica voltada ao visual, “[...] a disciplina ‘pura e dura’ que muitos quiseram ver na semiótica se transformava em um espaço plural habitado por diversas iniciativas e desenvolvimentos variados” (DORRA, 2002, p. 118). Assim, todas essas reorganizações “[...] devem ser consideradas um sinal de saúde e de vitalidade de uma semiótica que pretende ser um projeto de pesquisa e uma pesquisa que se está fazendo” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 454).

Na contemporaneidade, o semioticista Jacques Fontanille (2005) passa a observar o delicado problema da substância da expressão a partir da hierarquia dos níveis de pertinência e introduz os conceitos de suporte formal e suporte material, que permitem pensar a relação entre a imagem como texto e a imagem como objeto. Como nos orienta o autor, as noções de formas e substâncias do conteúdo e da expressão compõem as instâncias formais (forma) e materiais (substância) dos níveis de pertinência de análise semiótica (FONTANILLE, 2008).

A relação entre essas instâncias permite que cada nível seja entremeado um ao outro “obedecendo a um princípio constante: a esquematização, em um nível dado, das propriedades materiais e sensíveis que estavam associadas às semióticas-objeto dos níveis precedentes” (FONTANILLE, 2008, p. 35). Desse modo, temos os planos da linguagem em uma conversão de uma experiência semiótica, em que a forma e substância do plano do conteúdo “operam” em relação ao encaixe da forma e da substância da expressão no processo de significação.

Os níveis de pertinência da análise semiótica, propostos por Fontanille (2008), lançam o olhar para alguns caminhos possíveis da semiótica contemporânea. O nível das práticas, por exemplo, traça uma “linha” que envolve conteúdo, expressão e experiência, na medida em que a situação enunciativa pode ser observada em conjunto com a prática discursiva e com os sujeitos que compõem esse processo. Essa junção de elementos, situação, prática e sujeitos, compõe um escopo teórico-metodológico que envolve os planos da linguagem no momento da experiência semiótica, já que é preciso observar como esses três elementos juntos inferem na significação. Por isso, os níveis apresentados pelo autor representam a conversão semiótica dos planos da linguagem na situação de interação entre um nível e outro. Embora haja distinções em como eles se formam em cada nível, por meio dos formantes plásticos e formantes materiais, há uma discussão sobre as condições das formas e das substâncias do conteúdo e da expressão em cada nível de análise.

Dondero e Garcia (2016) também discutem as noções de suporte formal e suporte material na relação entre fotografia como texto e fotografia como objeto. Para os autores, o primeiro problema a ser enfrentado é o fato de que o significado de uma imagem não depende exclusivamente de uma relação entre a forma da expressão e a forma do conteúdo de acordo com a codificação semissimbólica. Dondero e Garcia (2016) acrescentam que o meio de inscrição no plano da expressão é o que determina a significação do texto a seus aspectos sensíveis e o valor representativo dessas formas.

Estudar a relação entre o texto e o objeto, ou seja, a relação entre o texto e seu meio de registro (inscrição), nos permite observar, conforme Dondero e Garcia (2016), a relação entre suporte/aporte e/ou forma/substância da expressão manifestada como um ato de formação e inscrição de formas futuras. Na concepção dos autores, a investigação dos suportes e da substância do plano da expressão permite não apenas especificar as proposições feitas no percurso gerativo da expressão, mas, também, de relatar, de forma estruturada, as transformações ligadas aos suportes materiais e formais e às possibilidades de escrita que eles oferecem.

Entendemos que as análises apresentadas por Jacques Fontanille (2005, 2008), Maria Giulia Dondero e Everardo Reyes-Garcia (2016) arrolam os debates empreendidos por Lindekens (1971 [1968]), Floch (1985) e Thürlemann (1986), e articulam e empregam terminologicamente os conceitos de substâncias e formas do conteúdo e da expressão nas discussões contemporâneas, motivando o debate sobre a noção dos planos da linguagem, principalmente ao desprender o plano da expressão do modelo teórico metodológico até então consagrado na teoria.

Fontanille (2005, 2008) e Dondero e Garcia (2016) propõem uma relação mais estreita entre as formas e substâncias dos planos da linguagem que nos permite condensar terminologias teóricas em procedimentos metodológicos. Hoje, na contemporaneidade, a semiótica lança o olhar para as práticas e para uma observação mais profunda sobre as materialidades significantes compostas pela substância da expressão, o que, até então, salvo os trabalhos de Lindekens (1968 [1971]), Floch (1985), Thürlemann (1982, 1986), Groupe μ (1992), não havia sido explorado⁵².

É nesse contexto que os trabalhos empreendidos já no presente século surgem, como respostas e pressuposições a uma disciplina que não é mais indiferente aos sentidos da visão, da audição, do olfato, do gosto e do tato. E justamente para delinear um contexto que abriga

⁵² Tereza Keane, em 1991, se ocupa das relações semissimbólicas que se instalam a partir dos sentidos (percepção), mas isso, a partir da análise de um texto verbal.

aspectos teóricos e metodológicos da semiótica, que nos propomos a discutir essas questões que vão “aquém e além do percurso gerativo” da semiótica *standard*, considerando conceitos e terminologias que partem para o outro plano da semiose⁵³: a expressão.

De forma geral, apresentamos o caminho percorrido pela semiótica discursiva para a construção (contínua) do conceito de planos da linguagem. Partimos das investigações legadas por Saussure (2006 [1916]) e seus antecessores, Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]), na elaboração da constituição da linguística moderna, até alguns novos olhares sobre a metodologia da semiótica, com os desdobramentos apresentados por Dondero e Garcia (2016).

Figura 9 – Sistematização de autores e conceitos referente aos planos da linguagem.



Fonte: Autora.

Encerramos este capítulo com a figura acima, que seria uma sistematização de autores e conceitos referente aos planos da linguagem. Procuramos descrever, nessa figura, um resumo

⁵³ Função semiótica, ou simplesmente semiose, refere-se à união indissociável dos dois planos da linguagem (conteúdo e expressão). “Entre ambos há interdependência, pois que são complementares. Mas entre as unidades dos dois planos há constelação (porque a ideia não evoca necessariamente o significante, e este não evoca necessariamente aquela)”. (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 169).

de toda problematização apresentada até aqui, mostrando os principais autores que fizeram com que a noção de planos da linguagem se tornasse tão complexa e completa durante as décadas. Desse modo, dividimos a figura em duas partes: em cima, constam a relação e hierarquização dos autores, bem como o termo que faz parte da semântica de planos da linguagem com o qual cada um trabalha; embaixo, constam esses termos e sua hierarquização junto a uma palavra-conceito que represente a máxima de cada um. Fica mais visível, ao olharmos a Figura 9, que não há diferenças marcantes entre a noção aplicada a planos da linguagem, o que ocorre é uma mudança nas análises, decorrente das transformações textuais. A semântica do conceito, desse modo, acaba sendo mais uma rede de interdefinições, necessária para suportar as mudanças textuais.

No próximo capítulo, procuramos descrever toda essa rede de interdefinições a partir dos dicionários de Greimas e Courtés (2012 [1979], 1986), com base na proposta metodológica de Swiggers (2004). Destacamos os termos que se correlacionam e coexistem com planos da linguagem, signo, significado e significante, conteúdo e expressão.

3. ANÁLISE: CONTEXTO PARA OS PLANOS DA LINGUAGEM

Neste capítulo, procuramos organizar uma série de informações que atuam como contexto (sociopolítico, biográfico e intelectual) para as descrições terminológicas dos planos da linguagem na semiótica discursiva. Iniciamos com algumas considerações mais gerais, feitas com base em pesquisa bibliográfica de textos sobre linguística, semiótica e história geral dos estudos da linguagem. Essas informações foram entrecruzadas a dados construídos, ao longo desta pesquisa, acerca dos autores, dos conceitos, da teoria semiótica e das noções (linguísticas e semióticas) que elas condensam.

Para tanto, exploramos as camadas contextual e teórica, cabendo a esta última o traçado de um perfil conceitual mais geral dos planos da linguagem. Esse perfil conceitual enfatiza, de todo modo, os referenciais teóricos constatados a partir de um mapeamento de termos externos, referentes às ideias linguísticas, à semiótica e a outras ideias que ajudam na construção terminológica de planos da linguagem. Assim, uma vez que o percurso de reconstrução de contexto proposto é o de estabelecimento de um cenário mais amplo, esta seção propõe examinar, de um ponto de vista histórico, os principais aspectos teórico-metodológicos concernentes aos planos da linguagem na semiótica discursiva, considerando os momentos de continuidades e discontinuidades no tratamento dado ao plano do conteúdo e ao plano da expressão.

Consideramos relevante apresentar uma “reconstrução-sistemática”, com base nos preceitos de Swiggers (2004, 2012), da gradação teórico-metodológica de planos da linguagem no decorrer da trajetória da linguística e da semiótica discursiva.

3.1. Camada contextual

Na camada contextual, procuramos observar o contexto cultural e institucional que atravessa a prática linguística, articulando-a ao clima de opinião intelectual presente nos séculos XIX, XX e XXI. Além disso, procuramos descrever mais um implicador contextual: as influências estruturalistas para as concepções de signo e planos da linguagem.

3.1.1 Transformações políticas e sociais: séculos XIX e XX

A formação de toda e qualquer ciência não ocorre de maneira uniforme ou regular, ao contrário, constitui-se em um processo histórico, ideológico e socialmente construído. Trata-se

de um processo dialético, cujas problematizações em torno de uma “verdade” exigem uma série de afirmações e contestações.

No que diz respeito à ciência da linguagem, se considerarmos o longo período em que suas bases vêm sendo construídas, desde a Antiguidade Clássica até o século XX, podemos dizer que o século XIX é fundamental para o que foi chamado de “história recente da linguística” (DASCAL, 1978, p. 19), sendo considerado, por muitos estudiosos e pesquisadores, como o “século das revoluções” (AUROUX, 2014; BAUMAN, 1998), já que é um período marcado, em grande medida, pela aceleração do desenvolvimento da sociedade que, de todo modo, passou por transformações em todos os níveis.

No fim do século XVII a burguesia se tornara a classe econômica dominante em quase todos os países da Europa ocidental. Dela faziam parte os comerciantes, os banqueiros, os proprietários de navios, os principais acionistas e os empresários de indústrias. Essa subida ao poder deveu-se principalmente ao aumento da riqueza e à tendência de se aliarem aos reis contra os remanescentes da aristocracia feudal. Mas o poder da burguesia, por enquanto, era puramente econômico. Foi só no século XIX que a supremacia política da classe média se tornou realidade. (BURNS, 1977, p. 505).

Lembrando, também, que o século XIX é marcado pela consequência das revoluções tecnológicas⁵⁴ (AUROUX, 2014) sobre o aparecimento da escrita, que teve um papel decisivo na passagem dos saberes epilinguísticos para os saberes metalinguísticos⁵⁵ e a gramatização das línguas no mundo. Desse modo, de acordo com Auroux (2014), o que fez “deslanchar” verdadeiramente uma reflexão linguística foi a alteridade, considerada do ponto de vista da escrita.

Seria um mecanismo de renovação e distribuição, sobretudo do conhecimento acumulado, que fez do século XIX uma época em que as sociedades europeias vivenciassem um processo de mudanças mais intenso e constante que nos séculos anteriores.

Para iniciar qualquer reflexão sobre o século XIX é preciso antes ter em mente a importância, para os fatos daquele século, do conhecimento acumulado ao longo dos séculos anteriores e o comportamento social e político do homem em todas as sociedades da Europa e do mundo, principalmente no século XVIII. (MILANI, 2011, p. 9).

⁵⁴ Considerando que o aparecimento da escrita seja a primeira revolução tecno-linguística e, como tal, essencial para o surgimento das reflexões sobre a linguagem. A gramatização das línguas do mundo é considerada como a segunda revolução tecno-linguística, pois esse processo caracterizaria o modo de comunicação do homem.

⁵⁵ O saber epilinguístico, segundo Auroux (2014), é o saber inconsciente que todo indivíduo possui de sua língua e da natureza da linguagem. Exemplo: entender e produzir piadas e/ou jogos de linguagem. O saber metalinguístico é construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem. Exemplo: saber que permite que possamos não apenas entender e produzir piadas e jogos de linguagem, mas também desenvolver reflexões a respeito do funcionamento das piadas e dos jogos de linguagem.

As mudanças sociopolíticas e socioeconômicas no século XIX começam a ser projetadas pelas correntes de pensamento do século XVIII⁵⁶, que são o preâmbulo do que se tornaria a linguística no século XIX, já que deram condições para que os indivíduos em geral pensassem além dos paradigmas contextuais predefinidos. Nesse sentido, “a ciência e suas novidades eram os elementos que norteavam a curiosidade dos indivíduos e jogavam os fantasmas da floresta desconhecida para o rol das fantasias” (DARNTON, 1988, p. 27). Desde a Revolução Francesa, período que marcou o início dessas transformações, várias possibilidades de mudanças ocorreram e se estenderam mais aceleradamente no século XX.

Conforme Milani (2011), “em 1800, na literatura, iniciava-se o Romantismo, que colocou em questão a estratificação social e os efeitos que os valores sociais tinham sobre os indivíduos”. Assim, o século XIX é registra todas essas transformações que vão desde as consequências das revoluções tecnológicas até a conscientização dos indivíduos sobre sua aptidão de serem donos de si mesmos e de controlarem aquilo que os cercava (MILANI, 2011). Desse modo, o século XIX é marcado por movimentos, como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, que apontam não só o descontentamento do povo, mas também a vontade de mudança. As modernizações alcançadas nessa época abriram espaço para novidades no campo da ciência, da política e do bem-estar social.

Esse clima de descobertas sociais e de esclarecimento dos povos possibilitou os mais diversos estudos. Uma vez que o expansionismo territorial acabara com muitas dúvidas dos homens em relação a sua presença na Terra, surgiram estudos que demonstram que a atmosfera de dúvida sobre a origem do ser humano no mundo perdurava na mente dos povos. (MILANI, 2011, p. 16)

O século XIX ainda foi palco de uma evolução social no pensamento do indivíduo; foi um período em que se discutiu filosoficamente todos os setores da vida social e humana, época em que Deus deixou de ser o centro do indivíduo e a razão seria, progressivamente, mais usada para decidir o que era certo ou errado. De acordo com Faraco (2004), a mudança nos estudos linguísticos no século XIX ocorreram pelas transformações sociopolíticas desencadeadas pelas revoluções que começaram no final do século XVIII e “explodiram” no século XIX. Nesse sentido, o autor afirma: “Embora à primeira vista haja no gesto de Saussure uma ruptura com o

⁵⁶ *Grosso modo*, as correntes filosóficas a que nos referimos, são: **Racionalismo**: corrente filosófica do século XVIII que afirmava a lógica da Razão como o verdadeiro elemento para o progresso humano; **Empirismo**: corrente filosófica do século XVIII, oposta ao Racionalismo que compreende que, na natureza, estão as respostas para a existência humana; **Criticismo de Immanuel Kant**: conjunto de obras filosóficas de Immanuel Kant em que se analisava os fatos racionais como os elementos fundamentais dessa filosofia; **Idealismo romântico**: recriação do comportamento humano segundo valores idealizados.

modo de fazer linguística do século XIX, podemos também pensá-lo como um gesto de continuidade.” (FARACO, 2004, p. 28). Assim, com toda essa revolução social e intelectual, a linguagem passou a ser tratada como “um fim em si mesma”, sendo estabelecido o princípio da imanência.

Antes do século XIX, quando a linguística ainda não havia adquirido caráter científico, os estudos nessa área eram dominados por embasamentos empíricos sobre a própria condição da linguagem, o que se dava na forma de glossários e gramáticas que tinham como objetivo explicar e conservar as formas linguísticas já conhecidas. Antes da era cristã, no século V, a primeira gramática destinada a preservar as escrituras sagradas surgiu na Índia. Na Grécia antiga, as questões abordadas sobre a naturalidade e arbitrariedade da linguagem⁵⁷ deram origem a duas escolas opostas: os analogistas, que sustentavam a regularidade básica da linguagem, devida à convenção, e os anomalistas, que consideravam que a linguagem era irregular, por refletir a irregularidade da natureza. O que decorre dessas questões foram abordadas pelos gramáticos romanos que, mais tarde, impulsionaram o progresso da gramática no Ocidente.

Desse modo, a ideia de a linguagem ser um reflexo da realidade fez com que as gramáticas especulativas medievais destacassem o aspecto semântico – relativo ao significado – da língua. Com o avanço dos estudos das línguas vernáculas e exóticas, no século XV, a tradição gramatical greco-romana, que até então imperava, perdeu a importância. Foi com a gramática geral de Port-Royal, escrita por estudiosos franceses no século XVII, que o comparativismo foi possível no século seguinte, já que a gramática de Port-Royal caracterizou os estudos linguísticos do século XVIII e explicitou a noção de signo como meio através do qual os homens expressam seus pensamentos.

Nessa perspectiva, os gramáticos de Port-Royal elaboraram teorias que estabeleciam não somente a relação entre pensamento e linguagem, mas também que ela se estenderia a todas as línguas. Assim, afirmaram que o homem raciocinava com base nos sons e nas vozes, ou seja, no aspecto externo da linguagem, para expressar o resultado daquelas operações (ARNAULD; LANCELOT, 1992). Orlandi (1986) assegura que uma das maiores contribuições das gramáticas gerais seria a de pensar a linguagem em sua generalidade e não a descrição de uma língua em particular. Já para o século XX, as gramáticas gerais ofereceram não só o modelo da análise sintática, mas também a terminologia gramatical que se consagrou: sujeito, predicado, objeto, adjunto etc. (AZEREDO, 1993). De todo modo, as gramáticas gerais foram importantes

⁵⁷ Que, *grosso modo*, seria a discussão do que existe na linguagem por natureza ou por convenção.

na constituição da linguística enquanto ciência.

Com o avanço da gramática comparatista, os estudos linguísticos do século XX passam a compreender uma nova perspectiva acerca do objeto de estudo da linguística. Os estudiosos, ao invés de se concentrarem na descrição histórica da língua, como faziam os comparatistas, deram maior ênfase ao estudo da linguagem. Em vista disso, a primeira metade do século XX foi definida pelo “corte epistemológico” instaurado por Ferdinand de Saussure (2006 [1916]), que, de todo modo, acabou “regendo” como a linguística seria empregada dali para a frente.

O século XX é marcado por representações, como explicou Chartier (1990, p. 17), que se inserem “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”, em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações” que se proliferaram em diferentes manifestações como: socialismo, democracias capitalistas, nacionalismos, fascismo, nazismo, ditaduras militares na América Latina, levantes anticoloniais, assim como movimentos sociais diversos. Desse modo, compreendemos que esse período possibilitou uma abertura para as ciências humanas “[...] ou seja, a descrição de padrões de cultura ou, por outras palavras ainda, pensamentos, sentimentos e a sua expressão em obras de arte e de literatura” (BURKE, 1991, p. 15).

Embora os embates epistêmico e social criados no século XX perdurem até os dias atuais, ganham força no final do século XX as discussões teórico-metodológicas que procuram:

- ir além do dualismo sujeito/objeto, sociedade/indivíduo;
- processo de institucionalização das disciplinas de humanas, o que inclui a linguística.

Para a ciência linguística, o século XX, foi profícuo, sobretudo pelos avanços produzidos em relação à linguagem e às gramáticas até então estudadas. Considera-se, de modo geral, o suíço Ferdinand de Saussure (2006 [1916]) o fundador do estruturalismo linguístico na Europa, haja vista suas ideias reunidas por seus discípulos Charles Bally e Albert Séchehaye e publicadas postumamente sob o título *Cours de linguistique générale*, em 1916.

Esse texto, que foi inspirado nas aulas dadas durante os anos de 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911, é o resultado final do trabalho filológico que esse linguista desenvolveu durante toda a sua vida intelectual. Saussure era um leitor extraordinário, com disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era quase obsessiva, o que pode ser deduzido de sua morte prematura causada por doenças que atualmente são consideradas com fundamentação no estresse. A riqueza de detalhes e a profundidade das informações revelam que Saussure levou ao extremo da perfeição uma metodologia de trabalho que, infelizmente, não deixou publicada enquanto metodologia, o que obriga aqueles que queiram entender seu método de estudo a fazer uso de conjecturas e deduções. A obra de Saussure se destaca por uma consciente perspectiva de implantar nos estudos linguísticos um modelo metodológico que previsse uma organização absoluta e um

objeto de estudo claro. Para ele, sem uma visão clara daquilo que devia ser estudado não poderia haver ciência, e sua dedicação aos estudos demonstra que foi essa a metodologia por ele praticada. (MILANI, 2000, p. 107)

O estruturalismo, conforme exposto na obra de Saussure (2006 [1916]), é baseado, em grande medida, na convicção de que a linguagem faz parte de um sistema abstrato composto por relações diferenciais entre todas as suas partes. Esse sistema se apresentaria subjacente aos fatos linguísticos concretos.

Saussure (2006 [1916]) estabeleceu uma série de definições e distinções sobre a natureza da linguagem que se tornaram o maior referencial dos estudos linguísticos nos séculos XX e XXI. O signo linguístico (re)aparece nesse contexto como elemento essencial na comunicação humana, como a combinação de um significante (expressão) e um significado (conteúdo), cuja relação arbitrária se define em termos sintagmáticos (entre os elementos que se combinam na sequência do discurso) ou paradigmáticos (entre os elementos capazes de aparecer no mesmo contexto). Com base nas definições estabelecidas por Saussure (2006 [1916]), os linguistas da escola de Praga passaram a distinguir fonologia e fonética, dois termos que eram usados para definir a ciência dos sons. Esses estudiosos também passaram a definir fonema como a unidade mínima do significante, que estaria no plano da língua. É nesse contexto de clima intelectual da época que linguistas como Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]) surgem.

O estudo da significação, na primeira metade do século XX, foi empreendido por Hjelmslev (2006 [1943]) como uma atividade semiológica, em que expressão e conteúdo se relacionam e coexistem na materialização e manifestação de ambos. Por outro, Jakobson (1963, 1971 [1952]) pontuou que, enquanto alguns teóricos afirmavam que a sintaxe lidava com as relações entre os signos, era a semântica que tratava das relações dos signos e das coisas. O autor concluiu que as relações semânticas são tão importantes quanto as relações sintáticas e que insistir no caráter intrinsecamente linguístico da semântica não seria uma novidade (JAKOBSON, 1963, p. 40). Tais constatações podem ter induzido as discussões empreendidas por Greimas (1976 [1966]) na segunda metade do século XX. O autor buscou inserir a linguística e a semântica nas ciências humanas ao afirmar (1976 [1966], p. 11) que a significação é o denominador comum desse campo de estudos.

3.1.2 A intervenção de Greimas nos estudos linguísticos

Como um linguista obscuro, recém-naturalizado francês, Julien/Guy Greimas veio a se metamorfosear nesse famoso semioticista, mundialmente conhecido, Algirdas

Julien Greimas?

(*Sémiotique en jeu*, Arrivé; Coquet, 1987)

Antes de dar sequência às pressuposições de Greimas (1976 [1966]), (re)lembramos o clima intelectual a que o autor estava imerso e qual o percurso acadêmico por ele traçado⁵⁸. Nascido na Rússia, graduado em Direito, na Lituânia, e em Linguística, em Grenoble, e pós-graduado na Sorbonne, em Paris, com especialidade em lexicografia, Algirdas Julien Greimas começou sua carreira acadêmica como professor em um colégio interno católico francês para meninas em Alexandria, no Egito. Nessa época, ele participava de um grupo de discussões semanais com estudiosos europeus que incluíam filósofos, historiadores e sociólogos. O contato com pesquisadores de diversas áreas de humanas fez com que o pesquisador atenuasse seu interesse pelo estudo do social. Quando regressa à França, em 1944, para continuar seus estudos linguísticos para o doutorado na Sorbonne, sua preocupação ainda não era voltada ao que mais tarde se tornaria a semiótica greimasiana ou semiótica discursiva, e, no ano em que se comemorou o quadragésimo aniversário de publicação do *Curso de Linguística Geral*, buscou “mostrar a eficácia do pensamento de F. de Saussure que, ultrapassando os quadros da linguística, vê-se atualmente retomado e utilizado pela epistemologia geral das ciências do homem” (GREIMAS, 1956, apud ARRIVÉ, 2007, p. 209). De acordo com Arrivé (2007, p. 209), Greimas ansiava estender a teoria de Saussure em uma metodologia aplicável às outras ciências humanas.

Pode-se dizer que foi em Alexandria, onde permaneceu por nove anos, que Greimas começou a delinear pressuposições sobre a semiótica, já que, nesse período, teve contato com diversas obras⁵⁹, entre elas, as de Saussure (2006 [1916]), fundador da linguística, e Hjelmslev (2006 [1943]), responsável pela *Glossemática*.

Também se manteve muito próximo do pesquisador em semiologia, Roland Barthes (1967 [1963]), compartilhando os mesmos interesses sobre a linguagem. Nesse sentido, ambos se esforçaram para compreender o mundo com o auxílio da linguística disponível na época. Anos mais tarde, Greimas se tornou chefe do Departamento de Língua Francesa e Gramática em Ancara, na Turquia, e, em 1960, juntamente com outros estudiosos da língua, estabeleceu a *Société d'Étude de la Langue Française*, que marcou a linguística na França, já que se opunha aos estudos tradicionais de filologia da língua.

⁵⁸ As informações biográficas sobre Greimas foram retiradas de Arrivé; Coquet (1987) e Arrivé (2007).

⁵⁹ Destacando o contato de Greimas com: George Dumézil, mitólogo comparatista, Claude Lévi-Strauss, antropólogo estruturalista, Vladimir Propp, estudioso de contos de fadas, Étienne Souriau, estudioso da estética do teatro, Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, filósofos ligados à fenomenologia, Gaston Bachelard, psicanalista e André Malraux, historiador de arte.

Dois anos depois, quando foi nomeado professor de Ciências da Linguagem da Universidade de Poitiers, na França, com toda a bagagem sociointelectual que trazia do Egito, começou a pesquisa *semiótico-linguística* e acrescentou à teoria da significação uma abordagem sistemática, que veio a ser chamada de análise estrutural da linguagem ou linguística estrutural. Foi nesse período que Greimas começou a maturar as reflexões que dariam origem à *Semântica Estrutural* (1976 [1966]).

Dosse (1993) classificou o ano de 1966, da primeira publicação de *Semântica Estrutural*, como o “ano luz” do estruturalismo francês⁶⁰, por causa das diversas manifestações e publicações nesse período. Para esse pesquisador, as pesquisas desenvolvidas em território francês desempenharam um papel importante na academia científica em geral, sendo hipóteses para esse “fenômeno” – ascensão do estruturalismo na França:

- A discussão que emergia, no país, entre a linguística “tradicional” e a linguística “moderna”;
- A importância dada ao intelectual francês, para além de sua competência específica;

Todas essas circunstâncias possibilitaram que a França se tornasse o país dos adeptos ao estruturalismo, grandes personalidades, nesse sentido. Assim, compreendemos que foi ali que o estruturalismo ganhou força e voz e só depois se expandiu para o interesse de intelectuais de outros países. Greimas, quando escreveu *Semântica Estrutural* (1976[1966]), estava inserido nesse “clima de opinião” (KOERNER, 1996), portanto não seria coincidência o fato de a teoria ter sido elaborada em uma perspectiva estrutural e Greimas ter vivido tanto tempo na França.

3.2 Camada teórica

Nosso objetivo, neste item, é apresentar diálogos dos autores concernentes à noção de planos da linguagem, seja sob a forma de crítica seja de concordância. Esta análise nos possibilita discutir alguns índices da percepção dos próprios autores acerca de suas obras e do lugar delas no amplo conjunto de trabalhos produzidos sobre o signo e os planos da linguagem ao longo do tempo.

3.2.1 Ferdinand de Saussure

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias.

⁶⁰ Conforme Dosse (1993, p. 222), “o estruturalismo não é um método novo: é a consciência desperta e inquieta do saber moderno”.

(SAUSSURE, 2006 [1916], p. 24).

Saussure (2006 [1916]), com o que podemos chamar de primeira noção do objeto da linguística, joga luz sobre a “experiência de impasse” dessa ciência (AGAMBEN, 2007) ao introduzir a noção de signo conforme refletia sobre a linguagem e a língua. Ele é, sem dúvidas, um clássico, mas, ainda assim é “um clássico” a que sempre se faz referência, mas que não se lê (RODRIGUES, 1980), ainda que tenha promovido aberturas teóricas, descritivas e heterogêneas na linguística, a exemplo da noção de signo, que continuou, porém presa a uma “redução metafísica do significar”, segundo Agamben (2007, p. 242), melhor dizendo, pela relação entre uma imagem acústica e um conceito, independente do sistema.

Isso resultou, de certa forma, no estabelecimento, na linguística, de que a língua corresponde a um sistema de signos que expressa ideias. De fato, Saussure (2006 [1916]) não inicia “um método”, simplesmente suspende métodos e descrições gramaticais que até então eram estudados (LEMOS *et al.*, 2003) e introduz uma nova perspectiva, que pode ser notada por meio de suas definições e discussões singulares sobre a linguagem, unidade linguística; na enunciação de um “objeto concreto e integral” da linguística; nas concepções relacionadas às operações do sistema linguístico e seus elementos; na instituição do “significante linguístico”; e ainda, de forma inusitada, na implicação da noção de valor na reflexão sobre a linguagem, que suspende a ideia sedimentada de que esta última “é uma lista de termos que corresponderiam a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 79).

3.2.2 Louis Hjelmslev

Continuador da teoria empregada por Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (2006 [1943]) parece tentar dar voz e amplitude aos achados póstumos de Saussure, legando elementos sólidos para estabelecer uma teoria com metodologia descritiva da língua natural. Metódico e perfeccionista, com a *Glossemática*, tentou esgotar as possibilidades de combinação dos elementos da língua. Contribuindo para a noção de signo e, mais ainda, para a noção de planos da linguagem, Hjelmslev (2006 [1943]) peca, se ainda podemos dizer, pelo excesso de informações, o que o torna cansativo, de difícil entendimento e com poucos leitores que acessam a sua própria obra. Concordamos com Bevidas (2015) quando afirma que a epistemologia da teoria de Hjelmslev:

[...] veio, no meu entendimento, anunciada com o gesto saussuriano da proposição do princípio do arbitrário do signo, do pacto semiológico que ele instaura e do contínuo

ato semiológico que dele deriva como modo de presença e vida dos signos na vida social. (BEIVIDAS, 2015, p. 2).

Não tem como ler Hjelmslev (2006 [1943]) e compreender sua *Glossemática* sem levar em conta as teorias com que ele dialoga. Embora haja críticas sobre a teoria do autor, principalmente no que tange à sua complexidade e magnitude, é em Hjelmslev (2006 [1943]) que o conceito de imanência, prenunciado em Saussure (2006 [1916]), se instaurou, se legitimou e se estendeu na esfera metodológica da teoria da linguagem. A imanência, com Hjelmslev (2006 [1943]), galgou um patamar acima do que já se havia visto: uma metodologia própria da linguística-linguística que, de certo modo, construiu o seu próprio conceito como “a forma de conceber o mundo” (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 173). Os postulados hjelmslevianos “gerenciam” as principais construções de imanência da linguagem, possibilitando, posteriormente, a semiótica greimasiana se moldar em uma teoria criada de uma forma (imane)nte).

3.2.3 Roman Jakobson

Talvez algumas pessoas ainda possam se perguntar: Por que ler Jakobson para compreender Greimas? A resposta pode não ser tão simples quanto parece, mas, sem dúvidas, Jakobson (1971 [1952]) contribuiu, e muito, para a linguística em geral, como para os estudos da semiótica discursiva. Não podemos deixar de citar que esse pesquisador, entre 1928 e 1929, trabalhou com a questão do significante, um marco importante para, posteriormente, tratar a ciência linguística a partir da poética, fato que vai caracterizar uma diferença significativa, recriada por Greimas (1975b [1972]), no modo como irá problematizar a ciência da língua.

Jakobson (1971 [1952], p. 161), junto aos demais formalistas da época, reivindicava, para a linguística, “o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos”. Além disso, o autor também propôs uma classificação diferenciada das ciências da linguagem para analisar a linguagem literária, tratada, posteriormente, como uma “nova” disciplina: a poética.

As discussões jakobsonianas sobre a poética conferiram, à semiótica discursiva, uma fundamentação linguística até então pouco desenvolvida. O signo poético, trabalhado pelo autor, abriu precedentes para discussões de que a poesia se constrói linguisticamente a partir de uma relação motivada entre o som e o sentido. O debate por ele proposto buscou explicar o fenômeno poético em congruência do objeto literário, assim, o “signo poético” seria resultado de uma linguagem poética criada pela equivalência entre o sentido e as demais estruturas da

linguagem poética. Nas palavras do autor, “o objeto da semiótica é a comunicação de mensagens, enquanto o campo da lingüística se restringe à comunicação de mensagens verbais” (JAKOBSON, 1970 [1968], p. 20). A poética, por fim, seria compreendida por Greimas (1975b [1972]) devido à dedicação de Jakobson (1971 [1952], 1970 [1968]) a uma linguística voltada ao significante e à poesia, e que, entre os seus vários domínios, dava lugar àquele cujo fim é o estudo da literatura enquanto arte verbal.

3.2.4 Algirdas Julien Greimas

Como citado acima, Greimas (1976 [1966]) criou a semiótica francesa influenciado por três áreas do conhecimento: linguística, antropologia e a filosofia. O pesquisador galgava uma disciplina que atendesse a diversas áreas da linguística, assim, propôs uma teoria “mais geral” para analisar textos verbais e não verbais.

A disciplina semiótica passou por várias transformações durante o seu percurso. O próprio Greimas (1976 [1966]), diversas vezes, retomou e ampliou noções e conceitos, como se ele mesmo se “autocorrigisse”, fazendo isso como uma bricolagem. Isso, é claro, devido às diversas transformações socioculturais de cada década e às transformações textuais que decorrem pelo avanço social. Inspirado, principalmente, em Saussure (2006 [1916]) e Hjelmslev (2006 [1943]), publicou, em 1966, a obra fundadora da semiótica discursiva, *Semântica Estrutural*. Mas, não apenas esses dois linguistas fazem parte do “horizonte de retrospectão” (AUROUX, 2014) do autor, os trabalhos de antropologia cultural de Lévi-Strauss (1958) e Marcel Mauss (2003 [1950]) também são “fonte” para a semiótica. A conexão das obras desses autores com Greimas (1976 [1966]) está no anseio de estudar o que rege o discurso e como o discurso se dá no imaginário humano. Influenciado também pela fenomenologia, a semiótica é criada “à margem” do parecer que é constituído no e pelo discurso.

Nos anos 1970, percebemos a influência também de Roman Jakobson (1971 [1952]) para que o mestre lituano desse “os primeiros passos” rumo a uma semiótica voltada ao significante, à expressão. Ainda que, nessa época o autor não tenha feito proposições mais delimitadas acerca da análise da expressão, o trabalho realizado por Greimas (1975b [1972]) possibilitou que a semiótica do visual, nos anos 1980, projetasse uma metodologia mais estruturada e direcionada às análises do plano da expressão. Os anos 1980, por sua vez, foram marcados pela aspiração de uma “semiótica do futuro”, época que a semiótica do sensível emerge na publicação da última obra de Greimas (1987), *De L'Imperfection*. Essa obra assumiu, segundo Fecine (2006, p. 2):

(...) como projeto a descrição de um sentido cuja particularidade é justamente o ser sentido, provado, vivido (...) e sua constante preocupação em descrever agora um sentido que se dá em ato, seja nas experiências individuais, seja nas práticas sociais cotidianas, nas quais estão necessariamente envolvidos componentes afetivos e sensoriais.

O autor, mesmo que de maneira “filosófica”, faz projeções de uma semiótica constituída pela grandeza dos dois planos da linguagem e prenuncia uma disciplina em que a expressão seria o cerne na contemporaneidade.

3.2.5 Desdobramentos da semiótica discursiva

Posterior aos postulados de Greimas, outros semioticistas estenderam as análises a outros objetos. Alguns, como Lindekens (1971a [1968]; 2005[1975]) e o Groupe μ (1992 [1967]), já vinham fazendo isso desde a década de 1960, trabalhando com objetos pouco explorados por Greimas (1976 [1966]) e dando atenção às análises sobre o plano da expressão. Após os anos 1980, buscando dar conta de uma complexidade que até então o percurso gerativo de sentido e o quadrado semiótico não faziam, a semiótica se enveredou em um simulacro teórico metodológico que desse conta das representações visuais, em textos não verbais, das relações em que os traços distintivos eram constituídos por uma mesma categoria semântica. Jean-Marie Floch, com sua semiótica plástica, propôs “entender não só as condições de produção, mas também um certo tipo de relação entre um significante (visual) e um significado” (FLOCH, 2006 [1985], p. 2), bem como Thürlemann (1982, 1986), que também contribuiu para a compreensão do plano da expressão em textos plásticos.

Na década seguinte, antes da morte de Greimas, ele mesmo e Fontanille (1993 [1991]), com a *Semiótica das Paixões*, buscaram lidar com as transformações contínuas que podem ocorrer por meio dos estados de alma, dentro de uma perspectiva que englobaria o sensível e não apenas o cognitivo. Com o avanço da semiótica em áreas que até então não haviam sido exploradas, Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]) lançaram a chamada semiótica tensiva, que trata os planos da linguagem como fenômenos não-binários, mas de caráter contínuo. O quadrado semiótico, até então utilizado na semiótica, abriu espaço para o gráfico tensivo, caracterizado pela intensidade e extensidade que, *grosso modo*, corresponderiam à dimensão do sensível e o lugar do inteligível, respectivamente. Em razão de todas essas mudanças que decorrem de uma semiótica não mais voltada só à imanência, afirmam os autores:

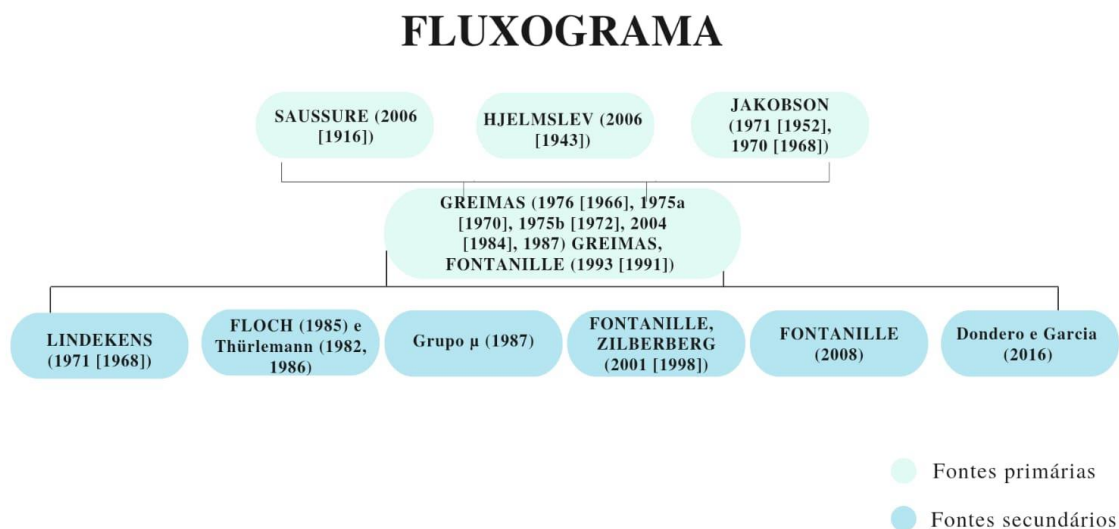
[a semiótica atual] não é nem exatamente a mesma, nem completamente outra, quando

comparada à dos anos 70. Uma seria mais binarista, logicista, acrônica, mal concedendo um lugar ao sensível; a outra, mais semiótica das paixões, da intensidade, preferindo a dependência e a complexidade às diferenças meramente binárias. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 [1998], p. 11).

Fontanille e Zilberberg (2001 [1998], p. 13) ainda argumentam, na obra, que depois dos anos 1990, além da “bricolagem (cf. Jean-Marie Floch, *Identités Visuelles*, que toma a noção de Lévi-Strauss para aplicar à enunciação) do que um algoritmo de engendramento universal”, há uma desvinculação da semiótica do antigo estruturalismo *stricto sensu*, herança de Saussure (2006 [1916]), que pretende encaixar as análises no plano da expressão a qualquer custo nas estruturas formais predeterminadas.

Com base em tudo o que foi dito, observe o fluxograma representado na Figura 10:

Figura 10 - Fluxograma das fontes primárias e secundárias.



Fonte: Autora.

Procuramos demonstrar, nesse fluxograma, a estruturação das fontes a partir da classificação dos autores que se enquadram como fontes primárias e secundárias⁶¹, segundo as problematizações ora apresentadas. Fica claro, quando olhamos essa figura, que a base estruturalista moldou todo o pensamento greimasiano e pós-greimasiano, e isso interferiu

⁶¹ Consideramos como fontes primárias as primeiras obras que marcaram a teoria semiótica, sendo as bases para que os demais autores fizessem desdobramentos acerca da disciplina. As fontes secundárias seriam as obras posteriores as primárias, mas com o mesmo grau de importância.

diretamente na noção de planos da linguagem e na estrutura teórico-metodológica da semiótica discursiva. Na próxima camada, mapearemos e descreveremos os termos signo e planos da linguagem e seus hipônimos, a fim de demonstrar como eles significam e são conceituados.

3.3 Camada técnica: descrição de termos

Na camada técnica, definiremos os termos planos da linguagem, signo, conteúdo, expressão, significado e significante, de acordo com o *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], 1989) em seus dois tomos. Ambos são caracterizados por um duplo sistema e interdefinição de verbetes que funcionam como “links” conceituais. Assim, a definição de um verbete implica sempre na referência a outro verbete no dicionário. Na descrição dos conceitos, ainda é feito outro tipo de remissão, que permite apresentar melhor o conceito que está sendo definido, seja no interior da própria teoria ou na relação que se faz com determinado lugar epistemológico circunscrito. O primeiro volume do *Dicionário* é caracterizado, sobretudo, por uma “lista aberta” de conceitos, com diferentes graus de definições e amadurecimento, permitindo que, ao longo do tempo, novas contribuições surgissem. Foi com base nesse propósito que surgiram os dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986⁶²), que, juntos, agrupam quase 900 conceitos/verbetes (a grande maioria deles com, no mínimo, três interdefinições cada).

No primeiro tomo, Greimas trabalhou com Joseph Courtés, e, no segundo tomo, com um grande número de pesquisadores do *Groupe de Recherches Sémio-linguistiques – EHESS/CNRS*, Paris –, entre eles, Jean-Marie Floch e Thürlemann.

3.3.1 A definição de “planos da linguagem”

No tomo I do *Dicionário de Semiótica*, de Greimas e Courtés (2012 [1979]), o termo planos da linguagem aparece 22 vezes na descrição de vários verbetes. A primeira “aparição” ocorre com o verbete “Biplana”, em cuja definição se lê: “As semióticas biplanas - ou semióticas propriamente ditas, consoante L. Hjelmslev - são as que comportam dois planos (de linguagem), cujas articulações paradigmáticas e/ou divisões sintagmáticas são diferentes: é o caso das línguas naturais” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 40). No verbete

⁶² Entre os termos propostos, no tomo II, os autores do dicionário francês haviam distinguido os Complementos (C), as Novas Entradas (N), os Debates (D) e as Propostas (P).

“Comutação”, os planos da linguagem são classificados pela “relação de solidariedade (da pressuposição recíproca)”, ou seja, se existe uma correlação entre os planos, a comutação torna-se “um procedimento de reconhecimento de unidades discretas de um ou de outro plano da linguagem” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 69).

De acordo com o verbete “Expressão”, os planos da linguagem são classificados como o todo que irá, posteriormente, distinguir o plano do conteúdo e o plano da expressão, assim, “a distinção desses dois planos da linguagem é, para a teoria hjelmsleviana, logicamente anterior à divisão de cada um deles em forma e substância” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 174). No verbete “Figura”, os planos da linguagem são caracterizados como unidade total de categorias figurativas, isto é, “pode-se reservar o nome de figuras exclusivamente para as combinações de femas ou de semas, que são os fonemas e os sememas” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 184). Os planos da linguagem aparecem, também, no verbete “Forma” como responsáveis pelo estudo da forma da expressão “com relação à fonética, estudo da substância” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 193). A atribuição que temos de planos da linguagem, até aqui, é voltada quase que inteiramente a um elemento que é dividido em partes.

No verbete “Isomorfismo”, por outro lado, os planos da linguagem são “responsáveis” por definir uma semiótica “monoplana”, já que “o isomorfismo dos planos da expressão e do conteúdo é contestado pelos defensores da dupla articulação” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 245). Quanto ao verbete “Linearidade”, nele, os planos da linguagem aparecem como elementos que devem ser analisados separadamente, assim o termo é usado no verbete para explicar que o conceito de “linearidade” é limitado, pois os planos da linguagem “não estão sujeitos às imposições da linearidade” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 257).

No verbete “Linguagem” a descrição em que aparece planos da linguagem é:

Se o estudo da linguagem é tarefa da teoria semiótica, o estudo das linguagens particulares pertence as diversas semióticas. Entretanto, a tipologia dessas linguagens está longe de ser feita e os primeiros ensaios repousam sobre critérios pouco seguros e pouco rentáveis (como as classificações segundo a "natureza" dos signos * em função da sua relação com o referente*, segundo a substância* de seu significante * ou, o que vem a dar na mesma, segundo os canais* de transmissão, ou, enfim, segundo o número de **planos da linguagem**, que entram na composição de uma semiótica dada). Deter-nos-emos aqui apenas em algumas distinções tradicionais. (GREIMAS, COURTÉS, 2012 [1979], p. 260, grifo nosso).

Essa descrição aproxima-se do próximo verbete, “Manifestação”, que coloca os planos da linguagem em diferentes níveis de profundidade, nos quais o “que se podem distinguir são articulações da estrutura imanente de cada um dos dois planos da linguagem (expressão e

conteúdo) tomados separadamente” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 269). Em ambas as definições, os planos da linguagem são descritos como elementos que podem, e devem, ser observados separadamente.

Já no verbete “Permutação” os planos da linguagem aparecem semelhantes à descrição feita no verbete “comutação”, salvo pelo fato de que a relação “constatada entre as modificações que intervêm nos dois planos da linguagem diz respeito não mais a substituições entre termos paradigmáticos e sim a transposições no interior dos sintagmas” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 332) e no verbete “Plano”, o “reconhecimento dos planos da linguagem é um dos postulados para uma definição semiótica” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 336).

A próxima “aparição” de planos da linguagem é no verbete “Poética”, que descrevemos na íntegra:

Não será a mesma coisa quando se tratar do fato poético em sentido restrito, isto é, de um domínio semiótico autónomo, **fundamentado no reconhecimento de articulações paralelas e correlativas que envolvem os dois planos** (a expressão* e o conteúdo*) do discurso ao mesmo tempo. Essa “dupla articulação” (não no sentido de Martinet) – cuja forma relaxada, distensa, é reconhecível graças às regularidades prosódicas da versificação, e que atinge um grau de condensação exacerbada na poesia dita simbolista (ou em certos textos sagrados) — não é, entretanto, suficiente para definir o discurso poético. A célebre intuição de Jakobson, segundo a qual o discurso poético corresponderia à projeção do eixo paradigmático* sobre o eixo sintagmático, deu um novo impulso às investigações poéticas (Les Chats de Baudelaire, na análise de R. Jakobson e C. Lévi-Strauss, marcam época): a suspensão, no momento da leitura, das relações hipotáticas* que regem o discurso, em favor das relações taxionômicas enfaticamente sublinhadas, **permitiu conceber possíveis definições de unidades* e de isotopias* poéticas, situadas sobre os dois planos da linguagem.** Ao mesmo tempo, outras pesquisas puseram em evidência a existência de uma narratividade* poética e de transformações* que articulam o discurso poético no seu nível mais profundo*. Precisa-se, assim, o estatuto paradoxal do discurso poético: sintacticamente, é um discurso abstrato*, comparável por isso aos discursos praticados na lógica e nas matemáticas; semanticamente, é um discurso figurativo* e, como tal, garantia de uma forte eficiência comunicativa. Não surpreende, pois, que o efeito * de sentido que dele se desprende seja, como no caso do discurso sagrado, o da verdade. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 340, grifos nossos).

O próximo verbete, que acompanha o verbete “poética”, é “Rima” e nele os planos da linguagem aparecem como um fenômeno ligado à prosódia: “é um prosodema que não dá ênfase à identidade dos significantes a não ser para melhor sublinhar a alteridade dos significados” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 386). No verbete “Sema”, os planos da linguagem são definidos como elementos da significação: “Mantendo o paralelismo entre os dois planos da linguagem, pode-se dizer que as semas são elementos constitutivos dos sememas, da mesma forma que os femas o são dos fonemas”. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 391-392).

No verbete “Tipologia semiótica”, cuja descrição é extensa, os planos da linguagem

aparecem em uma das definições tendo em vista a distinção do critério de cientificidade, “isto é, pela necessidade absoluta de dispor, querendo falar de semiótica, de uma teoria explícita” e, além disso,

[...] pela utilização, como critério, dos planos da linguagem (significante e significado tomados globalmente), critério já inscrito na definição da semiótica e, por isso, homogêneo (ao passo que a substância ou referente introduzem variáveis suplementares e heterogêneas). Isso nos obriga a considerar a tipologia proposta como algo que faz parte de uma teoria de conjuntos: pode-se rejeitar a teoria em bloco, mas não a classificação sozinha. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 413).

O verbete “Signo”, o qual consideramos em toda nossa tese como um termo correlato, ou como a primeira noção de planos da linguagem, é descrito como uma unidade do plano da manifestação, constituído pela função semiótica e pela “relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade) que se estabelece entre grandezas do plano da expressão (do significante) e do plano do conteúdo (significado) no momento do ato de linguagem”, postulando, assim, para cada um dos dois planos da linguagem, “a distinção entre forma e substância”. A relação entre os planos do conteúdo e da expressão, nesse sentido, precisa “a natureza do signo como reunião entre a forma da expressão e a forma do conteúdo (desse modo, no plano da expressão, é a estrutura fonológica, e não fonética, que entra na constituição dos signos)” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 422). Ainda, no mesmo verbete, o signo é constituído pelo “exercício da linguagem” que produz a manifestação semiótica. Assim, a análise dos signos é produzida “pela articulação da forma da expressão e do conteúdo” o que só se torna possível “quando os dois planos da linguagem são antes dissociados para serem estudados e descritos, cada um separadamente” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 422). Em outras palavras:

se a análise da manifestação, ao visar o reconhecimento e o estabelecimento dos signos mínimos, constitui uma premissa necessária, a exploração semiótica não começa verdadeiramente a não ser aquém do signo mínimo e deve ser prosseguida em cada um dos planos da linguagem separadamente, nos quais as unidades constitutivas não são mais signos e sim figuras. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 422).

Adiante, temos o verbete “Sintagma”, que é aplicável a todos os planos da linguagem e a unidades de diferentes dimensões. Assim, “a sílaba, por exemplo, é um sintagma do plano da expressão em que o núcleo silábico é considerado como o elemento pressuposto em relação com os elementos periféricos, que são os pressupostos” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 428). No verbete “Substituição”, temos o oposto da “comutação”, descrita anteriormente, uma vez que “a troca entre os membros do paradigma de um dos dois planos da linguagem não acarreta uma troca paralela no outro plano”. A substituição permite, assim, “reconhecer as variáveis no quadro

de uma estrutura de invariâncias” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 444).

O último verbete em que aparece o termo planos da linguagem é “Unidade” que é própria a cada um dos planos da linguagem. Assim:

Os morfemas, por exemplo, são unidades do plano dos signos, os fonemas, do plano da expressão, os sememas, do plano do conteúdo. Os signos ou “unidades significantes” podem ser, então, diferenciados dos fonemas e dos sememas que, como articulações de um mesmo plano da linguagem, têm de ser considerados como “unidades não significantes” (ou figuras*, na terminologia de Hjelmslev). Além disso, as unidades de cada plano possuem organização hierárquica* e dimensões desiguais: o morfema, signo mínimo, faz parte de signos mais amplos como a frase ou o discurso; o fonema entra na composição das sílabas, e assim por diante. A dependência hierárquica das unidades umas em relação com as outras faz parte, portanto, da definição da unidade. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 473-474).

Ainda, os planos da linguagem são descritos como pertencentes a uma subclasse de ocorrências-variantes de uma unidade. A definição desse verbete retoma a preocupação do linguista Hjelmslev (2006 [1943]) com classificar as categorias de determinações sintagmáticas complementares. Mais ainda: “tal abordagem convergente – ao mesmo tempo paradigmática e sintagmática – revela-se fecunda nas pesquisas comparativas [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 474).

Já no tomo II do *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), o termo planos da linguagem, ou *plans du langage*, não aparece como “palavra inteira”, como no tomo I. A pesquisa feita aponta para recorrência da palavra “plans” separada de “langage”, palavras que significam planos e linguagem em português. Assim, nossa busca se deu pela recorrência do termo “plans” para compreender em que sentido a palavra aparece, em quais verbetes, e se se refere aos planos do conteúdo e da expressão⁶³.

Em “Aspectualisation”⁶⁴, o termo plano é referente ao “primeiro plano da narrativa” que, de certa forma, faz com que os planos do conteúdo e da expressão sejam constituídos em uma cadeia de práticas pragmáticas e cognitivas (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 21-22)⁶⁵. Outro verbete em que aparece o termo “plans” é “Espace”⁶⁶, que explica que os dois planos da linguagem são “responsáveis” pela “organização” e definição dos elementos constitutivos que irão nortear a noção de espaço no texto, permitindo, assim, diferentes níveis de abstração no percurso gerativo do sentido

⁶³ Lembrando, também, que o tomo II do *Dicionário de Semiótica* não descreve diversos verbetes, entre eles: conteúdo; expressão; signo; significado e significante.

⁶⁴ Aspectualização, em português.

⁶⁵ No original: Cet aoriste est la valeur aspectuelle manifestée précisément par les << premiers plans >> du récit, qui nous donnent régulièrement les énoncés narrativement constitutifs de l’enchaînement du faire pragmatique et cognitif.

⁶⁶ Espaço, em português.

(GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 78-79)⁶⁷. Em “Fiction”⁶⁸ a questão dos planos é tratada como o desdobramento do enunciado inscrito no discurso e que se cruza em planos enunciativos. (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 88)⁶⁹.

No verbete “Focalisation”⁷⁰ os planos aparecem na mesma perspectiva encontrada no verbete “aspectualisation”, sendo descritos como elementos constitutivos do objeto semiótico (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 94)⁷¹. Na sequência, temos o verbete “Intelligence artificielle”⁷², que nos leva a uma construção mais detalhada sobre os planos conforme descreve, sobretudo, a projeção dos sistemas artificiais das “faculdades” do homem; os planos são mencionados como parte desses sistemas capazes de estabelecer a ação e a comunicação humana por meio dos textos (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 114).

O próximo verbete “Point de vue”⁷³ parece complementar (sob a ótica dos planos) o anterior. A descrição (dos planos) se dá principalmente na percepção ou no conhecimento de um sistema de valores e competências que se convertem em planos, objetos, sujeitos e cenas (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 171). Concernente ao verbete “Semi-symbolique (système, langage, code)”⁷⁴, este traz uma descrição que completa as definições não só de planos, como também de expressão, conteúdo e de todo processo de homologação entre os dois planos.

O conceito de linguagem semissimbólica ou ‘molar’ foi proposto por Greimas e Courtés, a fim de esclarecer a teoria hjmsléviana sobre línguas monoplanas ou sistemas de símbolos. Ao contrário dos sistemas de símbolos puros (linguagens formais, por exemplo), os sistemas semissimbólicos são caracterizados não pela conformidade entre as unidades do plano de expressão e o plano de conteúdo, mas pela correlação entre as categorias dos dois planos. [...] Outros, por outro lado, serão reconhecidos a partir da análise da totalidade de uma comunicação [...] das categorias dos dois planos. (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 203-204, tradução nossa)⁷⁵.

Por outro lado, no verbete “Symbole”⁷⁶ os planos são utilizados para descrever a proposta

⁶⁷ Passagem sobre os dois planos no original: [...] la mise en relation des parcours des deux plans permettrait peut-être de caractériser ces sémitoques d’une façon formelle, amenant ainsi à en modifier la dénomination [...].

⁶⁸ Ficção, em português.

⁶⁹ No original: [...] la fiction relève du débrayage énoncif qui circonscrit dans un discours plusieurs segments qui s’agencent em plans énoncifs [...].

⁷⁰ Focalização, em português.

⁷¹ No original: [...] la mise en perspective, conçue comme installation de plans succession derrière l’objet, avec l’occultation possible qui peut en résulter [...].

⁷² Inteligência artificial, em português.

⁷³ Ponto de vista, em português.

⁷⁴ Semissimbólico (sistema, linguagem, código), em português.

⁷⁵ No original: Le concept de **langage semi-symbolique** ou <<molaire>> a été proposé par Greimas et Courtés (v. **Sémiotique** 5.d) dans le but de préciser la théorie hjmslévienne concernant les langages monoplanes ou systèmes symboles. Contrairement aux purs systèmes de symboles (les langages formels, par exemple), les systèmes semi-symboliques et sont caractérisés non pas par la conformité entre des unités du plan de l’expression et du plan du contenu, mais par la corrélation entre des *catégories* relevant des deux plans. [...] D’autres, par contre, seront reconnus a partir de l’analyse de la globalité d’une communication ne réalisant alors que la relation sémiotique entre seuls termes positifs ou les seus termes négatifs des catégories des deux plans (grifos do autor).

⁷⁶ Símbolo, em português.

de Saussure (2016 [1916]) e Hjelmslev (2006 [1943]) sobre a conformidade entre os dois planos da linguagem, propondo que conteúdo e expressão sejam “interpretáveis”, mas não “biplanos”. A articulação entre Saussure e Hjelmslev está situada na medida em que o “elo natural” que, no *Curso de Linguística Geral*, une as duas faces do símbolo, é interpretado, nos *Prolegômenos*, como “conformidade” entre os dois planos.

A possibilidade de constituir sistemas é conferida aos símbolos hjelmslevianos devido ao fato de que, ao contrário de seus colegas saussurianos, a conformidade de seus dois planos não implica nada quanto à possível relação com o referente. A Escola de Paris usa a noção de sistemas semissimbólicos em um senso em que reconhecemos, afetada pelo prefixo semi-, a concepção hjelmsleviana de sistemas de símbolos: sistemas semissimbólicos apresentam fenômenos de conformidade, não termo a termo, eventualmente entre elementos dos dois planos, mas entre algumas de suas duas categorias. (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 216, tradução nossa⁷⁷).

No penúltimo verbete, “Synchrétiques (sémiotiques)”⁷⁸, os planos são descritos a partir dos planos das semióticas que são constituídas pelas formas e substâncias do plano do conteúdo e do plano da expressão. Nesse verbete, os planos são fundamentais à compreensão de textos mais complexos e que misturam diversos tipos de linguagem, principalmente quando se trata do plano da expressão (sobre o qual discutiremos na sequência) (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 217). No último verbete que comporta a palavra “plans”, “Vouloir/volition”⁷⁹, os planos da linguagem aparecem como a dualidade proposta na semiótica tensiva “intensidade/extensidade”, cujo propósito é estabelecer uma direção que pode “caracterizar um enunciado inteiro” (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 253-255)⁸⁰.

3.3.2 Hipônimos dos planos da linguagem

O termo planos da linguagem “aparecem” em diversas funções ou relações lógicas em um “fluxograma” ou “rede” de apoio para compreensão de outros termos. Confira o quadro abaixo, que apresenta uma rede de termos presentes no *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]), que estão interligados ao termo planos da linguagem:

⁷⁷ No original: La possibilité de constituer des systèmes est conférée aux symboles hjelmsléviens en raison du fait que, contrairement à leurs homologues saussuriens, la conformité de leurs deux plans n'implique rien quant à leur éventuelle relation avec le référent. 4. L'École de Paris utilise la notion de systèmes semi-symboliques dans un senso à se reconnaît, affectée par le préfixe semi-, la conception hjelmslévienne des systèmes de symboles: les systèmes smi-symboliques présentent des phénomènes de conformité non pas terme a terme entre éléments des deux plans, mais entre certaines de leus catégorie.

⁷⁸ Sincrético (semiótica), em português.

⁷⁹ Querer/Volição.

⁸⁰ No original: Le couple extense/intense est la seconde catégorisation recommandée par Hjelmslev, après celle distinguant les constituants des caractérisants; elle; établit, dans les deux plansm les éléments qui possèdent la propriété d'établir une direction, c'est -à - dire qui peuvent << caractériser um Énoncé entier>>.

Quadro 3 - Rede de termos intercalados a planos da linguagem.

Biplana	→ Semiótica, Conformidade, Univocidade.
Comutação	→ Permutação, Substituição, Invariante, Variável.
Expressão	→ Significante, Conteúdo, Forma, Substância.
Figura	→ Figurativização, Metáfora.
Forma	→ Estrutura, Expressão, Conteúdo, Formal.
Isomorfismo	→ Homologação
Linearidade	→ Sintagmática, Distribuição, Árvore, Textualização.
Linguagem	→ Semiótica, Língua.
Manifestação	X
Permutação	→ Comutação
Plano	→ Planar (semiótica).
Poética	→ Literária (semiótica), Metáfora, Unidade (poética).
Rima	→ Prosódia, Posição.
Sema	→ Sêmica (análise), Estrutura, Quadrado semiótico, Semema
Tipologia Semiótica	→ Psicosemiótica, Sociosemiótica, Etnosemiótica, Literária (semiótica), Teatral (semiótica), Planar (semiótica)
Signo	→ Significante, Significado, Articulação, Referente, Semiologia, Sociosemiótica.
Sintagma	→ Sintagmático.
Substituição	→ Comutação, Substitutiva (prova).
Unidade	→ Debreagem, Embreagem.

Fonte: Autora.

Nos primeiros termos descritos na seção anterior, a conexão se apresenta por meio de técnica descritiva conceitual. Os termos são descritos e conectados ao termo planos da linguagem, que de certa forma, rege uma gama de conceitos que fazem parte da semiótica. A conexão de planos da linguagem, com os outros termos destacados no quadro se dá por intermédio da “relação” que um nome mantém com o outro. Essa relação ocorre mediante semelhança, oposições ou correlações.

Já em *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), tomo II, no qual a palavra “plans” aparece 10 vezes, a única remissão nos verbetes apresentados é no termo “semi-symbolique (système, langage, code)” que traz a interdefinição “Sémiotique”, que aparece como um termo que engloba os diversos domínios da semiótica e suas interdefinições:

Quadro 4 -Rede de termos interligados a planos da linguagem⁸¹.

Sémiotique architecturale	→ Architecturale
Sémiotique de l'artificiel	→ Artificiel
Sémiotique biomatique	→ Biomatique
Sémiotique picturale	→ Picturale
Sémiotique plastique	→ Plastique
Sémiotiques syncrétiques	→ Syncrétiques

Fonte: Autora.

Sendo correlacionada a todas as semióticas, a palavra “plans”, embora apareça de forma isolada da palavra linguagem, opera como um elemento constitutivo da semiótica. Mencionados em diversos verbetes (sem contar a menção a palavras conjuntas: plano do conteúdo e plano da expressão), os planos, no segundo tomo, continuam sendo um crivo na estrutura teórico-metodológica da semiótica, já que descrevem, articulam, relacionam e operam em conjunto com os demais verbetes.

3.3.3 Taxionomia dos planos da linguagem

Abaixo, faremos uma relação dos termos que descrevem, se identificam e classificam os principais conceitos que integram a rede de interdefinições dos planos da linguagem. As interdefinições que apresentaremos são elementos da categoria semântica de base dos principais conceitos e servem para gerar uma taxionomia que delimita e categoriza diferenças semânticas e sintáticas. Essa ordem de conceitos, mudanças e descrições é importante em um trabalho historiográfico, porque nos ajuda a mapear uma rede de termos que fazem parte da ciência linguística. Nesta tese, o mapeamento se dá na construção da noção de planos da linguagem e de toda carga significativa que a definição do termo arrola a outros termos.

3.3.4 Signo

Como mencionado desde o início deste trabalho, o termo “Signo” é considerado como uma correlação ou pressuposição do que seria, mais para frente, os planos da linguagem. Para tanto, observamos esse termo nos dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986) para

⁸¹ Em português: Semiótica da arquitetura, Arquitetura; Semiótica do artificial, Artificial; Semiótica Biomática, Biomática; Semiótica pictórica, pictórica; Plástico semiótico, Plástico e Semiótica sincrética, Sincrética.

compreendermos, sobretudo, quais as principais características, descrições e diferenças desse termo para os planos da linguagem. A primeira constatação sobre o termo é que, no tomo I do *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, [2012] 1979), há um único verbete que descreve o termo “signo”. Vejamos:

1. Signo é uma unidade do plano da manifestação, constituída pela função semiótica, isto é, pela relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade), que se estabelece entre grandezas do plano da expressão (do significante) e do plano do conteúdo (do significado), no momento do ato de linguagem;

2. Para F. de Saussure, que instaurou a problemática do signo linguístico, este resulta da reunião do significante e do significado (que ele identifica, num primeiro encaminhamento, com a imagem acústica e com o conceito). Se bem que, em seguida, ao desenvolver sua teoria, ele tenha sido levado a depurar essas duas noções, não considerando o significante e o significado senão enquanto algo que serve de constituinte para a forma linguística (como frente e verso de uma folha de papel), o termo signo foi comumente identificado durante muito tempo — e ainda hoje — com o signo mínimo, isto é, com a "palavra" ou, com mais rigor, com o morfema (ou monema para A. Martinet). E nesse sentido que é utilizada a definição vale tudo da língua como "sistema de signos".

3. A contribuição de L. Hjelmslev à teoria dos signos é dupla: a) apresentando o signo como resultado da semiose que se efetua no momento do ato de linguagem, mostra ele que a dimensão das unidades de manifestação não é pertinente para a definição do signo, por outras palavras, que, ao lado dos signos mínimos, as "palavras", pode-se também falar de signos-enunciados ou de signos discursos ; b) postulando para cada um dos dois planos da linguagem — expressão e conteúdo — a distinção entre forma e substância, foi ele levado a precisar a natureza do signo como reunião entre a forma da expressão e a forma do conteúdo (desse modo, no plano da expressão, é a estrutura fonológica, e não fonética, que entra na constituição dos signos).

4. O exercício da linguagem produz, assim, a manifestação semiótica sob forma de encadeamentos de signos. A análise dos signos, produzidos pela articulação da forma da expressão e do conteúdo, só é possível quando os dois planos da linguagem são antes dissociados para serem estudados e- descritos, cada um separadamente. Por outras palavras, se a análise da manifestação, ao visar o reconhecimento e o estabelecimento dos signos mínimos, constitui uma premissa necessária, a exploração semiótica não começa verdadeiramente a não ser aquém do signo mínimo e deve ser prosseguida em cada um dos planos da linguagem separadamente, nos quais as unidades constitutivas não são mais signos e sim figuras.

5. O sentido extra ou parassemiótico da palavra signo não deixa de existir com isso e se introduz por vezes na literatura semiótica ou linguística. Signo designa comumente, nesse caso, "alguma coisa que aí está para representar outra coisa". Empregado em semiótica, denomina, então, uma forma da expressão qualquer, encarregada de traduzir uma "ideia" ou uma "coisa": o que corresponde ao conceito de formante. Tal utilização pressupõe uma concepção particular da língua constituída como uma reserva de "rótulos" destinados a serem colados aos objetos preexistentes, como uma nomenclatura pura e simples (Hjelmslev).

6. A linguística anglo-americana ou se interessou muito pouco pela problemática do signo, influenciada como estava pelo behaviorismo, ou então procurou, sob a influência do positivismo, introduzir a noção de referente na definição do signo, construindo um modelo triangular da sua interpretação (Ogden e Richards, na esteira de Ch. S. Peirce): os três ângulos são constituídos por: a) o símbolo o significante, ou o representante para Peirce), b) a referência (= o significado, ou interpretante de Peirce) e c) o referente (a "realidade" denotada, ou objeto segundo Peirce). A linguística de inspiração saussuriana, sabe-se, considera a exclusão do referente como condição necessária do seu exercício.

7. O problema do referente amplia ainda mais o fosso que continua a separar as duas concepções da linguística e sobretudo da semiótica. Enquanto a análise dos signos não

é para a semiótica européia senão uma etapa a ser vencida rumo à descrição das redes de articulação das formas, a semiótica norte-americana (T. Sebeok) tende a marcar uma parada no nível dos signos e a proceder à sua classificação, que está baseada, então, em grande parte, no tipo de relação que o signo mantém com o referente (o ícone, por exemplo, se define por uma relação de semelhança, o índice* por uma relação de contiguidade "natural", o sinal* por uma relação artificial, e assim adiante). 8. Uma outra distribuição dos signos, de caráter intrínseco, parece possível: ela os especificaria conforme pertençam a este ou àquele tipo de semiótica (monoplana, bípiana, pluriplana) (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]), p. 422-423).

Diferentemente do que ocorre no tomo I, no tomo II, *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), não há um verbete dedicado ao termo signo⁸². De todo modo, fizemos uma relação do termo nos dois tomos⁸³, para podermos visualizar uma rede de relações de verbetes que integram o conceito de signo e dos verbetes secundários ou interdefinições que cada termo engloba. No *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]), tomo I, a recorrência da palavra aparece como complemento ao aporte teórico-metodológico da disciplina. Apresentamos, no quadro abaixo, uma lista extensa dos verbetes e das interdefinições em que a palavra signo aparece – onde tem o X não tem indicação de interdefinições no *Dicionário*. Vejamos:

Quadro 5- Rede de termos interligados a planos da linguagem.

Antífrase	→ Antífrase, Relação.
Arbitrariade	→ Motivação, Denominação.
Articulação	X
	→ Gerativa (gramática)
Código	→ Comunicação, Informação.
Comparatismo	→ Tipologia, Comparativa (linguística), Comparativa (mitologia), Intertextualidade, Transformação.
Comunicação	→ Informação, Factitividade, Persuasivo (fazer), Interpretativo (fazer), Contrato, Discurso, Implícito, Sociossemiótico.
Conceito	→ Teoria.
Conotação	→ Denotação, Semiótica, Semiologia, Psicosssemiótica, Sociossemiótica.
Conteúdo	→ Expressão, Significado, Forma, Substância.
Co-referência	→ Referente, anáfora.
Decodificação	→ Código, interpretação.
Definição	→ Paráfrase.
Designinação	→ Denominação, Definição.
Dimensão	X
Entonação	→ Prosódia.
Enunciado	Função, Transitividade, Estado, Fazer, Junção, Transformação, Modalidade, Programa narrativo, Sintaxe narrativa de superfície, Discurso.
Epistemê	Conotação, Semiótica.
Escrita	X

⁸² O que ocorre também com outros termos como: plano, expressão, conteúdo, significado e significante.

⁸³ Considerando que o termo “signo” seja a primeira noção do termo planos da linguagem, a busca pela recorrência exata da palavra nos dois dicionários de semiótica se fez necessária.

Estrutura	→ Quadrado Semiótico.
Figura	→ Figurativização, Metáfora.
Fonema	→ Fonologia.
Formante	→ Signo.
Função	→ Enunciado.
Gestualidade	→ Proxêmica, Práticas semióticas.
Iconicidade	→ Signo, Imagem, Referente, Figurativização, Semiologia.
Imagem	→ Iconicidade, Referente, Veridicção, Semiologia.
Índice	→ Signo.
Interpretação	→ Gerativa (gramática), Formal, Interpretativo (fazer).
Isomorfismo	→ Homologação.
Isotopia	→ Pluriisotopia, Conector de isotopias, Metáfora, Leitura, Semântica.
Leitura	→ Isotopia.
Lexema	→ Semema.
Linearidade	→ Sintagmática, Distribuição, Árvore, Textualização.
Língua	→ Linguagem, Semiótica, Sistema, Mundo natural.
Linguagem	→ Semiótica, Língua.
Linguística	→ X
Literária	→ Referente, Poética, Conotação, Discurso, Etnossemiótica, Sociossemiótica, Verossimilhança.
Manifestação	→ Imanência, Profunda (estrutura), Superfície (estrutura), Veridictórias (modalidades).
Marca	→ Reconhecimento.
Monema	→ Morfema, Articulação.
Morfema	→ Categoria, Sintaxe.
Motivação	→ Arbitrariedade.
Ocorrência	→ Recorrência.
Onomasiologia	→ Semântica, Semasiologia.
Planar	→ Iconicidade, Imagem.
Prosódia	→ Fonologia.
Referência	→ Referente, Mundo Natural.
Referente	→ Língua, Mundo natural, Contexto, Iconicidade, Debreagem, Embreagem, Veridicção.
Representação	→ Referente, Metalinguagem.
Semasiologia	→ Onomasiologia, Semântica.
Semema	→ Sema, Sêmica (análise).
Semiologia	→ Signo, Função.
Semiótica	X
Significação	→ Sentido, Conteúdo, Estrutura (elementar da significação).
Significado	→ Conteúdo, Signo, Significante.
Significante	→ Significação, Expressão, Signo.
Signo	→ Significante, Significado, Articulação, Referente, Semiologia, Sociossemiótica.
Símbolo	→ Signo, Representação.
Sinal	→ Mensagem, índice, signo.
Sistema	X
Sociossemiótica	→ Semiótica, Conotação, Etnossemiótica.
Taxionomia	→ Classificação, Etnossemiótica, Sema, Sêmica (análise).
Unidade	→ Debreagem, Embreagem.
Veridicção	→ Veridictórias (modalidades), Epistêmicas (modalidades), Persuasivo (fazer), Interpretativo (fazer), Comunicação, Sociossemiótica.
Verossimilhança	→ Veridicção.

Fonte: Autora.

Grosso modo, a recorrência de signo nesses verbetes aparece como a “ponte” para a relação e constituição dos elementos teórico-metodológicos presentes na semiótica⁸⁴. No

⁸⁴ Por questão de praticidade e para não tornar a leitura um processo cansativo, reunimos alguns verbetes por ordem alfabética e grau de semelhança descritiva.

verbetes “Antífrase” o termo signo aparece como a relação de dois signos que tenham dois semas contraditórios, relação essa que se repete e embasa o verbete “Arbitrariedade” que é descrito como imotivado e resultado da relação entre significante e o significado. Em “Articulação”, “Base” e “Conceito” a descrição é semelhante, já que o signo é usado para explicar a dupla articulação que ocorre nos signos-morfemas e nos fonemas (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]).

Nos verbetes “Código”, “Comparatismo” e “Comunicação” temos o termo signo como “[...] um código semântico cujo dicionário lexemático será a manifestação ao nível dos signos linguísticos”; um plano dos signos e “[...] mais amplamente, da dimensão espetacular das nossas culturas e de nossos signos, ainda mal conhecida e mal visada” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979] p. 50-66). No verbete “Conotação”, “é preciso levar em conta [...] o fato de que o papel dos significantes conotativos pode ser preenchido tanto pelos signos da semiótica-objeto quanto pelas figuras de seus planos de expressão e/ou de conteúdo, bem como, aliás, pelas duas substâncias que lhes constituem a forma” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979] p. 77). Em “Conteúdo” é retomado o postulado de Saussure sobre o sistema de signos que também aparece nos verbetes “Co-Referência” “Decodificação”, “Definição”, “Designação” e “Dimensão”. Destacamos, principalmente, a descrição em dois desses verbetes: “Co-referência”, que é a relação que dois signos linguísticos (idênticos ou diferentes) mantêm entre si [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979] p. 80); e “Designação”, “[...] indicando nesse caso o estabelecimento ou a existência de uma relação entre o signo linguístico e o mundo natural” (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 113).

No verbete “Entonação”, o termo signo aparece como elemento constitutivo da prosódia. Em “Enunciado” o signo, assim como os planos da linguagem, que, nesse caso, aparecem quase que descritos da mesma maneira, são fundamentais para os planos dos signos (constituídos pela expressão e conteúdo) que irão aparecer “formados” no nível do enunciado. Nos verbetes “Epistemê”, “Escrita” e “Estrutura”, embora haja algumas diferenciações em relação à percepção do termo signo, há a predominância de uma “metasemiótica da cultura”, isto é, como uma comunidade sociocultural vê e adota determinados planos da linguagem com relação a seus próprios signos (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]).

Notamos, ao descrever cada verbete em que a palavra signo aparece, que há uma correlação entre significados e noções de conceitos, que cria uma rede de descrições. Nos verbetes “Figura”, “Formante”, “Função”, por exemplo, predomina a descrição de signo para conceituar o processo de figurativização, isto é, significantes e expressão que podem aparecer em qualquer análise textual. Nesse mesmo processo de descrição, aparecem verbetes como

“Gestualidade”, “Iconicidade”, “Imagem”, “Índice” e “Interpretação”, que prenunciam o papel do signo na semiótica contemporânea, já que esses verbetes são descritos pelo viés da ordem do significante e da expressão, além de retomarem o signo de acordo com Peirce e toda questão de iconicidade apresentada pelo autor. Há também a menção às práticas semióticas, ao referente, à classificação dos signos e a uma “gramática gerativa”.

Nos verbetes “Isomorfismo”, “Isotopia”, “Lexema” e “Linearidade” o termo signo aparece como “unidade” do plano dos signos, no interior dos quais as estruturas dos planos da linguagem (conteúdo e expressão) se realizam no momento da manifestação. No verbe “Lexema”, por exemplo, isso é explicado pelos formantes de um semema que, geralmente, são constituídos por vários fonemas. Na sequência, temos três verbetes de “peso” “Língua”, “Linguagem” e “Linguística” que, sucintamente, se referem a todo o processo e sistema da semiótica e sua relação com o mundo natural.

O seguinte conjunto de verbetes “Literária”, “Manifestação”, “Monema”, “Morfema”, “Motivação”, “Ocorrência”, “Onomasiologia”, “Planar”, “Prosódia”, “Referência”, “Referente”, “Representação”, “Semasiologia” e “Semema” representa questões profundas e importantes da disciplina semiótica. Signo aparece nesse conjunto, principalmente pelo aspecto referencial da junção de significado e significante ou conteúdo e expressão. No verbe “Marca”, por exemplo, signo é citado para mostrar o reconhecimento de um sistema de símbolos.

Em “Monema”, o termo é proposto para designar o signo linguístico mínimo ou morfema “[...] isto é, a unidade mínima da primeira articulação (por oposição ao fonema, unidade mínima da segunda articulação)”. Outros dois termos que chamam atenção são “Onomasiologia” e “Semasiologia”, que se referem ao procedimento na semântica lexical para estudar as manifestações no plano dos signos, abordagem que visa, a partir dos signos mínimos (ou dos lexemas), à descrição das significações, respectivamente.

O último conjunto de verbetes no tomo I do *Dicionário de Semiótica* – “Semiologia”, “Semiótica”, “Significação”, “Significado”, “Significante”, “Símbolo”, “Sinal”, “Sistema”, “Taxionomia”, “Unidade”, “Verificação” e “Verossimilhança” – é constituído, *grosso modo*, da função que o signo desempenha em todo processo de significação, segundo a semiótica. Além disso, o signo também é descrito como a representação e a “mensagem final” da “comunicação” entre os indivíduos que são classificados por meio dos planos da linguagem (conteúdo e expressão), os não-signos (do mundo natural), e de unidades que são próprias a cada um dos planos da linguagem: “assim, os morfemas, por exemplo, são unidades do plano dos signos, os fonemas, do plano da expressão, os sememas, do plano do conteúdo”. A partir

da classificação dos signos, há divisão das modalidades veridictórias, epistêmicas, persuasivas e interpretativas (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]).

No tomo II, *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), a lista de recorrência da palavra signo ou “signe” e suas interdefinições é menor. Vejamos:

Quadro 6 - Rede de termos interligados a planos da linguagem⁸⁵.

Aspectualisation	X
Condition	X
Convention	→ Contrainte.
Déconstruction	→ Génératif.
Extensional/Intensional	→ Extensif/intensif.
Figure	→ Figural/figuratif.
Génératif (parcours)	X
Herméneutique	X
Intertextualité	→ Culture, texte, univers sémantique.
Intonation	X
Ironie	X
Musicale (sémiotique)	→ Communication, hypothypose.
Plastique (sémiotique)	→ Sémiotique.
Semi-symbolique (système, langage, code)	→ Sémiotique.
Spatialisation	X
Symbole	X
Synchrétiques (sémiotiques)	X
Tensivité	X
Véridiction	X

Fonte: Autora.

No tomo II, nos verbetes “Aspectualisation” e “Spatialisation”, os signos são classificados pela constituição das figuras, por meio dos signos e não-signos, que dão a noção de tempo e espaço em continuidade nos textos. No verbete “Condition”, os signos são parte de um sistema, no sentido semiológico, e, por isso, são eles os “responsáveis” pelas regras e gêneros textuais. A lógica da descrição desse verbete segue para “Convention” que, *grosso modo*, seria o processo de regulamentação do signo (GREIMAS; COURTÉS, 1986).

Em “Déconstruction”, Greimas e Courtés (1986) partem da definição de que a unificação do signo ocorre, quase que exclusivamente, pela relação entre significado e significante. Definição essa que arrola com o próximo verbete “Extensional/Intensional”, em que os autores classificam a significação de acordo com o ponto de vista do signo linguístico e o seu valor “extensional” ou

⁸⁵ Em português: Aspectualização; Condição; Convenção; Restrição; Desconstrução; Gerativa; Extensional / Intensional; Extensivo / Intensivo; Figura; Figural / Figurativa; Gerativo (curso); Hermenêutica; Intertextualidade; Cultura, texto, universo sêmico; Entonação, Ironia; Musical (semiótica); Comunicação, hipótese; Plástico (semiótica); Semiótica; Semissimbólico (sistema, linguagem, código); Semiótica; Espacialização; Símbolo; Sincrético (semiótica); Tensividade; Verdade.

“intencional”. No verbete “Figure” a definição complementa a já descrita no tomo I do *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]). “Figure” é relacionada aos sistemas de formas de não signos, com base em Hjelmslev, que serão designados como figuras em um texto. Nos próximos verbetes, “Génératif” e “Herméneutique”, os signos são descritos por níveis e por formas gerativas de sentido, processo esse que ocorre no percurso gerativo de sentido.

No verbete “Intertextualité”, os autores recuperam a noção de signo a partir de Bakhtin, para quem seria composto por modalidades e um “pré-signo instintivo” colocado sob a dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais. No conjunto de verbetes “Intonation”, “Ironie”, “Musicale” e “Plastique (sémiotique)”, o termo signo aparece como parte de um sistema de comunicação que pode ser por meio de um signo musical, de outros signos, de signos autônomos ou “desvio dos signos naturais” – na dimensão figurativa (GREIMAS; COURTÉS, 1986).

No verbete “Semi-Symbolique (système, langage, code)”, Greimas e Courtés (1986) retomam a questão hjelmsleviana sobre a homologação do conteúdo e da expressão, mas também descrevem esse verbete na perspectiva de que o semissymbolismo é composto por um signo formado por alguma motivação arbitrária. No verbete “Symbole”, também partem dessa premissa e retomam Saussure (2006 [1916]) para caracterizar um símbolo por intermédio das duas faces do signo, significado e significante. Assim, um símbolo seria a junção ou formação de “duas partes” do signo.

Nos últimos verbetes em que o termo signo aparece, “Synchrétiques (sémiotiques)”, “Tensivité” e “Veridiction”, as definições contribuem e se aproximam da semiótica contemporânea, já que os signos são observados em relação à substância do significante nos canais sensoriais de sua transmissão; no caso do verbete “Synchrétiques”, os autores também definem uma análise semiótica pelo ponto de vista da linguagem de seus signos. No verbete “Tensivité”, o signo é descrito na formação da própria semiótica tensiva, que seria composta por um “corpo perceptivo” separado pelas duas faces do signo (significante e significado). Em “Véridiction”, o termo signo surge como exemplo para explicar o que os autores chamaram de “qualquer escolha semiótica”⁸⁶ (GREIMAS; COURTÉS, 1986), que seria algo diferente de signo e de seu sentido ontológico.

Analisando a recorrência do termo “signo” nos dois tomos do *Dicionário de Semiótica*, notamos que a palavra aparece sempre correlacionada pelas suas duas “partes”, significado e significante ou conteúdo e expressão. Embora haja diferença nas definições de “signo” e “planos da linguagem”, uma delas sendo a abrangência do termo – já que “signo” fica, quase sempre, relacionado à formação textual por meio de partes que se correlacionam, enquanto os planos da

⁸⁶ No original: <<quelque chose sémiotique>>.

linguagem também estariam correlacionados em duas partes, conteúdo e expressão, mas em uma perspectiva que abrange aspectos cognitivos e sensoriais, externos e internos, linguagem verbal e não verbal –, o termo signo, de todo modo, é a primeira noção do que seriam planos da linguagem, pois o signo só é reconhecido na e pela linguagem por intermédio de seus planos.

3.3.5 Conteúdo e significado

Nesta seção, agrupamos os termos conteúdo e significado, e os descrevemos de acordo com os dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986). Optamos por mostrar a diferenciação na descrição dos termos a partir da definição dos próprios verbetes “conteúdo” e “significado” no *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]), e, como não há verbetes específicos para esses termos no *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), discorremos sobre a recorrência de conteúdo e significado ao longo da obra. No tomo I, temos o termo **conteúdo** descrito da seguinte forma:

1. O conteúdo corresponde, para Hjelmslev, a um dos dois planos da linguagem (ou, mais amplamente, de qualquer semiótica) — sendo que o outro é o plano da expressão cuja reunião (ou semiose) permite explicar a existência dos enunciados (frases ou discursos) "providos de sentido". O termo conteúdo é assim sinônimo do significado global de Saussure, sendo que a diferença entre os dois linguistas só aparece na maneira de conceber a forma linguística: enquanto para Saussure esta se explica pela indissolúvel união entre o significante e o significado que assim se "enformam" mutuamente e, pela reunião de duas substâncias, produzem uma forma linguística única, Hjelmslev distingue, para cada plano da linguagem, uma forma e uma substância autônomas: é a reunião das duas formas, a da expressão e a do conteúdo - e não mais de duas substâncias —, que constitui, a seu ver, a forma semiótica.
2. Essa diferença de pontos de vista comporta consequências consideráveis: se a semiologia é para Saussure o estudo dos "sistemas de signos", é porque o plano dos signos é para ele o lugar da manifestação da forma semiótica. Para Hjelmslev, ao contrário, o nível dos signos só deve ser analisado para permitir a passagem para um além dos signos, para o domínio das figuras (dos planos da expressão e do conteúdo): o plano da forma do conteúdo que assim se oferece à análise (comparável à das figuras e da expressão, operada pela fonologia) torna-se desse modo lugar de exercício da semântica e torna-se o fundamento epistemológico da sua autonomia. A semiótica de inspiração hjelmsleviana não corresponde, portanto, à semiologia de Saussure: não é mais "sistema" (porque é ao mesmo tempo sistema e processo), nem "sistema de signos" (porque trata das unidades — categorias sêmicas e fêmicas - menores do que os signos, e dependentes de um ou do outro plano da linguagem, mas não dos dois ao mesmo tempo, como no caso dos signos). Quanto ao plano do conteúdo tomado separadamente, a tradição saussuriana aí desenvolve seu estudo sob a forma de uma lexicologia*, ao passo que os sucessores de Hjelmslev puderam nela inscrever a semântica.
3. A **análise do conteúdo**, considerada uma técnica de inspiração sociológica ou psicossociológica, desenvolveu-se mais ou menos paralelamente às pesquisas linguísticas, mas sem uma verdadeira ligação com elas. O linguista só pode ficar chocado com o seu procedimento de base que consiste na aplicação ao texto (ou a um corpus de textos) de um crivo categorial apriorístico, que nem sequer obedece aos princípios de organização lógico-taxionômica. As tentativas da quantificação dos dados, tais como os cálculos de frequências próximos da estatística linguística ou os métodos de "associação avaliatória"

que utilizam a análise fatorial, não fornecem senão resultados parciais de interpretação incerta. Sendo assim, a tendência atual, que visa a transformar progressivamente a análise do conteúdo em análise do discurso - quer permaneça ela restrita à do enunciado-discurso, quer faça intervir dados explicitáveis da enunciação —, deve ser encorajada⁸⁷. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 95-96, grifo dos autores).

Também temos o termo **significado** definindo da seguinte forma:

1. Na tradição saussuriana, designa-se com o nome de **significado** um dos dois planos da linguagem (sendo que o outro é o significante), cuja reunião (ou semiose) no ato de linguagem constitui signos portadores de significação. O significante e o significado se definem pela relação de pressuposição recíproca: essa acepção, de caráter operatório, satisfaz à semiótica que está proibida de proferir qualquer julgamento ontológico sobre a natureza do significado.

2. A leitura do *Curso de Linguística Geral*, de F. de Saussure, ensejou interpretações diversas do signo. Procedendo de maneira didática, o linguista genebrino começa por representar o signo como sendo constituído de uma imagem acústica (=significante) e de um conceito (=significado). Interrompida nesse ponto, a leitura tem por efeito identificar o signo com o morfema e o significado com o lexema: isso é reduzir a pouca coisa a inovação saussuriana. O prosseguimento da leitura conduz a uma representação totalmente diferente da linguagem, desenvolvida sob forma metafórica como uma folha de papel de que a frente seria o significante e o verso, o significado, sendo que os arabescos que nela se acham traçados dão uma ideia da madeira pela qual se deve conceber a forma linguística. Foi a partir dessa segunda formulação que, insistindo no caráter indissolúvel do laço entre o significante e o significado e baseada no fato de que eles cobrem a totalidade do texto (e não somente as palavras tomadas isoladamente), permite penetrar no coração da teoria saussuriana, que L. Hjelmslev adotou a dicotomia significante/significado, mas em termos de planos da linguagem, dando ao significante a denominação de plano da expressão e ao significado, a de plano do conteúdo⁸⁸. (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]), p. 420, grifo dos autores).

No tomo II, dividimos a recorrência da palavra conteúdo e significado de duas formas, conforme Quadros 7 e 8:

Quadro 7 - Rede de termos interligados ao plano de conteúdo⁸⁹.

Plan du contenu
Espace (sémiotique de l') (p. 78) – definido pelas características do plano do conteúdo que são “responsáveis” por revelar a questão de “espaço textual”.
Extense/intense (p. 81) – verbete que marca a distinção entre os dois planos da linguagem por meio de aspectos do “mundo interno e externo”. → Extensif/intensif, spatialisation
Extensif/intensif (p. 82) – Verbetes que descreve os planos da linguagem pelas categorias constituintes da aspectualização. → Spatialisation.
Neutralisation (p. 152) – Descreve o plano do conteúdo a partir de possíveis neutralizações fonéticas que podem ocorrer nesse plano.
Physionomique (mode de signification) (p. 166) – O termo plano do conteúdo aparece para descrever a não conformidade entre os planos.

⁸⁷ As interdefinições desse verbete são: Expressão, Significado, Forma, Substância.

⁸⁸ As interdefinições desse verbete são: Conteúdo, Signo, Significante.

⁸⁹ Em português: Plano do Conteúdo; Espaço (semiótica de); Extenso/Intenso; Extensivo/Intensivo, Espacialização; Neutralização; Fisionômica (modo de significação), conotação, semissimbólico; Sincrética (semiótica); Sinestesia (fisionômica).

→ Connotation, semi-symbolique
Synchrétiques (sémiotiques – adj) (p. 217) – O termo plano do conteúdo aparece para explicar o processo de significação em textos sincréticos e como conteúdo precede a expressão.
Sinesthésie (p. 219) – relação entre os tipos de planos da linguagem.
→ Physionomique.

Fonte: Autora.

No quadro acima, temos a recorrência da palavra plano do conteúdo no tomo II e a descrição do termo dentro dos verbetes elencados. Notamos que a definição do plano do conteúdo é sempre relacionada à sua relação com o plano da expressão e os elementos constituintes que operam nessa “junção”. Assim, compreendemos que o plano do conteúdo, embora seja uma parte dos planos da linguagem, não faz sentido sozinho e isso acontece mesmo quando pensamos no percurso gerativo de sentido da época áurea da semiótica. Como apontado acima, as décadas 1960 e 1970, principalmente, são marcadas por estudos direcionados ao plano do conteúdo e, mesmo que as análises fossem voltadas a esse plano, o plano da expressão se fazia presente – ainda que não fosse explorado como ocorre hoje na semiótica.

Quadro 8 - Rede de termos interligados às noções de conteúdo e significado⁹⁰.

⁹⁰ Em português: Aspectualização; Observador; embreagem; Observador; embreagem
 Quadrado semiótico: Desastre; centro organizador; conflito / bifurcação, conversão, implantação universal, descontínua; formalização; morfologias arquetípicas; paradigma; esquematização, estratificação; estrutura.
 Conotação: Conotação;
 Conversação: Diálogo;
 Conversão;
 Domínio semântico: Isotopia, taxema de desconstrução; Gerativo. (jornada)
 Enunciação;
 Equilíbrio;
 Focalizador; Aspectualizador, focalização, observador, espectador, assistente, embreagem, desengate.
 Focalização;
 Formalização: Axiomática, desastre, formalização, formalismo, metalinguagem, esquematização, teoria.
 Gráfico Actancial: Actante, catástrofe, localismo, morfologias, arquetipos. Generativo
 Impressão referencial: Domínio semântico, isotopia.
 Mundo possível: Ficção, modalidade musical (semiótica)
 Comunicação, Hipótese, Oclusão, Foco
 Perspectiva: Ponto de vista
 Pregnância: Catástrofe, interoceptiva, investimento semântico, semântica fundamental, semente, subjetivação, substância, tímica, valor.
 Ritmo: Esquematização (194) - conteúdo semântico das categorias, Axiomática, Catástrofe, formalização, metalinguagem, modelo, teoria. Espacialização
 Semissimbólico (sistema, linguagem, código), semiótica
 Fictício: Habilidade, manipulação, representação, cena (configuração em), modelo.
 Subjetivação: Conversão, intencionalidade, pregnância, tímica, valor, virtual.
 Símbolo: Cronometragem, Tensividade, generativa (curso), espacialização.
 Tensão de Tensividade: Tensibilidade.
 Tímico: pregnância, subjetivação, valor. Transformação
 Programa narrativo, fazer
 Teoria: Axiomática, formalização, esquematização.

Contenu	Signifié
Aspectualisation → Observateur; débrayage	
Observateur; débrayage	
Carré sémiotique → Catastrophe; centre organisateur; conflit/bifurcation, conversion, déploiement universel, discontinu; formalisation; morphologies archétypes; paradigme; shématisation, stratification; structure.	
Connotation	Connotation
Conversation → Dialogue	
Conversion	
Domaine sémantique → Isotopie, taxéme	Déconstruction → Génératif. (parcours)
Énonciation	
Équilibre	
Focalisateur → Aspectualisateur, focalisation, observateur, spetateur, assistant, embrayage, débrayage.	
Focalisation	
Formalisation → Axiomatique, catastrophe, formalisation, formalisme, métalangage, shématisation, théorie.	
Graphe actantiel → Actant, catastrophe, localisme, morphologies, archétypes.	Génératif
Impression référentielle → Domaine sémantiques, isotopie.	
Monde possible → Ficition, modalité	Musicale (sémiotique) → Communication, Hypothypose.
Occulation → Focalisation	
Perspective → Point de vue	

Prégnance → Catastrophe, intéroceptif, investissement sémantique, sémantique fondamentale, sème, subjectivation, substance, thymique, valeur.	Prégnance → Catastrophe, intéroceptif, investissement sémantique, sémantique fondamentale, sème, subjectivation, substance, thymique, valeur.
Rythme	
Schématization (194) – conteúdo semântico das categorias → Axiomatique, Catastrophe, formalisation, métalangage, modele, théorie.	Spatialisation
Semi-symbolique (système, langage, code) → Sémiotique	
Simulacre → Compétence, manipulation, représentation, scène (mise em), modele.	
Subjectivation	

Valor: catástrofe, categorização, intencionalidade, junção, paradigma, pregnância, esquematização, estratificação, subjectivação, tímica, transvaloração.

→ Conversion, intentionnalité, prégnance, thymique, valeur, virtuel.	
Symbole	
Temporalisation → Tensivité, génératif (parcours), spatialisation.	
Tensivité	Tension → Tensivité.
Thymique → prégnance, subjectivation, valeur.	Transformation → Programa narratif, faire
Théorie → Axiomatique, formalisation, shématisation.	
Valeur → catastrophe, catégorisation, intentionnalité, jonction, paradigme, prégnance, schématisation, stratification, subjectivation, thymique, transvaluation.	

Fonte: Autora.

Os termos “conteúdo” ou “contenu” e “significado” ou “signifié”, por outro lado, são mais recorrentes do que o termo “plano do conteúdo” ou “plan du contenu”, pois aparecem como complemento à descrição dos verbetes e como noções de um conteúdo expresso por um texto, no sentido de algo que é constituído. Há dois verbetes em que os termos “conteúdo” e “significado” são mencionados juntos “Connotation” e “Prégnance”. No primeiro, os termos aparecem como parte do signo (aspecto sintagmático) ou semiose (aspecto processual). Assim, as análises do conteúdo e/ou do significado são usadas para localização e diferenciação da categoria fundamental de toda semiótica. Em “Prégnance”, os termos aparecem como parte de uma “‘essência tímica’, cujo percurso gerativo descreve [...] o processo de subjetivação”⁹¹ (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 176).

Em “Aspectualisation”, “Carré Sémiotique”, “Conversation” e “Conversion”, o conteúdo aparece como uma forma “organizável” desses verbetes, como se fizesse parte de uma categoria binária do processo de construção textual. Temos, então, o conteúdo como forma de organização da aspectualização do texto; como termo transcendente à esquematização da morfogênese da forma do conteúdo; presente no nível discursivo do percurso gerativo de sentido e como conteúdo sincrético e analisável, respectivamente. O termo significado, por outro lado, aparece nos verbetes “Déconstruction” e “Génératif” como parte de um processo gerativo que norteia uma cadeia de significantes, o que possibilita que o analista possa “seguir” em um campo intertextual ilimitado.

No grupo de verbetes “Domaine sémantique”, “Équilibre”, “Énonciation”, “Extensional/intencional”, “Focalisateur”, “Focalisation”, “Formalisation”, “Graphe actantiel”,

⁹¹ No original: [...] d'essence thymique, dont le parcours génératif décrit [...] le procès de subjectivation.

“Impression référentielle”, temos o conteúdo descrito como, respectivamente: estrutura dos domínios do conteúdo lexical das línguas naturais; figuras do conteúdo que equilibram a compreensão textual na homologação que ocorre entre os planos da linguagem; segundo a proposta de Hjelmslev, ao analisar o objeto semiótico do ponto de vista “extensional”, são os termos do sistema que devem ser abordados de acordo com sua extensão e não de acordo com seu conteúdo; como parte do conceito narrativo; como conteúdos plurais; como conteúdos conceituais; como elemento intermediário entre o espaço-tempo de um texto do estado de coisas a que se refere e como parte de uma única isotopia que articula os conteúdos de um mesmo domínio semântico.

No último grupo de verbetes em que aparece a palavra conteúdo, temos o termo mencionado para descrever: os elementos figurativos encontrados no texto em “Monde Possible”; e o processo que consiste em focalizar certos conteúdos e ocultar outros em um processo de “heterogenização” discursiva em “Occultation”. Nos verbetes “Perspective”; “Plastique (sémiotique)”, “Rythme”, “Schématisation”, “Simulacre”; “Subjectivation”, “Symbole”, “Temporalisation”, “Tensivité”, “Thymique”, “Théorie” e “Valeur”, o termo conteúdo aparece na perspectiva de um contraste semissimbólico entre os planos da linguagem, também como pertencente a um conteúdo semântico das categorias de esquematização, além de ser citado como substância do conteúdo no verbe “Rythme” e como figura no verbe “Simulacre”. O termo ainda traz, nesses verbetes, a lógica sintática que estrutura o percurso gerativo de sentido e os diferentes valores do conteúdo para os textos, bem como a proposta saussuriana sobre as duas faces do signo no verbe “Symbole”.

Já o termo “significado” é mencionado nos verbetes “Musicale”, “Spatialisation” “Tension”, “Transformation” como parte de um processo comunicativo que transforma e regula a noção de espaço, tempo, oposições binárias (do próprio significado) e do programa narrativo do percurso gerativo de sentido (GREIMAS; COURTÉS, 1986). Os termos conteúdo e significado, assim, pertencem a uma mesma categoria semântica, se assim podemos dizer, mas fazem parte de diferentes níveis de abstração quando aplicados às análises textuais na semiótica.

3.3.6 Expressão e significante

Como na seção acima, agrupamos os termos expressão e significante e os descrevemos de acordo com os dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986). Assim como fizemos com os termos conteúdo e significado, escolhemos mostrar a diferenciação de expressão e significante na descrição dos termos a partir da definição dos próprios verbetes no *Dicionário de Semiótica*

(GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979]), e discorrer sobre a recorrência de conteúdo e significado ao longo do *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1986), já que, nele, não há verbetes específicos para esses termos. No tomo I, temos o termo **expressão** descrito da seguinte forma:

1. Na esteira de L. Hjelmslev, denomina-se **plano da expressão** o significante saussuriano considerado na totalidade de suas articulações, como o verso de uma folha de papel cujo anverso seria o significado, e não no sentido de "imagem acústica" como uma leitura superficial de Saussure permite a alguns interpretá-lo. O plano da expressão está em relação de pressuposição recíproca com o plano do conteúdo, e a reunião deles no momento do ato de linguagem corresponde à semiose. A distinção desses dois planos da linguagem é, para a teoria hjelmsleviana, logicamente anterior à divisão de cada um deles em forma e substância. A forma da expressão é assim o objeto de estudo da fonologia, enquanto a substância da expressão cabe à fonética.
2. Em metasemiótica científica, expressão designa uma sequência de símbolos de um alfabeto dado, obtido pela aplicação de regras de formação (ou de produção) dependentes de um conjunto finito de regras. Um semema ou um fonema, por exemplo, podem ser considerados como expressões constituídas de uma sequência de semas ou de femas, pela aplicação das regras de formação do plano do conteúdo ou do da expressão. Por "expressão bem formada", entende-se uma sequência dada de símbolos, resultante da aplicação estrita de regras⁹². (GREIMAS; COURTÉS, 2012 [1979], p. 174, grifo dos autores).

Também temos o termo **significante** definindo como segue:

1. Por **significante** entende-se um dos dois termos constitutivos da categoria da semiose em que duas grandezas são necessárias, no ato de linguagem, para produzir uma manifestação semiótica. Tal definição é formal: só a relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade) define respectivamente os dois termos em jogo - significante e significado - com exclusão de qualquer outro investimento semântico.
2. Historicamente, e dependendo da maneira pela qual se lê F.de Saussure, entende-se por significante ora uma das grandezas constitutivas do signo mínimo (ou morfema), correspondente, na primeira aproximação do próprio Saussure, à "imagem acústica", ora um plano da linguagem, considerado em seu conjunto e cobrindo com suas articulações a totalidade dos significados. E partindo dessa segunda concepção do significante saussuriano que L. Hjelmslev - denominando-o plano da expressão — o definiu como um dos dois planos constitutivos de toda e qualquer semiótica (ou de toda e qualquer linguagem).
3. Pode-se seguir Hjelmslev quando mostra que os conceitos de significante e significado, em razão da relação formal que os constitui, são intercambiáveis, principalmente quando se trata de semióticas pluriplanas. Nem por isso, no caso das semióticas biplanas (tais como línguas naturais, por exemplo), o significante deixa de ser sentido, relativamente ao significado, como plano externo da linguagem, como exterior ao homem e dependendo do universo natural, que se manifesta por suas qualidades sensíveis. Dessa forma, seja no nível da percepção (audição, leitura, visão), seja no da emissão pelo sujeito que constrói seu enunciado, o significante se acha referencializado e aparece como um dado do mundo. Somente uma análise mais aprofundada do plano da expressão chega a mostrar que o significante é, também ele, resultado de uma construção de natureza semântica.
4. Esse aspecto "material" do significante só pode sugerir uma classificação das semióticas conforme a natureza da substância do significante, ou seja, conforme as ordens sensoriais (ou canais de comunicação), segundo as quais são dispostas as qualidades sensíveis do mundo. Falar-se-á, nesse sentido, de semióticas visuais, olfativas ou tácteis, por exemplo. Essa classificação não nos informa, porém, quanto

⁹² As interdefinições desse verbete são: Significante, Conteúdo, Forma, Substância.

ao modo de existência e de organização do significante: as línguas naturais, a semiótica musical e a linguagem dos ruídos não se definem suficientemente pelo significado mínimo que têm em comum, e sua especificidade, mesmo quanto a esse único plano, deve ser buscada em outro lugar, no modo de articulação da forma do significante.

5. O termo significante é utilizado por não-linguistas (nos textos de inspiração psicanalítica, o mais das vezes) para designar a "língua cotidiana" (noção confusa a mais não poder). Como tal, esse emprego não é homologável à definição semiótica do significante: quando muito poder-se-ia considerar, então, o significante como uma espécie de "metassignificante", na medida em que a língua cotidiana, tomada em seu conjunto, poderia servir de significante a um novo plano de significado: isso, porém, não seria possível a não ser que as línguas naturais fossem verdadeiramente denotativas, e não desenvolvessem em seu seio semióticas segundas (religião, direito, moral etc.)⁹³. (GREIMAS; COURTES, 2012 [1979], p. 420-421, grifo dos autores).

No tomo II, dividimos a recorrência da palavra expressão e significante de duas formas conforme o Quadro 9:

Quadro 9 - Rede de termos interligados ao plano da expressão⁹⁴.

Equilibre (p. 77) – refere-se às figuras do plano da expressão da semiótica do mundo natural.
Espace (sémiotique de l') ⁹⁵ (p. 79) - Neste verbete é considerado o plano da expressão em diferentes níveis de abstração o que sugere que há também um percurso gerativo da expressão.
Neutralisation (p. 152) - Descreve o plano da expressão a partir de possíveis neutralizações fonéticas, no exemplo dado no Dicionário essa neutralização ocorre em oposições de oclusivas dentais.
Physionomique (mode de signification) (p. 166) - refere-se ao plano da expressão por meio de uma articulação em traços distintos, como na fonologia. → connotation; semi-symbolique.
Rythme (p. 190) – refere-se ao plano da expressão através de uma definição de ritmo que é constituída como uma forma significante e, portanto, da mesma natureza que outros fenômenos prosódicos.
Savoir (p. 193) – refere-se ao plano da expressão como elemento indispensável para circulação do conhecimento por meio objeto semiótico.
Synchrétiques (sémiotiques) (219) – refere-se ao plano da expressão presente na pluralidade da linguagem, por meio de várias semióticas heterogêneas.
Sinesthésie (p. 219) – refere-se ao plano da expressão na pluralidade de matérias constituídas por uma mesma forma. → Physionomique

Fonte: Autora.

No quadro acima, temos a recorrência da palavra plano da expressão no tomo II e a descrição do termo dentro dos verbetes elencados. Notamos que a definição do termo, além de se relacionar com o termo plano do conteúdo, como era esperado, possui um grau de

⁹³ As interdefinições desse verbete são: Significação, Expressão, Signo.

⁹⁴ Em português: Equilíbrio; Espaço (semiótica de); Neutralização; Fisionômica (modo de significação), conotação, semissimbólico; Ritmo; Conhecer; Sincrética (semiótica); Sinestesia (fisionômica).

⁹⁵ No original: "Enfin, l'analyse de l'expression spatiale se fait à différents niveaux d'abstraction, montrant qu'il y a lieu de considérer un parcours génératif également sur le plan d'expression. La mise en relation des parcours des deux plans permettrait peut-être de caractériser ces sémiotiques d'une façon formelle, amenant ainsi à em modifier la dénomination. (M. H.)

importância, na análise teórico-metodológica da semiótica, diferente do outro plano, já que este se refere a toda e qualquer articulação do objeto semiótico, pois é parte “operante” da própria constituição textual. Isso fica mais claro quando analisamos os termos “expressão” e “significante”:

Quadro 10 - Rede de termos interligados às noções de expressão e significante⁹⁶.

Expression	Signifiant
Architecturale (sémiotique) → artificiel; biomatique, dispositif architectural.	Connotation
Biomatique (sémiotique) → architecturale; artificiel; biome; dispositif architectural.	Convention → Contraine.
Chromatique (catégorie) → constitutionnel; eidétique, graduable, plastique.	Création → Complémentarité, equilibrio.
Constitutionnelle (catégorie) → plastique.	Déconstruction → Génératif.
Énonciation	Énonciation
Extense/Intense → extensif/intensif, spatialisation.	Gènératif
Grafe Actantiel	Intersémioticit�

⁹⁶ Em Português: Expressão, significante

Arquitetônico (semiótica): artificial; biomatic, dispositivo arquitetônico.

Conotação biomática (semiótica): arquitetônica; artificial; bioma; dispositivo arquitetônico.

Convenção, Contraine.

Cromático (categoria): constitucional; ideítico, regulável, plástico.

Criação: Complementaridade, equilíbrio.

Constitucional (categoria): plástico.

Desconstrução: Gerativa.

Enunciação: Enunciação

Extenso / intenso: extenso / intensivo, espacialização. Generativo

Grafe Actantiel: actante, catástrofe, localismo, morfologias, arquétipos.

Intersemioticidade: Semiótica, realidade, realidade, situação, referente.

Impressão referencial: domínio semântico, isotopia.

Intertextualidade: cultura, texto, universo semântico.

Musical (semiótica): Comunicação, hipotipose. Isotopia musical

Paixão: Tímico.

Pictorial (semiótica): Iconicidade, Linguagem.

Plástico (semiótica): Semiótica.

Política (semiótica): discurso, tipologia, interação, poder, estratégia, sociosemiótica, pragmática.

Temporização: tensividade, espacialização generativa (caminho).

Pregnância: Catástrofe, Interoceptiva, investimento semântico, semântica fundamental, seme, subjetivação, substância, tímica, valor.

Programa narrativo: ação, interação, estado semi-narrativo, transformação.

Realidade: real, intersemioticidade, referente.

Ritmo

Semissimbólico (sistema, linguagem, código): Semiótica.

Simulacrum Tensivity: Habilidade, manipulação, representação, cena (configuração em ~ / encenação), modelo.

Tímico: pregnância, subjetivação, valor, espacialização, estilo

Sincréticas (semióticas ~): Vivência

Pragmática, sociosemiótica, situação, realidade, reducionismo.

→ actant, catastrophe, localisme, morphologies, archétypes.	→ Sémiotique, réel, réalité, situation, référent.
Impression référentielle → Domaine sémantique, isotopie.	Intertextualité → Culture, texte, univers sémantique.
Musicale (sémiotique) → Communication, hypothypose.	Isotopie musicale
Passion → Thymique.	Picturale (sémiotique) → Iconicité, Langage.
Plastique (sémiotique) → Sémiotique.	Plastique (sémiotique) → Sémiotique.
	Politique (sémiotique) → Discours, typologie, interaction, pouvoir, stratégie, sociosémiotique, pragmatique.
Temporalisation → tensivité, gèneratif (parcours) spatialisation.	Prégnance → Catastrophe, Intéroceptif, investissement sémantique, sémantique fondamentale, sème, subjectivation, substance, thymique, valeur.
	Programme narratif → Action, iuninteraction, état sémio-narratif, transformation.
	Réalite → Réel, intersémioticité, référent.
	Rythme
Semi-symbolique (système, langage, code) → Semiotiques.	Semi-symbolique (système, langage, code) → Semiotiques.
Tensivité	Simulacre → Compétence, manipulation, représentation, scène (mise em ~), modele.
Thymique → prégnance, subjectivation, valeur.	Spatialisation
	Style
	Syncrétiques (sèmiotiques ~)
	Véçu → Pragmatique, sociosémiotique, situation, réel, réductionisme.

Fonte: Autora.

Os termos “expressão” ou “expression”, “significante” ou “significant” aparecem juntos nos verbetes “Énonciation”, “Semi-symbolique” e “Plastique (sémiotique)”. No primeiro, a “expressão” é citada para explicar a “enunção enunciada”⁹⁷, que só poderia ser reconhecida pelo nível do conteúdo sem depender da expressão; quanto ao termo “significante”, considerando do ponto de vista da atividade significante de cada enunciador, toda enunção é necessariamente marcada por elementos intersubjetivos. No segundo verbete, “Semi-symbolique”, o termo “expressão” é utilizado para fazer referência às possibilidades e categorias que constituem a forma da expressão; já o “significante” refere-se a um sistema significante de elementos que constituem

⁹⁷ No original: “l’énoncé énoncé”.

a correlação das categorias (semióticas) relevantes dos dois planos. No terceiro verbete, expressão e significante são termos da categoria plástica semiótica para identificar oposições visuais constituídas pela forma da expressão ou pela substância do significante, nesse caso, diferentes por conta da distinção dos formantes plásticos e dos formantes figurativos.

Em “Architecturale (sémiotique)”, “Biomatique (sémiotique)”, “Espace (sémiotique de l’)” e “Musical (sémiotique)”, o termo “expressão” refere-se às categorias semióticas que, nos verbetes elencados, são distribuídas por meio da expressão plástica, das figuras da expressão e da forma da expressão em relação à forma do conteúdo. Já, nos verbetes “Picturale (sémiotique)”, “Politique (sémiotique)”, “Synchrétiques (sémiotiques ~)”, o termo significante se refere, *grosso modo*, às categorias semióticas caracterizadas por oposições visuais instauradas em variantes da forma e da substância⁹⁸.

Nos verbetes “Chromatique (catégorie)” e “Constitutionnelle (catégorie)”, a “expressão” é definida como parte de uma categoria semiótica que possibilita a leitura de figuras e categorias plásticas. O termo “significante”, no conjunto de verbetes “Connotation”, “Convention”, “Création”, “Déconstruction”, “Génératif”, também opera no mesmo sentido que o termo “expressão”, como parte de uma categoria semiótica, mas também é relacionado ao “valor do significante” que “atua” no processo performativo do percurso gerativo de sentido (GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 52-97).

Outro conjunto de verbetes que associam, quase que diretamente, os dois termos “expressão” e “significante” refere-se ao programa narrativo da própria semiótica. Vemos, nos verbetes “Graphe actantiel”, “Temporalisation”, que a “expressão” é descrita no processo performativo do percurso por meio da associação a verbos, substantivos e sujeitos. Nos verbetes “Programme narratif”, “Isotopie musicale”, “Réalité”, “Intersémiotique”, “Intertextualité”, “Prégnance”, “Simulacre”, “Spatialisation”, o termo “significante” também diz respeito a um processo performativo de ação, no percurso gerativo de sentido, distribuído pelos sistemas significantes, pela recorrência de elementos que constituem um processo performativo visto no âmbito do universo significante, ou seja, algo construído para o processo de significação ou “parecer do sentido”.

Diferentemente do que ocorre em um programa narrativo, os termos “expressão” e “significante” aparecem nos verbetes “Extense/Intense”, “Impression référentielle”, “Passion”, “Tensivité”, “Thymique”, “Rythme”, “Style” e “Vécu” como partes de um processo performativo, relacionados a uma cadeia que distingue o processo de ação e performance,

⁹⁸ De acordo com o postulado de Hjelmslev (2006 [1945]).

trazendo os termos “expressão e significante” para referenciação e constituição de elementos corporais e axiológicos (GREIMAS; COURTÉS, 1986).

Os termos expressão e significante, embora sejam e estejam correlacionados, são descritos de forma distinta em alguns verbetes, como elencamos acima. A diferenciação, se assim podemos dizer, está na ideia de que o significante é parte de um “todo” composto pelo plano da expressão, como se fosse pertencesse a uma cadeia e um processo maior. Assim, o significante integraria os elementos constitutivos da forma, da substância ou da prática instituída no plano da expressão.

3.4 Camada documental

A camada documental é a responsável por revelar os dados linguísticos e/ou filológicos utilizados pelos autores em seus materiais, ou seja, por meio dela, podemos, por exemplo, averiguar a construção de um conceito linguístico. Nessa camada, propusemos analisar a influência de cada autor, observando como cada um trabalhou os conceitos que fazem parte da rede de interdefinições de planos da linguagem. Vieira (2015) chama essas informações de dados de introspecção e explica que os dados linguísticos gerados pelos autores podem ser interpretados também sob o argumento da influência, sobretudo nos casos em que ocorrem exemplificações, como as citações nos prefácios ou diretas. De certa forma, isso representa um dos suportes da semiótica discursiva, que, desde o seu surgimento, se valia das obras dos considerados clássicos autores linguísticos para fixar um determinado conceito sobre signo. Desse ponto de vista, nas obras publicadas nos séculos XIX e XX, consideramos que há uma permanência conceitual. No entanto, outros dados são os considerados de introspecção, isto é, são gerados atendendo a determinada demanda explicativa dentro das fontes.

Sem dúvida, de um modo ou de outro, há uma relação entre os autores aqui estudados, o que traduz uma certa autoridade linguística, haja vista a representatividade de cada um, ao mesmo tempo que também conceituam um padrão da linguística enquanto ciência para os objetivos que as fontes dos séculos XIX e XX pretendiam alcançar: a linguagem como instrumento de significação.

Nesta seção, compilamos quais autores/fontes geraram os dados linguísticos que constituíram o conceito sobre planos da linguagem. No quadro abaixo, procuramos demonstrar a relação teórica entre os autores analisados nesta tese. Em cada linha, foram dispostos os nomes dos autores, nas colunas, a quantidade de vezes que aparecem nas obras, as páginas das obras em que foram citados.

Vejamos:

Quadro 11 - Autores citados nas obras como fontes linguísticas.

Autores	Quantidade de vezes citado	Páginas	Obra
Whitney	4	11, 17, 90	<i>Curso de Linguística Geral</i> (SAUSSURE, 2006 [1916])
	2	102, 103	<i>Linguística e Comunicação</i> (JAKOBSON, 1971 [1952])
Bréal	1	20	<i>Curso de Linguística Geral</i> (SAUSSURE, 2006 [1916])
Saussure	38	VIII, X, 5, 28, 29, 53, 55, 63, 66, 76, 79, 80, 82, 113, 114, 116, 117, 118, 126, 128, 129, 130, 146	<i>Prolegômenos a uma teoria da linguagem</i> (HJELMSLEV, 2006 [1943])
	19	2, 40, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 109, 110, 115, 165	<i>Linguística e Comunicação</i> (JAKOBSON, 1971 [1952])
	7	20, 21, 27, 32, 152, 249, 331	<i>Semântica Estrutural</i> (GREIMAS, 1976 [1966])
	20	15, 22, 24, 31, 37, 54, 58, 81, 87, 166, 170, 173, 180, 184, 191	<i>Linguística, Poética, Cinema</i> (JAKOBSON, 1970 [1968])
	7	8, 19, 36	<i>Sobre o Sentido</i> (GREIMAS, 1975a [1970])
Hjelmslev	1	30	<i>Linguística e Comunicação</i> (JAKOBSON, 1971 [1952])
	16	15, 17, 20, 23, 29, 32, 36, 37, 40, 50, 72, 73, 82, 83, 132, 141	<i>Semântica Estrutural</i> (GREIMAS, 1976 [1966])
	3	50,210	<i>Linguística, Poética, Cinema</i> (JAKOBSON, 1970 [1968])
	5	21, 31, 178, 280	<i>Sobre o Sentido</i> (GREIMAS, 1975a [1970])
Jakobson	14	13, 20, 33, 32, 34, 35, 147, 201, 221, 331	<i>Semântica Estrutural</i> (GREIMAS, 1976 [1966])
	13	69, 121, 132, 259, 262, 264, 265, 270, 273, 278, 284, 290	<i>Sobre o Sentido</i> (GREIMAS, 1975a [1970])
Greimas	1	2	<i>Linguística e Comunicação</i> (JAKOBSON, 1971 [1952])
	3	59, 137	<i>Linguística, Poética, Cinema</i> (JAKOBSON, 1970 [1968])

Fonte: Autora.

O quadro acima sistematiza dados complexos no intuito de compilar os principais autores que trouxeram ao cerne da problemática semiótica os planos da linguagem. Como se nota, são apresentados, majoritariamente, autores precursores da teoria linguística. A ideia de trazer essas obras consagradas no meio científico é justamente mostrar como há uma hegemonia na construção do conceito e na própria referência. Começando pelo *Curso de Linguística Geral* (2006 [1916]), que traz referência direta a Whitney (1870 [1867]), nesta obra, o linguista genebrino destacou principalmente a ideia do autor sobre a língua como instituição social e reconheceu que Whitney deu um “primeiro impulso” na teoria da linguagem “para mostrar bem

que a língua é uma instituição pura, [e que] Whitney insistiu, com razão, no caráter arbitrário dos signos; com isso, colocou a Linguística em seu verdadeiro eixo” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 11). Bréal (1992 [1904]) também é citado no *Curso de Linguística Geral*, porém como parte do Quadro Biográfico “1880 - Fevereiro — Tese de doutorado: *1) De L'emploi Du Génitif Absolu En Sanscrit*. Viagem à Lituânia. Em Paris segue os cursos de Bréal” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 20)⁹⁹.

Nos *Prolegômenos* (2006 [1943]), como já esperávamos, Hjelmslev (2006 [1943]) dialogou diretamente com a teoria postulada por Saussure (2006 [1916]), pois há várias menções nesse sentido. De todas as intercorrências encontradas nessa obra, vale ressaltar, em especial, que a diferença marcante entre um autor e outro é que, para Hjelmslev (2006 [1943]), a língua é um sistema de figuras (os não-signos), que, ao se combinarem, produzem signos. Decorre dessa problematização a reformulação hjelmsleviana do modelo de signo proposto por Saussure (2006 [1916]), que passa a ser entendido como uma função contraída entre dois funtivos formais, o do plano da expressão e o do plano do conteúdo. Desse ponto de vista, observamos que Hjelmslev (2006 [1943]) considera Saussure (2006 [1916]) como pioneiro em uma linguística que vai além da análise das frases e concebe a linguagem como uma estrutura de análise. Além disso, também encontramos um diálogo direto acerca do que Saussure (2006 [1916]) considerou como signo, significado e significante, e as contestações de Hjelmslev (2006 [1943]) sobre esses conceitos. Contestações, essas, que fizeram com que o linguista apresentasse outro ponto de partida de análises, em grande medida, no que tange à questão da forma e da substância do conteúdo e da expressão

A fim de compreender o que pode ocorrer aqui não se deve esquecer que a distinção de Saussure entre forma e substância não pôde ser mantida sem modificação, e que na realidade ela se revelou como abrangendo uma distinção entre duas formas, cada uma no interior de sua hierarquia. (HJELMSLEV, 2006, p. 128-129).

A principal distinção feita pelos autores é em relação à subordinação entre forma e substância. Para Saussure (2006 [1916]) a língua é forma e não substância; Hjelmslev (2006 [1943], p. 52), embora considere que a substância seja subordinada a uma forma, acredita que a matéria da linguagem é tratada como substância por uma forma linguística.

Nas obras de Jakobson (1971 [1952], 1970 [1968]), a relação entre os autores ganhou um novo “tom”, no sentido de dar competência e autoridade linguística para novos debates. Jakobson (1971 [1952]) reconheceu que Whitney (1870 [1867]), e sua pressuposição da língua

⁹⁹ Vale lembrar, de todo modo, que a pesquisa foi feita na obra publicada no ano de 2006.

como uma instituição social, auxiliou na elaboração do conceito de signo arbitrário por Saussure (2006 [1916]), mas também ressaltou que, “na opinião de Otto Jespersen (1916), o papel do arbitrário na língua fôra infinitamente exagerado, e nem Whitney nem Saussure tinham conseguido resolver o problema de relação entre o som e o significado” (JAKOBSON, 1971 [1952], p 103).

Jakobson (1971 [1952]) discutiu, principalmente, sobre a arbitrariedade formal da língua, sob a perspectiva de Saussure (2006 [1916]), para elaborar sua teoria de análise acerca da estrutura fônica e o significante, de certo modo, atenuando os princípios fundamentais da arbitrariedade do signo linguístico. Em suas palavras, “o próprio Saussure atenuou seu ‘princípio fundamental do arbitrário’ distinguindo em cada língua aquilo que é ‘radicalmente’ arbitrário daquilo que só o é ‘relativamente’” (JAKOBSON, 1971 [1952], p. 109). Ainda, segundo Jakobson (1971 [1952], p. 115)

Todavia, o “sistema de diagramatização”, de um lado evidente e obrigatório em tôda a estrutura sintática e morfológica da linguagem, de outro lado latente e virtual no seu aspecto lexical, arruina o dogma saussureano do arbitrário, enquanto o segundo dêstes dois “princípios gerais” — o caráter linear do significante — ficou abalado.

Na obra *Linguística, Poética, Cinema*, Jakobson (1970 [1968], p. 24) chamou Saussure de “doutrinador” e admitiu a necessidade da teoria dos signos, postulada por ele. Jakobson (1971 [1952], p. 30) acreditava que as pressuposições hjelmslevianas sobre o conteúdo e a expressão era somente uma “questão intrinsecamente lingüística”, a única referência direta que faz ao autor. Quando Hjelmslev (2006 [1943]) aparece novamente, é em forma de citação ou como obras interessantes a serem lidas (JAKOBSON, 1970 [1968]). Greimas também aparece como fonte, em Jakobson (1970 [1968], p. 59), nas referências bibliográficas: “A. J. Greimas, ‘Le conte populaire russe — Analyse fonctionnelle’, *International Journal of Slavic Linguistics and Poetics*, IX (1965)” e também na análise do poema *Wir sind sie* (“Nós somos ele”), quando observou as palavras formais, gramaticais, chamadas por Greimas de “most -outils”: “A. J. Greimas, *Remarques sur la description mécanographique des formes grammaticales*, *Bulletín d’information du Laboratoire d’analyse lexicologique*, II, Besançon 1960” (JAKOBSON, 1970 [1968], p. 137).

Com toda essa inter-relação de fontes, Greimas (1976 [1966]), que estava imerso no mesmo contexto intelectual, como vimos na análise da camada contextual, tem sua base fundamentada nas discussões apresentadas por Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952], 1970 [1968]). O semioticista relembrou e dialogou, na obra

fundadora da semiótica, com as bases saussuro-hjelmslevianas. Os principais pontos saussurianos levantados pelo autor foram as interdependências estruturais do signo, que seriam responsáveis pelas oposições na língua, ou seja, pela dicotomia de significado e significante. Greimas (1976 [1966]) fez uma reflexão linguística das unidades dos planos do conteúdo e da expressão e passou a chamar os elementos diferenciais de “semas”. Toda a estrutura conceitual de signo foi revista nessa obra greimasiana e trabalhada para compor o processo conceitual de planos da linguagem. Para isso, Greimas (1975a [1970]) compreendeu que a dualidade de oposição de palavras, apresentada por Saussure (2006 [1916]), fazia parte de uma vasta semiologia das línguas naturais e reconheceu que o linguista de Genebra foi um grande filósofo da história.

Hjelmslev (2006 [1943]) apareceu nas obras greimasianas como o arquétipo da construção do parecer de sentido. Dentre os principais pontos destacados por Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]), temos as discussões sobre articulação sêmica, forma e substância, nível semântico da linguagem, categorias do discurso (temporais, aspectuais modais), simbólico e semiologia. A escolha epistemológica de planos do conteúdo e da expressão em *Semântica Estrutural* (1976 [1966]) e *Sobre o Sentido* (1975a [1970]), foi tratada por como parte das estruturas elementares de signo, e para considerar, em conformidade com Hjelmslev (2006 [1943]), que significado e significante são conceitos intercambiáveis. No entanto, Greimas (1975a [1970]) faz uma crítica ao linguista dinamarquês, pois acreditava que ele não trouxe conceitos suficientes sobre a divisão sintagmática do signo em suas partes constituintes.

Entendemos que Jakobson (1971 [1952]) aparece na *Semântica Estrutural* de Greimas (1976 [1966]) para suprir algumas lacunas não encontradas em Hjelmslev (2006 [1943]). Ao que parece, Jakobson (1971 [1952]) foi citado pela sua originalidade ao problematizar as oposições binárias¹⁰⁰, os modos de articulação discursiva, sêmica, lógico e operacional. Também foi considerado o primeiro a se interessar pela homologação do signo e, mais que isso, um promotor da análise linguística (GREIMAS, 1975a [1970]). É notório, em *Sobre o Sentido*, que Greimas (1975a [1970]) já delineava o trabalho que resultou na obra *Ensaio da Semiótica Poética* (1975b [1972]), principalmente pela referência a Jakobson (1971 [1952], 1970 [1968]). Troca de sistema fonológico, cadeia sintagmática da linguagem poética (o que seria transformado em análises do plano da expressão, posteriormente), significação das formas poéticas, articulação do conteúdo, leitura de objetos práticos, intervenção semântica das relações formais e a interpretação da linguagem poética através da projeção do eixo

¹⁰⁰ Mesmo já tendo sido feito por Saussure (2006 [1916]) e Hjelmslev (2006 [1943]).

paradigmático pelo eixo sintagmático são alguns dos elementos trabalhados por Greimas (1975a [1970]) a partir da teoria de Jakobson (1971 [1952], 1970 [1968]).

As considerações aqui levantadas acerca da camada documental tiveram como objetivo caracterizar o conhecimento linguístico adotado pela semiótica discursiva na constituição da noção de planos da linguagem. Podemos notar, nessa camada, a reunião de autores e obras teóricas que trataram de signo, linguagem e linguística, de modo geral que fundamentaram a construção da disciplina semiótica e a noção de planos da linguagem. Optamos por fazer essa análise apenas com precursores da linguística e da semiótica em geral, pois, os autores pós-greimasianos repercutem e complementam as obras de Greimas (1976 [1966], 1975a [1970]).

De todo modo, essa análise mostra que há um grupo formado por autores de renome e que a competência e a importância de cada autor e em cada época, na ciência linguística, são fatores essenciais de análise e estudo. Assim, levando em conta que a divulgação científica, tal como propôs Jacobi (1987), se insere na regulação do campo científico, consideramos que a inter-relação dos discursos envolvidos nas obras apontadas na camada documental, assumem a posição de mediadores do saber científico. A prática, então, dessa atividade de divulgação científica busca ampliar o conhecimento do enunciatário sobre temas relevantes de uma área específica, ao mesmo tempo que apresenta o modo como a disciplina semiótica está institucionalizada. No próximo capítulo faremos uma síntese em torno das análises das camadas propostas por Swiggers (2004).

4. CONTEÚDO CONTRASTIVO E PERIODIZAÇÃO

Neste capítulo, relacionamos os temas analisados nas quatro camadas para entrecruzá-los. Chegamos a quatro resultados principais. O primeiro, proveniente do exame das camadas teórica e técnica, concerne ao aspecto dual dos planos da linguagem, sua emergência, relação e semelhança com o termo signo no final do século XIX, e sua “emancipação” conceitual no século XX. O segundo resultado refere-se à escolha teórico-metodológica de análises feita por pesquisadores da semiótica e o conteúdo focal e contrastivo dos planos da linguagem; observamos a ascensão de análises voltadas ao plano da expressão e a distinção mais recorrente entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, relacionada também ao contexto institucional analisado na camada teórica.

O terceiro resultado diz respeito aos elementos do tratamento dos planos da linguagem, analisado na camada técnica, por meio dos seus hipônimos e de suas taxinomias, que podem ser considerados como estáveis ao longo das décadas, mesmo quando observamos aqueles termos que sofreram modificações. O quarto resultado é a sugestão de uma periodização complexa, organizada a partir do exame das camadas de Swiggers (2004), para a produção da noção de planos da linguagem do século XIX ao século XXI.

4.1. Emergência do aspecto dual dos planos da linguagem: reinterpretando os dados

Desde as pesquisas realizadas no início do século XIX, até o marco com o corte epistemológico instaurado por Saussure (2006 [1916]), houve hipóteses sobre o aspecto dual da linguagem, isto é, uma hipótese de que a linguagem seria formada em dois níveis, um explícito, o significante, e outro implícito, o significado, fossem eles iguais ou diferentes. Essa hipótese norteia todo o trajeto conceitual acerca dos planos da linguagem e as discussões em torno do termo signo que, aos poucos, foi ganhando maior projeção à medida que se aproximava do final do século XIX.

Quando observamos as definições do termo signo, foi possível notar que Saussure (2006 [1916]), Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]) relacionavam o signo, enquanto objeto linguístico, a “expressão do pensamento”; assim, *grosso modo*, consideravam o aspecto dual do signo em dois níveis, do “pensamento” e da “expressão do pensamento”, este último correspondendo à língua. Assumiam, dessa forma, a existência de um nível anterior à língua propriamente dita, implícito, ao passo que a língua seria parte de uma manifestação explícita. Já Greimas (1976 [1966]) pressupôs um nível mais “avançado” desse aspecto dual e propôs que

os dois níveis na linguagem aparecem no texto e no parecer do sentido.

Como apresentamos acima, a noção de signo é o preâmbulo pelo qual a noção de planos da linguagem surgiu e foi discutida desde o século XIX por linguistas e semioticistas que tentaram conceber ou autonomizar a língua como instrumento de significação. Destacamos, no período que antecede a acepção encontrada nos estudos de Saussure (2006 [1916]), os esforços de Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]), em torno da linguística histórico-comparatista, diante da preocupação diacrônica com saber como as línguas evoluem e não como funcionam.

A ideia de Whitney (1870 [1967]), ao comparar as línguas às instituições sociais, e de Bréal (1992 [1904]), em admitir que as línguas mudam – e não, morrem –, leva-nos a compreender, em um primeiro momento, que é a continuidade do signo que possibilita a mudança das línguas. É com base nessa perspectiva que Saussure (2006 [1916], p. 89) admitiu a mutabilidade da língua, que seria caracterizada como um “deslocamento da relação entre o significado e significante”, justificado e produzido pela arbitrariedade do signo. Assim, seria pela relação entre as *duas* faces do signo, chamadas, *a priori*, de significado e significante, que se constituiu a linguagem por meio das ideias e dos sons. Para Saussure (2006 [1916], p. 130), sem a existência do valor dos signos (estes sustentados pela estrutura da língua), o pensamento não passaria de “uma massa amorfa e indistinta”.

Destarte, a noção de signo no século XIX possibilitou a superação da comparação entre línguas, até então tida como um “estatuto” no estudo de linguistas dessa época, e influenciou as acepções gerais da linguística como ciência no século XX. Nesse sentido, traçamos um paralelo entre determinados conceitos e ideias desenvolvidos por dois linguistas, Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]), no século XX, que ajudaram Greimas (1976 [1966] 1975a [1970]) a delinear aspectos importantes relativos à noção de planos da linguagem como modelo operatório de análise da semiótica, bem como a natureza desse objeto. Em vista disso, procuraremos, agora, demonstrar como as noções em torno de signo, definidas por Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]), ampliaram o debate sobre a significação e a noção de planos da linguagem.

Se, por um lado, Saussure (2006 [1916]) defendia que a língua é forma e não substância, Hjelmslev (2006 [1943], p. 33) conjecturou que a “estrutura seja uma entidade autônoma de dependências internas”; sua conceituação da linguagem definiu o signo como uma função semiótica composta por um conteúdo e uma expressão que são constituídas por uma forma¹⁰¹ e uma substância. O autor procurou inferir a existência, tanto metodológica quanto operacional,

¹⁰¹ Mesmo que Hjelmslev (2006 [1943]) tenha privilegiado a noção da forma, a ideia da substância é discutida nos *Prolegômenos*.

de um fator comum, o sentido, às várias realizações linguísticas e, para isso, consolidou a ideia de solidariedade na linguagem entre duas faces do signo, ou seja, a relação mútua entre um plano do conteúdo e um plano da expressão.

Parece-nos que fica mais claro, na medida em que avançam os estudos da linguística como ciência no século XX, que os signos são constituídos por estruturas “*conformes*” em que a manifestação mobiliza o conceito e vice-versa. Dessa relação, o caráter *dual* do signo se consolida por pressuposições e superposições a exemplo do fato de Hjelmslev (2006 [1943]) ter conceituado uma tipologia dos planos e das suas articulações de modo que possamos observar os planos da linguagem como elementos indispensáveis no processo de significação. Jakobson (1971 [1952]), por outro lado, agregou as análises da ciência linguística ao tomar a linguagem como um sistema, de certa forma fechado em si mesmo, mas que é proveniente da interação. Sobre esse aspecto, o autor não dispensa a fala, pertencente à dicotomia saussuriana, para estabelecer uma relação, mais ou menos estreita, entre o conteúdo dos signos e o sistema conceitual que os organiza. Segundo Jakobson (1971 [1952]), a linguagem também possui um caráter *dual*, que seria a seleção e a combinação concernentes aos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Nesse sentido, para o autor, a todo signo linguístico é indispensável esses dois arranjos: combinação, relativa ao contexto, e seleção, relativa à possibilidade de substituição de termos.

De todo modo, a transição dos estudos entre os séculos XIX e XX passou a perceber o signo em uma relação solidária, seja na constituição da língua ou da linguagem, entre dois elementos (significado e significante ou plano do conteúdo e plano da expressão) que operam em conjunção na busca do sentido. Apresentamos, na figura abaixo, uma reconstrução diacrônica prévia da constituição de signo (enquanto termo correlato de planos da linguagem) nos séculos XIX e XX.

Figura 11 - Figura representativa dos principais aspectos teórico-metodológicos do pensamento linguístico dos séculos XIX e XX.

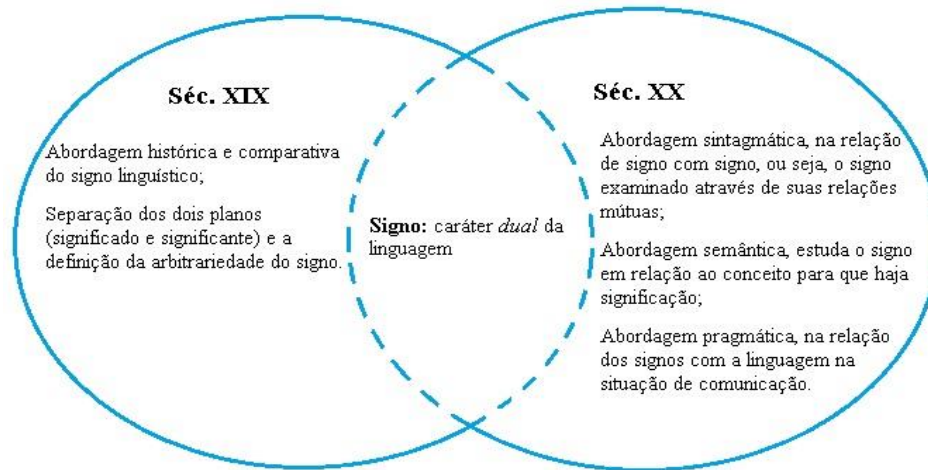


Figura representativa dos principais aspectos do pensamento linguístico dos homens dos séculos XIX e XX, em que o signo assumia, a princípio, um caráter duplo, composto de dois planos complementares, o significante, que representa ou simboliza algo e o significado do que é indicado pelo significante. Essa demarcação histórica representa a busca em relacionar a sintaxe a uma semântica.

Fonte: Autora.

Pressupomos que há uma relação de continuidade entre o pensamento manifestado por estudiosos dos dois séculos¹⁰². Apesar do grande espaço temporal, o signo foi tratado, entre os séculos XIX e XX, pelo caráter *dual* da linguagem. Nos traços pontilhados, procuramos demonstrar essa fluidez do pensamento contínuo que se constitui epistemologicamente: na linguística, como estudo do sistema dos signos verbais; na poética, como estudo da literatura enquanto sistema de signos verbais; e, posteriormente, na semiótica, como estudo de todos os sistemas de signos verbais e não verbais.

4.1.1 Conteúdo focal e conteúdo contrastivo

No tratamento do termo planos da linguagem, uma das primeiras distinções relevantes, como já sabemos, é aquela entre conteúdo e expressão. Na análise das camadas, notamos que essa distinção por vezes aparece de forma sutil, como, em outras vezes, de forma marcada. Desde o final do século XIX, é claro que a noção dos planos da linguagem parte de uma estrutura binária, com a divisão frequente entre significado e significante. Mesmo quando esses

¹⁰² A figura representa apenas uma correlação do pensamento de linguistas nos séculos XIX e XX que observam que toda linguagem seria um sistema de signos composto por duas unidades ou dois planos caracterizados, primeiramente, por um significado e um significante e, posteriormente, por um conteúdo e uma expressão. No entanto, alguns linguistas e semioticistas, como Charles Peirce, observam o signo como uma estrutura triádica.

termos “passam” a serem conceituados como conteúdo e expressão há uma marca frequente que distingue essas noções, mas, no entanto, a distinção entre ambos se torna irrisória quando não há uma relação direta entre eles.

Figura 12 - Correlação dos planos da linguagem.



Fonte: Autora.

Com base na figura apresentada acima, temos o signo em correlação com os planos da linguagem, em semiose, e ambos relacionados aos seus elementos constituintes, significado e significante, e conteúdo e expressão, como “geradores” do conteúdo contrastivo. Assim, temos, em síntese, com base na proposta metodológica apresentada por Swiggers (2004), a composição descrita a seguir.

4.1.2 Conteúdo focal de signo e planos da linguagem:

Para observar possíveis relações entre os termos signo e planos da linguagem, seus significados e a concepção de significado/significante e conteúdo/expressão, utilizamos a proposta de Swiggers (2010) e observamos o conteúdo focal apresentado para signo e planos da linguagem, de acordo com a problematização feita em épocas e por autores diferentes, como segue:

- Whitney (1870 [1967], 1892, 1893) – o termo signo é conceituado por meio do processo de importação de uma língua por outra, compreendendo, assim, que a linguagem é resultado desse processo da língua em movimento e, conseqüentemente, caracterizada por formas e conceitos (ideias) que decorrem do processo de experimentação de determinado signo;
- Bréal (1992 [1904]) – o termo signo é designado pelo valor do signo linguístico, considerado pelo autor como arbitrário e mutável, e resultante de um processo

coletivo da língua que se transforma no decorrer do tempo e propõe novos signos;

- Saussure (2006 [1916]) – o termo signo é tido como unidade de representação, significado e significante, e com valor de mutabilidade linguística, que também é assegurada pelo fator temporal, do qual decorrem as mudanças sociais. O signo, para o pesquisador, é unidade dupla de articulação da linguagem, permitindo que os falantes se comuniquem e compreendam as ideias e a significação em sua totalidade;
- Hjelmslev (2006 [1943]) – o termo signo é uma representação e diante dessa compreensão, o pesquisador propõe que ele possui dimensões de representações mediante dois planos: o plano do conteúdo e o plano da expressão. Ele trabalhou a ideia de que cada plano possui subsistemas figurais pelas suas formas (texto) e substâncias (sistema) e descreveu o processo de “importação da língua”, utilizado no século XIX, como um problema do sincretismo, que seria, *grosso modo*, a transposição ou junção dos dois planos no processo de significação;
- Jakobson (1971 [1952]) – o termo signo é também compreendido como uma representação, porém trabalhou com a questão das oposições das duas dimensões do signo, o plano do conteúdo e o plano da expressão. Para este pesquisador, ainda, o significado de um signo linguístico não é mais que uma tradução para um outro signo, que pode ser substituído, remetendo novamente à questão da importação da língua apresentada por Whitney (1870 [1967], 1892, 1893).
- Greimas (1976 [1966]) – o termo signo foi trabalhado com base em suas dimensões de representação, plano do conteúdo e plano da expressão, tendo em vista a distinção e relação entre um plano e outro, tendo sido proposto observar todas as formas de linguagem por meio dos elementos constituintes dos planos do conteúdo e da expressão.

Assim, com base na metodologia de Swiggers (2009), a descrição e definição do termo signo em Whitney (1870 [1967], 1892) e Bréal (1992 [1904]) não apresentam uma distinção detalhada dos elementos que o constituem, porque a discussão se dá na forma como o signo pode ser compreendido, como um processo que decorre das transformações da língua e é efetuado e modificado pelo exercício da linguagem. Em Saussure (2006 [1916]), por outro lado, a distinção é mais marcada, pois ele diferenciou o termo significado de significante,

conteúdos contrastivos (SWIGGERS, 2009), e elaborou questões que incorporam noções de cada termo em toda a discussão do *Curso de Linguística Geral*.

Já Hjelmslev (2006 [1943]) propôs descrições mais detalhadas sobre o signo (como conteúdo focal) e significado e significante (conteúdo contrastivos), desdobrando essas terminologias para os termos plano do conteúdo e plano da expressão, principalmente ao distinguir como essas dimensões da representação do signo podem se sobrepor, se unir ou se relacionar, problematizando questões que, mesmo na contemporaneidade, são um desafio, como a questão do sincretismo e a relação intrínseca com a sobreposição e junção dos planos da linguagem.

Jakobson (1971 [1952]), por sua vez, acrescentou à definição do termo signo, proposta anteriormente, a questão da tradução ou importação das dimensões de representação sígnica, plano do conteúdo e plano da expressão, além de debater a interação própria dos falantes como fator determinante para a formação do signo. Greimas (1976 [1966]), na obra fundadora da semiótica, *Semântica Estrutural*, observou o signo pelos seus elementos constituintes e propõe distinções teórico-metodológicas do plano do conteúdo e do plano da expressão (como elementos constituintes).

Na semiótica, a noção de planos da linguagem foi incorporada por Greimas (1976 [1966]), a princípio, tendo em vista somente a apreensão do sentido dos textos verbais (etnoliterários) e, por isso, tem sua atenção voltada ao plano do conteúdo do verbal e às unidades mínimas do discurso: fonemas e lexemas. Para a constituição dos primeiros elementos de uma terminologia operacional em torno de planos da linguagem, o semioticista designou como significado a significação ou as significações recobertas pelo significante, em que a existência de um elemento pressupõe o outro e atribui que a significação independe da natureza do significante pela qual se manifesta. Assim, a relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão que temos nesse momento não seria arbitrária, como propôs Saussure (2006, [1916]), mas descontínua.

É por esse viés que os estudos avançam, já que Greimas (1975a [1970]) afirmava que o signo é contraído por meio de uma relação de significação, ou seja, constituído por dois termos, assim, o sentido só poderia ser concebido pela “transcodificação de significações”. A possibilidade de transcodificação de significações, postulada por Greimas (1975a [1970], p. 15), nos permite observar os planos da linguagem enquanto forma do sentido que permitiria converter um conteúdo significante para análise de sistemas semióticos distintos.

É dessa forma que o projeto semiótico enveredou nos anos 1960 e início dos 1970, na conjectura de que o processo e o sistema das significações são homologados por relações do

plano do conteúdo e do plano da expressão, embora nessa época a metodologia empreendida pelo autor tenha sido abarcada a uma estrutura analítica do plano do conteúdo e dos três níveis que ele compõe (do percurso gerativo de sentido). É preciso, no entanto, levar em conta, que as manifestações textuais no plano da expressão eram dadas pelo universo de textos etnoliterários, em que as análises se referiam ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto de unidades lexicais que caracterizam esses discursos, por isso o plano do conteúdo e os três níveis do percurso gerativo de sentido, fundamental, narrativo e discursivo, foram mais explorados.

Mas ao passo que as semióticas poética e visual se projetaram na teoria despontam novas perspectivas que observam a homologação do plano do conteúdo e do plano da expressão em diferentes níveis de estruturação no nível da manifestação textual, e a pluralidade de substâncias (como por exemplo, sonora, visual, plástica) do plano da expressão que manifesta uma forma única de linguagem. O plano da expressão foi explorado por Greimas (1975b [1972]), nessa época, na busca de compreensão dos movimentos de aliteração e assonância na poesia, que articulam, simultaneamente, os dois planos da linguagem, já que era preciso observar certos efeitos de estilo causados pela repetição de consoantes ou de sílabas ou a repetição de sons vocálicos, por exemplo.

Por outro lado, o trabalho incorporado por autores como Lindekens (1971a, 2005 [1975]), Thürlemann (1982, 1986), Floch (1985, 2014 [1987]) e Groupe μ (1992 [1967]) entre as décadas de 1960 e 1980, propuseram reflexões sobre a materialidade significativa e trazem ao centro da discussão o papel que os mecanismos sensoriais de percepção exercem na produção de sentido principalmente pela análise das formas e substâncias no plano da expressão. Lindekens (1971 [1968]) articulou sobre a relação entre a forma da expressão e a substância da expressão como oposição de base no nível fundamental, pressupondo que os elementos oposicionais entre a forma e a substância da expressão definem os aspectos figurativos e a tematização no nível discursivo; Thürlemann (1982, 1986) incorporou a noção de semissimbolismo por meio da homologação das formas da expressão e das formas do conteúdo, pressupondo que é nessa relação entre as formas (dos dois planos) que o sentido é constituído; e Floch (1985) postulou que são as invariantes, entre as formas do conteúdo e as formas da expressão, que estabelecem a relação de homologação mútua entre os dois planos no semissimbolismo. Esses autores, embora partam de perspectivas diferentes, articulam análises ao plano da expressão por meio do componente semântico (subcomponente temático-figurativo) do plano do conteúdo. Quanto a isso, a forma e a substância do conteúdo e da expressão podem alterar o percurso figurativo (no nível discursivo), se considerarmos todos os

arranjos de figuras que podem decorrer desse processo.

Observamos, ainda, que as problematizações apresentadas por esses autores acrescentaram noções importantes à noção de figuratividade ao notarem que a relação entre forma e substância do conteúdo e da expressão instaura a apreensão do sentido, constituída por uma relação direta com a percepção. Nesse sentido, concordamos com Bertrand (2000, p. 151-153) que a percepção constituída em um texto é, quase sempre, estruturada por valores figurativos a ele empregados. Desse modo, as discussões apresentadas por Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), Thürlemann (1982, 1986) e Floch (1985, 2014 [1987]) nos leva à compreensão de que a relação das formas e substâncias entre os planos da linguagem determina as isotopias como um sistema de valor por intermédio de figuras, o que, paulatinamente, erige os temas e o sentido de determinado texto, assunto a ser discutido em outro trabalho.

Nesse viés, para as colaborações de uma semiótica visual ou plástica, Greimas (2004 [1984])¹⁰³ acrescenta ao significante plástico, atribuído anteriormente por Floch (1985) e Thürlemann (1982, 1986), a topologia, propondo transformar a substância da expressão em uma forma da expressão, que seria referente à espacialidade de um objeto visual, para a qual Greimas (2004 [1984], p. 85) confere uma importância capital: “a exploração do significante plástico começa gerativa e não geneticamente – pela constituição de um campo de problemas relativos às condições topológicas”. As considerações do autor conduzem-nos a uma nova problemática do plano da expressão: a dimensão topológica pode estabelecer a matriz da organização semiótica por meio dos formantes e dos contrastes plásticos, inferindo no processo de significação desde o nível fundamental e as oposições de base.

As questões sobre as especificidades de forma e substância do conteúdo e da expressão trazem à luz, no projeto semiótico, a questão do sensível e da experiência semiótica. Concernente a esse aspecto, os planos da linguagem, na década de 1980, ganharam outros “atributos”, pois, passaram a ser relacionados à dimensão estésica e à relação entre o sensível e o inteligível (GREIMAS, 1987). Essa relação seria a responsável pela função signíca nos textos, já que foi preciso considerar de que modo o sensível infere no processo de significação em textos que utilizavam linguagens variadas como: som, imagem e texto verbal, por exemplo. Para articular esse projeto teórico-metodológico, Greimas e Fontanille (1993 [1991]) procuram estabelecer as relações que ocorrem no processo enunciativo, considerando elementos externos

¹⁰³ Sobre esse texto do Greimas, *Semiótica Figurativa e semiótica plástica*, é um texto escrito em 78 e publicado em 84. Nos Bulletins “La figurativité” e “La figurativité II”, de 1981 e 1983, Thürlemann se ocupa da categoria topológica. Em termos de recepção de uma ideia, o Thürlemann chegou na frente de Greimas. O que o texto de Greimas faz é ratificar, tornar indiscutível a existência de uma categoria topológica. Floch também tratou da questão em 81, quando analisou o cigarro News.

e internos do mundo natural, o que faz com que os planos da linguagem ganhem uma “nova roupagem” e sejam incorporados aos procedimentos de interoceptividade (plano do conteúdo) e exteroceptividade (plano da expressão). Na semiótica tensiva, de Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]), a noção de planos da linguagem perdura pelo aspecto *dual* de interoceptividade e exteroceptividade, mas são envolvidos nos esquemas de variações tensivas, em que se mede como cada plano parte da intensidade do sensível e extensão do inteligível.

Isso infere em novas problemáticas acerca da experiência semiótica, que passam a ser abordadas nos textos do século XXI por meio de uma nova (e velha) vertente: o conteúdo, a expressão e a percepção. Fontanille (2008) vê essa *tríade* como instâncias correlacionadas e, por isso, o percurso gerativo da expressão elaborado pelo autor, lança o olhar para alguns caminhos possíveis da semiótica contemporânea. O nível das práticas, do percurso gerativo da expressão, por exemplo, traça uma “linha” que envolve conteúdo, expressão e percepção na medida em que a situação enunciativa pode ser observada em conjunto com a prática discursiva e com os sujeitos que compõem esse processo. Essa junção de elementos, situação, prática e sujeitos, compõe um escopo teórico-metodológico que envolve os planos da linguagem no momento da experiência semiótica, já que é preciso estudar como esses três elementos juntos inferem na significação. Por isso, os níveis apresentados pelo autor representam a conversão semiótica dos planos da linguagem na situação de interação entre um nível e outro. Embora haja distinções sobre como eles se formam em cada nível, por intermédio dos formantes plásticos e formantes materiais, há uma discussão sobre as condições da forma e da substância do conteúdo e da expressão em cada nível de análise.

Pressupomos que a noção de planos da linguagem dá origem aos desdobramentos teórico-metodológicos da semiótica no decorrer das décadas. A estrutura “biplanar” de signo, observada desde o século XIX, continua no círculo das discussões analíticas ainda no século XXI, embora outras discussões ganhem espaço, como a relação entre conteúdo, expressão e percepção e uma possível estrutura *tríadica* do signo. De todo modo, ressaltamos que os hipônimos do termo planos da linguagem demonstrados até aqui são pertencentes ao mesmo campo semântico do plano do conteúdo e do plano da expressão, o que se distingue, entretanto, são os aspectos sociais e históricos de cada período, que fazem com que linguistas e semioticistas trabalhem na busca da significação em textos mais complexos ou que articulam diferentes linguagens para um único sentido.

4.1.3 Conteúdo contrastivo

Os conteúdos contrastivos explorados nas diferentes obras aqui mencionadas são variados e permitem complementar um panorama relativo às questões tomadas como essenciais pelos autores. Apresentamos, a seguir, um quadro no qual podemos encontrar os conteúdos contrastivos dos conteúdos focais de signo e planos da linguagem.

Quadro 12 - Conteúdo construtivo de signo e conteúdo contrastivo de planos da linguagem¹⁰⁴.

Conteúdo contrastivo de Signo		Conteúdo construtivo de Planos da Linguagem	
Antífrase	Leitura	Biplana	Linearidade Linguagem
Arbitrariedade	Lexema		
Articulação	Linearidade		
Aspectualização	Língua		
	Linguagem		
	Linguística		
	Literária		
Código	Manifestação	Comutação	Manifestação
Comparatismo	Marca		
Comunicação	Monema		
Conceito	Morfema		
Conotação	Motivação		
Conteúdo			
Co-referência			
Condição			
Convenção			
Decodificação	Ocorrência		
Definição	Onomasiologia		
Designação			
Dimensão			
Desconstrução			
Entonação	Planar	Expressão	Permutação
Enunciado	Prosódia		Plano
Epistemê	Plástica (semiótica)		Poética
Escrita			
Estrutura			
Extensional/Intensional			
Figura	Referência	Figura	Rima
Fonema	Referente	Forma	
Formante	Representação		
Função			
Gestualidade	Semasiologia		Sema
Gerativo	Semema		Signo
Hermenêutico	Semiologia		Sintagma
	Semiótica		Substituição
	Significação		Semiótica arquitetural
	Significado		Semiótica artificial
	Significante		Semiótica pictural
	Signo		Semiótica sincrética
	Símbolo		Semiótica plástica
	Sinal		
	Sistema		
	Sociosemiótica		

¹⁰⁴ Os dados apresentados nesse quadro foram compilados a partir da análise feita na camada técnica. Todos os termos apresentados aparecem nos dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986).

	Semissimbolismo Símbolo Sincrético (semiótica)		
Hermenêutico	Taxionomia Tensiva	Tipologia Semiótica	
Iconicidade Imagem Índice Interpretação Isomorfismo Isotopia Intertextualidade Intonação	Unidade	Isomorfismo	Unidade
Música (semiótica)	Veridicção Verossimilhança		

Fonte: Autora.

No *conteúdo contrastivo* de signo e planos da linguagem temos uma rede de termos que tratam de vários campos analíticos dentro da própria disciplina. Dentro desses *conteúdos contrastivos* alguns se repetem, tanto para signo quanto para planos da linguagem, os quais destacamos em negrito. Assim, temos: Figura, Isomorfismo, Linearidade, Linguagem Manifestação, Semióticas plástica e Sincrética, Signo e Unidade. Chegamos, portanto, à pressuposição de que o valor epistemológico dado aos conteúdos contrastivos, com ênfase nos que se repetem, não pode ser compreendido em um único sentido, já que podemos encontrar matizes em suas descrições de acordo com a definição de cada verbete, o que configuraria, de todo modo, o condicionamento de planos da linguagem e signo como padrão dentro da estrutura teórico-metodológica da disciplina. A distinção conceitual apresentadas nas análises das camadas nos auxiliou, nesse sentido, a formar uma rede implícita e explícita de conteúdos que abarcam os planos da linguagem no interior do qual assume seu conteúdo dinâmico.

Ademais, os conteúdos focais em signo e planos da linguagem, já explicitados, podem indicar que, mesmo compartilhando uma noção conceitual que valoriza os aspectos descritivos e analíticos, diferem quando há uma correlação dedicada aos termos planos do conteúdo e da expressão, e significado e significante. Embora haja uma diferenciação de áreas teóricas para os termos, se consideramos que a linguística, como um todo, privilegia o uso de significado e significante, enquanto a semiótica opta por conteúdo e expressão, a relação entre cada par é unívoca.

4.2 Permanências e mudanças

Nesta seção, ressaltamos os elementos da análise que podem nos fazer pensar em uma

ou mais tradições presentes na semiótica discursiva. Observamos quais elementos foram seguidos por mais tempo e aqueles que foram apresentados uma vez, não configurando continuidade. Da análise feita na seção relativa à camada técnica, o termo que mais obteve “estabilidade” conceitual foi “signo”, conservando as primeiras definições sobre o significado e o significante. Entretanto, como vimos, na descrição dos demais termos, “planos da linguagem”, “conteúdo” e “expressão”, houve um “deslocamento” conceitual do termo “signo” e do conceito da linguagem *dual* (pelo significante e significado), apresentando casos distintos de aplicabilidade metodológica, como discorreremos no capítulo 3.

Por outro lado, podemos dizer que o termo “planos da linguagem” é uma modificação conceitual do termo “signo” e, de certo modo, mesmo que se mantenha estável em alguns períodos, há mudanças, de tal maneira que outros termos representativos de planos da linguagem surgem, como: conteúdo, expressão, forma e substância. Os termos que engendram essa nova rede conceitual em torno de planos da linguagem servem, de todo modo, para organizar toda a estrutura teórico-metodológica da semiótica discursiva. Mesmo com as diferentes fases pelas quais a semiótica passa, como vimos no capítulo anterior, essa rede de termos funciona como o aparato analítico que faz com que os planos da linguagem permaneçam em movimento, com mudanças e reafirmações.

Como forma de análise de resultados, apresentamos, no quadro abaixo, uma reconstrução teórico-metodológica de planos da linguagem por meio das obras selecionadas como nosso *cópus*, para que possamos acompanhar os momentos de continuidade, fluidez e ruptura que constituíram e constituem a semiótica discursiva no decorrer dos anos 1960 a 2010.

Quadro 13 - Reconstrução teórico-metodológica de planos da linguagem.

Anos Obras	60	70	80	90	2000-2010
<i>Semântica Estrutural</i> (GREIMAS, A.J. 1976 [1966])	Plano do Conteúdo (níveis de invariância discursiva)				
<i>Sobre o Sentido</i> (GREIMAS, A.J. 1975a [1970])	Plano do Conteúdo (Percurso Gerativo de Sentido)				
<i>Ensaio de Semiótica Poética</i> (GREIMAS A.J. 1975b [1972])	Plano do Conteúdo (semas) e Plano da Expressão (femas)				

<i>Eléments pour une sémiotique de la photographie</i> (LINDEKENS, R. 1971 [1968])	Plano da Expressão (substância do plano da expressão constituída pela substância do plano do conteúdo).
<i>Semiótica figurativa e semiótica plástica</i> (GREIMAS, A.J.2004[1984])	Plano do Conteúdo e Plano da Expressão (Semióticas semissimbólicas)
<i>Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique</i> (FLOCH, J.M. 1985)	Plano do Conteúdo homologado ao Plano da Expressão (semissimbolismo)
<i>Traité du signe visuel</i> (GROUPE μ , 1992)	Plano da expressão (manifestação visual e iconicidade do discurso)
<i>Da Imperfeição</i> (GREIMAS, A.J.1987)	Plano da Expressão (Texto na esfera do sentido)

<i>Semiótica das Paixões</i> (GREIMAS, FONTANILLE; J. 1993 [1991])	Plano do Conteúdo (da ordem do mundo interior) Plano da expressão (do mundo exterior)
<i>Tensão e Significação</i> (FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. 2001 [1998])	Plano do conteúdo (de origem interoceptiva) é posto em relação com o plano da expressão (de origem exteroceptiva) na operação da semiose.
<i>Pratiques sémiotiques</i> (FONTANILLE, J. 2008)	Plano do Conteúdo e Plano da Expressão (planos de imanência)
<i>Les supports des images: de la photographie à l'image numérique.</i> (DONDERO, GARCIA, 2016)	Plano da expressão (substância da expressão).

Fonte: Autora.

Os elos teórico-metodológicos estabelecidos no Quadro 13 levaram em conta, principalmente, as obras apresentadas no estudo deste trabalho e as principais ideias dos autores em relação aos planos da linguagem. Fazendo uma retrospectiva dessas obras e da aplicabilidade que cada autor deu aos planos, notamos que os níveis de invariância discursiva apresentados por Greimas (1976 [1966]), em um primeiro momento, não tratava da invariância discursiva presente no percurso gerativo de sentido e sim da ideia de que o discurso era constituído de níveis divididos pela semântica e pela sintaxe.

Na semiótica, a sintaxe contrapõe-se à semântica, sendo, a sintaxe, o conjunto de elementos que ordena os conteúdos, e a semântica, os conteúdos que são investidos nas disposições sintáticas. Assim, o plano do conteúdo foi trabalhado por Greimas (1976 [1966]) nos diferentes conteúdos semânticos que compõem uma mesma estrutura sintática, o que é reforçado pelo autor com o percurso gerativo de sentido. Greimas (1975a [1970]) constituiu de forma mais detalhada a invariância discursiva com o percurso gerativo de sentido e seus três níveis. Embora o autor falasse sobre o plano da expressão, presente na manifestação textual, ainda havia privilégio às análises voltadas ao conteúdo, verificando, em cada nível, o entrecruzamento de uma sintaxe e uma semântica.

No final dos anos 1960, o plano da expressão aparece de forma notória, como já ressaltamos acima, nas obras de Lindekens (1971 [1968]) e do Groupe μ (1992 [1967]). A expressão é considerada, nessa época, como parte da materialidade significativa¹⁰⁵. Além da expressão ser trabalhada nesse sentido, também é discutida a partir do sentido de iconicidade, conceito que, de certa forma, se aproxima mais da teoria de Peirce (1990), sendo definida como “[...] a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código lingüístico (expressão) e seu significado (conteúdo)” (CUNHA apud MARTELOTTA, 2008, p. 167).

Floch (1985), Thürlemann (1982, 1986) e Greimas (2004 [1984]), nos anos 1980, continuaram o trabalho iniciado por Lindekens (1971 [1968]) e o Groupe μ (1992 [1967]) e acrescentaram a questão do semissimbolismo, que é homologado pela relação e sentido entre o plano do conteúdo e o plano da expressão. Greimas (1975b [1972]) trabalhou com o plano da expressão, na década de 1970, no sentido já proposto por Hjelmslev (2006 [1943]), por meio das unidades mínimas de significação (sema) e o conceito fonológico (fema, componente da expressão). Com a publicação de *Da Imperfeição*, por Greimas (1987), e *Semiótica das Paixões*, por Greimas e Fontanille (1993[1991]), é dada ênfase às análises que observam as

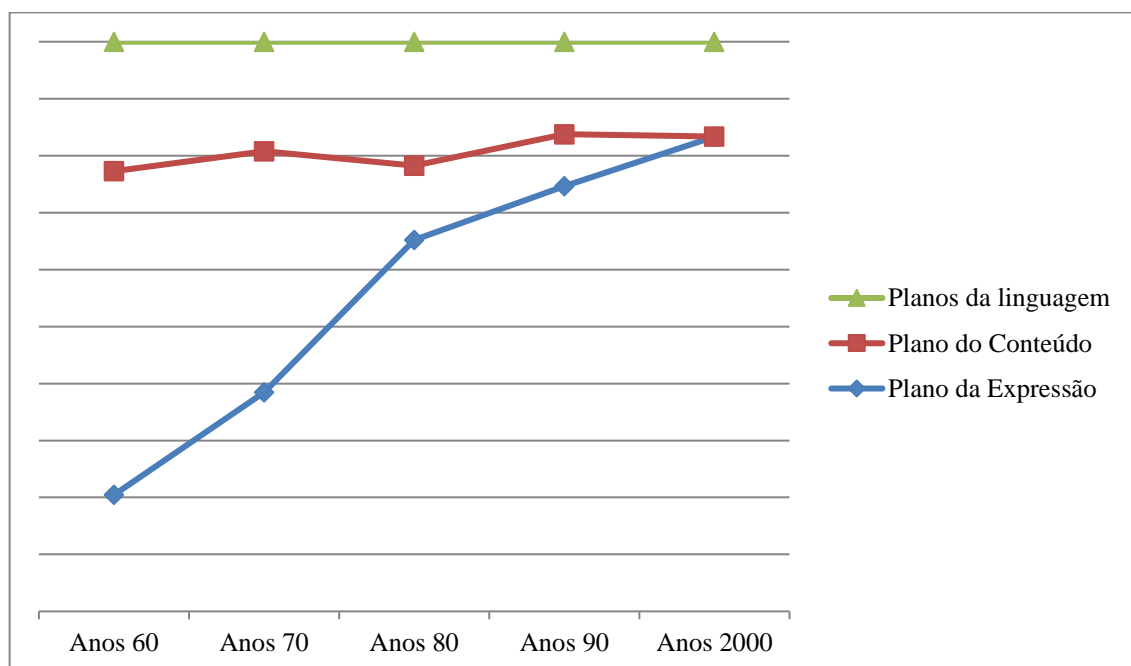
¹⁰⁵ Por materialidade, entendemos o aspecto material da constituição do texto. Por exemplo, em uma pintura consideraríamos o tipo de pincel, tinta e tela utilizados, em uma fotografia, a máquina fotográfica, o tipo de impressão (da revelação), entre outros.

transformações culturais produzidas em discursos de culturas e períodos históricos distintos. Esse viés metodológico segue nos próximos anos com a publicação de *Tensão e Significação*, por Fontanille e Zilberberg (1993 [1991]), e os planos da linguagem seguem essa mesma lógica.

Assim, o plano da expressão estaria envolto pela exteroceptividade, que seria a percepção do mundo exterior, o modo como o corpo percebe as formas físicas e biológicas do *mundo natural* e o plano do conteúdo estaria envolto pela interoceptividade, que seria o momento em que o corpo percebe seu mundo interior: afetos e conceitos (FONTANILLE, 2007, p. 44). Fontanille (2008) sugere, posteriormente, que os planos da linguagem sejam heterogêneos, no sentido de que são passíveis de serem analisados de forma separada e, para isso, elabora o esquema do percurso gerativo da expressão. Nesse percurso, elaborado pelo autor, os planos da linguagem conduzem os seis níveis de pertinência e estruturam em seis planos de imanência diferentes, como uma descrição de uma semiótica das culturas. Por último, e não menos importante, temos os trabalhos realizados por Dondero e Garcia (2016), que retomam o que foi discutido no final da década de 1960 e na década de 1980 sobre a substância da expressão. Nessa perspectiva, os autores trabalham com a relação da substância da expressão na apreensão do sentido dos textos.

Do ponto de vista prático, procuramos estabelecer um ensaio das principais acepções em torno de planos da linguagem na semiótica discursiva, bem como a aplicabilidade metodológica de cada autor nas obras apresentadas. De todo modo, acreditamos que o estudo da noção de planos da linguagem nos possibilitou religar e recontextualizar os saberes produzidos pela semiótica, sem perder de vista sua relação com a linguística. Nesse sentido, cremos que a pesquisa ora apresentada possa ser vista como uma aplicação linear dos estudos da teoria semiótica, como sugerimos no Gráfico 1. Os parâmetros de análise para o Gráfico 1 foram feitos com base em duas perspectivas:

- 1- Levantamento dos aspectos teórico-metodológicos de planos do conteúdo e da expressão, analisados nos capítulos anteriores;
- 2- Leitura bibliográfica das obras selecionadas como cópula, o que possibilitou fazer um mapeamento geral da utilização dos planos da linguagem nas obras selecionadas no decorrer das décadas.

Gráfico 1 - Abordagem no tratamento dado ao termo planos da linguagem.

Fonte: Autora.

O gráfico mostra como os planos da linguagem são tratados durante as décadas. O termo planos da linguagem é trabalhado continuamente, por isso a linha verde, que representa o termo planos da linguagem, mantém-se estática no gráfico desde o surgimento da disciplina semiótica. Já os planos do conteúdo e da expressão têm momentos de ascensão e declínio. Embora o termo plano do conteúdo seja trabalhado de forma mais estável que o termo plano da expressão, notamos que, nos anos 1980, devido à ascensão de trabalhos do plano da expressão, e nos anos 2000 e 2010, as análises dedicadas ao plano do conteúdo declinam. No entanto, esse declínio não é contínuo e nem considerável, se pensarmos na relação entre as obras e os autores nessas duas décadas, Floch (1985, 2014 [1987]), Thürlemann (1982, 1986) e Groupe μ (1992 [1967]), por exemplo. Já o plano da expressão, como podemos notar, sofre várias alterações entre os anos. Em 1960, a porcentagem de trabalhos dedicados a ele é pequena por conta de trabalhos como o de Lindekens (1971 [1968]). O mesmo ocorre com o aumento desses trabalhos dos anos 1960 para os anos 1970, por causa dos estudos dedicados à poética. Embora essas pesquisas estejam correlacionadas ao plano do conteúdo, há atenção maior do próprio Greimas (1975b [1972]) voltada à expressão.

Nos anos 1980 tem-se o “boom” de análises dedicadas ao plano da expressão. Nesse período, que abrange vários trabalhos semióticos, temos um aumento considerável de análises sobre esse tema. Floch (1985), Thürlemann (1982, 1986) e Greimas (2004 [1984]) são responsáveis por essa crescente, que aumenta nos anos 1990 com as análises direcionadas a

uma semiótica do sensível e à semiótica tensiva.

Nos anos 2000 a 2010, considerado, neste trabalho, como o marco da semiótica contemporânea, temos um “equilíbrio”, se assim podemos dizer, entre as análises do plano do conteúdo e do plano da expressão, proporcionado a partir do “boom” que ocorreu nos anos 1980, que permitiu que as análises do plano da expressão tivessem mais visibilidade e, automaticamente, num crescendo adquirissem estabilidade nos demais anos.

4.3. Semiótica discursiva: tendências e recortes metodológicos

Nesta seção, achamos pertinente trazer estudos publicados em duas revistas semióticas, *Actes Sémiotiques*¹⁰⁶ e *Significação*¹⁰⁷, por serem revistas de grande expressão e renome na divulgação científica da disciplina semiótica, para mostrarmos como o trabalho voltado à noção dos planos da linguagem foi discutido e divulgado pela comunidade científica. Nossa análise parte dos metadados dessas revistas e o cotejo de dados, na análise se deu, principalmente, por meio de uma triagem de títulos, palavras-chave e resumo dos próprios artigos¹⁰⁸. O objetivo é observar qual a corrente teórico-metodológica adotada pelos semioticistas a partir do material teórico dos precursores da semiótica¹⁰⁹.

4.3.1 *Actes Sémiotiques*

O periódico foi fundado em 1977, no último trimestre, por A. J. Greimas e seus colaboradores, com o principal propósito de apresentar análises e divulgações na área da semiótica que contribuíssem para a evolução das pesquisas nessa disciplina. De acordo com as informações presentes em sua política editorial, publicada em junho de 2013, o periódico ambiciona contribuir e orientar ativamente para o crescimento da investigação semiótica de forma que não somente se espelhe no legado intelectual de Greimas, mas também para incentivar reflexões que envolvam novas questões e novos horizontes de pesquisas em semiótica.

De 1978 a 1987, o periódico foi subdividido em *Actes Sémiotiques – Bulletins e Actes Sémiotiques – Documents*, de acordo com Portela (2008). Após uma pausa nas publicações, em

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/774>. Acesso em: 15. dez. 2019.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao>. Acesso em: 15. dez. 2019.

¹⁰⁸ Esse cotejo foi feito nos artigos disponíveis para acesso nos sites.

¹⁰⁹ Nossa triagem ocorreu dessa forma, pois, priorizamos contextualizar algumas tendências de análises de maneira sucinta, já que, para fazer uma abordagem mais ampla, precisaríamos de mais tempo e fôlego, o que não seria compatível com o prazo de entrega da nossa tese.

1988, entre 1989 e 2012, ao nome do periódico foi adicionado o termo “nouveaux”, passando a intitular *Nouveaux Actes Sémiotiques*. A partir de 2013, voltou ao título original: *Actes Sémiotiques*. Além disso, a publicação *online* da revista possibilitou maior acessibilidade, além de praticamente triplicar a participação de semioticistas-colaboradores em diferentes línguas. A revista *online* se subdivide em 30 seções, intercaladas em pesquisas recentes, pesquisas (de ordem cronológica), acervo, teses, arquivos, política editorial, análises e lançamentos¹¹⁰.

4.3.2 Tendência de análises nas décadas de 1970 a 2019¹¹¹

No final da década de 1970, quando alguns estudos já davam conta de um projeto semiótico mais amplo para todo tipo de texto, Floch e Bastide¹¹², considerando que os planos da linguagem estão envoltos nos aspectos constituintes dos verbetes, hipônimos e taxionomias apontados no capítulo 3, apresentam textos que mostram o devir da próxima década, com uma abordagem semiótica em que predominou uma “tipologia” da categoria cromática (do plano da expressão) e uma descrição mais profunda acerca do quadrado semiótico, além de um percurso figurativo por meio de duas operações, cognitiva e pragmática.

No número “Publications et thèses”, de 1979, há a reunião, como o nome sugere, de publicações e teses de semioticistas de renome, como¹¹³: Coquet, Bertrand, Hénault, Floch, entre outros. A reunião de nomes e publicações que o *Bulletin Sémiotique n°1* traz indica uma introdução aos princípios da semiótica discursiva, partindo, principalmente, no âmbito dos aspectos narrativos e discursivos (do percurso gerativo de sentido) até os principais desafios da

¹¹⁰ Moreira (2019) e Santos (2020), em suas teses sobre a historiografia semiótica, descreveram toda a estruturação da revista *Actes Sémiotiques*.

¹¹¹ A seção “*Derniers numéros*”, da revista *Actes Sémiotiques*, que escolhemos para dar sequência em nossa análise, é dividida, como apontamos, em: *Actes Sémiotiques Documents*, que corresponde às edições de número 6 do ano de 1979 a de número 87 de 1987; *Actes Sémiotiques Bulletins*, que corresponde às edições de número 11 do ano de 1979 a de número 43 de 1987; *Nouveaux Actes Sémiotiques hors séries*; *Nouveaux Actes Sémiotiques*, que corresponde às edições de número 1 do ano de 1989 a de número 115 de 2012 e *Actes Sémiotiques*, que corresponde às edições de número 116 do ano de 2013 e de número 122 de 2019. Optamos por distribuir os títulos que compõem “*Derniers numéros*” em décadas, para que possamos observar as tendências da disciplina semiótica no decorrer do tempo.

¹¹² Ambos faziam parte do *Groupe de recherches sémio-linguistiques (U.R.L.7 de l'Institut de la Langue Française) Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales – Centre National de La recherche scientifique*.

¹¹³ A lista de publicações e teses : Publications : A.J. Greimas – J. Courtés, *Sémiotique – Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, par J.-C. Coquet ; J. Courtés, *Introduction à la sémiotique narrative et discursive* ; A. Hénault, *Les enjeux de la sémiotique* Groupe d'Entrevignes, *Analyse sémiotique des textes*, par D. Patte ; A.J. Greimas – E. Landowski (éd.), *Introduction l'analyse du discours en sciences sociales*, par D. Bertrand ; D. Bertrand, *Le « joueur » de Dostoïevski*, par C. Zilberberg. **Thèses** : J. Escande, *Le récepteur face à l'acte persuasif*, par C. Combet-Galland ; J. Fontanille, *La dimension cognitive dans « La Semaine sainte » d'Aragon*, par I. Darrault E. De Kuyper, *Pour une sémiotique spectaculaire* ; E. Poppe, *Analyse sémiotique de l'espace spectaculaire*, par J. -C. Coquet ; A. Lévy, *Sémiotique de l'espace : architecture classique sacrée*, par A. Renier ; F. Thürlemann, *Trois peintures de Paul Klee*, par J. -M. Floch ; R. Lindekens, *Thèse d'état sur travaux*, par J. -M. Floch ; C. Miereanu, *De la « Textkomposition » au « Poly-art »*, positions de thèse.

semiótica, esses que tentam ser “superados” nos anos 1980¹¹⁴.

Do início dos anos 1980 até a sua metade, os planos da linguagem, em *Actes Sémiotiques Documents*, estão distribuídos em diversas formas de análises. A constituição dos planos se dá de maneira uniforme e crescente por meio de análises que observam a estética e o discurso plástico, principalmente. A descrição e aplicação metodológica dos planos, nesses artigos, ocorrem mediante sistematização da gramática narrativa, da construção de um percurso figurativo e dos elementos que constituem as figuras e a plasticidade. Em *Actes Sémiotiques Bulletins*, as temáticas são divididas pelas edições, mas também seguem a mesma atenuação, uma síntese que “mede” o progresso e a originalidade dos estudos semióticos de acordo com a diversidade dos contextos em que são praticados¹¹⁵.

Da metade da década de 1980 até o seu final, os estudos semióticos, particularmente no que tange à análise dos planos da linguagem, operam em conjunção com os aspectos teórico-metodológicos postulados por Saussure (2006 [1916]) e Hjelmslev (2006 [1943]). A busca pelo “legado” desses pesquisadores ocorre, em alguns pontos, pela necessidade de resgatar e ampliar alguns termos, a fim de que esses fossem aplicados teoricamente. Os termos a que nos referimos são justamente os que constituem os planos da linguagem: noção de signo, questões da forma e da substância do conteúdo e da expressão, entre outros.

Assim, notamos, tanto nos títulos quanto nos artigos, que esse período segue dentro de um “projeto semiótico” que visava, em grande medida, a uma semiótica mais profunda, que abrangesse um campo de análises que observasse o texto não verbal de forma “palpável”, não no sentido literal, é claro. Percebe-se que a metade dos anos 1980 é marcada pelo “desprendimento” dos semioticistas de uma análise estritamente estrutural.

As análises que ocorrem no meio da década de 1980 são fundamentais para as principais mudanças que viriam a acontecer na semiótica. Notamos, em artigos como “La génération d'un espace comercial”¹¹⁶, de Floch, “Pour une sémantique des traditions populaires”¹¹⁷, de Courtés e “La subjectivité au cinéma”¹¹⁸, de Fontanille¹¹⁹, por exemplo, os esforços desses autores em ampliar as análises do conteúdo e da expressão principalmente para os textos não verbais. É nessa perspectiva que outros termos aparecem com mais recorrência como: forma e substância da

¹¹⁴ Para lista dos artigos completos da revista *Actes Sémiotiques*, ver Anexo1.

¹¹⁵ Para mais informações sobre os *Bulletin Sémiotiques*: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/470>. Acesso: 15.dez.2019.

¹¹⁶ Em português: A geração de um espaço comercial.

¹¹⁷ Em português: Por uma semiótica das tradições populares.

¹¹⁸ Em português: A subjetividade do cinema.

¹¹⁹ Esta edição também comporta os seguintes textos: La cible et les flèches (FONTANILLE); Subjectivité et caméra subjective (DAGRADA); Sujet ou subjectivité? L'intervalle du film (ROPARS-WUILLEUMIER); A quel sujet? (SORLIN); Le filmique synthétique a priori (COHEN) e Pour une conception topologique du point de vue (COLIN).

expressão, para analisar as diversas materialidades significantes que os textos não verbais podem ter; semissimbolismo, para compreender como ocorre a homologação entre os dois planos e as figuras que decorrem no processo de significação do conteúdo e da expressão¹²⁰.

Por volta do final dos anos 1980, o que restava da semiótica “estrutural”, fundada por Greimas (1976 [1966]), era fundamentado pelo registro semiótico delineado pelas análises teórico-metodológicas do plano do conteúdo, mas, que prosperava rumo a uma semiótica voltada também ao plano da expressão e a aspectos registrados pelos traços sonoros, visuais, táteis, olfativos, entre outros. É possível notar que os temas passam a ser variados, com análises que abrangem a publicidade, o cinema, o espaço comercial, entre outros e não mais só análises literárias.

Nos anos 1990, as análises seguem a perspectiva do sensível. Os planos da linguagem passam a integrar o campo da percepção, da “experiência sensível” e são “divididos” entre a interoceptividade e exteroceptividade. Em *Nouveaux Actes Sémiotiques hors séries*, linguistas e semioticistas começam a explorar a intensidade, quantidade e complexidade do objeto semiótico, trazendo, por sua vez, a percepção, a cognição e as estruturas semióticas da linguagem. Sob a direção de Jacques Fontanille, a obra publicada em 16 de novembro de 1992, “La quantité et ses modulations qualitatives”¹²¹, mostra justamente os estudos acerca dos planos da linguagem nesse sentido¹²². Se observarmos, por exemplo, as mudanças que ocorrem nas análises de 1990 a 1999, notamos que em 1990 e 1991 aparecem alguns trabalhos que dão conta de análises sobre a percepção, como o artigo de Teresa Keane, “Figurativité et perception”¹²³. Além da percepção, entre os anos 1990 e 1994, análises que se ocupam dos elementos da expressão, como o artigo de Andréa Semprini, “Métro, réseau, ville: essai de sémiotique topologique”¹²⁴, e no binarismo proposto por Saussure (2006 [1916]), como no artigo de Joseph Courtés, “Du signifié au signifiant”¹²⁵.

Já a partir de 1995, as análises semióticas seguem a perspectiva da percepção, mas,

¹²⁰ Para lista dos artigos completos da revista *Actes Sémiotiques*, ver Anexo 2.

¹²¹ Em português: A quantidade e suas modulações qualitativas.

¹²² Os textos dessa obra são: La quantité et ses modulations qualitatives (FONTANILLE); Les sources mythiques du binarisme (KEANE); Particules et pluriel: genèse du nombre en japonais et en proto-indo-européen (LEVET); Quantitatifs, qualitatifs? De quelques chiffres dans les discours sociaux (FISHER); Vers une dynamique de la quantification (BRANDT); Défense et illustration de l'intensité (ZILBERBERG); Expression de la répétition dans une phrase temporelle (CONDAMINES); Modulations qualitatives sur l'itération, les emplois concurrentiels de encore et de re (FUCHS); Le drapeau est rouge et bleu ou Comment flotte la quantité (KLEIBER); De la quantité à la qualité : à propos de la syntaxe et de l'interprétation des relations partie-tout (RIEGEL); Quantité et qualité dans la représentation de la perception (OUELLET); Les jugements d'"homogénéité" et d'"exclusivité" dans la presse automobile (FONTANILLE); Quantité et qualité dans l'énoncé exclamatif (CULIOLI); La quantité de qualité : parcours et boucles, sommation et bouclage (QUÉRÉ) e L'énonciation et le nombre : séries textuelles, cohérence discursive et rythme (GENINASCA).

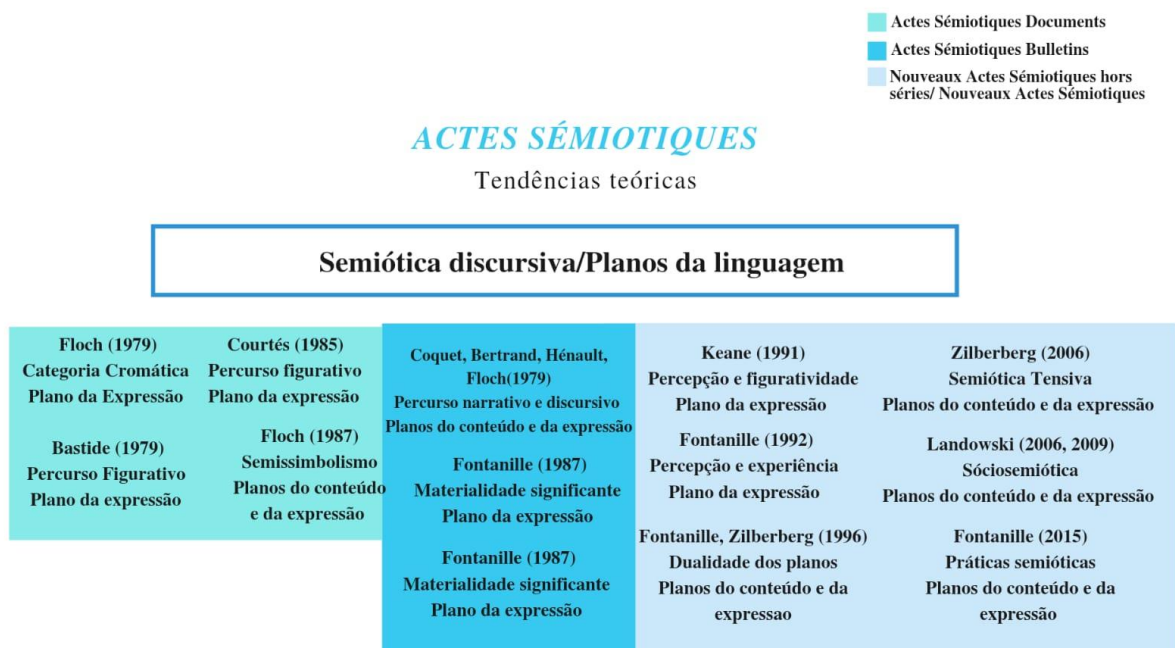
¹²³ Em português: Figuratividade e Percepção.

¹²⁴ Em português: Metrô, rede, cidade: teste de semiótica topológica.

¹²⁵ Em português: Do significado ao significante.

sobretudo, do entendimento da enunciação, de suas práticas e dos níveis que a comportam. Os planos da linguagem, nesse sentido, se “deslocam” para uma maior abrangência, mesmo que ainda estejam alocados no sentido “binário” ou “dual” de termos, como no artigo de Jacques Fontanille e Claude Zilberberg, “Valence/Valeur”¹²⁶. Mesmo que prevaleça esse sentido de dualidade ou duas faces dos planos da linguagem, em 1999, os estudos semióticos na revista *Actes Sémiotiques* terminam com propostas de análises mais consistentes a respeito do sensível, da figuratividade e das análises do visual¹²⁷.

Figura 13 - Resumo das tendências teóricas na revista *Actes Sémiotiques*.



Fonte: Autora.

A partir dos anos 2000, período em que consideramos a semiótica como contemporânea, há uma vasta produção semiótica para análise. Entre artigos, dossiês e obras, a disciplina, na revista *Actes Sémiotiques*, segue uma lógica, mas também expande alguns fenômenos linguísticos que possibilitam as aberturas de análises. Notamos que, além da expansão do corpúsculo, o que ocorre desde os anos 1980, as análises encontradas na revista transcendem a linguística estrutural que “moldou” a semiótica. Há mais espaço para relacionar outras áreas à disciplina e observar os fenômenos da produção do sentido fora da estrutura do percurso gerativo de sentido.

Relacionamos essa mudança pelos adventos da contemporaneidade, e, sobretudo, pelo surgimento e desenvolvimento de diversas correntes teóricas. Em nosso cotejo, percebemos que, no

¹²⁶ Em português: Valência/Valor.

¹²⁷ Para lista dos artigos completos da revista *Actes Sémiotiques*, ver Anexo 3.

início dos anos 2000, reforçaram-se as semióticas tensiva, da iconicidade, das instâncias enunciantes, das práticas e formas de vida, bem como uma semiótica que relê e reinterpreta aspectos linguísticos do passado. Se fossemos dividir os artigos, obras e dossiês publicados de 2000 a 2019, veríamos que há uma tendência dos autores identificarem com determinada área da semiótica como, por exemplo, Zilberberg, que em grande parte se dedicou a semiótica tensiva; Landowski, com a sociossemiótica; Fontanille, com as práticas. Todas essas vertentes teóricas que ocorrem na contemporaneidade abrem espaço para maiores diálogos, círculos e discussão e engajamento semiótico¹²⁸.

4.3.3 Significação

A *Significação - revista de cultura audiovisual* é tradicional no contexto das publicações brasileiras engajadas na temática dos estudos das linguagens verbais e não verbais. Fundada na década de 1970, mais especificamente no ano de 1974, pelo Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, à época, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá, na cidade de Ribeirão Preto.

De acordo com as informações presentes em “Sobre”, na revista *online*¹²⁹, no início, a revista tinha como foco apenas a semiótica, era “interessada na construção de uma metalinguagem científica para a abordagem dos problemas semióticos”. Após oito anos, a revista tem outra sede: Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação de Araraquara (Unesp), permanecendo filiada ao mesmo centro de estudos. Em 1987, por fim, a revista muda-se para a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, ainda contando com a ajuda da Unesp em algumas publicações, onde permanece até os dias atuais. Graças ao apoio do Cíusp e do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, conquistou periodicidade semestral.

Em 2007, após 33 anos, o periódico deixa de chamar *Significação - revista brasileira de semiótica* e passa a ser *Significação - revista de cultura audiovisual*, reforçando, assim, a presença de temas ligados ao audiovisual em sua interface com as ciências humanas, as artes e as comunicações. Em 2009, a revista passa a fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, com nova composição gráfica e, em 2011, deixa de ser publicada em formato impresso, passando a integrar o Portal de Revistas da Universidade de São Paulo a partir de 2014¹³⁰.

¹²⁸ Para lista dos artigos completos da revista *Actes Sémiotiques*, ver Anexo 4.

¹²⁹ Para mais informações acesse: <https://www.revistas.usp.br/significacao/about>. Acesso: 15.dez.2019.

¹³⁰ A partir de então, os números anteriores foram digitalizados, e a coleção completa da revista se encontra disponível no portal, permitindo o fácil acesso aos interessados.

3.6.4 Arquivos

Na seção “Arquivos” da revista *Significação*, que escolhemos para dar sequência em nossa análise, há 52 dossiês que marcam toda a história da revista, com início nos anos 1974 até 2019¹³¹.

Os artigos¹³², publicados de 1970 a 1990 representam, em sua maioria, adaptações que a semiótica greimasiana fez após críticas à “ausência da enunciação” (BERTRAND, 2003, p. 29-31). Nessa perspectiva, notamos que, desde a década de 1970, há esforços para tratar de enunciação e do elo entre o discurso e seu sujeito. Se, num primeiro momento, os semioticistas, em grande parte de seus trabalhos, analisavam os textos, sobretudo por meio do percurso gerativo de sentido, pressupondo apenas o sujeito da enunciação como parte da manifestação do discurso, tal situação alterou-se, na medida em que a semiótica foi, progressivamente, integrando contribuições da linguística da enunciação à indissociabilidade entre o texto e o sujeito, centrada nas operações de discursivização. O artigo “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: problema dos verbos de comunicação”, de Diana Luz Pessoa de Barros, ainda na década de 1970, mostrou como a semiótica estava se transformando sem deixar de lado os princípios apresentados por Greimas (1976 [1966]) e a geração de sentido pelo plano do conteúdo.

Os planos da linguagem, nessa perspectiva, aparecem como “ponte” no percurso que engendra o sentido aos temas e figuras do discurso, dentro de um universo de possibilidades semânticas, nas instâncias da enunciação de tempo, espaço e pessoa, dinamizando o percurso gerativo de sentido, que não mais aparece como estrutura estática e sim como um sistema “rotativo” e produtor de sentidos. O artigo “O código lingüístico como substância de alguns universos de discurso”, de María Aparecida Barbosa foi trabalhado nesse sentido, de relação estrutural dentro das narrativas do texto e, portanto, na relação do conteúdo e da expressão.

Por outro lado, parece haver uma ascensão das análises voltadas ao plano da expressão e, por consequência, a outros termos que se relacionam como a questão da figuratividade, do sincretismo, da comunicação visual. Um nome que contribui muito para a expansão desses conceitos é o de Ignacio Assis Silva, que avança na questão da percepção em torno do texto e agrega noções, até então, não tão difundidas na semiótica. Essa ascensão também leva as

¹³¹ Optamos por dar sequências às análises dos títulos e resumos dos artigos, mesmo depois de 2007, quando a revista deixa de ser semiótica e passa a ser audiovisual, pois, acreditamos que há muitos temas relevantes sobre os planos da linguagem, bem como há uma interdisciplinaridade dos estudos ligados à semiótica e comunicação.

¹³² Todos os artigos citados podem ser lidos pelo link: <https://www.revistas.usp.br/significacao/issue/archive>. Acesso: 15.dez.2019.

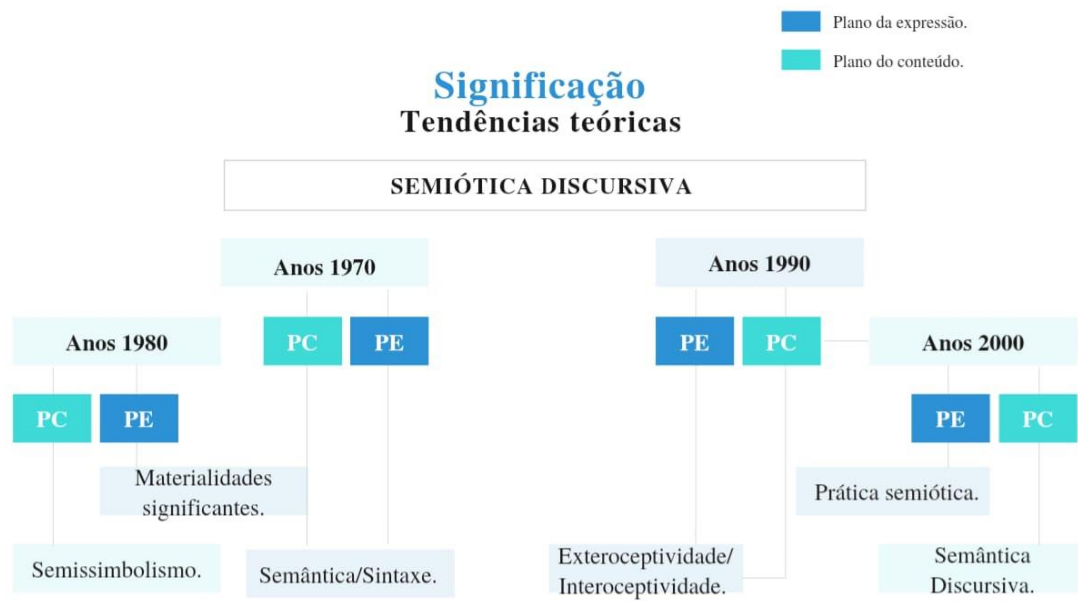
análises semióticas a observarem e contribuírem para as semióticas sincréticas e das práticas. Os artigos que partem dessa perspectiva como, por exemplo, “Sincretismo e comunicação visual”, de Ignacio Assis Silva, “Cinema pós-moderno”, de Renato Luiz Pucci Junior, e “La métrica visual en las cartografías del cuerpo”, de Eduardo Peñuela Cañizal, favorecem a abordagem de qualquer texto ou prática social por meio de instrumentos metodológicos consistentes, para refletir sobre as práticas e o sincretismo. Considera-se, desse modo, que os artigos arrolam a metodologia semiótica e a noção de planos da linguagem a partir de dois eixos principais: as relações entre linguagens na produção de textos sincréticos e as práticas sociais em que são postos em circulação.

Outros artigos, de forma geral, refletem as análises que decorrem das discussões teóricas sobre a própria disciplina. Assim, temos reflexões que contemplam as principais abordagens que se ocupam dos signos, como, por exemplo, o artigo “Signos e sentidos em A Morta de Oswald de Andrade”, de Heliane Kohier Rodrigues; e do plano da expressão no discurso poético e no mundo sensível, conforme os artigos “A leitura do poético, questões de semiótica e de método”, de Alceu Dias Lima e “Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: problema dos verbos de comunicação”, de Diana Barros.

Também temos artigos que discutem e analisam a questão semântica e sintática presente nos textos como: “Semiótica em marcha”, de José Luiz Fiorin, “Articulações contextuais do discurso”, de Edward Lopes, e “A sintaxe narrativa de João Porém, o criador de perus, conto de Guimarães Rosa”, de Diana de Barros. Esses artigos, colocam em prática as mudanças teórico-metodológicas da semiótica discursiva e exemplificam como determinados conceitos podem ser usados na prática. Isso ocorre, sem dúvida, com os planos da linguagem que, por meio de uma “divisão” entre o conteúdo e a expressão, são somados e “diluídos” em todas as fases que a semiótica perpassa¹³³.

Figura 14 - Resumo das tendências de análises dos planos da linguagem na revista *Significação*.

¹³³ Para lista dos artigos completos da revista *Significação*, ver Anexo 5.



Fonte: Autora.

De 2000 até 2009¹³⁴, notamos que, com exceção do volume publicado em 2000, nos demais anos, os volumes são semestrais, divididos tendo em vista os meses de janeiro a junho e julho a dezembro. Nos anos 2000, notamos análises dedicadas à fotografia, ao cinema, à arte. Em 2001, quando a revista está em nova fase e abre maiores possibilidades para divulgar a produção acadêmica dos cursos de pós-graduação de outros programas do Brasil e do exterior, os artigos abrangem diferentes pontos de vista nos campos de pintura, das imagens estáticas e em movimento, da enunciação fílmica, da retórica em textos fotográficos e dos aspectos visuais midiáticos. A mesma perspectiva segue em 2002, com trabalhos que integram abordagens teóricas diferentes, objetos de interesse no campo de estudos da cultura, da mídia e do universo das paixões e do sensível. O ano de 2003, por outro lado, é marcado por dois eixos fundamentais: o da significação e o da enunciação.

Em 2004, a revista integra um conjunto de trabalhos de pesquisadores de diferentes Programas de Pós-Graduação do país e ensaios de pesquisadores estrangeiros que lidam com a relevância da epistemologia para a análise e interpretação das metáforas visuais. Destacamos, também, que, nesse ano, é publicado pela primeira vez e em português, um texto pouco conhecido de Algirdas Julien Greimas, traduzido diretamente do lituano, "Folclore, religião,

¹³⁴ Lembrando que, em 2001, a revista passou a ser semestral e a parceria com a Universidade Tuiuti do Paraná durou até 2006. Desde então, foi assumida pelo CTR/ECA/USP, sendo apoiada financeiramente pelo CINUSP "Paulo Emílio", órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da universidade, vínculo que se estendeu até 2009.

história”¹³⁵. Em 2005, a ascensão de análises dedicadas ao visual aumenta e dá espaço também às singularidades sonoras, visuais e oferece uma série de fotos inéditas que permite ao leitor conhecer aspectos culturais de um país como o México. Em 2006 o destaque vai para o artigo “Le papillon tête-de-Janus - A propos de Sémantique structurale, quarante ans apres”¹³⁶¹³⁷, de Eric Landowski, que discute a percepção como elemento fundamental da apreensão da significação. Nesse mesmo ano, temos a tradução do texto de Claude Zilberberg, *Síntese da gramática tensiva*¹³⁸, no qual o autor propõe que a afetividade seja parte e direção do sentido.

Em 2007, é publicado o texto de Greimas, *Acerca do jogo*¹³⁹, traduzido e comentado por Jean Cristtus Portela, que analisa o uso que se faz da analogia do jogo de xadrez nas ciências da linguagem de Saussure, Hjelmslev e Wittgenstein. Em 2008, a revista *Significação*, no primeiro volume publicado no ano, faz uma homenagem em memória dos 25 anos da morte do cineasta Luis Buñuel, publicando três trabalhos em que se destacam aspectos singulares da sua obra cinematográfica. No outro volume, é reunido um conjunto heterogêneo de trabalhos focados audiovisual. Em 2009, publicados com auxílio do CNPq, os trabalhos relacionados às diferentes perspectivas teóricas do universo das imagens e do audiovisual continuam e reúnem um conjunto de textos que são fruto de pesquisas feitas em várias universidades em nível de pós-graduação. Resumidamente, temos as seguintes abordagens:

Quadro 14 - Abordagem feita pela revista *Significação* nos anos 2000 a 2009.

2000	Abordagem em análises da fotografia, do cinema e da arte.
2001	Abordagem nos estudos do sensível, processos de intertextualidade, formas híbridas, pintura, enunciação fílmica, textos fotográficos e mensagens publicitárias.
2002	Abordagem em imagens televisivas, cinematográficas, intertextuais, pictóricas e poéticas. Estudos dedicados às paixões e estudos do sensível.
2003	Abordagem nos aspectos da narrativa, da fotografia, do cinema, do design, da retórica e da televisão.
2004	Abordagem dos discursos fílmico e midiático, fotografia, TV, cinema e multimídias.
2005	Abordagem das substâncias semânticas, sonoras e visuais, manifestações

¹³⁵ O artigo pode ser conferido pelo link: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65579>. Acesso: 03.jan.2020.

¹³⁶ Em português: A Borboleta da Cabeça Janus - Sobre a semântica estrutural, quarenta anos depois.

¹³⁷ O artigo pode ser conferido pelo link: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65627>. Acesso: 03.jan.2020.

¹³⁸ O artigo pode ser conferido pelo link: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65626>. Acesso: 03.jan.2020.

¹³⁹ O artigo pode ser conferido pelo link: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65642>. Acesso: 03.jan.2020.

	mediáticas como: cinema, publicidade, minisséries e telenovelas.
2006	Abordagem da teoria gerativa, gramática da narratividade e a percepção.
2007	Abordagem da ciência da linguagem, fotografia e televisão.
2008	Abordagem das obras do cineasta Luis Buñuel e análises voltadas para o audiovisual.
2009	Abordagem do audiovisual, das imagens e da comunicação.

Fonte: Autora.

Mesmo a revista tendo sido toda reestruturada, como apontamos, e não se dedicando mais à semiótica discursiva e, sim, a uma gama teórica de comunicação, fizemos uma síntese de como o conteúdo teórico-metodológico aparece dos anos 2010 a 2019. Ressaltamos que a temática do audiovisual está sempre presente, já que a revista é destinada a esse escopo. No entanto, não somente observa o audiovisual, as análises que aparecem nos artigos nos guiam rumo a possibilidades teórico-metodológicas com as quais a semiótica contemporânea caminha, já que a “reunião” desses artigos conta com diferentes pesquisadores, de diferentes instituições e não somente ligados à semiótica.

Nos dois volumes publicados em 2010¹⁴⁰, a revista publica trabalhos que tracejam noções relacionadas à cultura audiovisual contemporânea. Também são exploradas as identidades sociais expressas pelos e nos meios de comunicação. Na mesma perspectiva, o ano de 2011 é marcado pela consolidação teórica nas diversas áreas da manifestação audiovisual, relacionando-as com questões culturais e históricas pertencentes a outras áreas do conhecimento, principalmente a Comunicação.

Em 2012, os dois volumes apresentados pela revista priorizam dois temas: cinema documental e a reflexão sobre as múltiplas possibilidades de uso da imagem na sociedade contemporânea. Os artigos presentes nessas edições articulam e discutem algumas inquietações relacionadas ao cinema na cultura audiovisual contemporânea. A partir de 2013, a *Significação* passa a contar com dossiês temáticos, organizados por pesquisadores convidados. Nos dois primeiros volumes, os temas foram: “O rádio além das fronteiras”, que reúne trabalhos que discutiram novas possibilidades para o veículo partir das novas tecnologias digitais e da convergência tecnológica, e “História e Audiovisual”, que atualizou o aporte bibliográfico das mais diferentes abordagens que deram ênfase ao cinema e ao seu contexto histórico. Em 2014, publica o dossiê “Crítica Audiovisual” que, de certa forma, é uma continuação do último dossiê

¹⁴⁰ Os volumes são divididos de forma que compreendam os meses de janeiro a junho e julho a dezembro.

publicado em 2013. Os trabalhos apresentados reuniram críticas ao audiovisual, principalmente do ponto de vista dos instrumentos tecnológicos. O segundo volume publicado nesse ano foi dedicado à memória de Eduardo Peñuela e reuniu um conjunto de textos dedicados ao cinema e à análise fílmica.

Em 2015, o primeiro volume apresentado foi dedicado a trabalhos que compartilhassem experiências e processos criativos do cinema. O segundo volume, o dossiê “Estudos sobre o cinema latino-americano”, foi composto por 14 artigos que se entrecruzaram em cinco temáticas: a pesquisa documental, cinema e resistência entre os anos 1960-80, revisões das ditaduras, o cinema de gênero e novas abordagens. O ano de 2016 é marcado pela publicação do dossiê “A pesquisa em cultura audiovisual: novos desafios e aportes teóricos”, organizado por Margarida Adamatti e Eduardo Morettin, trazendo trabalhos com enfoques interdisciplinares e novas abordagens do audiovisual do ponto de vista teórico e histórico. No segundo volume publicado no mesmo ano, a revista recebeu colaborações para uma chamada de temas livres que foram distribuídos na perspectiva de análises do audiovisual por meio das produções no contexto contemporâneo.

Em 2017, no dossiê “Novas cartografias do cinema e da produção audiovisual”, os trabalhos apresentam uma nova perspectiva que é baseada em uma descentralização de olhares sobre o tempo, o espaço e a memória, assim, apresentando novos sujeitos cinematográficos por intermédio do desenho de cartografias. O segundo dossiê publicado, “100 anos de Greimas: Perspectivas no Audiovisual”, organizado por Irene Machado, Jaqueline Esther Schiavoni, apresenta, já nas primeiras páginas, a contribuição de Lorenzo Vilches, que, embasado nos dois volumes do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986), projeta diversas interdefinições ou termos conceituais acerca dos produtos audiovisuais da contemporaneidade. Na sequência, seguem os textos: “Modalizações do fazer no episódio ‘Hino Nacional’”, do seriado *Black Mirror*, de Conrado Moreira Mendes; “Contribuições da semiótica ao estudo da ficção televisiva: o caso da minissérie Justiça”, de Silvia Maria de Sousa; “Estratégias enunciativas em Google *Spotlight Stories*: o olhar da semiótica de Greimas nos vídeos 360°”, de Ana Silvia Lopes Davi Médola, Bruno Jareta de Oliveira; “A potência de ‘ser’ e de ‘ser não’ como releituras do ‘belo gesto’ entre *Io sono l’Amore e Amour*”, de Kati Eliana Caetano, Sandra Fischer; e “Ficção seriada televisiva, jornalismo político e construção do real: hipóteses a partir de Greimas”, de Paolo Demuru. No mesmo dossiê há cinco artigos publicados, uma tradução e três resenhas que tratam da dimensão e das características do audiovisual contemporâneo.

Em 2018, são publicados dois dossiês: “Arte cinematográfica e contextos culturais”, que apresenta um conjunto de textos que trabalham com a historicidade do cinema e culturas visuais

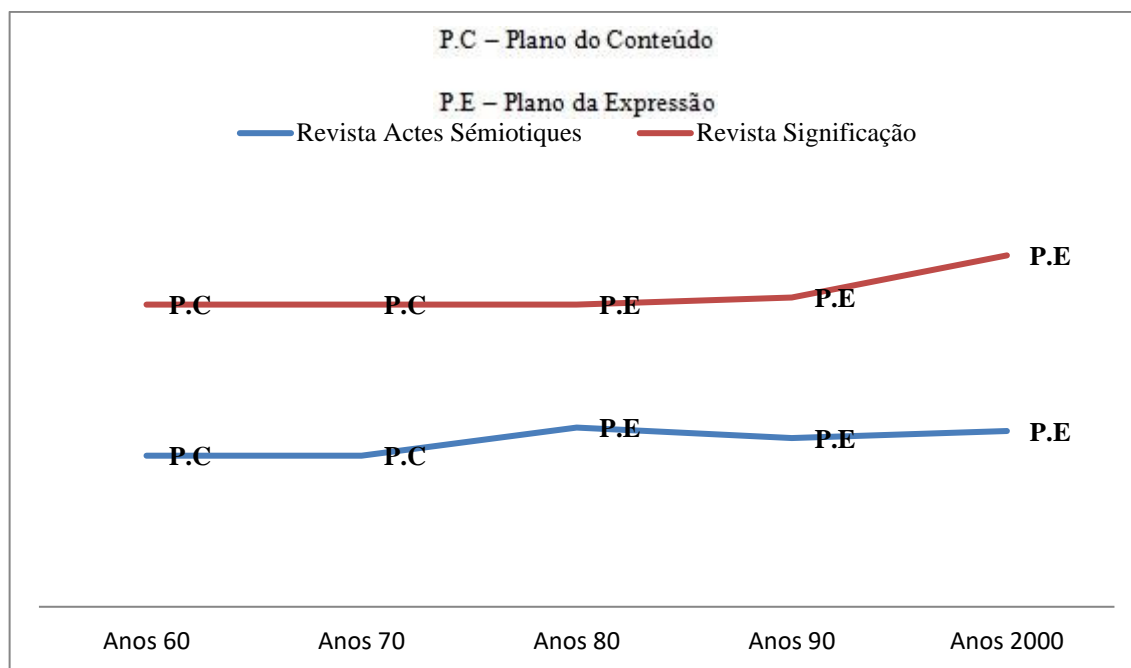
de seu tempo¹⁴¹ e “Os anos 1968 no cinema”, que foi estruturada em três seções: Dossiê, organizado por Carolina Amaral de Aguiar e Ignacio Del Valle Dávila, com textos centrados em discussões do cinema nos eventos ocorridos em 1968; Artigos, dedicado a trabalhos que refletem sobre o cinema e a televisão; e Traduções, com artigo de Mariano Mestman, que integra a temática do dossiê.

Em 2019, com as últimas publicações da revista *Significação*, os dois volumes trataram da mesma temática, um dossiê “História e Audiovisual”. O primeiro volume, organizado por Eduardo Morettin e Mônica Kornis, traz, em suas seções, artigos e resenhas, uma diversidade de trabalhos que tratam da relação entre história, cinema e televisão. O segundo volume completa o primeiro e traz diferentes contribuições que revisam e aprofundam a história do cinema e audiovisual. São trabalhos marcados por vasta pesquisa documental, leituras dedicadas à representação fílmica e às diferentes manifestações no campo da cultura audiovisual.

A revista *Significação*, em toda sua trajetória, trabalhou com a questão dos planos da linguagem, principalmente, nas questões que envolvem o plano da expressão, como constatamos acima. Porém, o plano do conteúdo continua fazendo parte das análises e entrecruzando-se com as análises mais atuais, sobre o audiovisual, e os elementos do plano da expressão. Há, sem dúvida, uma relação entre os artigos e a questão dos planos da linguagem, já que esses planos, como apresentamos na análise da camada técnica, são parte de uma rede extensa de relações, cruzamentos e interdefinições de vários termos. Portanto, podemos afirmar que os planos da linguagem são o escopo que “gerencia”, divide e modifica a semiótica discursiva dentro dessas relações durante os anos. Os parâmetros de análise para o Gráfico 2 foram feitos pelo levantamento dos aspectos teórico-metodológicos de planos do conteúdo e da expressão, analisados com base em títulos, resumos e palavras-chave das revistas.

Gráfico 2 - Variação dos termos plano do conteúdo e plano da expressão nas revistas *Actes Sémiotiques* e *Significação*.

¹⁴¹ A chamada do dossiê foi motivada pelas reflexões tecidas por Jean-Claude Bernardet, 1995, no livro *Historiografia clássica do cinema brasileiro*.



Fonte: Autora.

O gráfico mostra como os planos da linguagem são trabalhados nas duas revistas nas décadas de 1960 a 2000. A variação que ocorre dos trabalhos publicados nas revistas dedicados ao plano do conteúdo e ao plano da expressão é sutil, mas segue o mesmo grau de continuidade que o gráfico sobre as obras mostra. É importante ressaltar que as duas revistas se utilizam de um “arsenal teórico-metodológico” para descrever e analisar os principais aspectos da semiótica discursiva.

Assim, parece-nos que, ambas as revistas apresentam perspectivas similares, que correspondem aos avanços regidos pelos próprios autores da teoria em relação ao plano do conteúdo e o plano da expressão. A única diferença, aparentemente, é que a revista *Actes Sémiotiques* parte de uma temática específica, voltada à semiótica discursiva, e a revista *Significação* parte de uma temática mais abrangente, já que promove diálogos entre a semiótica discursiva, as demais semióticas e as diversas áreas do conhecimento. Todavia, as duas apresentam um grau alto de atualização em suas práticas de divulgação científica, já que se tornaram um meio de circulação textual e discursivo contínuo, devido à procura pelo saber que dá conta de um universo de formas estabilizadas e aceitas pela comunidade científica.

A divulgação científica da metodologia analítica que molda e rege os planos da linguagem durante décadas, nessas revistas, é uma prática semiótica atrelada tanto à prática da comunicação científica (SANTOS; PORTELA, 2018), quanto à prática de produção do saber institucionalizado, cuja materialidade é o enunciado de gêneros variados – como artigos, resenhas, traduções, editoriais, entrevistas, entre outros –, e na maneira como o enunciado se

estrutura.

Considerando que a divulgação científica empreendida nas duas revistas se insere na regulação do campo científico, entendemos que a estabilidade nas análises referentes ao plano do conteúdo e a ascensão de análises referentes ao plano da expressão, como vimos no gráfico 2, assumem a posição de mediadores competentes entre o saber científico institucionalizado e a atividade de produção científica, tendo como particularidade a transmissão da ciência para um determinado público com a finalidade de criar uma cultura científica que possibilite a evolução de pesquisas nessa área.

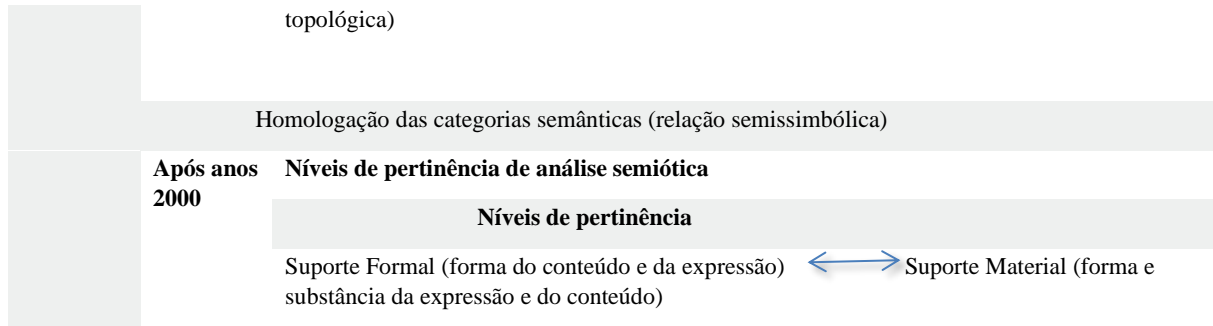
4.4. Uma periodização complexa

Com base na análise das camadas (SWIGGERS, 2004), acreditamos que seja possível considerar diferentes dinâmicas temporais no acompanhamento da história desses textos. Chamamos essa dinâmica temporal de “periodização complexa”, pois é organizada em função das quatro camadas propostas por Swiggers (2004) e porque consideramos que haja uma mudança transversal na teoria. Mesmo que essa mudança tenha ocorrido de forma gradativa e sem muitas rupturas, ela ocorre em sintonia com o crescimento da própria disciplina na história, com pressuposições que nos levam a novos horizontes de aplicações e questionamentos que instigam o pensamento semiótico contemporâneo.

Como síntese das discussões ora arroladas, apresentamos uma construção diacrônica das propostas teórico-metodológicas sobre planos da linguagem no decorrer dos anos 1960 até a contemporaneidade para que possamos acompanhar os momentos de continuidade, fluidez e ruptura que constituíram e constituem a semiótica discursiva.

Quadro 15 - Momentos de continuidade, fluidez e descontinuidade da semiótica discursiva.

Plano do Conteúdo	Anos 1960 e 1970	Níveis de invariância discursiva		
		Percurso gerativo de sentido		
		Nível fundamental	Nível Narrativo	Nível discursivo
		Forma do conteúdo (formação de valores/categorias semânticas)	Forma do conteúdo (relação entre sujeito e objeto/estrutura da sintaxe)	Forma do conteúdo e Forma da expressão (percursos temáticos e figurativos/estruturas semânticas e da sintaxe)
Plano da Expressão	Anos 1980	Percurso gerativo de sentido		
		Nível superficial	Nível intermediário	Nível profundo
		Forma da expressão (dimensão eidética e dimensão	Forma da expressão (nível intermediário/dimensão cromática)	Forma da expressão e Forma do conteúdo (nível profundo/luz)



Fonte: Autora.

Procuramos estabelecer um ensaio das principais acepções em torno de planos da linguagem na semiótica discursiva, bem como a aplicabilidade metodológica de cada autor. No espaço de tempo, que corresponde as décadas de 1960 a 2010, uma coisa é clara, o percurso gerativo de sentido não é mais o mesmo. Não significa, no entanto, que essas “novas” formas de fazer semiótica têm pretensão de substituir a semiótica considerada *standard*, mas, sim, a de apontar outras direções e outros pontos de vista para uma disciplina que se mantém “viva” e em contínua remodelação. Partindo dos níveis de invariância discursiva, percurso gerativo de sentido, semissimbolismo e dos níveis de pertinência de análise semiótica (para citar só quatro), parecem-nos mais salientes algumas importantes mudanças parciais.

Na camada contextual, há mais continuidade do que descontinuidade, o que não poderia ser diferente, considerando que Greimas (1976 [1966]), embora estivesse “motivado” a fazer uma disciplina interdisciplinar, teve toda sua base no estruturalismo e nas teorias linguísticas emergentes da época. O que o autor faz com *Semântica Estrutural* (GREIMAS, 1976 [1966]) é acrescentar um novo paradigma linguístico-semiótico, que passa por uma fase de adaptações até a década de 1970. Consideramos que há uma descontinuidade, em quase todas as camadas, nos anos 1980, justamente pelo novo olhar junto às semióticas poética e visual, que, até então, não haviam sido exploradas.

Nos anos 2000, Fontanille (2008) mantém o percurso semiótico proposto até então e dá continuidade aos pressupostos teóricos existentes como as práticas semióticas. Essa continuidade e reestruturação metodológica ocorre, principalmente, pela evolução dos textos audiovisuais, sincréticos, de design, entre outros, que margeiam os rumos que a disciplina semiótica tem tomado.

A camada teórica, por sua vez, é permeada de continuidades e descontinuidades, justamente por sua complexidade e pela quantidade de obras analisadas. Ao analisar, ao menos, 11 obras e um artigo, notamos não haver exatamente algo que determina uma continuidade total, nem uma descontinuidade absoluta, como foi possível notar no capítulo três. Assim,

considerando os dados de análise, haveria uma descontinuidade teórica mais marcante com as obras de Lindekens (1971 [1968]), Floch (1985), Groupe μ (1992) e Fontanille (2008).

Na camada técnica, temos uma sequência contínua em relação aos termos analisados, que compreendem os anos 1960 até os anos 1980, já que os conceitos desses termos são definidos e estabelecidos pelos dois tomos do *Dicionário de Semiótica* (1979, 1986). Portanto, a descrição dos termos e suas definições não se alteram entre as obras, à exceção das problematizações decorrentes das semióticas poéticas e visual que, de certa forma, trouxeram análises que dialogam com outras disciplinas. De 2000 a 2010, isso ocorre novamente mediante o fluxo de análises mais contínuo e suscetível às mudanças. Em relação à camada documental, destacamos, como pudemos ver na seção destinada à sua análise, uma continuidade dos pensamentos linguísticos, o que, em certa medida, faz com que a epistemologia em torno dos planos da linguagem seja permeada por interdefinições que compreendem grande parte das estruturas linguística e semiótica enquanto ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fora do texto não há salvação. Todo texto, somente o texto, nada fora do texto.

(GREIMAS, 1974, p. 31)

As primeiras considerações que pretendemos fazer neste trabalho, que se propôs a examinar o percurso dos planos da linguagem na semiótica discursiva e seus momentos de continuidade e descontinuidade em obras e periódicos, partem de uma reflexão sobre a construção da ciência como um todo. Primeiro, porque entendemos que, na ciência, a exatidão seria meramente um erro, tanto quanto as afirmações, e, segundo, porque o termo analisado, “planos da linguagem”, se mantém “vivo” durante todo o seu trajeto. O movimento que os planos da linguagem dão à semiótica discursiva segue o mesmo movimento da própria linguagem, das ideias e das transformações culturais, sociais e históricas. Assim, ao nos depararmos com um leque de posições, momentos, conceitos e análises que solidificam a própria ciência da linguagem uma reflexão surge: a construção da ciência é linear?

Quando tratamos da linguagem que constitui o sujeito e representa suas ideias, faz mais sentido pensarmos que a ciência é uma rede, uma teia de ideias. No entremeado de seus conceitos, que cruzam, atravessam e se mantêm interdisciplinares, os planos da linguagem mobilizam e dão voz ao sujeito dentro da própria teoria. Refletimos sobre isso pensando no adágio de Greimas que dá início a esta última seção do nosso trabalho, e que abriu precedentes para concordância, discordância e muitas discussões. Não levantaremos esses diálogos nesse momento, apenas adotaremos essa citação do fundador da semiótica discursiva como um ponto de partida para a reflexão que nos propomos a fazer.

O próprio termo planos da linguagem foi marcado por uma série de transformações na história da ciência linguística. Como vimos, não foi por acaso e nem de repente que surgiram como “resposta” para a metodologia aplicada por Greimas (1976 [1966]), pelo contrário, há uma pré-disposição histórica e social que contribui para que o termo viesse a ser conceituado como é atualmente. De Whitney (1870 [1867]) a Fontanille (2008) e Dondero e Garcia (2016), há uma larga influência social e institucional que nos direciona ao viés teórico-metodológico da semiótica. Sem contar, é claro, os diversos pesquisadores que passaram anonimamente neste trabalho, que publicaram livros, artigos, resenhas e traduções sobre o assunto. É por todos eles e por tudo que enfatizamos, que a ciência geral e a ciência semiótica estão em todo e para além do texto. O próprio termo planos da linguagem demonstra isso nas diversas seções em que

procuramos descrevê-lo. Um plano não existe sem o outro, um projeta o sentido e o outro a direção do texto que “vive” e se “movimenta” cada vez que é (re)interpretado, como nos revela a ascensão de análises ligadas ao plano da expressão.

Figura 15 - Quadro comparativo dos textos e conceitos usados em cada década.



Fonte: Autora.

Com base na Figura 16 e nos demais dados compilados nesta tese, notamos que a noção de planos da linguagem é tratada de maneira linear no decorrer dos anos. Salvo exceção dos trabalhos de Lindekens (1968 [1971]), na década de 1960, não há nenhuma mudança de conceitos. E se ressaltamos o trabalho de Lindekens (1968 [1971]) como exceção, é em razão da época em que o autor trabalha com os elementos da expressão e do tipo de texto analisado, dando destaque até para o que mais tarde fora tratado por Fontanille como suporte. Mesmo que Thürlemann (1982, 1986), Floch (1985) e o próprio Greimas (1984) tenham dado conta da semiótica visual nos anos 1980, Lindekens (1968 [1971]) já havia prenunciado as principais mudanças pelas quais a semiótica passaria duas décadas antes.

Muito antes disso, da mesma forma que Whitney (1870 [1867]), Bréal (1992 [1904]) e Saussure (2006 [1916]) reestruturaram a linguística, possibilitando a conceituação e o trabalho com o signo linguístico como produto de significação de um texto. No âmbito da semiótica, as semióticas poética e visual fazem isso com a disciplina como um todo, pois somente por causa dos avanços no exame dessas semióticas que os textos sincréticos, hoje, são passíveis de serem analisados.

Mesmo assim, consideramos que há uma continuidade na acepção de conceitos. O que parece, de fato, é que as noções de signo e, posteriormente, de planos da linguagem foram sendo agregadas conforme a época em que os autores se encontravam. No início, com a análise dos textos verbais, essas noções foram colocadas sem muitas extensões de seus conceitos, apenas com a semântica bruta de suas terminologias, mas ao passo que os textos analisados foram mudando e se tornando mais complexos, outras semânticas foram sendo incluídas nessas noções.

Como descrito anteriormente, o interesse por textos estéticos motivou preocupações relacionadas às análises da expressão, particularmente a semiótica poética e, por decorrência, a semiótica visual ou plástica, que projetaram seus interesses nos dois planos do texto e os autores que fizeram parte dessa mudança buscaram explorar as relações semissimbólicas que se estabeleciam entre os planos. A relação semissimbólica, ao que parece, é a “prova” ou o “conceito” que define a dependência do conteúdo e da expressão para o sentido, na medida em que, sem a relação de ambos, ainda mais se tratando da análise de textos não verbais, o sentido seria arbitrário, sem lógica. A definição do semissimbolismo, de certa forma, deu subsídios para que as análises do plano da expressão tomassem forma. Dizemos isso pensando na apreensão da significação de um texto como uma “melodia”; melodia no sentido de conjunção total, o que não acontece quando há uma análise sem essa relação semissimbólica.

O que encontramos, atualmente, são percursos sugeridos para textos plásticos ou visuais, ou, ainda, os níveis de pertinência de análise semiótica proposto por Fontanille (2008), em que o termo expressão se refere a tipos manifestantes da experiência semiótica (signos-figuras, textos-enunciado, objeto, cenas práticas etc.). Nessa mesma perspectiva, também entendemos que as análises do plano da expressão estão mais direcionadas ao nível discursivo, ou, mais especificamente, ao componente semântico (sub-componente temático-figurativo) do plano do conteúdo. É nesse viés que, hoje, as formas e as substâncias do conteúdo e da expressão começaram a alterar o sentido do percurso figurativo (no nível discursivo), se considerarmos todos os arranjos de figuras que podem decorrer desse processo.

Os planos da linguagem estão presentes em toda trajetória da semiótica discursiva, como já imaginávamos. Nesse aspecto, é interessante observar que o plano da expressão sempre foi tema de muita curiosidade pelos autores, já que desde os anos 1960, com Lindekens (1971[1968]), há o interesse de observar esse plano dentro da totalidade significante, na sua manifestação. Mas, ao que parece, essa busca por delimitar um percurso destinado à expressão, tem sido falha, pois, por mais que os autores tentem articular as problematizações de Hjelmslev (2006 [1943]) sobre substância e forma, parece haver lacunas às correlações conceituais de

origem. E quando dizemos isso, é no intuito de rever e agregar e não agregar sem rever. O plano do conteúdo, por outro lado, acaba tendo vantagem nas análises, haja vista que, mesmo Greimas e alguns semioticistas considerando que “fora do texto não há salvação”, o que vemos, muitas vezes, são pressuposições semânticas baseadas em elementos externos ao texto, sempre como uma (re)criação do objeto de análise, o que reitera a afirmação de Saussure (2006 [1916]) de que o ponto de vista precede o objeto.

Partimos de uma citação do próprio Greimas (1974), a quem devemos tanto pela disciplina que hoje nos orienta, mas não temos uma linha de chegada. Longe de possuir uma única definição, os planos da linguagem, hoje, se distanciam um pouco mais das premissas apresentadas quando ainda era apenas um sinônimo do termo signo. Depois de algumas (re)interpretações e (re)leituras os planos da linguagem seguem imersos e diluídos em uma vasta composição de verbetes aplicáveis à teoria semiótica. Assim, estão sempre presentes em todas as estruturas analíticas da teoria mesmo que o termo, propriamente dito, não apareça. Nesse sentido, este trabalho se limita a uma discussão teórica que ainda está longe de ser finita e exaustiva, abrindo precedentes para outras afirmações e debates, como se dá com frequência em semiótica (PORTELA, 2012).

Entendemos que a noção de planos da linguagem na semiótica discursiva faz parte de uma “cultura científica da linguagem” que começou a ser delineada com as primeiras pressuposições de signo. Pelo tanto e pelo pouco escrito nesta tese, e nos reservando a novas reflexões, nos atemos à perspectiva de que é a noção de planos da linguagem que dá luz aos novos desdobramentos da disciplina.

Acreditamos que a semiótica contemporânea, abordada até os anos 2010 nesta tese, traz novos debates acerca da relação dos planos, da heterogeneidade que cada plano tem. Esse olhar singular sobre os planos, não só como correlatos, mas como opostos, tem aberto caminhos para uma semiótica interdisciplinar, tal qual era o desejo de Greimas (1976 [1966]) em *Semântica Estrutural*. Esse caminho intercruza autores de outras áreas da linguística, resgata teorias de linguistas de renome e torna a semiótica uma disciplina mais maleável, ou seja, menos estruturalista. E, embora a semiótica seja como é por causa da influência do estruturalismo, a revisão das obras, o tracejo e “manejo” com o termo signo, o resgate conceitual fizeram com que a teoria se prendesse em suas bases sólidas, mas, se “soltasse” para novos desafios, como as análises voltadas à experiência, à prática. Nessa dança teórica, as mudanças socioculturais regem os textos e os textos regem a teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARSLEFF, H. *Bréal, la sémantique et Saussure*. Histoire Épistémologie Langage. De la grammaire à la linguistique, Paris, t. 3, fasc. 2, p. 115-133, 1981.

AGAMBEN, G. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

AKG-IMAGES. *Blumen-Mythos* (Flower myth) de Paul Klee. Disponível em: <https://www.akg-images.de/cs.aspx?vp3=searchresult&vbid=2umesq5mbg4x3e>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.

ARNAULD, A.; C. LANCELOT. *A gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARRIVÉ, M.; COQUET, J. C. *Sémiotique en jeu*. A partir et autour de l'oeuvre d'A. J. Greimas. Paris/Amsterdam/Philadelphia: Hadès-Benjamins, 1987.

ARRIVÉ, M. *A la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: PUF, 2007.

ARTGALLERY. *Collection*. Jardim de Stonypath do artista Ian Hamilton Finlay. Disponível em: <https://www.artgallery.nsw.gov.au/collection/works/190.1995.18/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

AUROUX, S. *A historicidade das ciências*. In: AUROUX, S. A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências. Tradução de Mariângela Joanilho. Campinas: Editora RG, 2008.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2014.

AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

BADIR, S. *Hjelmslev*. Paris: Les Belles Letres, 2000.

BAQUIÃO, R. C. Signo, significação e discurso. *Estudos Semióticos*. v. 7, n. 2, p. 52-62, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/35250>. Acesso em: 29 maio 2018.

BARROS, D. L. P. de. Texto e imagem. Linguagens. *Revista da Regional Sul*, Porto Alegre, n.1, p. 29-38, 1986.

BARTHES, R. A atividade estruturalista. In: ESCOBAR, C. H. (org.). *O método estruturalista*. Tradução de Carlos Henrique Escobar. Rio de Janeiro: Zahar, 1967 [1963].

BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1971.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BEIVIDAS, W. A dimensão do afeto em semiótica: entre fenomenologia e a semiologia. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A.; BRAQUIÃO, R. C. (orgs.). *A abordagem dos afetos na semiótica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BEIVIDAS, W. O sentido e a forma na estrutura do signo. *Alfa*, São Paulo, v. 27, p. 9-22, 1983.

BEIVIDAS, W. Semióticas sincréticas (o cinema). *Posições*. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/90492/93266>. Acesso: 05 dez. 2017.

BEIVIDAS, W. A teoria da linguagem de Hjelmslev: uma epistemologia imanente do conhecimento. *Estudos Semióticos*. v. 11, n. 1, p. 1-10. São Paulo, jul. 2015. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.** Acesso em: 05 nov. 2019.

BERNARDET, J. C. *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 1995.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Pontes, Campinas: 1988

BERTRAND, D. *Précis de sémiotique littéraire*. Paris: Nathan/HER, 2000.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

BIGLARI, A. Entrevista de Jean-Marie Klinkenberg a Amir Biglari. *Estudos Semióticos*. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 1-17, 2015. Disponível em: <http://revistas.usp.br/essei>. Acesso em: 01 nov. 2019.

BURKE, P. (Org.). *A Escrita da História – novas perspectivas*, São Paulo: UNESP, 1991.

BURNS, E. M. *História da civilização ocidental*. Tradução de Lourival Gomes Machado,

Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1977.

BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica*. Tradução de Aída Ferrás *et al.* e Revisão Técnica de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes/Educ, 1992[1904].

CASTRO, C. M. Debate sobre a noção de planos da linguagem na semiótica discursiva contemporânea. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 48, p. 58-75, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2190/1482>. Acesso: 14 jan. 2020.

CASTRO, C. M.; PORTELA, J. C. A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido. *Revista Estudos Semióticos*, v. 14, p. 1-14, 2018. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Acesso: 14 jan. 2020.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CORTINA, A. Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas. *Estudos Semióticos*. São Paulo, v. 13, n. 2 (edição especial). p. 37–50, dez. 2017. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 4 jun. 2018.

CORTINA, A; MARCHEZAN, R. C. Teoria Semiótica: a questão do sentido *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Lingüística III: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 393-438.

COURTÉS, J. *Du lisible au visible: analyse sémiotique d'une nouvelle de Maupassant, d'une bande dessinée de B. Rabier*. Bruxelles: De Boeck Université, 1995.

DARNTON, R. *O lado oculto da Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Tradução de Denise Bottmann.

DASCAL, M. (Org.). *Concepções gerais da teoria linguística*. São Paulo: Global, 1978 v. L (Global Universitária: série linguagem, comunicação e sociedade).

DE CLERCQ, J.; SWIGGERS, P. L'histoire de la linguistique: "L'autre histoire" et "l'histoire d'une histoire". *In*: FELDBUSCH, E.; POGARELL, R.; WEISS, C. (Eds.). *Neue Fragen der Linguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1991. v. 1, p. 15-22.

DONDERO, M. G.; GARCIA, E. R. Les supports des images: de la photographie à l'image numérique. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*. 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rfsic/2124?lang=en#tocfrom1n2>. Acesso: 30

abr. 2018.

DORRA, R. Perspectiva da semiótica. In: GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução de Ana de Cláudia Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

DOSSE, F. *História do estruturalismo: I. O campo do signo, 1945/1966*. 2 ed. São Paulo, Campinas: Ensaio; Ed. da Unicamp, 1993.

DUBOIS, J.; ABRAMSON, S.; CROFFORD, L. et al. *A General Rhetoric*. Barcelona: Paidós, 1987.

DURÁN, A. Entrevista com A. J. Greimas. In: *Lengua española*, 1980. p. 315-322.
Disponível em: <https://www.greimas.com/videos-e-entrevistas>. Acesso: 05 jun. 2019.

FARACO, C. A. Estudos Pré-saussureanos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

FECHINE, Y. Uma proposta da abordagem do sensível na TV. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Produção de sentido nas mídias” do XV Encontro da COMPÓS, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002a.

FIORIN, J. L. (Org) *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002b.

FIORIN, J. L. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia, São Paulo*, n. 5, 2003. p. 19-52.

FLOCH, J. M. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotiqueplastique*. Paris: Hadès-Benjamns, 1985.

FLOCH, J. M. *Pequenas Mitologias do olho e do espírito: por uma semiótica plástica*. Tradução de Mariza B. T. Mendes. Paris-Amsterdam, Hadès-Benjamin, 2006 [1985].

FLOCH, J. M. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 25, jun. 2014 [1987].

FONTANILLE, J. Entretien. In: *Langue française*, n°61, 1984. Sémiotique et enseignement du français. p. 121-128. Disponível em: <https://www.greimas.com/videos-e-entrevistas>. Acesso: 05 jun. 2019.

FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.

FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.

FONTANILLE, J. Mídia, sistemas de crenças e modos de vida. In: OLIVEIRA, A. C. (Ed.) *Interações sensíveis*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013. p. 131-148.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001 [1998].

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix/ Universidade de São Paulo, 1976 [1966].

GREIMAS, A. J. L'Énonciation: une posture épistémologique. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, n° 1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto, 1974. p.09-25.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975a [1970].

GREIMAS, A. J. (Org.). *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975b [1972].

GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. de (Org.). *Semiótica plástica*. Tradução de Assis Silva. São Paulo: Hacker Editores, 2004 [1984]. p. 75-96.

GREIMAS, A. J. *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2012 [1979].

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome II. Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993 [1991].

GROUPE μ . *Retórica general*. Barcelona: Paidós, 1987.

GROUPE μ . *Traité du signe visuel*. Paris: Seuil, 1992 [1967].

GROUPE μ . EDELINE, F.; KLINKENBERG, J.M. *Principia Semiotica*. Bruxelas: Les Editions Nouvelles, 2015.

HANNA, V. L. H.; BASTOS, N. M História do Presente e Historiografia Linguística: implicações. p. 17-34. In: BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. *História entrelaçada 5: estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. São Paulo: Educ, 2012.

HÉNAULT, A. *História concisa da semiótica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006 [1943].

HOLENSTEIN, E. *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JACOBI, D. *Textes et images de la vulgarisation scientifique*. Berne: Peter Lang, 1987.

JAKOBSON, R. *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1930].

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1971 [1952].

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Editions de Minuit, 1963.

JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Tradução de J.M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972 [1967].

JAKOBSON, R. *Linguística; poética; cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970 [1968].

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KEANE, T. Figurativité et perception. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 17, Limoges: PULIM, 1991.

KLINKENBERG, J. M. *Précis de Sémiotique Générale*. Paris: Points (Essais), 1996.

KLINKENBERG, J. M. La plasticité des catégories (1. Les catégories iconiques). In: COSTANTINI, M. (Dir.). *La sémiotique visuelle: nouveaux paradigmes*. Paris: L'Harmattan, 2010. p. 189-204.

KOERNER, K. *Approaches to Semiotics. Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique*. The Hague: Mouton, 1972.

KOERNER, K. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1989.

KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45-70, 1996.

LARA, G. A imagem como objeto de ensino. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 9. n.1, jul 2011.

LEMONS, C. T. G.; LIER-DEVITTO, M. F.; ANDRADE, L.; SILVEIRA, E. M. *Le «saussurisme» en Amérique Latine au XXe siècle*. Cahiers Ferdinand de Saussure - revue suisse de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, S.A, 2003. p. 165-176.

LÉVI-STRAUSS, C. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958.

LIMA, J. P. *A teoria glossemática de Louis Hjelmslev numa perspectiva historiográfico-linguística*. Orientador: Sebastião Elias Milani. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras. Disponível em: <https://pos.lettras.ufg.br/up/26/o/jonaspereira.pdf>. Acesso: 22 maio 2018.

LINDEKENS, R. *Éléments pour une sémiotique de la photographie*. Paris: Didier, 1971a [1968].

LINDEKENS, R. *Sémiotique de l'image: analyse des caracteres typographiques*. Urbino: Università di Urbino, 1971b.

LINDEKENS, R. Imagens pornográficas e imagens de arte-abordagem de uma teoria de uma substância da imagem. *Revista Caligrama*, v. 1, n. 3, 2005 [1975]. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56699/59728>>. Acesso em: 05 maio 2018.

LOPES, I. C. Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação. *Itinerários*. Araraquara. Número especial, p. 65-75, 2003.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1950]).

MENDES, C. M. Modalizações do fazer no episódio “Hino Nacional”, do seriado Black Mirror. *Significação*, São Paulo, v. 44, n. 48, p. 32-52, jul-dez. 2017.

MILANI, S. E. *Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2000.

MILANI, S. E. *Aspectos historiográficos-lingüísticos do século XIX - Humboldt, Whitney e Saussure*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MOREIRA, P. V. *A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica*. 2019, 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara. 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190841/moreira_pv_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 12. out. 2021.

ORLANDI, E. P. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Tradução de J. Teixeira Coelho. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990 [1974].

PENNYCOOK, A. A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Eds.), *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998 [1990]. p 23-49.

PORTELA, J. C. *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana*. 2008. 183p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2008.

- PORTELA, J. C. Semiótica midiática e níveis de pertinência. *In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Org.). Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias.* Bauru: Unesp/Faac, 2008. p. 93-113.
- PORTELA, J. C.; SCHWARTZMANN, M. N.; BEIVIDAS, W. *et al* (Org.). *Semiótica: identidade e diálogos.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- REY, A. *Théories du signe et du sens, Lectures II,* Paris: Klincksieck, 1976.
- REY, A. *Sur l'histoire de la sémiotique,* *In: BORBÉ,* 1984. p. 321-325.
- RODRIGUES, N. *Introdução ao pensamento de Saussure.* Série - Ciência e Linguagem. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia.* São Paulo: Iluminuras, 1998.
- SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002
- SANTOS, F. K. R.; PORTELA, J. C. A comunicação científica na revista Actes Sémiotiques: práticas e estratégias de difusão do saber científico. *Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras,* Franca, v. 14, n. 1, p. 53-75, 2018.
- SANTOS, F.K.R, O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França, 2020, 347 p., Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192989/santos_fkr_dr_arafcl.pdf?sequenc e=5&isAllowed=y. Acesso em: 10. set. 2021.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SAUSSURE, F. *Ecrits de linguistique générale établis et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d'Antoinette Weil,* Paris: Gallimard, 2002 [1916].
- SCHNAIDERMAN, B. Prefácio. EIKHENBAUM, B. *et al. Teoria da Literatura: formalistas russos.* Tradução de Ana Mariza Ribeiro. *et al.* Porto Alegre: Globo. 1971.
- SOBRAL, A. Considerações epistemológicas sobre a semiótica greimasiana. *Estudos*

Semióticos. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 63-74, jun. 2009. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/esi>. Acesso em: 28 maio 2018.

SCHWARTZMANN, M. N. Escrita epistolar: da cena prática à forma de vida. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1436-1450, 2013.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. IN: *Confluência Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. No 44-45 – 1.o e 2.o semestres de 2013 – Rio de Janeiro. Pp. 39 – 59. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1171.pdf>. . Acesso em 18.set.2021.

SWIGGERS, P. *Reflections on (Models for) Linguistic Historiography*. Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and Projects. Münster: Nodus, 1990.

SWIGGERS, P. Modelos, Métodos y Problemas em la historiografia de la linguística. *Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística*. In: ACTAS DEL IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. p. 113-146, 2004. Disponível em: http://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u65/chlc1_0.pdf. Acesso em: 5 dez. 2019.

SWIGGERS, P. La historiografia de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*, v. I, n. 1, p. 67-76, 2009.

Swiggers, P. 2010. “Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminographie linguistiques”. *Revista do GEL* 7: 2. 9-29.

SWIGGERS, P. Historiografia da linguística: objeto, metodologia, modelização. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 38-53, 2012.

TATIT, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

TATIT, L. *Musicando a semiótica*. São Paulo: Annablume, 2011.

TEIXEIRA, L. Da Imperfeição: um marco nos estudos semióticos. *Revista Galáxia*, n. 4, p. 257-261, 2002

TEIXEIRA, I. O formalismo russo. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 36-36, ago. 1998.

THÜRLEMANN, F. *Paul Klee. Analyse sémiotique de trois peintures*. Lausanne: L'Age de l'homme, 1982.

THÜRLEMANN, F. Semi-symbolique (system, langage, code). In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: Dictionnaire Raisonné de la Theorie du Langage*, Tome II. Paris: Hachette, 1986. p. 203-204.

VIEIRA, F. E. Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: movimentos de ruptura e linhas de continuidade com o paradigma tradicional de gramatização. Tese (doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2015.

ZILBERBERG, C. Síntese da Gramática Tensiva. *Significação*. Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, 2006a [1979]. p. 163-204.

ZILBERBERG, C. *Razão e poética do sentido*. Tradução de Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit; Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp, 2006b [1981].

WHITNEY, W. D. *Language and the study of language*. 3 ed. London: N. Trübner, 1870 [1867].

WHITNEY, W. D. *La vie du langage*. Paris: Didier, 1988 [1875].

WHITNEY, W. D. *The life and growth of language: an outline of Linguistic science*. New York: Appleton, 1892.

ZILIO, L. Terminologia Textual e Lingüística de Corpus: estudo em parceria. In: PERNA, C. L.; DELGADO, H. K.; FINATTO, M. J. B. (Orgs.) *Linguagens Especializadas em Corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa*. 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/linguagensespecializadasemcorpora.pdf>. Acesso: 25 abr. 2019.

ANEXOS

Anexo 1 - Relação de artigos publicados na revista *Actes Sémiotiques* no final da década de 1970 até a metade da década de 1980.

Actes Sémiotiques Documents	Actes Sémiotiques Bulletins
1979 - Jean-Marie FLOCH - Des couleurs du monde au discours poétique	1979 - Publications et thèses
1979 - Françoise Bastide - Le foie lavé: approche sémiotique d'un texte de sciences expérimentales	1980- Métalangage, terminologies et jargons
1980 -Felix Thürlemann - La fonction de l'admiration dans l'esthétique du XVIIIème siècle	1980 - Les universaux du langage
1980- A. J. Greimas - Description et narrativité <i>suivi de A propos du jeu</i>	1980- Problématiques des motifs
1980 - Paul RICOEUR - La grammaire narrative de Greimas	1983- Explorations stratégiques
1980 - Jacques FONTANILLE- Le désespoir	1983 - La figurativité, tome II
1981- Eric LANDOWSKI - Jeux optiques : une dimension figurative de la communication	1983- Sémiotiques syncrétiques. Activités du G.R.S.L (1983-1984)
1981- Jean-Marie FLOCH- Sémiotique plastique et langage publicitaire	1983 - Sémiotique musicale
1981 - François RASTIER- Le développement du concept d'isotopie	1984 - Bibliographie sémiotique II (Atlas)
1982 - Claude CALAME - Énonciation : véricité ou convention littéraire ?	1984 - Polémique et conversation
1982 - T. YÜCEL - Le récit et ses coordonnées spatio-temporelles	1984 - Le discours de l'éthique
1982 - Jean DELORME - Savoir, croire et communication parabolique	1984 - Sémiotique et prospectivité
1982 - Denis BERTRAND - Du figuratif à l'abstrait	
1982 - Georges KALINOWSKI - Vérité analytique et vérité logique	
1983- Alain SAUDAN - Analyse sémiotique de « l'affaire Aldo Moro»	
1983 - Eero TARASTI - De l'interprétation musicale	
1983 - Henri QUERE - Symbolisme et énonciation	
1983 - Michèle COQUET - Le discours plastique d'un objet ethnographique	
1983- Louis PANIER - La vie éternelle : Une figure dans la Première épître de Saint Jean	
1983 - Ole DAVIDSEN - Le contrat réalisable	
1983 - Jean PETITOT et René THOM - Sémiotique et théorie des catastrophes	
1983- Jean DAVALLON - L'espace de la « lecture » dans l'image	
1983 - Algirdas Julien GREIMAS et Eric LANDOWSKI - Pragmatique et sémiotique	
1984 - Italo CALVINO - Comment j'ai écrit un de mes livres	
1984 - Danuta T. MAZEJKO DE COSTA - Énoncé et énonciation. À propos d'un texte d'Octavio Paz	
1984 - Francesco MARSCIANI - Les parcours passionnels de l'indifférence	
1984 - Michel de CERTEAU - Le parler angélique. Figures pour une poétique de la langue	
1984 - Jean-Claude COQUET - La bonne distance selon L'homme et la coquille de Paul Valéry	
1984 - Roland POSNER - Signification et usage des connecteurs propositionnels dans les langues naturelles	
1984 - Jacques FONTANILLE - Pour une topique narrative anthropomorphe	
1984 - Jacques GENINASCA - Le regard esthétique	

1984 - Denis BERTRAND - Narrativité et discursivité : points de repère et problématiques	
1984 - Algirdas Julien GREIMAS - Sémiotique figurative et sémiotique plastique	

Fonte: Autora.

Anexo 2 -Relação de artigos publicados na revista *Actes Sémiotiques* no final da década de 1980.

Actes Sémiotiques Documents	Actes Sémiotiques Bulletins	Nouveaux Actes Sémiotiques
<u>1985</u> - Michael A. K. HALLIDAY - Intonation et rythme	<u>1985</u> - Les procédures de découverte	<u>1989</u> - Michel COLIN - La grande syntagmatique revisitée
<u>1985</u> - Peter STOCKINGER - Prolégomènes à une théorie de l'action	<u>1985</u> - L'actant collectif	<u>1989</u> - Henri QUERE - Marie TETU- L'affiche électorale : positions et parcours Image d'une marque, image de marque
<u>1985</u> - Claude ZILBERBERG - Retour à Saussure?	<u>1985</u> - Regards sur l'esthétique	<u>1989</u> - Claude ZILBERBERG- Modalités et pensée modale
<u>1985</u> - Luc REGIS- Le scarifié et le tatoué. Approches d'un système semi-symbolique	<u>1985</u> - Intelligence artificielle et théorie sémiolinguistique	<u>1989</u> -Manar HAMMAD -La privatisation de l'espace
<u>1985</u> - Joseph COURTES - Pour une sémantique des traditions populaires	<u>1986</u> - J.-M. Floch, E. Landowski, J.-P. Martinez - Variations sur le discours publicitaire	<u>1989</u> - Jacques FONTANILLE - Les passions de l'asthme
<u>1985</u> - Jean-Luc EXCOUSSEAU- «Objectivité » et « Subjectivité » dans les théories physiques	<u>1986</u> - H. Parret J. Geninasca, H. Quéré, A. J. Greimas, I. Pezzini- Autour d'un dictionnaire	
<u>1985</u> - Pierre BOUDON-L'abduction et le champ sémiotique	<u>1986</u> - A. J. Greimas, J. Fontanille, A. Henault, D. Bertrand - Les passions. Explorations sémiotiques	
<u>1985</u> - Abraham ZEMSZ- Les optiques cohérentes. La peinture est-elle langage ?	<u>1986</u> - P. Stockinger, G. Denhière, J. Fontanille, A. Piolat, M. Zock Intelligence artificielle, tome II : approches cognitives du texte	
<u>1985</u> - Jean-Pierre DESCLES- Représentation des connaissances. Archétypes cognitifs, schèmes conceptuels et schémas grammaticaux	<u>1987</u> - J. Fontanille, E. Dagrada, M.-Cl. Ropars-Wuilleumier, P. Sorlin, A. J.-J. Cohen, M. Colin- La subjectivité au cinéma	
<u>1986</u> - Eric LANDOWSKI - Pour une approche sémiotique et narrative du droit	<u>1987</u> - J. Fontanille, J.-J. Vincensini, G. Bensimon-Choukroun, G. Maurand et M. Naude - Sémiotique didactique	

<u>1986</u> - Viggo BRONDAL / Algirdas J. GREIMAS-Omnis et totus / Comment définir les indéfinis ?	<u>1987</u> - P. Boudon, P. A. Brandt, G. Bucher, P. Stockinger, A. J. Greimas - Quatre thèses	
<u>1986</u> - Joseph COURTES -Introduction à la sémantique de l'énoncé		
<u>1986</u> - Per Aage BRANDT - Quatre problèmes de sémiotique profonde		
<u>1986</u> - Claude ZILBERBERG - Larme d'Arthur Rimbaud. Tome I : expérience et identification des valeur		
<u>1986</u> - Henri QUERE - La publicité par la bande : analyse sémiotique		

Actes Sémiotiques Documents	Actes Sémiotiques Bulletins	Nouveaux Actes Sémiotiques
<u>1986</u> -Françoise BASTIDE - Les logiques de l'excès et de l'insuffisance		
<u>1987</u> - Umberto ECO -Notes sur la sémiotique de la réception		
<u>1987</u> - Claude ZILBERBERG - "Larme" d'Arthur Rimbaud. Tome II : une prosodie en progrès		
<u>1987</u> - Jacques GENINASCA - Pour une sémiotique littéraire		
<u>1987</u> - Manar HAMMAD - L'architecture du thé		
<u>1987</u> - Peter STOCKINGER - La nation : essai d'une représentation conceptuelle du raisonnement idéologique		
<u>1987</u> - Jean-Marie FLOCH - La génération d'un espace commercial		

Fonte: Autora.

Anexo 3 - Relação de artigos publicados na revista *Actes Sémiotiques* no final da década de 1990.

Nouveaux Actes Sémiotiques hors séries	Nouveaux Actes Sémiotiques
	<p>→ 1990</p> <p>Paul RICOEUR - Entre herméneutique et sémiotique Andréa SEMPRINI - Métro, réseau, ville : essai de sémiotique topologique François RASTIER - La triade sémiotique, le trivium et la sémantique linguistique Jacques GENINASCA - Le discours en perspective Claude CALAME - Illusions de la mythologie</p>
	<p>→ 1991</p> <p>Heidi TOËLLE - Les quatre éléments dans le « Coran » : l'au-delà Jean-Didier URBAIN - Idiologues et polylogues : pour une sémiotique de l'énonciation Marco JACQUEMENT - Autour de la petite phrase de Vinteuil Teresa KEANE - Figurativité et perception Maria Pia POZZATO - Le monde textuel</p>
<p>→ 1992</p> <p><u>La quantité et ses modulations qualitatives</u> - Sous la direction de Jacques FONTANILLE</p>	<p>→ 1992</p> <p>Paolo Fabbri - Pertinence et adéquation Pierre OUELLET - Signification et sensation Joseph COURTES - Du signifié au signifiant Claude ZILBERBERG - Présence de Wölfflin</p>
	<p>→ 1993</p> <p>Marc DERYCKE - Carré, khôra : l'excès de la structure sémiotique Albert ASSARAF - Quand dire, c'est lier : pour une théorie des "ligarèmes" Jacques FONTANILLE - Le ralentissement et le rêve : à propos de L'éloge de l'ombre, de Tanizaki Jacques FONTANILLE, Michel ARRIVÉ, Jacques GENINASCA, Jean DELORME, Paul RICOEUR, Bernard QUEMADA - Hommages à A.J. Greimas</p>
	<p>→ 1994</p> <p>Donald MADDOX - Voix et textualités du schéma eschatologique Nicole EVERAERT-DESMEDT - Un film qui donne des ailes au spectateur : à propos des <i>Ailes du désir</i> de Wim Wenders Groupe μ, Jean-François Bordron, Gorän Sonesson, Jacques Fontanille, Fernande Saint-Martin - Approches sémiotiques sur Rothko</p>
<p>→ 1995</p> <p><u>Le devenir</u> - Sous la direction de Jacques FONTANILLE</p>	<p>→ 1995</p> <p>Kestutis NASTOPKA - Portrait d'une impossibilité: lecture sémiotique de <i>Lokis</i> de P. Mérimée Herman PARRET - Préhistoire, structure et actualité de la théorie hjelmslevienne des cas Per Aage BRANDT, Roberto FLORES - Niveaux et stratégies de la véridiction Michael SCHULZ, Christina VOGEL - La praxis énonciative</p>
	<p>→ 1996</p> <p>Ana CLAUDIA ALVES DE OLIVEIRA - La vitrine: de la vision au sens Serge PERSEGOL, Jacques FONTANILLE - Des figures de discours aux formes de vie : à propos de René Char Jacques FONTANILLE et Claude ZILBERBERG - Valence/Valeur Marie RENOUE - Analyse sémiotique de la perception d'un objet nature</p>

	<p>→ 1997</p> <p>Pierre BOURDON-Une interface discursive: l'ironie Heidi TOELLE - Explorations sémiotiques de l'univers poétique de Milosz Jacques COSNIER, Joclyne VAYSSE, Pierre FEYEREISEN, Guy BARRIER-Geste, cognition et communication</p>
	<p>→ 1998</p> <p>E. LANDOWSKI, G. MARRONE, G. GRIGNAFFINI, S. MONTES, L. TAVERNA, F. MARSCIANI - Sémiotique gourmande. Du goût, entre esthésie et sociabilité Marcello CASTELLANA - La peur et l'invisible. <i>Dante Alighieri</i>, Divina Commedia, Inferno, I Joseph COURTES - L'énonciation comme acte sémiotique Ursula BÄLHER - De la place du sujet individuel à l'époque scientifique: <i>Le Crime de Sylvestre Bonnard</i></p>
<p>→ 1999</p> <p><u>La sémiosphère</u> - Jouri Mikhailovitch LOTMAN</p>	<p>→ 1999</p> <p>Jacques FONTANILLE - Modes du sensible et syntaxe figurative Khadiyatoullah FALL et Daniel SIMEONI - Catégorisation épistémique, catégorisation praxéologique Stéfania CALIANDRO - Le Libro de' disegni de Giorgio Vasari: un métatexte visuel</p>

Fonte: Autora.

Anexo 4 - Relação de artigos publicados na revista *Actes Sémiotiques* nos anos 2000.

Nouveaux Actes Sémiotiques hors séries	Nouveaux Actes Sémiotiques	Actes sémiotiques
	<p><u>2000</u> - Elizabeth HARKOT DE LA TAILLE - Bref examen sémiotique de la honte Gianfranco MARRONE - Le corps de la nouvelle: trois études sur identités et styles dans les journaux télévisés italiens Nicolas COUEGNAS, Marie-Pierre HALARY, Juan Alonso ALDAMA - Recherches socio-sémiotiques: l'actant collectif</p>	
<p>2001 - <u>Puissances de la voix: corps sentant, corde sensible</u> - Sous la direction de Sémir BADIR et Herman PARRET</p>	<p><u>2001</u> - Anne BEYAERT, Stefania CALIANDRO, Marie RENOUE, Hamid-Reza SHAIRI, Jacques FONTANILLE - Dynamiques visuelles Herman PARRET – Présences</p>	
	<p><u>2002</u> - Alessandro ZINNA - Décrire, produire, comparer et projeter. La sémiotique face aux nouveaux objets de sens Josep BESA CAMPRUBI - Les fonctions du titre Eric LANDOWSKI - En deça ou au-delà des stratégies, la présence contagieuse Madeleine ARNOLD - L'émergence des figures en conception d'artefacts</p>	
	<p><u>2003</u> - William FIERS - Polysensorialité et systèmes sensori-moteurs. A propos de quelques «sans titre» de Gérard Garouste Bertrand VERINE et Catherine DETRIE - Dialogisme et narrativité: la production de sens dans <i>Les Fées</i> de Charles Perrault Erik BERTIN - Penser la stratégie dans le champ de la communication. Une approche sémiotique</p>	
<p>2004 - <u>L'explosion et la culture</u> - Jouri Mikhailovitch LOTMAN</p>	<p>2004 - Ricardo Nogueira de Castro MONTEIRO, Marcos LOPES et Iva Carlos LOPES, Luiz TATIT - La chanson brésilienne. Approches Sémiotiques Raúl DORRA - La maison et l'escargot Thierry METZER- Objet-poème et Discours poétique</p>	
<p>2005 – <u>Les objets au quotidien</u></p>	<p><u>2005</u> - Jacques FONTANILLE - Les</p>	<p><u>2013</u> - Manar HAMMAD - La</p>

<p>- Sous la direction de Jacques FONTANILLE e Alessandro ZINNA <u>Le texte premier: reformulations, représentations</u> - Sous la direction d'Anne-Marie CAPDEBOSCQ</p>	<p>régimes temporels dans les <i>Illusions perdues</i>, ou <i>l'emploi du temps</i> selon Balzac</p>	<p>sémiotisation de l'espace; Esquisse d'une manière de faire Dossiers: Pertinente impertinence; Journée d'hommage à la mémoire d'A.J. GREIMAS</p>
<p>2006 – <u>Eléments de grammaire tensive</u> - Claude ZILBERBERG <u>Le traitement Ludovico: corps et musique dans Orange mécanique</u>- Gianfranco MARRONE <u>Dispositifs pour l'analyse des textes et des images: introduction à la sémiotique appliquée</u> - Louis HÉBERT</p>	<p><u>2006</u> - Eric LANDOWSKI - Les interactions risquées Jacques FONTANILLE - Pratiques sémiotiques: <i>immanence et pertinence, efficience et optimisation</i> Claude ZILBERBERG - Retour sur <i>Bonne pensée du matin</i> de Rimbaud Jean-François BORDRON - Vers une sémiotique des machines</p>	<p><u>2014</u> - Francesco MARSCIANI - À propos de quelques questions inactuelles en théorie de la signification Dossiers: Sémiotique du vêtement, aujourd'hui; La négation, le négatif, la négativité; Approches sémiotiques de la notion de territoire</p>
	<p><u>2008</u> - Raúl DORRA - Corps sécrétant (La maison et l'escargot) Dossier: Sémiotique et Architecture: quel apport offre cette discipline à une science du projet?</p>	<p><u>2015</u> - Jacques FONTANILLE - La sémiotique face aux grands défis sociétaux du XXI^e siècle Dossier: Natures de la culture: Recherches sémiotiques en Italie</p>
	<p><u>2009</u> - Eric LANDOWSKI - Avoir prise, donner prise Dossier: En quête de Greimas</p>	<p><u>2016</u> - Jean-Didier URBAIN - Le périple sémiotique d'un anthropologue (1974-2014) Dossiers: Écriture(s); <i>Narrativité et clinique psychiatrique</i>, ou « <i>La clinique de la narrativité</i> »</p>
	<p><u>2010</u>- Dossier: Les mots du son</p>	<p><u>2017</u> - Bernard S. JACKSON - A Journey into Legal Semiotics Dossier: A.J. Greimas. Sept lectures pour un centenaire</p>
	<p><u>2011</u>- Dossiers: Phénoménologie et sémiotique; Images et démonstration scientifique</p>	<p><u>2018</u> - Claude CALAME - Éco-anthropologie et sémiopoiétique : de la poésie rituelle grecque aux défis idéologiques et pratiques du présent Dossier : Populisme et esthésie</p>
	<p><u>2012</u> - Dossiers: Les formes de vie à l'épreuve d'une sémiotique des cultures; A la mémoire de Jacques Geninasca</p>	<p><u>2019</u> - Arūnas SVERDIOLAS - Algirdas J. Greimas's Egology Dossier: Sémiotique et organisations. Critique, réforme, dépassement</p>

Fonte: Autora.

ANEXO 5 - RELAÇÃO DE ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA SIGNIFICAÇÃO DAS DÉCADAS DE 70 A 90.

1974
l'énonciation (une posture épistémologique) - Algirdas Julien Greimas
Estruturação do Universo Lingüístico - Ignacio Assis Silva
Interpretação do Interpretante - Edward Lopes
A leitura do poético, questões de semiótica e de método - Alceu Dias Lima
Correlação entre mundo sensível e línguas naturais: problema dos verbos de comunicação - Diana Luz Pessoa de Barros
As Leituras das isotopias espaciais em rotação de Murilo Mendes - Jesus Antonio Durigan
Aparição de Vergílio Ferreira: análise e interpretação - Salvatore D'Onofrio
Análise semântica e análise documentária - Johanna W. Smit
O funcionamento metalingüístico do discurso em um poema de Drummond - Tiekio Yamaguchi Miyazaki
Notas sobre método e ideologia em sociologia da literatura - Evaldo Amaro Vieira
Relações isotópicas e heterotópicas no universo semiológico - Cidmar Teodoro
Aplicação de um modelo de leitura - Jeanne Marie Interlandi, Yara Sarkis, Sônia Miziara
Figuração e situação de relato em vidas secas - Eduardo Peñuela Cañizal
1975
Approche d'une théorie de la substance sémiotique de l'image - René Lindekens
Codificação semântica e Comunicação lingüística - Cidmar Teodoro Pais
O código lingüístico como substância de alguns universos de discurso - Maria Aparecida Barbosa
Figuras Geométricas e objetuais no contexto lingüístico de alguns poemas de vanguarda - Eduardo Peñuela Cañizal
O recado do morro- Tiekio Yamaguchi Miyazaki, Julieta Haidar de Mariftez
1982
Metaphore et isotopie - Algirdas Julien Greimas
Pedro Osório, Saturno das Gerais - Tiekio Yamaguchi Miyazaki, Julieta Haidar de Marinez
Lírica de Catulo e a dialética do amor - Ismael Angelo Cintra, Aguinaldo José Gonçalves
A linguagem do Zé Bétio - Caoida Amaral Melo
Componentes poemáticos na prosa de Lins do Rego - Romildo A. Sant'Anna
Tjma leitura metafórica de "L'age D'or" - Sonia Maria Ramirez de Almeida
Reflexões sobre tradução inter-semiótica - Anna Maria Balogh Ortiz
1984
O Centro de estudos semióticos A.J. Greimas; 1973-1983 - Edward Lopes, Ignacio Assis Silva
Semiótica figurativa e semiótica plástica - A.J. Greimas
Considerações sobre a metáfora pictórica - Eduardo Peñuela Cañizal
A forma da fábula - Alceu Dias Lima
A inauguração da inocência. Uma estratégia do discurso do poder: a alteração do algoritmo narrativo - José Luiz Fiorin
Dom Casmurro: statut du narrateur et fonctions du discours mêtanarratif - Helena Andreoli Ralle
Signos e sentidos em A Morta de Oswald de Andrade - Heliane Kohier Rodrigues
1985
Semiótica em marcha - José Luiz Fiorin
Articulações contextuais do discurso - Edward Lopes
A sintaxe narrativa de João Porém, o criador de perus, conto de Guimarães Rosa - Diana Luz Pessoa de Barros
A análise do nível superficial da narrativa do filme "Blade Runner: o caçador de andróides de Ridley Scott" - Anna Maria Balogh
"Conceição": exercício de análise sêmio-narrativa e sêmio-discursiva - Luiz Tatit
1987
Apresentação - Eduardo Peñuela Cañizal
Problemas de expressão: figuras de conteúdo e figuras de expressão - Diana Luz Pessoa de Barros
Semióticas sincréticas (o cinema) - Wadir Beividas
A enunciação da canção popular nos limites da narratividade - Luiz Tatit
Semiótica plástica e linguagem publicitária - Jean-Marie Floch
A construção do ator: do sgnico ao simbólico - Ignacio Assis Silva

Encenação do indivíduo: notas sobre um ensaio de Roland Barthes - Paulo Eduardo Lopes
Incursões preliminares pela obra de Guayasamin - Flor Marlene Enríquez López, Paulo Eduardo Lopes
A representação do espaço em textos fílmicos e literários da América Latina – Anna Maria Balogh
Quino e o mito de Narciso - Eduardo Peñuela Cañizal
Contextos postos e pressupostos: o lugar do histórico e do mítico na obra de Jorge Luís Borges - Edward Lopes
Semiótica, enunciação e polifonia - Luiz Tatit
1990
Indagações Sobre os Fundamentos da Linguagem - Ignacio Assis Silva
A figurativização na publicidade - Leonilda Ranzani de Luca
Função Poética e Televisão - Anna Maria Balogh
Por um modelo unificado da cognição discursiva - Paulo Eduardo Lopes
A intertextualidade conotada - Eduardo Peñuela Cañizal
Os sublimes duelos amorosos - Flor Marlene E. Lopes
A intertextualidade em Carlota/Amorosidade - Geraldo Carlos do Nascimento
Sobre a tipologia dos discursos - José Luiz Fiorin
A sanção da toleima: em "Marquesa, porque eu serei marquês" - Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins
Análise do conto "Um espinho de marfim" sob a perspectiva da teoria greimasiana - Maria do Carmo Almeida Correa
Verbo imagem: leitura de Sargento Getúlio - livro e filme - Alécio Rossi Filho
1994
A figura da mulher no imaginário masculino no mundo dos coronéis - Tiekio Yamaguchi Miyazaki
Notas sobre o autotelismo discursivo em ciências humanas - Paulo Eduardo Lopes
"Dilação" em Duchamp: uma atitude consciente no interior de uma construção paradoxal - Martin Grossmann
Sincretismo e comunicação visual - Ignacio Assis Silva
A alquimia em "Uma semana de bondade" de Max Ernst - Bernadette Lyra
O paradoxo do santo - Regina Silveira
Em torno do conceito de metáfora de Jakobson e Lacan - Gelson Santana
Aspectos especulares do fazer político - Vera Lúcia Pereira dos Santos
Um encontro intersemiótico: Cabral & Magritte - Sérgio Vicente Motta
Semiótica y mestizaje: modalidad del sujeto e interacción - Teresa Espar

1996
Editorial - Eduardo Peñuela Cañizal
A sopa ao "Pistou" ou a construção de um objeto de valor - Algirdas Julien Greimas, Edith Lopes Modesto
Para uma abordagem sócio-semiótica da literatura - Eric Landowski, Ana Cláudia de Oliveira
Destinos da linguagem na era tecnológica - Mayra Rodrigues Gomes
Monet e a translinearidade em "Le Boulevard des Capucines" - Teresa Labarrère
O atraso de Duchamp - Gelson Santana
Fragmentos sobre universos fragmentados: mídia e temporalidade - Anna Maria Balogh
"Cet obscur objet du Désir" - Reto Melchior
Teatro-cinema ou cinema-teatro - Samuel Paiva
O fazer-interpretativo de "Os Intocáveis" - Edith Lopes Modesto
Jogando nos Campos de Greenaway - Bernadette Lyra
Dromoscopia Greenawayana - Wilton Garcia
Cinema pós-moderno - Renato Luiz Pucci Junior
A espetacularização do grotesco no cinema de Almodóvar - Gabriela Borges
1999
Apresentação - Sydnei Lima Santos
Modos de olhar (e ouvir) o outro - Kati Eliana Caetano
Vendo um filme ou atravessando um território de jogo - Bernadette Lyra
Morangos silvestres: sob a luz dos devaneios poéticos da Casa Onírica Bachelardiana - Ana Paula Martins Gouveia
La metáfora visual en las cartografías del cuerpo - Eduardo Peñuela Cañizal
Métamorphose et Rationalité Mythique Chez Lygia Clark - Ignacio Assis da Silva

O bandido à luz das molduras - Geraldo Carlos do Nascimento
Decifra-me ou te Devoro, ou do Enigma da Criação em Greenaway - Rosana de Lima Soares
Susan Sontag: the search for an aesthetics of interpretation - Denize Correa Araújo
Anotações sobre a imagem e o sujeito - Maria Lúcia Batezat Duarte
A interação verbal: as atividades de apropriação e de objetivação - Ingo Voese

Fonte: Autora.